



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA
MESTRADO E DOUTORADO EM MÚSICA

CORO DA UEL:
CANTANDO E CONTANDO AS SUAS REPRESENTAÇÕES

REGINA MARIA BILHA BALAN MAZZARIN

RIO DE JANEIRO, 2010

**CORO DA UEL:
CANTANDO E CONTANDO AS SUAS REPESENTAÇÕES**

por

REGINA MARIA BILHA BALAN MAZZARIN

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Música do Centro de Letras e Artes da UNIRIO, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre, sob a Orientação da Professora Dr.^a Mônica de Almeida Duarte.

Rio de Janeiro, 2010

Mazzarin, Regina Maria Bilha Balan.
M477 Coro da UEL : cantando e contando as suas representações / Regina
Maria Bilha Balan Mazzarin, 2010.
viii, 243f. + DVD

Orientador: Mônica de Almeida Duarte.
Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Es-
tado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

1. Música coral. 2. Coros (Música). 3. Retórica. 4. Representações
sociais. 5. Música – Aspectos sociais. I. Duarte, Mônica de Almeida.
II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2003-). Centro de
Letras e Artes. Curso de Mestrado em Música. III. Título.

CDD – 782.5



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO

Centro de Letras e Artes - CLA
Programa de Pós-Graduação em Música - PPGM
Mestrado e Doutorado

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO

“Coro da UEL: cantando e contando sobre suas representações”

POR

Regina Maria Bilha Balan Mazzarin

CONCEITO: APROVADA

BANCA EXAMINADORA

Mônica de A. Duarte

Professora Doutora Mônica de Almeida Duarte (Orientadora)

Marcos Vieira Lucas

Professor Doutor Marcos Vieira Lucas

Silvia Márcia Ferreira Meletti

Professora Doutora Sílvia Márcia Ferreira Meletti (UEL)

Dedico este trabalho a todos os cantores e regentes do Coro da UEL que ali, ontem, deixaram se reconstruir e assim construíram o grupo dos dias de hoje. Que a música possa sempre dar-lhes VIDA.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento especial à querida orientadora e amiga Mônica Duarte, pois soube realmente em momentos cruciais me apoiar não somente nos estudos e pesquisa, mas também para olhar a vida com maior leveza. Compartilhou de sua sabedoria incansavelmente comigo. Obrigada!

Agradeço à Fundação Araucária por oportunizar este programa de mestrado pelo sistema MINTER UNIRIO/UEM-UEL.

Agradeço aos mestres do programa de mestrado UNIRIO/UEM-UEL que me indicaram o caminho a trilhar neste tempo de estudo e nesta pesquisa.

Agradeço ao meu amado esposo que me ajudou a sonhar, soube ser amigo e que me impulsionou em momentos tão difíceis da jornada. Obrigada, querido!

Agradeço aos meus pais pelo dom da vida, amor incondicional e suporte familiar. À minha querida família, irmãos, cunhadas e cunhados, sobrinhos e sobrinhas por terem sido sempre meu refúgio e porto seguro. Obrigada, família!

Agradeço a querida amiga Lucelena Pereira Correa por ter me colocado no mundo profissional da música. Obrigada, Lu!

Agradeço à grande amiga e parceira Valderêz Camargo Caria de Godoy que sonha e divide comigo diariamente o ideal música igual vida há muitos anos. Obrigada, Val!

Agradeço aos queridos colegas da Seção de Música Vocal da UEL pela oportunidade em me aprimorar e por há tanto tempo diariamente enfrentarmos tantos momentos de crises e de alegrias. Obrigada Denis, Edvaldo, Jailton, Lucy, Paloma, Roberto e Zuleika!

Agradeço aos colegas e amigos do mestrado, pela maravilhosa convivência e oportunidade de aprimoramento técnico. Pude muitas vezes através de vocês encontrar alento e forças para continuar. Obrigada, Cícero, Fabiano, Flávio, Jussival, Juliana, Marcos, Salete e Solange!

Agradecimentos especiais à turminha Salete, Juliana e Solange. À Salete por tantas vezes dividirmos nossas caminhadas no Rio de Janeiro e nossas orações na Igreja de Nossa Senhora de Copacabana, à querida amiga Solange por dividirmos o quarto e somarmos sonhos, conhecimentos, por rirmos de tanta ansiedade e por chorarmos de saudades tantas vezes juntas dos nossos queridos. Sem vocês teria sido muito difícil ficar longe de todos. Obrigada!

Encerro agradecendo a DEUS Pai que tem agraciado especialmente a minha vida, desde meu nascimento aos dias de hoje. Por eu ter entendido seu propósito para a minha existência e que assim possa cumpri-lo. Obrigada, Senhor!

MAZZARIN, Regina M. B. B. Coro da Universidade Estadual de Londrina: cantando e contando suas representações, 2010. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

RESUMO

Neste trabalho discutimos sobre aspectos históricos, sociais e musicais do Coro da Universidade Estadual de Londrina. Investigamos se o Coro constitui-se como representação social construída por seus regentes e cantores. Para tanto, amparamo-nos na Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici e seus discípulos, bem como nas Funções da Música, de Allan Merriam. Utilizamos a retórica como ferramenta de análise de discurso de seus ex e atuais integrantes para compreender como os mesmos construíram suas relações e representações a partir do seu fazer musical no Coro da Universidade Estadual de Londrina. Concluimos que este Coro é VIDA por ser um organismo vivo e dinâmico que participou e participa da vida de seus integrantes e da cidade, como se fosse “membro da família” ou uma “família que adotei”. A Representação Social vida aplica-se tanto pelo significado que o mesmo tem para os seus integrantes como também pelo quanto o Coro se amplia e se modifica, a partir de seus membros e suas atitudes. É um grupo vivo, que responde e corresponde de acordo com as inter-relações empreendidas e vividas no “entre”, no espaço social entre seus participantes. Vida também aparece como analogia “à terapia, ao recarregar das baterias” confirmando-se como busca de uma vida saudável e qualidade de vida. Portanto, a comunidade Coro da Universidade Estadual de Londrina apresentou um mundo da vida compartilhado constituindo-se numa Representação Social.

Palavras-chave: Coro, Representação Social, Funções da Música, Retórica.

MAZZARIN, Regina M. B. B. Londrina State University Choir: singing and telling representation, 2010. Master Thesis (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

ABSTRACT

In this research historical, social and musical aspects of the Londrina State University Choir are discussed. We investigated whether this Choir constitutes a social representation formed by their own conductors and singers. Therefore, we employed the Theory of Social Representations by Serge Moscovici and his disciples, as well as the functions of the music by Allan Merriam. We used rhetoric as a tool of the discourse analysis from former and current members, in order to understand how they build their relations and representations from the Londrina State University Choir way of making music. We concluded that this Choir is a living and a dynamic organism which has participated in the life of its members and the city, as a "family member" or as "an adopted family". The Social Representation of life applies to both the meaning of it for its members and the choir expansion and changes, within their own attitudes. It is a living group, that acts according to the interrelation undertaken and lived in the "among" in the social atmosphere of its participants. Life also appears as an analogy with "therapy, recharging batteries" in their search for a healthy living and quality of life. Hence the Londrina State University Choir community has performed a shared life constituting a social representation.

Key Words: Choir, Social Representation, Functions of Music, Rhetoric.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 – PRIMÓRDIOS E PRIMEIROS CANTOS	10
1.1 Panorama histórico	
1.2 Revisão de literatura	
CAPÍTULO 2 – QUADRO TEÓRICO.....	35
CAPÍTULO 3 – A DINÂMICA MUSICAL INTERSUBJETIVA.....	40
3.1 Funções da música	
3.2 As funções da música e as representações sociais	
CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA E ANÁLISE.....	48
4.1 A motivação para o cantar	
4.2 A construção social da identidade do Coro da UEL	
4.2.1 O Coro da UEL ao longo da história	
4.3 O Coro da UEL perante os outros coros da cidade	
4.4 As práticas musicais para além do Coro	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS.....	98
ANEXOS.....	103

LISTA DE ANEXOS

Roteiro de entrevista dos regentes.....	103
Roteiro de entrevista dos cantores.....	104
Entrevista com R1.....	105
Entrevista com R2.....	119
Entrevista com R3.....	129
Entrevista com R4.....	133
Entrevista com R5.....	145
Entrevista com R6.....	146
Entrevista com R7.....	160
Entrevista com C1.....	166
Entrevista com C2.....	174
Entrevista com C3.....	185
Entrevista com C4.....	195
Entrevista com C5.....	201
Entrevista com C6.....	209
Entrevista com C7.....	220
Entrevista com C8.....	229
Entrevista com C9.....	234

DVD EM ANEXO

1. Pasta de vídeo com trechos do “Amor: Idas & Vindas” com as músicas e com o texto de abertura
Nos Bailes da VidaMilton Nascimento & Fernando Brant
Arranjo: Tarcísio Lima

Prece ao Vento.....Dorival Caymmi
Arranjo: Jaques Silva

Ay, Linda Amiga!.....Anônimo espanhol, século XVI
Timoneiro.....Paulinho da Viola & Hermínio de Carvalho
Arranjo: Eduardo Lakschevitz

2. Músicas gravadas (em áudio)

Banzo Maracatu.....faixa 3temp 4 86
Asa Branca.....faixa 4 temp4 87

3. Clipe do Coro da UEL- apresentação, Shopping Contour, Londrina, dez. 2007

Música: Isto aqui, o que é?.....Ary Barroso
Arranjo: Manuel de Abreu

4. Fotos

Coro da UEL, Igreja Metodista, Piracicaba, 13/06/2010 imagem OgAAADvhY7

Coro da UEL, Sala Cecília Meireles RJ e Rio de Janeiro, 1980 imagem 011-004

Coro da UEL, 8º Festival Internacional de Coros, 1983 imagem 011-009

Coro da UEL, em viagem à Agudos SP, 1994, imagem 011-017

Coro da UEL, Festival Unicanto de Corais, Londrina PR, imagem OgAAAE8MRhKzp

Coro da UEL, Centro de Convenções, Nova Petrópolis RS, 2005, imagem PB170236

Coro da UEL, informalmente no salão da Igreja Luterana, Porto Alegre RS, 2005, imagem PB140159

Coro da UEL, Teatro Guaíra, Curitiba PR, 1981, imagens 011-005 e 011-008

Coro da UEL, em viagem à Buenos Aires, Argentina, 1988, imagem 011-011

Coro da UEL, Festival de Corais, São Lourenço MG, imagem 011-020

Coro da UEL, Shopping Contour, Londrina, dez. 2007, imagens OgAAAIUxKDI e DSCO3547

Coro da UEL, Festival de Coros, Maringá PR, 2009, imagem Coro da UEL

Coro da UEL, Formatura no Moringão, Londrina PR, 1998, imagem 011-007

Coro da UEL, Programa de TV ao vivo, Buenos Aires, Argentina, 1988, imagem 011-013

Coro da UEL, Recorte do Jornal Folha de Londrina, 14/09/1976, imagem 011

Coro da UEL, IV ENACOPI, Piracicaba SP, 12/06/2010, imagem Pq3AxXKc

Coro da UEL, 6º Encontro Villa-Lobos de Canto Coral, São Sebastião SP, 26/09, imagem 011-015

INTRODUÇÃO

Atualmente, muitas pessoas gostam e querem cantar, sejam sozinhas, em karaokês ou em Coros. Junker (1999) afirma que os coros se caracterizam como uma manifestação cultural não discriminatória, onde pessoas de vários segmentos da sociedade se reúnem com um fim comum para buscar a experiência e vivência estético-musical.

Segundo Fernandes (2006), “as últimas três décadas testemunharam um enorme crescimento da prática coral, tornando o canto-coral amador uma das atividades musicais mais comuns em inúmeros países.” Os Coros no Brasil também são, em sua maioria, amadores¹, e podem estar atrelados ou não a empresas ou instituições. Os que não estão ligados a nenhuma instituição denominam-se grupos ou coros independentes. Os coros desenvolvem repertório de estilos diversos.

No Brasil, de forma geral, durante o século XX, houve uma prática coral muito ligada ao ambiente escolar, uma vez que Villa-Lobos implantou o canto orfeônico² nas escolas. O canto orfeônico se espalhou por todo o território brasileiro, e havia esse intuito mesmo, ou seja, que o Brasil todo cantasse. Para isso havia livros específicos com canções folclóricas, hinos pátrios para que o repertório fosse o mesmo em todo o país. Aconteciam, inclusive, cursos de formação para professores que atuavam como regentes e professores de música nas escolas e, também, encontros nacionais de cantores em estádios de futebol. A partir da década de setenta, outras ações impulsionaram o crescimento do canto coral no nosso

¹Segundo Junker (1999) “Coro Amador” é aquele onde seus cantores o fazem por amor à música.

²Canto orfeônico foi implantado no governo de Getúlio Vargas no ano de 1932. Essa prática consistia no canto coletivo como disciplina obrigatória nos currículos escolares em todo o território nacional (Monti, 2008, p.79).

país. Uma delas foi o “Concurso do Jornal do Brasil” no Rio de Janeiro, que tinha um caráter competitivo. Outra ação de grande importância foi o Projeto Villa-Lobos³, de caráter pedagógico, que propunha o desenvolvimento do canto coral através dos painéis FUNARTE⁴ que congregavam regentes do país.

Eu acho que antes dos painéis as pessoas estavam sozinhas, isoladas. Ninguém sabia de ninguém. Todo mundo começava sempre do zero, fato agravado ainda mais pela grande extensão do território nacional. Então a primeira grande virtude dos Painéis de Regência Coral foi essa, da congregação, do intercâmbio. As pessoas identificavam muitos problemas em comum, e os discutiam entre si, em conversas informais ou em apresentações e exposições de trabalhos, numa grande reunião, em ensaios abertos ou concertos. (Lakschevitz, 2006, p.63-64).

Os painéis FUNARTE colaboraram para o desenvolvimento do canto coral principalmente a partir da década de 80, pois, além da troca de informações entre os regentes, havia oficinas e concertos que aconteciam nas várias regiões do país.

Em Londrina, estado do Paraná, realizou-se um desses painéis, no ano de 1986, sendo a Universidade Estadual de Londrina co-promotora do evento. Pude inclusive participar desse evento, embora fosse iniciante na área de regência, junto com outros regentes, muitos dos quais bem experientes. Nessa época, regia um coro infantil que estava se implantando em uma escola particular e participava como cantora, do Coro do CCH/UEL⁵. A cidade de Londrina viveu naqueles dias de Paineis, em 1986, uma grande efervescência musical. Vários espaços da cidade foram ocupados para a realização das oficinas de afinação, repertório, coro infantil, adulto, música sacra, dentre outras. O Colégio Mãe de Deus⁶ e a sua escola de música foram tomados por regentes do país todo, a Secretaria de Cultura do município também. Havia maestros que vinham de todas as regiões do país. Recordo-me de como era prazeroso conhecer e ouvir as experiências de colegas de regiões distantes. Cada qual contava sobre suas necessidades, habilidades, dificuldades. Com isso mantivemos contato para trocar idéias, para

³ Projeto subordinado ao Instituto Nacional da Música

⁴ Fundação Nacional de Arte – órgão federal

⁵ Antigo Centro de Ciências Humanas da UEL (CCH).

⁶ Colégio de ensino regular fundado por freiras alemãs, em 1934, e que possui uma escola de música também de grande tradição. Até o ano de 1987 possuía o curso de bacharelado em piano também.

buscar partituras, para saber como e o que acontecia em outros centros e capitais. Lembro-me de que muitos diziam que se sentiam frequentemente vezes muito sós, no sentido profissional. Por isso aquele Painel foi importante, pois propiciou aos regentes uma oportunidade muito grande de troca de experiências. Para alguns, a viagem de ônibus até Londrina durou muitas horas, até dias, pois vinham de estados distantes do Paraná. Vieram com muito desejo de encontrar seus pares, de trocar experiências, de adquirir material, partituras para poderem voltar para seus coros com novidades e motivação. Na memória ficou registrado um ensaio em que todos os regentes do Painel foram conduzidos pelos maestros Samuel Kerr, de São Paulo e Vilson Gavaldão de Oliveira, que naquela época residia em Cuiabá. Este inclusive se tornou regente do Coro da UEL, de 2003 a 2007. Os dois regentes sobrepuseram duas músicas uma da região centro-oeste e outra da região sudeste. As músicas eram Boiero de Nabileque⁷ e Sonora Garoa⁸, num arranjo especial para que pudessem ocorrer com simultaneidade. Era impressionante o efeito de cantar as duas peças sobrepostas. Adquiriram um sentido único para o evento, pois refletiam também a simultaneidade de sotaques, culturas e experiências de seus participantes. Participar dessa montagem, em que os regentes e os dirigidos sentiam uma grande alegria, numa parceria, foi muito prazeroso, além de toda a aprendizagem adquirida. Ocorriam gargalhadas sempre na tentativa de juntar as duas peças tão distintas quanto aos temas, pois uma falava de boieiro, típico da região centro oeste e outra de uma fábrica na cidade grande, como na cidade de São Paulo. Era sentir o mesmo prazer de estar cantando, de descobrir novas maneiras, novos arranjos, partindo da diversidade cultural daqueles regentes ali presentes, sem ter que dizer nada, mas numa grande cumplicidade. Cantar e viver aquele momento, com regentes do Brasil todo e, no caso, com duas músicas arranjadas desta forma, mostravam-me realmente o sentido de congregar, de somar, de sermos individual e plural ao mesmo tempo. A partir daquele Painel, nunca mais

⁷ Música de Almir Sater e João Bá com arranjo de Samuel Kerr.

⁸ Música de Passoca com arranjo de Julio César Giudice.

pude pensar o sentido do coro na vida das pessoas da mesma forma. Imagino que outros regentes também tenham saído muito felizes desse painel e tenham voltado para as suas casas, em diferentes cidades, transformados também, pois muitas vezes desempenhavam sozinhos as funções de músico e educador, pela carência de outros regentes em suas cidades.

No cenário musical brasileiro havia o Concurso Nacional de Coros que era organizado pelo do Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro. Acontecia a cada dois anos e era de grande expressão nacional. Ganhar ou se colocar bem neste concurso era uma premiação que elevava muito o conceito do coro no meio musical coral do Brasil. Para o Coro da UEL não foi diferente. O Coro da UEL, em 1978, obteve o segundo lugar no VI Concurso de Coros e, em 1980, novamente colocou-se em segundo lugar no VII Concurso de Nacional de Coros, ambos organizados pelo Jornal do Brasil. Essa premiação encheu de orgulho os cantores e a cidade de Londrina. Com isso os integrantes do Coro da UEL ganharam muito em motivação para continuar seus trabalhos. O Coro da UEL gravou, em 1978, um LP e, em janeiro de 1982, outro, em decorrência do nível artístico atingido para esses concursos.

Esses dois Lps apresentam um repertório que enfatiza a música brasileira. Fazem parte do primeiro disco vinil músicas como Boas Vindas, de Villa-Lobos e Manuel Bandeira, Acalanto de Paurillo Barroso, João Balalão de Italo Izzo, Boi-Bumba de Waldemar Henrique com arranjo de Aricó Júnior, Ponto de São Miguel de Osvaldo Lacerda entre outras. Do segundo Lp fazem parte peças do repertório como Canide Ioune / Sabath, de Villa-Lobos, Banzo Maracatu⁹ de Dimas Sedícias com arranjo de José Gomes e Asa Branca¹⁰, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira com arranjo de Othonio Benvenuto, entre outras brasileiras.

Foi assim que o canto coral brasileiro e, conseqüentemente, o de Londrina, ampliou suas conquistas, introduzindo-se em novos espaços e organizações. Isso despertou o interesse

⁹ Música que se apresenta gravada pelo Coro da UEL no DVD em anexo, faixa 3temp 4 86

¹⁰ Música que se apresenta gravada pelo Coro da UEL no DVD em anexo, faixa 4 temp 4 87

de vários estudiosos pelo campo do canto coral, e pesquisas começaram a acontecer.

Hoje, mais precisamente nos primeiros dez anos do século XXI, temos coros em escolas, universidades, ONGs, associações de bairros, empresas, hospitais, clubes, entre outros espaços, e a prática coral inclui-se no cotidiano de muitas pessoas. São grupos infantis, juvenis, adultos, incluem-se os de terceira idade, que se dedicam aos repertórios populares, folclóricos, eruditos, sacros, conforme as diferentes propostas de cada um.

Desde 1987, atuamos profissionalmente junto a coros, nas funções de regente e cantora, e, no Coro da Universidade Estadual de Londrina, Coro da UEL, desde 1989, na função de ensaiadora de naipes junto a uma equipe, ou regendo os vários coros da instituição. Ao longo dessa trajetória junto ao Coro da UEL, percebemos que alguns integrantes ficam por muitos anos cantando no mesmo Coro, enquanto outros saem em pouco tempo. Constatamos que a prática do canto coral, independente do interesse de se profissionalizar no meio, pode levar a outras práticas musicais, profissionais ou amadoras. O fazer musical acontece substancialmente numa intensa rede de relações que acontecem na rotina dos trabalhos.

Para regentes de coros, preocupados com a formação musical dos integrantes, é relevante saber o que leva uma pessoa a procurar a prática coral, o que faz com que ela se estabeleça no coro e o que faz com que ele se interesse em ampliar o âmbito de suas práticas musicais. Assim, o regente pode avaliar em que sentido sua influência é exercida na constituição da realidade e identidade do coro.

Reger um coro requer habilidades como capacidade de liderar, o prazer em ensinar e ensaiar, a tolerância em aguardar o amadurecimento vocal e musical da peça, o conhecimento para ouvir como a música se passa e poder construí-la naquele momento daquela forma, a paciência para com as relações interpessoais dos cantores. Requer também grande força para não se desmotivar quando seus cantores ficam impossibilitados em participar de apresentações. Isto pode ocorrer por questões de saúde ou, mesmo, profissionais, uma vez que

muitos dos integrantes do coro são profissionais de outras áreas e, às vezes, há apresentações em horários que coincidem com os do seu trabalho cotidiano.

Muitas vezes a direção do Coro da UEL solicita às empresas a liberação de trabalhadores, que fazem parte desse coro, para concertos, na cidade ou fora dela. O não atendimento desse pedido, já impediu diversas apresentações desse Coro. Ter poucas vozes masculinas e, quando mais se precisa delas, não poder contar com as que se teria é mesmo bem difícil para o regente. Essa situação repete-se com frequência no Coro da UEL e em outros coros do Brasil. Raras são as exceções em que as empresas atendem aos pedidos de liberação de seus profissionais em benefício de coros.

Outras dificuldades que acometem muitos coros são a falta de espaço físico adequado, orçamentos pequenos para custeio de viagens e falta de uniformes. O Coro da UEL, embora ligado a uma instituição pública, não tem verba garantida para alimentação ou diárias para seus integrantes, em caso de viagens, com exceção dos funcionários efetivos¹¹, por impedimento legal. Como o Coro é formado por pessoas da comunidade, ou seja, que não tem vínculo empregatício com a universidade, a mesma não tem como justificar ao Tribunal de Contas do Estado do Paraná a utilização de verba pública para pessoas não ligadas diretamente à instituição. Com isso, o cantor custeia suas despesas ou o Coro realiza promoções no sentido de angariar fundos para as despesas. Isso parece ser uma tônica nos coros brasileiros, conforme relatos de outros coros.

Isso tudo exige do regente flexibilidade e criatividade, além de calma para não despendar desnecessariamente sua energia de trabalho, para que possa atingir seus objetivos.

O trabalho coral envolve uma relação dinâmica entre cantores, regente e meio. A isto podemos chamar de processo psicossocial. Nada encontramos, na literatura, que trate especificamente desses aspectos que levam à eficácia a regência coral. Observamos que no

¹¹ Coro da UEL tem em seu quadro seis funcionários concursados como músicos / instrumentistas musicais para ensaios e auxílio vocal / instrumental. Os funcionários têm uma carga horária semanal para o Coro da UEL e para os outros coros da instituição bem como para as oficinas de educação musical.

Coro não há registro dos trabalhos feitos, dos regentes e cantores que passaram por ele, da participação na vida cultural da cidade ou da região de sua influência. Enfim, não se fazem registros da vida e história do Coro da UEL.

Como apresentaremos adiante, o caso do Coro da UEL é exemplar. Dele já participaram muitas pessoas, e por ele já passaram sete regentes ao longo de seus trinta e oito anos de existência. A partir de ex-integrantes dele, surgiu a Orquestra Sinfônica de Universidade Estadual de Londrina, além de outros grupos ou Coros da cidade.

Aliado à riqueza da dinâmica social e musical de seus integrantes, o Coro da UEL é pioneiro e possui significativa relevância na constituição da prática musical oficial na cidade de Londrina. Foi, inclusive, condecorado, no ano de 2005, com a “Comenda Ouro Verde” outorgada pelo município de Londrina em reconhecimento aos trabalhos prestados em favor da cultura londrinense.

Percebemos que as pesquisas até hoje têm colocado o foco no cantor ou no regente ou no objeto música. Com isto, de forma geral, tende-se a investigar o indivíduo num EU abstraído do mundo, ou então tratar a história e sociedade como abstração. “Uma sociedade sem sujeitos ou sujeitos sem uma sociedade”... (Jovechelovitch, s.d. p. 63). Esta pesquisa pretendeu visualizar o coro como resultado único de uma imbricação de cantor, regente e música. O diferencial que pretendemos alcançar é entender o coro a partir da psicologia social da música, analisando como as Funções da Música, de Allan Merriam, permeiam a vida dos cantores, e embasar os resultados à luz da Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici, que propõe o restabelecimento do elo entre o sujeito e a sociedade.

As Representações Sociais são construções coletivas de um saber que é socialmente importante para um grupo.

Esta pesquisa desenvolveu-se para embasar e compreender, sob o amparo da teoria das Representações Sociais, de que modo a estrutura musical do Coro da UEL se apresenta e é

representada, e como a mesma está à mercê das relações empreendidas entre as pessoas, nesse contexto. Também resgatamos a história do Coro da UEL visando contribuir para preencher lacunas no entendimento da dinâmica da prática coral.

Assim, integrantes e regentes atuais ou do passado, do Coro da UEL foram a unidade de análise da pesquisa que teve a seguinte questão de estudo: O Coro da UEL é uma representação social construída por seus regentes, ex-regentes, integrantes e ex-integrantes?

Para tanto propusemos as seguintes questões como guias da pesquisa: por que as pessoas em determinado momento procuram ou já procuraram o Coro para cantar? Como o Coro cria sua identidade ao longo de suas fases históricas? Como essa identidade se estabeleceu e se estabelece perante os demais Coros da cidade de Londrina? A prática no Coro ampliou e amplia o âmbito das práticas musicais de seus cantores e regentes em seu cotidiano, para além do próprio Coro?

As perguntas foram respondidas por meio de entrevistas aplicadas em nossa unidade de análise. O resultado destas foi analisado com ferramentas de análise próprias da Teoria das Representações Sociais, desenvolvida no quadro epistemológico da retórica (Duarte, 2004), e as da categorização a partir das Funções da Música de Allan Merriam.

O conceito de representação social constitui-se como um saber partilhado, uma teoria do cotidiano, e, se o grupo tiver uma representação social do Coro da UEL, isso explica o seu sucesso ou formação de identidade frente aos demais coros na cidade. As Funções da Música, de Merriam, podem ser aplicadas diretamente ao conceito de representação social, como será tratado no terceiro capítulo, e, por haver convergência, as utilizaremos para entender antropologicamente a música, proporcionando assim mais clareza e uma sistemática para o trabalho de análise das entrevistas.

Trataremos, no primeiro capítulo, da história do Coro da UEL, através da

apresentação de um breve panorama histórico da cidade de Londrina para contextualizar a criação do Coro e em seguida, apresentaremos a revisão de literatura desenvolvida para nos inteirarmos a respeito do que têm versado as pesquisas atuais, na área do canto coral.

No segundo capítulo, apresentaremos o referencial teórico que dá suporte a essa pesquisa. No terceiro capítulo, trataremos da dinâmica musical intersubjetiva. O quarto capítulo tratará da metodologia de coleta e análise dos dados e do resultado das análises das entrevistas com cantores, ex-cantores, regentes e ex-regentes do Coro da UEL.

1 PRIMÓRDIOS E PRIMEIROS CANTOS

Londrina, Pequena Londres. Londrina situa-se no centro-norte do Paraná. O estado do Paraná desmembrou-se da província de São Paulo, em 1853. O império brasileiro, em fins do século XIX, oferecia facilidades aos imigrantes europeus para povoar o vasto território brasileiro. Segundo Roderjan (2004) impulsionados por buscar uma vida melhor em outro país, fugindo das recessões de seus países, muitos imigrantes de diversas etnias vieram para o Brasil e fixaram-se no Paraná, no fim do século XIX. As propagandas feitas pelo governo brasileiro na Europa diziam das riquezas do Brasil, de uma terra próspera, de um clima agradável. Muitos imigrantes europeus chegaram inicialmente ao litoral paranaense, mas depois foram deslocados, a pedido deles mesmos, para a região de planalto, hoje Curitiba, pois o clima, no litoral, era muito quente e havia muitos mosquitos. O povoamento do estado do Paraná foi demorado principalmente por não haver estradas que permitissem acesso ao interior. O centro-norte do Paraná era uma grande mata, e seu desenvolvimento deu-se mais tarde, nas primeiras décadas do século XX, quando chegou a estrada de ferro, ao longo da qual foram surgindo as cidades.

Segundo Macarini (2004) no ano de 1923, o presidente da república Arthur Bernardes, recebeu uma missão econômica inglesa com o intuito de atrair investimentos para o país. Um membro dessa missão, o Sr. Simon Joseph Fraser, conhecido como Lord Lovat, que tratava dos assuntos de agricultura e reflorestamento da Inglaterra e cuidava dos negócios ingleses de algodão no Sudão, África, pois essa fibra muito interessava à indústria têxtil inglesa, esteve em visita ao norte pioneiro paranaense, região povoada mais antiga do norte do Paraná. Nesta missão passou principalmente por Jacarezinho e Cambará e ficou

impressionado com a qualidade da terra, verificando a produtividade das lavouras de algodão. Não havia ainda, na época, interesse pelo café. Lord Lovat tentou comprar uma fazenda de algodão e café do Sr. Willie Davids, então prefeito de Jacarezinho. Embora a oferta fosse alta, não foi aceita por Willie Davids, que informou Lord Lovat sobre as férteis terras que o governo do Paraná estava vendendo na região em que surgiria a cidade de Londrina. O preço era baixo devido à inexistência de transporte na região.

Lord Lovat retornou à Inglaterra, entusiasmado, e convidou Arthur Hugh Miller Thomas para gerenciar um novo empreendimento, uma companhia que negociaria terras no estado do Paraná, a Companhia Parana Plantations, que se transformou mais tarde em Companhia de Terras Norte do Paraná, além de fazendas para cultivo do algodão. A companhia lotearia e comercializaria as terras adquiridas e seria responsável pela implantação de cidades na região.

Arthur Hugh Miller Thomas aceitou ao convite e, representando os interesses ingleses, adquiriu inicialmente fazendas, onde plantava algodão, no interior de São Paulo e uma usina de beneficiamento da fibra. A partir de 1925, os ingleses abandonaram o cultivo do algodão no interior de São Paulo, pois as lavouras não iam bem e resolveram adquirir duas glebas no Paraná, uma de 350 mil alqueires, que era da Companhia Marcondes de Colonização que tinha a concessão das terras, e outra de 100 mil alqueires. Os ingleses compraram também a Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná e decidiram ampliar seus trilhos até ao lugar que viria a ser Londrina, uma vez que essa estrada até então acabava no norte pioneiro paranaense.

A Companhia de Terras Norte de Paraná, dirigida pelo senhor Thomas, implantou o projeto de colonização. Este projeto tinha um grande atrativo para os imigrantes, que chegavam a Londrina e região, que era a possibilidade de se tornarem donos de suas próprias terras, uma vez que as mesmas eram comercializadas em pequenos lotes, de 3 a 30 alqueires.

Com essa oferta, os colonos, sem muitos recursos, podiam se tornar proprietários de suas terras, tendo ainda o pagamento facilitado.

A transação comercial acontecia da seguinte forma: primeiramente o comprador escolhia o quinhão, pagava dez por cento para assegurar a propriedade, depois de sessenta dias pagava mais vinte por cento para complementar a entrada e assim assinavam o contrato. O que restava pagava-se em quatro anos, sendo dez por cento no fim do primeiro ano, e vinte por cento ao fim de cada ano restante. Os juros não ultrapassavam oito por cento ao ano. “A floresta transformou-se em lavoura produtiva, atraindo mais e mais gente”, (Associação Pró-Memória de Londrina e Região, 2004, p.64).

A primeira caravana de compradores de terras era composta por oito japoneses e chegou à Londrina em dezembro de 1929. A partir de 1932, chegaram a Londrina grandes caravanas de compradores de terras. Eram italianos, japoneses, alemães, espanhóis e brasileiros de outros estados que vinham, com ou sem dinheiro, e que queriam trabalhar para adquirir o seu pedaço de terra.

O projeto de colonização também foi feito pela Companhia de Terras pensando na construção de outras cidades e não só a de Londrina. Seriam núcleos econômicos que se distanciariam, entre si, cem quilômetros. As cidades previstas eram Londrina, Maringá, Umuarama e Cianorte. Estas cidades deveriam ter no máximo 30.000 habitantes. Entre elas haveria patrimônios e centros comerciais a cada 10 a 15 quilômetros.

Londrina, por ser a primeira, fugiu ao planejamento inicial, mas as outras três cidades “foram planejadas e traçadas na prancheta”, (Associação Pró-Memória de Londrina e Região, 2004, p.72). Os patrimônios também se desenvolveram e se transformaram em cidades. Dentro das terras adquiridas pela Companhia de Terras Norte do Paraná surgiram mais de 64 cidades. E Londrina, que foi planejada inicialmente para ter até 30.000 habitantes, em 2009 tinha uma estimativa de 510.707 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística (IBGE, 2010). Tornou-se um pólo, levando ao desenvolvimento toda a região norte do estado. Atualmente é a terceira cidade do sul do país.

Macarini (2004) conta que antes da implantação do projeto de colonização inglesa, aqui já estavam os desbravadores que abriram as picadas em meio à grande mata e já cultivavam a terra, plantando, inclusive o café. Tinham porcos, galinhas, bovinos, além de cavalos e animais de montaria, uma vez que era rota dos tropeiros ligando o sul do estado ao interior paulista. Há ainda de se registrar que, antes mesmo dos desbravadores, os índios habitavam a região, conforme sítios arqueológicos encontrados. A mata era fechada e para aqui chegar era necessário abrir picadas, derrubar árvores e, principalmente, construir estradas, pois até então o transporte só ocorria em lombo de burros. Foi quando a Companhia de Terras Norte do Paraná e o engenheiro inglês T. H. Hamilton foram incumbidos de chefiar a construção da estrada de ferro de Cambará a Jatahy, atual Jataizinho, isto em 1932, já pensando que assim poderia se colonizar a região, além de escoar a produção agrícola. Em 1933, inicia-se a construção de uma ponte ferroviária sobre o rio Tibagi, em Jatahy. Até então, a transposição do rio era feita por balsas. Nessas balsas também passavam carros e caminhões. Em 1933, eram 396 casas em Londrina, e em dezembro de 1934 foi criado o município de Londrina. Em 1935 o primeiro trem apita na primeira estação de Londrina.

As propagandas continuavam a rodar o mundo e diziam, em 1935, que Londrina era próspera, com hotéis confortáveis, estabelecimentos comerciais e que tinha uma terra em que tudo que se plantasse, nascia. Dizia também que a terra estava livre da saúva, praga das mais temidas pelos agricultores. As propagandas ofereciam também passagens gratuitas de ida e volta de Ourinhos, sul de São Paulo, onde havia uma estação ferroviária, à Rolândia, já no Paraná, município que dista aproximadamente vinte e cinco quilômetros de Londrina, para que futuros interessados e compradores visitassem toda essa região. Nas próprias estações ferroviárias do país fixavam-se os panfletos de propaganda.

Muitos imigrantes paulistas, mineiros, bem como italianos, alemães, japoneses, espanhóis, portugueses, árabes, eslavos, entre outros chegaram à região da cidade de Londrina entre 1930 e 1940. Muitos dos pioneiros e de seus descendentes ainda vivem na cidade de Londrina. Tenho a oportunidade de ser filha e neta de pioneiros. A minha família aqui se estabeleceu em 1938, sendo que em 1936 meu avô, imigrante paulista de descendência italiana, visitou a cidade e, após dois anos, mudou-se com a família para Londrina. A família veio de mudança em um caminhão, do interior paulista, para Londrina. Em Jataizinho, utilizou-se a balsa para transpor o rio Tibagi. Foram muitas histórias ouvidas na infância, em rodas familiares, das dificuldades enfrentadas pelos pioneiros quando desembarcavam em Londrina. As senhoras que vinham de trem, transporte mais utilizado à época, normalmente traziam roupa e sapatos para trocar quando chegassem à estação, pois a da viagem ficava avermelhada pelo pó. A cidade, cujo solo é rico e fértil, tem a cor roxa. A terra, um poeirão vermelho, ficava impregnada em todos os lugares. As ruas, quando chovia, viravam verdadeiros lamaçais. A nossa família estabeleceu-se no ramo de indústria de refrigerantes e, quando saía para entregas na região, se chovesse, com certeza os caminhões atolariam. Uma viagem, que era curta e relativamente rápida em dias de sol, transformava-se em uma aventura, em dias de chuva, com correntes nos pneus para evitar que os caminhões atolassem; podia levar horas. A maioria dos carros pelas ruas eram jipes e todos levavam as tais correntes para os dias de chuva. As charretes também eram meio de transporte.

Os imigrantes que chegaram à cidade trouxeram seus costumes e cultura, mas muitos tinham dificuldade com a língua, como os japoneses e alemães. Suas festas ocorriam mais entre membros da colônia. Criaram clubes recreativos, como o Country Club, fundado pelos ingleses, para jogar tênis, a ACEL, clube japonês, com atividades artísticas e esportivas, como os karaokês e o beisebol, a AREL, clube alemão com biblioteca alemã, o clube Grêmio, que uniu clubes para dança. No entanto, não herdamos a prática coral. Italianos, alemães e

japoneses vieram para Londrina em função das guerras e recessão em seus países de origem e atraídos pela riqueza gerada pelas áreas rurais, com plantio de café, algodão, milho, soja. Quando chegaram se mantiveram em colônias fechadas até para manter seus costumes, sua língua e cultura, além de muitos se estabelecerem na zona rural. Não se deve esquecer também que, na época de guerra, os alemães e japoneses sofreram com a discriminação e era-lhes proibido falar a língua de origem.

Os ingleses venderam a Companhia de Terras Norte do Paraná e a linha ferroviária São Paulo - Paraná no ano de 1944 devido à segunda guerra mundial. Com a ameaça nazista sobre a Inglaterra, tiveram que cuidar de seu país e recuar de seus investimentos no exterior. Com isto, em 1944, um dos investimentos que foi vendido pelos ingleses foi a Companhia de Terras Norte do Paraná. Foi adquirida por quatro grupos, no entanto o senhor Thomas continuou na gerência da companhia até 1949, quando se aposentou. Em 1950 a companhia passa a se chamar Companhia Melhoramentos Norte do Paraná e adquire a Gleba Cruzeiro que originou as cidades de Cianorte e Umuarama, segundo Macarini (2004).

Da caravana inglesa em Londrina, ficou apenas uma família, a do senhor Thomas. Lord Lovat nunca esteve em Londrina.

Londrina teve um grande desenvolvimento devido ao café. Na década de 40, o aeroporto de Londrina chegou a ser o mais movimentado do Brasil devido ao ouro verde (café). Essa cultura foi devastada, na década de 70, por uma geada, conhecida como geada negra. Outras culturas ocuparam o lugar dos cafezais: soja, trigo e milho, além da pecuária bovina.

O centro-norte do Paraná¹² desenvolveu-se todo na mesma época. Embora traga consigo uma diversidade cultural muito grande pelas etnias diversas que aqui se estabeleceram, a música, principalmente a coral, ficou adormecida no seio familiar. Os

¹² Região do estado do Paraná a que pertence à cidade de Londrina.

registros mostram uma efervescência musical com os conjuntos de big bands, para bailes e festas. Data de 1949 o início das atividades musicais da Banda de Londrina. A música coral realmente era restrita às igrejas, católicas e evangélicas. Os clubes recreativos não tinham a preocupação em estabelecer coros em suas associações.

Por volta de 1934, algumas freiras de origem alemã fundaram uma pequena escola, o Colégio Mãe de Deus, que muito incentivou a atividade musical com seus alunos. O primeiro coro foi o composto pelas freiras e alunos. Depois passou a pertencer à catedral da cidade, o Coro Santa Cecília. A primeira faculdade de música também foi fundada pelo Colégio Mãe de Deus e oferecia o curso de bacharelado em piano e violino. Essa faculdade formou seu último aluno no curso de bacharelado em piano no ano de 1987, quando também conclui o curso de piano em nível técnico. Depois disso encerraram-se as turmas de bacharelado nesta faculdade. Esta faculdade e escola de música foram formadoras de muitos músicos, além de outros conservatórios da cidade. Do movimento musical popular com orquestras de bailes e da música nos conservatórios surgiu o Festival de Música de Londrina. Este festival é uma ação conjunta com o governo de estado, com a Universidade Estadual de Londrina e com a Associação dos Amigos do Festival. O último ocorreu em julho de 2010 e esteve na sua 30ª edição. Esse evento acontece sempre no mês de julho e reúne estudantes, músicos e professores do Brasil e do exterior. São oferecidos, em média, 70 cursos, para alunos iniciantes e avançados, nas áreas instrumentais e vocais, além de cursos na área de estruturação musical.

Dentro do Festival de Música acontece o SPEM, Simpósio de Educação Musical, organizado pela UEL. Anualmente, acontece também o Festival UNICANTO, evento específico de canto coral, promovido pela Associação e Coro UNICANTO, grupo independente e que traz coros nacionais e internacionais para se apresentarem em diversos concertos, durante alguns dias, nos teatros e outros espaços da cidade.

Embora a cidade tenha diversos coros, ainda não há um coro formado por cantores profissionais, ou seja, que sejam remunerados e exerçam profissionalmente a carreira de músico/cantor. Os regentes, na sua maioria, são formados em música e oriundos do curso de licenciatura em música da Universidade Estadual de Londrina ou de outros centros.

Atualmente a cidade possui três universidades, uma estadual e duas particulares, além de várias faculdades isoladas e particulares perfazendo um total de 12 instituições (Guia Mais, 2010). Na área de música há o curso superior em música – licenciatura, na Universidade Estadual de Londrina. Este surgiu inicialmente, em 1993, como educação artística – habilitação em música, num convênio com o Colégio Mãe de Deus, que cedeu as instalações e equipamentos para o mesmo poder começar suas atividades. Em 2004, a Universidade Norte do Paraná – UNOPAR criou o curso de especialização em música: regência; e a UEL, no ano de 2005, também criou cursos de especialização em música.

1.1 Panorama Histórico do Coro da UEL

A UEL exerce grande importância na formação musical dos londrinenses. Muitos dos regentes atuais da cidade de Londrina participaram do Coro da UEL como cantores e/ou são oriundos do Curso de Música da UEL, tanto de graduação como de especialização. O Coro da UEL, durante muito tempo, foi referência no contexto coral da cidade, pois à época em que foi criado, década de 70, havia poucos coros na cidade. Eram na maioria coros sacros, com função litúrgica, nas missas ou cultos. Na década de 60 foram criados alguns coros estudantis, mas que se desfizeram com o passar do tempo.

O Coro da UEL foi criado em 1972 e seu início coincide com a formação da Casa de Cultura da Universidade Estadual de Londrina, doravante Casa de Cultura da UEL. A Casa de Cultura da UEL, inicialmente, foi formada como uma Coordenadoria de Ação Cultural, antiga

CAC.

Esse espaço de cultura foi criado para cumprimento de uma exigência legal do Ministério da Educação e Cultura que exigia integração entre ensino, pesquisa e extensão, para que as faculdades estaduais, que funcionavam isoladamente, até o fim da década de 1960, se constituíssem em uma universidade. Nesse contexto, a Casa de Cultura da UEL iniciou suas atividades, como órgão de extensão.

A Casa de Cultura da UEL possui as divisões de teatro, artes plásticas, cinema e música e mantém, além de outras atividades, seis coros na instituição: um infantil, um juvenil, três adultos e um de terceira idade. O Coro que deu origem a este movimento coral e musical foi o Coro da UEL.

Ligadas à Casa de Cultura da UEL estão, ainda, a Orquestra Sinfônica, a Orquestra Prelúdio e Orquestra Sinfônica Jovem, que foram fundadas na década de 80. Há também o trabalho de música histórica que é realizado pelo grupo NEUMA, Núcleo de Estudos Universitários de Música Antiga, também ligado à Casa de Cultura.

A Orquestra Sinfônica da UEL, OSUEL, foi criada a partir dos interesses da universidade em instituir uma orquestra sinfônica universitária e também do maestro do Coro da UEL na época, Othonio Benvenuto. A universidade, num momento propício, teve condições de prover instrumentos e estrutura humana necessária para que se formasse uma orquestra, a primeira do interior do estado. No entanto, não havia número suficiente de músicos de diferentes instrumentos na cidade para compor uma orquestra sinfônica. O então maestro do Coro da UEL propôs a músicos da cidade e também aos integrantes do coro aprenderem a tocar um instrumento. Os cantores do coro tinham formação diversa: havia pianistas, violinistas e muitos profissionais de outras áreas, que não musicais. Do Coro da UEL, um grupo de pessoas aceitou o convite até como um desafio, e o próprio maestro

começou a ensinar os diferentes instrumentos, constituindo um grupo chamado “Conjunto Música”, embrião da OSUEL, que acompanhava o Coro da UEL em suas apresentações.

No ano de 1984, a OSUEL estreou e foi dinâmica a contribuição dada pelo Coro da UEL. Numa cidade que era formada basicamente por pianistas passou a ter uma orquestra sinfônica. Desde a criação da OSUEL, muitos programas musicais foram realizados e ainda acontecem em conjunto com o Coro da UEL.

O Coro da UEL surgiu em 1972, sob a regência da professora Semíramis Lück, conhecida artisticamente como Mimi Lück. D. Mimi foi convidada para organizar o coro da instituição. Ela atuava junto à CAC, Coordenadoria de Assuntos Culturais da UEL, orientando vocalmente os atores do grupo de Teatro da UEL que ensaiavam a peça “A Mandrágora” e também os oradores de turma que discursavam nas formaturas da universidade. Segundo documentos históricos, cartas, escritas de seu próprio punho, inclusive, como relatórios, inicialmente, os ensaios aconteciam na sua própria residência e somente após seis meses o Coro da UEL ganhou um espaço, uma sala de professores. Um piano usado foi adquirido para os ensaios. O local era o Teatro Universitário, atual Filadélfia, onde a UEL locava salas para alguns cursos. Os ensaios ocorriam após as aulas do período noturno. Os integrantes do Coro eram alunos da UEL, em sua maioria, sem formação musical formal, e pessoas da comunidade londrinense. Tinham, além dos ensaios, aulas de técnica vocal. A regente não tinha nenhuma pessoa que a auxiliasse formalmente nos ensaios, apenas voluntários que, às vezes, acompanhavam ao piano e um cantor que organizava pastas, e lista de chamada então secretariando o coro. Segue abaixo cópia de trechos de uma entrevista concedida na época por D. Mimi Lück.

Em junho de 1972 depois de lançada a convocação aos interessados em participar do coral, começaram a aparecer os primeiros candidatos. No entanto somente depois das férias de julho, isto é, em agosto pudemos dar início aos ensaios que eram realizados aos sábados a tarde em minha residência, por não dispor ainda a Coordenadoria de local apropriado para essa atividade. Quando os coralistas já se apresentavam em número expressivo, solicitei ao coordenador que nos fosse cedida uma sala no prédio

do Teatro Universitário, e que se providenciasse a compra de um piano usado para os ensaios do Coral e aulas de canto. Em breve estávamos instalados na sala dos professores, que estes gentilmente nos cederam para as atividades do Coral(...).

São os seguintes os 15 pioneiros do Coral que permanecem conosco até hoje: Aurelina Morghetti, Nancy Nunes, Gláucia Cacione, Thais da Silva Nunes, Martha Wyler, Ruthild Frech, Lorita Haeusseler, Eva Maria Behrend, Nelson Morghetti, Moacyr de Oliveira, Daniel Pelisson, Gerson Cacione, Reinaldo Cardamoni, Lauro Kleber e Érico Sindlinger.

A primeira apresentação do coral UEL deu-se durante a Missa ao Cadáver do Desconhecido, à 21 de outubro de 1972, quando foram cantados os seguintes números: Mejor es sufrir, peça renascentista de Juan Del Encina; Ave Verum Corpus de Mozart e o cânone Dona Nobis Pacem.

Penso que a idéia de fundar este coral surgiu do próprio reitor, que teria comunicado ao Coordenador de assuntos Culturais, a sua intenção de que a Universidade de Londrina tivesse seu coral. Foi quando recebi convite do professor Vanoly para liderar essa atividade (...).

A última apresentação do Coral foi na Universidade, no dia 12 de novembro quando Londrina estava preparada para receber o presidente Médici.

Pela manhã, na Universidade, as autoridades aguardavam já há quase três horas, quando vem a notícia que o presidente não desceria em Londrina, mas havia rumado diretamente para Curitiba devido ao mau tempo. Foi quando o reitor solicitou que o Coral cantasse para amenizar um pouco a decepção reinante. Logo após o primeiro número as pessoas presentes sorriam e os coralistas animados pelos aplausos entusiásticos e pela simpática acolhida cantaram seis músicas de seu repertório.

O grupo é composto por 28 elementos, tendo o último entrado após a apresentação do concerto do dia 20 de outubro (...). Os coralistas na quase totalidade trabalham de dia e estudam a noite, razão pela qual os ensaios durante a semana são realizados a partir das 22 horas (...).

À medida que o coral cresce em convivência, que os coralistas se aproximam mais afetivamente uns dos outros, as vozes vão se harmonizando mais e mais, e as interpretações vão ganhando novo colorido, com o clima de compreensão estabelecido entre o regente e os coralistas, que começam a captar com facilidade a interpretação sugerida pela regência.

Paralelamente aos ensaios do Coral mantemos regularmente um curso de teoria musical e de técnica vocal, além de promover periodicamente palestras sobre assuntos que se relacionam com o nosso trabalho (ARRUDA, Roldão, entrevista, Divisão do Gabinete do Reitor, Londrina).

D. Mimi, quando aceitou o convite para reger o coro, solicitou apoio da instituição para que ela pudesse ir, quinzenalmente, a São Paulo, para ter aulas de regência com o maestro Benito Juarez, para exercer sua função com maior técnica. Essa condição foi aceita de imediato.

O CORALUSP, Coro da Universidade de São Paulo, regido por Benito Juarez, esteve também em Londrina assim como o Ars Viva, Coro de Santos, SP, com o intuito de motivar os cantores do Coro da UEL. O Coro Ars Viva veio à cidade com uma proposta de

intercâmbio. Dentro dessa proposta, o regente do Ars Viva, Klaus Dieter Wollf também ensaiou o Coro da UEL. Assim os cantores puderam ter a experiência de serem regidos por outro regente e de assistirem ao concerto do Coro Ars Viva.

A primeira apresentação do Coro da UEL aconteceu em outubro de 1972, na “Missa do Cadáver Desconhecido”¹³, evento anual promovido pelo departamento de medicina da UEL. Em 23 de dezembro do mesmo ano, o Coro da UEL realizou um recital em homenagem aos formandos de 1972, no Teatro Universitário. Conforme documento da época: “o Coral já era, então, uma realidade” (Curriculum do Coral da UEL, agosto de 1974). Em 1973, as apresentações de dezembro foram as seguintes:

16/12 – Vila Fraternidade

19/12 – Formatura em Paranavaí (cidade que dista aproximadamente 170 km de Londrina)

21/12 – Praça Floriano Peixoto – Natal da Prefeitura de Londrina.

22/12 – Formatura Conjunta de Alunos da UEL, no Moringão, com aproximadamente 5000 pessoas presentes.

10/12 – Moringão¹⁴ – Aniversário da Cidade de Londrina – comemoração do 39º aniversário da instalação do município.

Em março de 1974, o Coro se apresentou na Câmara Municipal de Londrina, em sessão solene de entrega de “Título de Cidadão Honorário de Londrina” post mortem ao Maestro Andréa Nuzzi, a seus familiares. Em três de abril, o Coro apresentou-se na recepção do Embaixador de Portugal, no Londrina Country Clube. Também em abril, houve o Concerto de Páscoa no Teatro Universitário, com a colaboração da Família Brandão de Curitiba, que realizou a 1ª parte do concerto. A segunda parte, feita pelo Coro, apresentou sete números, dois dos quais com acompanhamento da orquestra da Família Brandão. Em agosto, houve

¹³ Missa realizada anualmente em respeito aos defuntos, normalmente sem identificação, utilizados para estudos na faculdade de medicina da UEL.

¹⁴ Ginásio de esportes do município onde são realizadas as formaturas da UEL, ver foto no DVD/CD em anexo...

mais dois programas: um dentro do Festival de Música da Usina de Capivara, na cidade de Porecatu, PR; e outro na cidade de Apucarana, a convite do Conservatório Musical daquela cidade.

Após estruturar o Coro da UEL e instituir um trabalho vocal, D. Mimi Lück, no início de 1975, desligou-se do Coro. Desde quando iniciou os trabalhos junto ao Coro da UEL, ela havia dito que, após algum tempo, seria necessário que outro maestro, com maior experiência, assumisse o Coro e continuasse os trabalhos.

Essa saída foi um problema, pois o Coro da UEL precisava se preparar para a formatura, da Universidade, mas estava com as atividades suspensas. Então o reitor procurou um novo regente e um coro na cidade. Foi feito um convite à Sr^a Marília Brandão, que era regente do Coro da Igreja Presbiteriana, para que assumisse o Coro da UEL, numa situação emergencial, para prepará-lo para a apresentação da formatura da UEL. Ela aceitou e, por aproximadamente dez meses, esteve à frente do grupo, para que o mesmo pudesse cumprir sua agenda. Durante esse período, o Coro ensaiava na Casa de Cultura e isso possibilitou que cantores do Coro da UEL também passassem a cantar no Coro da Igreja Presbiteriana. No entanto, após a apresentação, ela desligou-se do Coro da UEL. Em sua rescisão contratual consta que ela era contratada como artista da universidade, com carga horária semanal de 34 horas, conforme documentos. A UEL sabia que D. Marília Brandão havia aceitado o convite devido às circunstâncias e às necessidades da instituição. Esteve à frente do mesmo, com o intuito de colaborar e para que não parassem os ensaios. Após sua saída, em outubro de 1975, o coro ficou com as atividades suspensas até a contratação de um novo regente.

O ano de 1975 foi um ano de trabalho para o coro, mas também de busca da instituição e de acertos burocráticos para que pudesse vir de outra cidade um maestro para o Coro da UEL.

Em início de 1976 chegava à cidade o maestro Othonio Benvenuto como novo regente contratado para o Coro da UEL. Um dos objetivos dessa época era ter um coro grande, para que muita gente o conhecesse e praticasse o canto coral. Almejava-se ter um coro com cem vozes¹⁵. Othonio Benvenuto assumiu o grupo e ali permaneceu até julho de 1990. O Coro da UEL cresceu em número, chegando a alcançar os cem cantores desejados. Londrina viveu, a partir de então, um grande desenvolvimento no âmbito coral. Inicialmente o maestro Benvenuto trabalhava sozinho, apenas com a colaboração voluntária do mesmo secretário da época de D. Mimi, aliás, este secretário só se efetivou na Universidade a partir de 1977 e atualmente é músico da OSUEL. Teve também colaboração voluntária de musicistas, pianistas que o ajudavam nos ensaios de naipes. Com o crescimento do Coro e com o passar do tempo, foi possível montar um corpo técnico de apoio necessário. Em 1977, efetivou-se um secretário para o coro. Até então o trabalho fora voluntário. A partir de 1979, houve a contratação de três profissionais para auxiliar os trabalhos, Thais Silva, Valderêz Camargo Caria e Walquíria Ferraz que se alternavam nos ensaios de naipes, nas aulas de flauta doce e nos ensaios gerais, quando da ausência do maestro Benvenuto. A maestrina Lucy Schimiti, que em 1990 viria a ser regente titular do Coro da UEL, também foi regente auxiliar durante um período, na época do maestro Othonio Benvenuto. Com essa estrutura de recursos humanos, o Coro da UEL podia oferecer aos cantores ensaios de naipes todos os dias, com horários preestabelecidos, além de dois ensaios gerais. Os cantores deveriam optar pelos horários oferecidos e cumprir três ensaios semanais. A partir de meados da década de oitenta, a equipe técnica cresceu. Passaram a ser dez ensaiadores que se revezavam nas funções de pianistas, arquivista e assistentes. Em épocas de viagem, os ensaios eram quase diários, inclusive aos domingos. O comprometimento de todos era necessário. Lembro-me de pessoas informando ao grupo se tivessem que faltar, em épocas de viagens, a algum dos ensaios e por

¹⁵ Conforme cópia de reportagem da Folha de Londrina, 14/09/1976, no DVD em anexo faixa imagem 011.

quê. Essa cumplicidade criava no coro a idéia de equipe. Os trabalhos dessa equipe eram bem intensos, pois tínhamos ensaios de naipes a realizar, estudos individuais e em conjunto, reuniões administrativas com maestro e equipe. A carga horária de trinta horas semanais era plenamente preenchida.

No período em que o maestro Benvenuto esteve à frente do Coro da UEL, a ênfase era em música brasileira, erudita ou folclórica. Isso se tornou uma marca do Coro nesta época, tanto que o grupo foi convidado pelo consulado alemão no Brasil a mostrar a música folclórica brasileira na Alemanha. Recordo-me ainda da reunião com a vice-consulesa. Esse convite foi feito na década de noventa, quando o Coro já realizava outro tipo de repertório, não só o de músicas brasileiras e folclóricas. Contudo o convite não pôde ser aceito.

O maestro Benvenuto, com formação em regência, atuara, anteriormente, como maestro e músico da Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro, dava ênfase também à música instrumental. Aos poucos instituiu um grupo chamado “Conjunto Música” que era composto por flautas doce, percussão. Era formado pelos cantores do próprio coro para acompanhar o Coro da UEL em peças, quando necessário.

O Coro da UEL, nesse período, teve grande projeção por ter sido duas vezes vice-campeão do Concurso de Coros do Jornal do Brasil, no Rio de Janeiro, nos anos de 1978 e 1980¹⁶. Passou a ser referência na música coral. Gravou dois Lps que contaram com produção e promoção cultural da UEL/Casa de Cultura/Setor de Música e colaboração do MEC/FUNARTE/INM.

Consta na contracapa do primeiro LP que o Conjunto Musica da UEL acompanhava o coro e que era um:

Grupamento informal quanto à organização instrumental e despretensioso quanto ao repertório que desenvolve – surgiu como uma necessidade básica de ampliar as possibilidades interpretativas do Coral e, principalmente, como motivação, como primeiro impulso com vistas à formação de uma orquestra Sinfônica Universitária, objeto da maior preocupação na UEL. O Conjunto Música nasceu com o próprio

¹⁶ Ver fotos no DVD em anexo, faixa imagem 011 – 004.

renascimento do Coral, isto é: seus ensaios preliminares ocorreram no primeiro semestre de 1976. Atualmente formado por quatro violinos, quatro violões, duas flautas transversais, flautas doces, teclado e percussão variáveis, funcionando como laboratório para a prática de música em conjunto, assim como servindo para outras experiências sônicas, o Conjunto Música vem se constituindo, para os jovens músicos de Londrina e sob a égide da Universidade, em significativo fator de interesse pelo estudo de instrumentos de orquestra. Hoje, tanto o Coral como o Conjunto Música são realidades artísticas atuantes na vida cultural da região. Entusiasticamente dirigidos pelo maestro Othonio Benvenuto, que encontrou na pessoa do Reitor, Dr. Oscar Alves, um dos maiores incentivadores do seu trabalho; recebendo incomum prestígio por parte de professores, alunos e funcionários; e, além do mais, recebendo adesões generosas e eficientes de membros da comunidade, pôde o maestro Benvenuto, desde o início de suas atividades na UEL, contar com o estímulo e apoio necessários ao desenvolvimento de um sério trabalho no campo da música vocal-instrumental, cujos resultados positivos cedo repercutiram na região geo-educacional da Universidade de Londrina.

O Conjunto Música culminou com a criação da OSUEL, em 1984. Com isso o Coro da UEL passou também a realizar programas conjuntos com a Orquestra. Desde então, anualmente, esses dois grupos se apresentam conjuntamente em cerimônias oficiais da instituição, como as formaturas, posse de reitor, concertos de encerramento de temporada anual.

O Coro da UEL viajou para muitas cidades do Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo, Mato Grosso, até da Argentina e do Uruguai, entre outros locais

Recordo-me de que, quando tínhamos apresentações que nos exigiam em demasia, ou para uma viagem, ensaiávamos exaustivamente. No entanto, o clima entre os cantores era sempre de entusiasmo e alegria, de forma geral. Na época, como ensaiadora iniciante, lembro-me de que o grupo de ensaiadores estudava muito, pois sabíamos que, a qualquer momento, seríamos chamados para dar exemplos vocais para o coro todo ou para algum naipe específico. Lembro-me também de que ensaiávamos muito para que tudo fosse perfeito, mas se ocorresse algum deslize em cima do palco, na hora da apresentação, isso deveria ser aceito, desde que não fosse resultado de negligência anterior. Em certa ocasião, quando fui a ele, com a intenção de me desculpar pelo resultado, um tanto decepcionante, de uma atuação minha, o maestro disse-me que antes do palco devíamos dar tudo de nós, brigar, ser incansáveis; após o

palco, entender, respeitar e aceitar o que tinha sido o possível. Essa resposta, que nunca imaginava ouvir, fez-me entender o que é respeito e responsabilidade para com o trabalho.

Convivi pouco no Coro da UEL com o maestro Benvenuto, pois ali iniciei em 1989 e ele deixou o Coro em 1990, embora tenha cantado em outro grupo que ele regeu, após essa data. Éramos exigidos profissionalmente. A ele não interessava se não sabíamos determinado assunto. Devíamos buscar soluções. Lembro-me de ter que tocar um surdo enorme numa formatura da UEL, no Moringão¹⁷, para acompanhar o coro. Embora não tivesse experiência, tinha tempo para estudo, então deveria resolver tal questão. Ele ensinava se necessário, mas éramos nós que devíamos resolver nossas dificuldades, pois, com certeza, seríamos cobrados, uma vez que éramos profissionais. Discutíamos, internamente, em busca de uma solução conjunta. Externamente, ele defendia com furor o coro e o grupo de ensaiadores. Percebíamos claramente as suas metas. Não desistia facilmente daquilo que acreditava ser o melhor para o Coro, como no episódio quando invadiu a reitoria forçando o reitor a recebê-lo para resolver uma questão muito séria de segurança do espaço físico, que o Coro da UEL ocupava. Era assim impetuoso e buscava o que era correto.

Em julho de 1990, o maestro Benvenuto deixou o Coro da Universidade e quem passou a regê-lo foi a maestrina Lucy Maurício Schimiti, que havia sido sua assistente no início da década de oitenta. Depois, afastou-se dessa função, ficando com sua carga horária integral no departamento de letras da UEL.

Lucy Maurício Schimiti assumiu o Coro da UEL em agosto de 1990, como regente titular. Nessa época, o Coro Infantil, que estivera com as atividades suspensas, retomou-as sob sua regência. Após algum tempo de trabalho com o Coro Infantil, criou-se o Coro Juvenil, como consequência, pois as crianças iam crescendo e não tinham como continuar integrando o grupo de vozes infantis. A ampliação da Seção Vocal, quanto ao número de grupos,

¹⁷ Ver foto do Coro em uma formatura no Moringão no DVD em anexo, faixa imagem 011 – 007.

aconteceu neste período. As pessoas que não eram aprovadas para os coros passaram a ter a oportunidade de ter aulas de educação musical em oficinas, para crianças, jovens e adultos. Com isso criaram-se mais três grupos em sistemas de oficinas.

O Coro da UEL, neste período, fez apresentações em diversas cidades, como Bauru e Agudos¹⁸, SP; São Sebastião, SP¹⁹; Ponta Grossa, PR; Cascavel, PR; Foz do Iguaçu, PR; Antonina, PR; Balneário Camboriú, SC; entre outras. Os coros realizavam dois concertos anuais no Teatro Ouro Verde, chamados de Concertos de Temporada. Também ocorriam concertos com a OSUEL em solenidades oficiais da universidade, como formaturas ou em comemoração às festividades de fim de ano. Nessa época também houve alguns cursos em parceria FUNARTE/UEL que foram ministrados especificamente para a equipe de ensaiadores do Coro da UEL com os maestros Elza Lakschevitz, Samuel Kerr, Vilson Gavaldão de Oliveira e com as professoras de técnica vocal Gláucia Henriques e Lucia Passos. Esses cursos promoviam, além de capacitação, uma oportunidade para que os cantores do Coro conhecessem outros regentes e pudessem ser ensaiados e regidos pelos mesmos. A partir de setembro de 1998, a maestrina Lucy Maurício Schimiti permaneceu na regência apenas dos coros infantil e juvenil, além de ministrar aulas no departamento de música e de letras da UEL.

Com a saída da maestrina Lucy Schimiti, para não parar as atividades, assumiu a regência um dos membros do corpo técnico de ensaiadores, Denis Pereira do Amaral Camargo. Ele entrou numa situação emergencial com o propósito de permanecer alguns meses, até que a UEL contratasse um novo regente. No entanto, o governo do estado do Paraná não autorizou contratações nas Instituições de Ensino Superior do estado por muitos anos. Dessa forma, o período que seria de meses se transformou em quase cinco anos. Esse

¹⁸ Ver foto informal do Coro no DVD em anexo, faixa imagem 011 – 017.

¹⁹ Ver foto informal do Coro no DVD em anexo, faixa 011 – 015.

período transcorreu com ensaios, apresentações oficiais²⁰, viagens, enfim, com o empenho da equipe e cantores em manter o coro em atividade. Durante esse tempo, a Seção Vocal cresceu um pouco mais, e foram criados outros coros na instituição, um no Hospital Universitário e outro no Hospital das Clínicas, ambos hospitais da UEL, além do Coro Tempos Dourados, para pessoas da terceira idade. A equipe de ensaiadores iniciou esses grupos. Com isso o movimento coral da instituição cresceu. Os coros dos hospitais atendiam especificamente os funcionários.

Nesse período, o Coro da UEL apresentou-se em festivais em Londrina e, algumas vezes, em outros festivais, como o de Cabo Frio, RJ e o de São Lourenço, MG²¹. Foi uma época de dificuldades, pois o estado do Paraná não permitiu contratações nas universidades estaduais. O Coro recordou algumas peças do repertório, além de cantar e enfatizar músicas mais populares.

Em julho de 2003 houve a possibilidade da UEL contratar um novo regente. Houve interesse da equipe técnica e do Coro pelo maestro Vilson Gavaldão de Oliveira que era professor na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Após contatos, o referido maestro aceitou assumir o Coro da UEL. O segundo semestre de 2003 funcionou com o maestro deslocando-se constantemente entre Londrina e Porto Alegre. Após vários entendimentos, UFRGS, cedeu o maestro Vilson para a UEL. Isso ocorreu a partir de 2004, e o maestro mudou-se para Londrina. A cedência, que devia ser renovada ano a ano, prolongou-se até 2007. A partir de então esta possibilidade legal foi suprimida, e ele precisou retornar ao seu órgão de origem, a UFRGS, em agosto de 2007. O Coro da UEL, nessa época, montou e executou um programa bem desafiador: “Amor: Idas & Vindas”²². Desafiador, pois entrava

²⁰ Ver foto no DVD em anexo, Coro no Festival UNICANTO de Corais, em Londrina, faixa imagem OgAAAE8MRhKzp.

²¹ Ver foto no DVD em anexo faixa imagem 011 – 020.

²² Ver trechos da filmagem do espetáculo “Amor: Idas e Vindas” que foram recortadas de um especial gravado pela TV Tarobá/Rede Bandeirantes no DVD em anexo, pasta vídeos, texto, e músicas: Nos Bailes da Vida, Prece ao Vento, Ay Linda Amiga e Timoneiro.

em cena, além da música, um pouco de movimentação cênica, iluminação, textos, declamação, solos, duetos, isto tudo amarrado num só espetáculo. Para o coro não foi fácil a montagem, demorou meses e o interessante era que os cantores participavam cada qual, em favor do grupo, com algo a mais. Um que fazia a marcação cênica, outro escreveu os textos que uniam as músicas do repertório, mais um fez a locução gravada na rádio e que, depois, foi inserida no programa, uma comissão pensou o uniforme, enfim foi uma montagem coletiva. O Coro da UEL começou a montar o “Amor: Idas e Vindas” com o objetivo de viajar com esse programa. Ao invés de viajar para participar de festivais cantando três ou quatro músicas, o objetivo era desenvolver um repertório maior, com o coro fazendo um espetáculo de 50 minutos a uma hora e levar isso a cidades e teatros interessantes. Esse projeto visava resgatar a autoestima do grupo que estava em baixa. No início, não foi fácil. Os cantores precisaram tornar-se mais ágeis, atuando como antes nunca tinham experimentado, como cantar movimentando-se pelo palco. O Coro pôde viajar com o “Amor: Idas e Vindas”, em 2004, percorrendo, em uma semana, as cidades de Botucatu, SP; Itajubá, MG; São João Del Rey, MG e Poços de Caldas, MG. No ano de 2005 viajou também por uma semana para a região sul, cantando nas cidades de Itajaí, SC; Blumenau, SC; Nova Petrópolis, RS²³ e Porto Alegre, RS²⁴. O Coro viajou com um efetivo de 43 cantores. Além dessas duas excursões maiores, apresentou-se em Londrina e cidades da região com o mesmo espetáculo.

Com a saída de Vilson Gavaldão de Oliveira, em agosto de 2007, novamente assumiu a regência do Coro, em situação emergencial, Denis Pereira do Amaral Camargo²⁵, membro da equipe de ensaiadores. Em fevereiro de 2008, assumiu a regência o maestro Jailton de Jesus Santana, professor do departamento de música da UEL.

²³ Ver foto de ensaio em Nova Petrópolis, no DVD em anexo, faixa PB170236.

²⁴ Ver foto de parte do Coro informalmente antes da apresentação em Porto Alegre, no DVD em anexo, faixa 140159.

²⁵ Ver clipe e fotos do Coro se apresentando informalmente no Shopping Contour Londrina, em dezembro de 2007, no DVD em anexo, faixa 2 MOV 3548; ver fotos DSCO3547 e OgAAAIUxKDI.

De 2008 até 2010, o Coro participou de apresentações em Londrina e região²⁶, cantou com a OSUEL, fazendo concertos como o Lobgesang de Mendelssohn, trechos do Messias de Haendel, entre outras peças. O Coro da UEL viajou em junho de 2010, para Piracicaba, SP, para participar do IV ENACOPI²⁷, Encontro de Coros. O maestro Jailton Santana se desligará do Coro da UEL a partir de julho.

Desde que estou junto à equipe de ensaiadores, ou seja, dezembro de 1989, o Coro da UEL já viveu momentos de maior expressão como também de crise. A UEL, a cada quatro anos, elege um novo reitor. Isso muitas vezes se reflete na condução dos trabalhos, pois, em alguns momentos, o Coro teve grande apoio institucional e em outros, nem tanto. No entanto, o que mantém o Coro instituído, mesmo quando ficamos sem regente, é o grupo de profissionais que realizam os ensaios e que é um corpo estável, pois somos todos concursados, e um grupo fiel de cantores. Os cantores sabem e já viveram momentos de incerteza, de crise, sem o regente titular, mas sabem que os ensaios não param. Quando isso ocorre, gera uma instabilidade no grupo. Os cantores, muitas vezes, já se mobilizaram, solicitando da instituição providências e apoio.

O Coro da UEL teve ao longo desses anos a colaboração de sete regentes e muitos cantores. Cada um colaborou para a construção da identidade e trajetória musical dele. Desde que iniciou suas atividades, nunca parou, mesmo na falta de um maestro titular, pois a estrutura do Coro da UEL permite isto: a equipe de ensaiadores concursados, desde a década de oitenta, que realizam ensaios e regem outros coros na instituição, além de dirigirem as oficinas de educação musical para crianças, jovens e adultos da Casa de Cultura.

Essa é uma breve história do Coro da UEL e de como os trabalhos têm se desenvolvido ao longo dos anos neste grupo que, também, originou todo o movimento coral e orquestral da instituição.

²⁶ Ver foto no DVD em anexo, no Festival Internacional de Coros de Maringá PR em 2009.

²⁷ Ver fotos do Coro no DVD em anexo, na Igreja Metodista de Piracicaba, em 13/06/2010, na faixa imagem OgAAADvh e no IV ENACOPI, no Teatro, em 12/06/2010, na faixa imagem OgAAAL-Pq3AxXKc.

A seguir, trataremos da revisão de literatura sobre coro.

1.2 Revisão de Literatura

Verificar a literatura e as pesquisas empreendidas no campo coral dá suporte para análise e compreensão dos resultados que foram obtidos com este estudo, além de contribuir para o preenchimento de lacunas na área do canto coral.

As pesquisas atuais e a literatura da área musical têm dedicado espaço aos estudos na área do canto coral. A área é vasta e envolve diferentes instâncias, como a que trata da técnica e gestual de regência; dos aspectos sociais e pessoais que envolvem todo o trabalho, a partir tanto do universo do cantor quanto do regente. São artigos, monografias, dissertações e teses que, a partir da década de 1990, têm discutido o coral sob tais aspectos.

Pelos títulos das pesquisas, observamos a grande diversidade de temas relativos ao canto coral. Podemos citar: “O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-musical”, (Amato 2007); “O processo de socialização do canto coral: um estudo sobre as dimensões pessoal, interpessoal e comunitária”, (Pereira e Vasconcelos, 2007); “O canto coral como agente de transformação sociocultural nas comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho – Educação para a liberdade e autonomia” (Lima, 2007); “Coral da UFSM: de um “Canto” a outro, a observação das práticas e sentidos da música na instituição” (Rasslan, 2007); “Coral Cariúnas: identidade, significado e performance”, (Carvalho, 2007); “Coros de empresa como desafio para a formação e a atuação de regentes corais: dois estudos de caso”, (Teixeira, 2005); “Afinando diferenças: o processo de construção artística do Coral Cênico Cidadãos Cantantes”, (Maluf, 2005); “A história do coral universitário na PUC Campinas (1965-2004)” (Soares, 2005); “Diagnose em canto coral: parâmetros de análise e ferramentas para avaliação” (Costa, 2005); “Avaliação do canto coral: critérios e funções” (Andrade, 2003); “O canto coral sob a perspectiva da educação musical formal” (Assumpção, 2003); “Construindo

a identidade coral: a formação do pensamento musical a partir da Teoria dos Complexos de Vigotsky – um estudo de caso” (Sena, 2002); “O canto coral na cidade de Fortaleza/CC: 50 anos (1950-1999) na perspectiva dos regentes” (Schroder, 2002); “Expressão corporal a partir do ritmo musical: um caminho para interpretação na música coral” (Santos, 2002); “Avaliação em execução musical: estudo sobre critérios utilizados por regentes de grupos corais escolares” (Andrade, 2001);” O ensaio coral como momento de aprendizagem – a prática coral numa perspectiva de educação musical”, (Figueiredo, 1990).

Quando atemos o olhar com maior profundidade em algumas dessas pesquisas, elas resumidamente apresentaram os seguintes resultados, segundo seus pesquisadores.

Lima (2007) pesquisou como o canto coral pode colaborar para a transformação sociocultural de crianças carentes. Criou o “Coral Meninos de Luz” na comunidade Cantagalo e Pavão-Pavãozinho, na cidade do Rio de Janeiro, porque as crianças não tinham esta atividade como parte de sua rotina. Propôs que a mesma fosse realizada como atividade de lazer. Realizou entrevistas com as crianças participantes, e elas reconheceram que o Coro lhes tinha proporcionado experiências, como entrar em contato com um novo universo sonoro, com lugares e grupos sociais, além de vivenciar a experiência de palco. Sentiram que seu comportamento havia mudado, pois estavam mais seguras, com maior concentração, criatividade e autoconfiança.

Pereira e Vasconcelos (2007) partiram da hipótese de que o canto coral implica no desenvolvimento humano, enquanto agente socializador. Realizaram entrevistas com regentes de Coros institucionais de Goiânia (GO) e estas revelaram a consciência desses profissionais sobre o potencial de socialização desse processo, bem como embasaram a pesquisa na sociologia, na psicologia educacional e na pedagogia musical. Essa pesquisa, embora tenha como enfoque principalmente o Coro como agente socializador, converge para o nosso trabalho, uma vez que o “espaço Coro” é analisado sob a perspectiva das relações humanas e

não apenas em nível técnico-musical.

Amato (2007) afirma que o Coro é um espaço que gera aprendizagem musical, desenvolvimento vocal, integração e inclusão social. Segundo a autora, o regente necessita de várias habilidades e competências, além das musicais, para gerir e conduzir pessoas que buscam motivação, aprendizagem e convivência em um grupo social. Os resultados dessa pesquisa forneceram subsídios e fundamentação para outros trabalhos; indicaram soluções para problemas cotidianos, que se apresentam nos grupamentos corais; estabeleceram reflexões sobre o canto coral como ferramenta de motivação, integração, inclusão social e desenvolvimento de habilidades e competências, tanto para o regente como para o cantor. A pesquisa apontou, ainda, como o Coro é o resultado do inter-relacionamento das pessoas e de seus objetivos. Este pensamento converge para o campo de estudo que desenvolveremos, pois a preocupação da autora reforça a necessidade de ampliarmos o entendimento sobre o Coro. Embora a pesquisa citada não esteja embasada na Teoria das Representações Sociais, conflui com o estudo que propomos sobre o Coro. Percebe-se que há a necessidade de se buscar e fundamentar o entendimento sobre os resultados apresentados e construídos pelas pessoas que participam de uma atividade coral.

Teixeira (2005) pesquisou a formação e atuação de regentes corais para Coros de empresa. A partir de dois estudos de caso, observou e comparou como a dinâmica regente/empresa/cantores ocorre, e analisou como a formação, em nível superior, dos regentes possibilita ou não, suporte para os trabalhos práticos e rotineiros numa empresa.

Andrade (2001) investigou os critérios utilizados pelos regentes corais para avaliar a execução musical de Coros escolares, buscou, ainda, estabelecer a finalidade do ensino de canto coral nas escolas e verificou qual era a formação dos regentes que ali atuavam.

Figueiredo (1990) abordou, no decorrer de seu trabalho, questões da atividade coral, como observação do ensaio coral como momento de ensino e aprendizagem e a construção do

conhecimento musical durante os ensaios. Para tal estudo realizou quatro observações em cada um dos cinco Coros eleitos para a pesquisa: discutiu a complexidade da função/formação do regente e concluiu que existe pouca profundidade na formação musical do mesmo; constatou que os Coros apresentam grande heterogeneidade de cantores cuja maioria destes não possui conhecimento formal de música e são de diferentes faixas socioculturais; constatou que a individualidade dos regentes se sobrepõe constantemente ao conhecimento, dificultando a continuidade dos trabalhos, numa eventual substituição desses regentes. Isso, segundo o pesquisador, leva os Coros a caminhos muitas vezes tortuosos. Cabe, portanto, segundo ele, ao regente abordar a transmissão do conhecimento musical, a qualidade da expressão vocal e a postura perante a obra de arte. Defende, ainda, que o ensaio é um momento decisivo para a construção do conhecimento musical: é no ensaio que o regente orienta, repara, corrige e aperfeiçoa.

Essas pesquisas colaboraram para entender como existem inúmeros aspectos que envolvem a dinâmica do canto coral e como os mesmos têm sido abordados. O Coro, muitas vezes, é visto com múltiplas funções e pode ser promotor de expressão artística, de lazer, de aprendizagem musical, de avaliação musical, e ser agente socializador.

No entanto, o olhar dos pesquisadores tem se apresentado sob prismas diferentes do que aqui se propõe. Pretendemos colaborar com um maior entendimento do universo coral, ampliando assim as análises que, até hoje, têm se fragmentado, ora com foco mais intenso no indivíduo, ora no objeto música. Com isto, temos visto uma abstração dos sujeitos e mundo. Portanto, buscamos realizar a pesquisa restabelecendo o elo entre sujeito e sociedade, com a fundamentação teórica que apresentaremos a seguir.

2 QUADRO TEÓRICO

Percebemos que, de forma geral, e como apontamos sinteticamente no capítulo 1, as pesquisas mais atuais têm se preocupado com as relações humanas e buscam também, investigar como essas ocorrem no ambiente de um grupo coral. Observamos que a influência das mesmas tem sido pensada na construção do trabalho coral. No entanto, ainda há espaço para uma discussão com maior aprofundamento, pois há necessidade de se utilizar uma teoria que dê suporte aos questionamentos e que também alimente as conclusões sobre o Coro e sobre as relações entre cantores e regentes. Escolhemos por isso embasar e compreender, sob o amparo da teoria das Representações Sociais, de que modo a estrutura musical de um Coro se apresenta e é representada, e como a mesma está à mercê das relações empreendidas entre as pessoas, nesse contexto. Utilizamos ainda as Funções da Música de Allan Merriam, pois apresentam convergência com a Teoria da Representação Social, de Serge Moscovici. As mesmas puderam nos auxiliar nas análises das entrevistas e levaram-nos a um entendimento antropológico da música, ou seja, colaborar na interpretação do por que as pessoas cantam em coros, permanecendo, às vezes, no mesmo grupo por muitos anos, como é exemplo no Coro da UEL.

A escolha da teoria das Representações Sociais, para realizar a fundamentação teórica desta pesquisa, deve-se ao fato de a mesma possibilitar questionamentos, reflexões, procedimentos e análises de um grupo social, no nosso caso, o Coro da UEL.

Resumindo: as Funções da Música de Allan Merriam nos auxiliaram no entendimento do como e por que os cantores cantam em Coro e muitos ali permanecem bastante tempo, e a Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici, desenvolvida no

no âmbito epistemológico da retórica, auxiliou-nos no entendimento do organismo Coro e como o mesmo se constrói.

a. Teoria das Representações Sociais

A Teoria das Representações Sociais foi apresentada por Serge Moscovici, psicólogo francês, em 1961, e explica que o objeto é resultado da construção do sujeito num contexto de relacionamento individual e com a sociedade. Esta teoria busca combater a fragmentação e o reducionismo das disciplinas que ainda hoje deixam resquícios, pois viam o homem como ser vazio e distante de seus afetos, suas emoções, suas necessidades e sua cultura. “As representações sociais caracterizam-se como espaços de trocas, ao mesmo tempo em que as viabilizam” (Madeira, 2001, p.128). Jodelet (1989) afirma que as representações sociais, por meio das dimensões intrínsecas, de forma relacional e articuladora, são um saber organizado e dinâmico. É um saber de ordem prática que orienta a comunicação e a conduta das relações. Os objetos socialmente construídos apresentam tanto a pluralidade quanto a diversidade nas relações pessoais que vão se construindo ao longo do tempo. Este é um processo que mostra a singularidade e pluralidade das relações sociais.

O Coro da UEL, enquanto provável objeto de representação, constitui-se como um meio de relações dinâmicas. Seus cantores e regentes, ao longo do tempo, talvez tenham construído a possibilidade da representação Coro. Os cantores comportam-se diferentemente com cada maestro e com cada membro que adentra o grupo. O resultado final parece refletir-se de forma mais coesa e uniforme quanto mais participativo e interativo se faz o grupo.

Este jogo de relações, entre individual e social, chama-se de campo de representações sociais. O sujeito, no seu viver, estabelece, dia a dia, a articulação do objeto à sua história de vida.

A representação social estrutura-se no enraizamento social de atribuição de sentido ao objeto. Esta atribuição não é algo definitivo, mas processual, pois constantemente está se integrando com novas informações e experiências. Isto leva à articulação com a cultura e o real, então se torna concreto. O real só existe, para o homem, a partir do significado e assim torna-se concreto.

As representações sociais construídas pelas pessoas na sua relação com as demais dizem do seu viver, organizam as comunicações e suas condutas no e com o mundo. “O homem se faz e se expressa em relação com o outro” (Madeira, 2001, p.132). Na produção de representações sociais estão articulados o psíquico, o social e o histórico, entre o sujeito e o mundo concreto, objetivo, num tempo e espaço. A racionalidade explica-se como um “saber do viver”. As representações sociais estruturam-se como “um saber prático”, pois estão imbuídas de um constante formular e reformular as relações entre sujeito - sujeito - mundo que constitui o significado das coisas do mundo. Assim, afirma-se a potencial transformação da representação social de algo do mundo, vinculando o dinamismo de uma cultura e de uma história.

As representações sociais são construídas na aproximação e no distanciamento das pessoas, em seus grupos sociais de referência, e propõem-se a explicar os mecanismos psicológicos e sociais que atuam na construção do conhecimento. São teorias coletivas do real, abarcando as condutas e baseadas em valores constituídos pelas pessoas de um grupo social orgânico.

“As representações aglutinam a identidade, a cultura e a história de um grupo de pessoas. Elas se inscrevem nas memórias sociais e nas narrativas e modelam os sentimentos de pertença que reafirmam a membros individuais sua inserção no espaço humano”, (Jovchelovitch, 2007, p.175).

A análise da gênese das representações sociais, segundo Moscovici, implica dois

processos cognitivos: a objetivação e a ancoragem.

A objetivação é a transformação de uma idéia ou conceito em algo concreto. As informações são analisadas e separadas de acordo com condicionantes culturais e por critérios normativos do grupo. Isso fornece uma imagem do objeto da representação, também chamado de núcleo ou esquema figurativo. Esse núcleo mantém as normas, condutas e diretrizes. Uma intervenção social que pretenda modificar a representação somente terá êxito se for dirigida prioritariamente a esse núcleo figurativo.

A ancoragem é o “enraizamento” social da representação. É a inserção orgânica num conjunto de crenças já estabelecidas. Ancorar é “rotular, classificar e utilizar estes processos para nos familiarizar com algo que nos é estranho”, (Mazzotti, 2000, p.2).

O Coro da UEL, composto por cantores e regentes pode vir a ser objeto de representação social, pois possui uma intrínseca rede de relações dinâmicas entre seus sujeitos, organizados para uma meta comum: cantar em grupo. A dinâmica do trabalho coral acontece a partir desse relacionamento social que envolve os sujeitos: cantores e regentes.

Essa comunicação interna ocorre no espaço entre os sujeitos e o que se constrói. Essa relação rege e reconstrói os próprios sujeitos. É uma relação social dinâmica que constantemente deve ser refeita.

Os sujeitos trazem consigo suas histórias de vida, seus sonhos, seu capital cultural único, que se imbrica neste colocar à disposição e refazer a partir do outro, também. É uma construção contínua. “Temos, portanto, os vínculos sujeito-sujeito-objeto-projeto-tempo-contexto-ação comunicativa como fenômenos constituintes do processo total do fenômeno representacional” (Jovchelovitch, 2004, p. 23). Com isto, observamos que uma dada representação social apresenta características próprias. Apresenta também uma função mediadora entre indivíduo e o meio e, também, entre os membros do mesmo grupo.

É nesta dinâmica do “entre” sujeito-sujeito-mundo que acontece o saber. O

aprendizado ocorre a cada momento em que o sujeito amplia seus esquemas cognitivos.

A psicologia social é a “ciência do entre”, (Jovchelovitch, 2004, p.21), pois ali residem as categorias da identidade, do eu, do discurso, da representação e da ação.

A intersubjetividade eu-outro-objeto manifesta-se, no Coro, pelas pessoas e entre as mesmas e isso promove uma dinâmica no grupo, para o grupo e com o grupo. É desta intersubjetividade que o processo de construção e reconstrução do objeto Coro acontece. É no espaço “entre” que esse processo ocorre. Tem-se assim o Coro como resultado desta intersubjetividade construída pelas pessoas, bem como as pessoas se transformando a partir das outras e do objeto Coro. O relacionamento grupal sofre influências, pois cada pessoa tem seus sentimentos, suas emoções e, também, o seu posicionamento dentro do grupo. No caso do Coro da UEL, tentaremos explicitar essa dinâmica.

Trataremos da questão propriamente musical no capítulo 3.

3 A DINÂMICA MUSICAL INTERSUBJETIVA

Hargreaves (1999) analisa a música na vida diária das pessoas e afirma que se podem reduzir as funções psicológicas da música a três domínios: cognitivo, emocional e social.

Segundo esse autor, a função social tem sido negligenciada em pesquisas e a função cognitivo-emocional tem tido mais ênfase. Propõe, ainda, que seja dada maior atenção àquela, pois diz que muitas das funções da música são primariamente sociais. Cita três mudanças que afetaram o setor musical: 1. O advento tecnológico trouxe computadores pessoais que podem ser conectados à internet, onde há bancos de música de todos os tempos, facilmente acessíveis; 2. A música passou a ter portabilidade e mobilidade sendo levada pelo rádio e TV, CDs, celulares, chips, minidiscs, para vários espaços da casa, como salas, cozinha, banheiro, e, assim, a música exerce uma função de acompanhante onde quer que se vá, promovendo uma experiência musical individualizada; 3. O desenvolvimento de tecnologia MIDI de gravação fez com que a linguagem musical de instrumentos pudesse ser gravada, manipulada e transferida para outros computadores e ou aparelhos por compositores, arranjadores, enfim, pela indústria principalmente de música popular. Tudo isso gerou um grande mercado. Afirma, ainda, que, hoje, quando as crianças entram na escola, já ouviram mais música que seus pais e avós ouviram a vida toda. Há de se procurar entender, então, o papel da música na sociedade atual.

Estamos imersos num mundo cada vez mais sonoro. O autor apresenta três fatores que mostram a importância da música para os indivíduos: a autoidentificação, o relacionamento interpessoal e o humor.

O cantor de coro ou quem busca uma atividade musical, muitas vezes, procura o relacionamento com outras pessoas, o autoreconhecimento e autoafirmação como indivíduo competente, que busca, também, alegria ou prazer, enfim, uma condição diária de extravasar suas dores e ou angústias. Temos, dessa forma, a utilização da música em sua função social.

O trabalho de Merrian abarca essa discussão com propriedade e de maneira clara, objetiva. Portanto, optamos por sua abordagem para fundamentar parte da nossa análise.

3.1 Funções da Música

Hargreaves observa que Allan Merrian, antropólogo, em 1964, elegeu dez categorias para a música na vida cotidiana. São elas:

1. Função de expressão emocional. Esta função utiliza a música como meio para expressar ideias e emoções que não se revelam no discurso. Atua como uma liberação de sentimentos, podendo promover estados de tranquilidade, nostalgia, solidariedade, patriotismo, excitação, divisão de emoções, desabafo de frustrações, entre outros. Manifesta-se inclusive por alterações corporais, como arrepios, batimentos cardíacos alterados, ou seja, causa reações físicas. Mostra-nos a força da música, pois age como uma válvula que descarrega sentimentos. Promove efeitos emocionais como alterações nos estados de humor. Esta função não pode ser expressa de outra forma, como palavras. Percebe-se o envolvimento completo entre corpo e mente, ação e emoção, principalmente no momento de atuação do músico e na ligação com o público, quando ambos são cúmplices. Um show de jazz, por exemplo, com os vários improvisos, provoca vibração e aplausos do público. Percebemos, nesse contexto, que músicos e platéia extravasam juntos suas próprias emoções.

Também, no canto coral, acontecem momentos de realização musical, como quando uma emoção é dividida ou somada, entre regente e cantor, entre coro e público. É muito prazeroso ser envolvido por uma regência em que transparecem as intenções de interpretação do regente sobre a obra. Quando o gestual ultrapassa as marcações de padrões de compassos, quando se tem um estilo próprio e quando o coro responde às intenções musicais propostas, mesmo que não haja um acordo verbal prévio, ocorre o envolvimento entre regente, coro e público. Quando é possível vivenciar momentos assim, num concerto há entendimento e fruição da mesma emoção pelo regente, coro e público. O difícil, em tais situações, quando se é regente ou cantor, é ter controle sobre sua própria emoção, mas deixar que o público sinta toda essa carga de expressão. Após concertos em que se conseguem tais momentos, as pessoas da platéia, normalmente emocionadas, contam-nos que sentiram calafrios, verteram lágrimas, entre outras sensações. O emocional provoca reação física.

2. e 3. Funções de entretenimento e de prazer estético que estão interligadas e ocorrem tanto em nível do criador como do contemplador. Cultura e estética estão associadas tanto nas culturas ocidentais como nas orientais, no entanto nas que não se utilizam de elemento gráfico para se expressar soa discutível, segundo Merriam. Ressalta também que música como divertimento está presente em todas as sociedades. Estas funções caracterizam-se por unir as pessoas a seus contextos, como festas, concertos e ou a objetos de contemplação.

Na música coral temos diversos festivais que ocorrem pelo Brasil e mundo afora. Participar desses eventos é sempre um desejo dos coros. Durante esses encontros de coros, podemos ver, ouvir e apreciar o que outros realizam, além de podermos também mostrar nosso trabalho. Normalmente os festivais duram de três a cinco dias. A cada noite, há apresentação de vários grupos, com estilos e repertórios diversos. Atualmente é mais difícil viajar para festivais devido a questões financeiras. Em outras épocas, os promotores recebiam

os grupos oferecendo-lhes estadia e alimentação e, às vezes, até transporte. Isso facilitava esse intercâmbio musical.

4. Função de comunicação. A música comunica algo, embora incerto: o quê, como ou a quem. Merriam, no entanto, não vê a música como linguagem universal, mas como fenômeno. Cada cultura a compreende baseada em seus significados e valores inerentes àquele contexto. A música, no entanto, é uma atividade humana e pressupõe que seja feita de pessoa para pessoa. Uma sem a outra não é completa. Este compartilhamento gera uma comunicação, ainda que não se saiba como se processa tal fato, mas, pela própria existência, já significa comunicação. “O mais óbvio, possivelmente, é que a comunicação é efetuada através da investidura da música com significados simbólicos que são tacitamente aceitos pela comunidade”, (Freire, 1992, p.21).

No coro podemos perceber que esta comunicação ocorre de forma explícita no trabalho entre o regente e cantores numa dinâmica inter-relação. Observamos que o regente, gestualmente, pede ou sugere ao cantor nuances interpretativas e estilísticas o que muitas vezes ocorre de forma significativa e convergente. É deste pedido do regente e da resposta do cantor que acontece a comunicação musical no grupo. Uma comunicação que não tem um significado único e universal, mas que é compreensível àqueles que ali a estabelecem a partir da dinâmica musical que envolve o Coro.

5. Função de representação simbólica. Caracteriza-se como a construção social de um significado musical em contextos particulares culturais, ou seja, é símbolo de representação de outras coisas, idéias, comportamentos. Isso pode ocorrer através das letras ou por sentimentos sugeridos. Para o cantor que vai semanalmente ao coro, o próprio coro pode ter uma representação em sua vida, como um espaço para

amizades, uma oportunidade de aprendizagem, um momento para relaxar, enfim conforme a simbologia empregada por cada membro daquele grupo.

Há coros com formações muito específicas, como coros ligados a clubes e sociedades de imigrantes, por exemplo. Neles observamos que o repertório é voltado aos seus valores culturais, além do próprio idioma.

Merriam citado por Freire (1992) diz que “a música é simbólica de muitas maneiras e reflete a organização da sociedade” (p. 22).

6. Função de reação física. A música tem o poder de provocar comportamentos de grupos. Por exemplo, há músicas como incentivo para guerreiros ou caçadores enfrentarem seus objetivos. Realizaram-se alguns estudos mostrando a influência da música sobre o organismo humano. É fato sabido que, quando ouvimos uma música rápida, há um aceleração de todo o corpo humano, e, quando ouvimos algo mais calmo e lento, nosso organismo passa a pulsar dessa forma também.

7. Função de impor conformidade às normas sociais. Esta função acontece em muitas culturas com o objetivo de advertir diretamente, segundo Merriam (1964, p. 224) citado por Hummes (2004), “sujeitos indesejáveis da sociedade, quanto pelo estabelecimento indireto do que é desejável na sociedade” (p.19). Citam-se, como exemplo, as canções de protestos e também as que são utilizadas em cerimônias de iniciação. São canções que podem transmitir, em seus textos, mitos, lendas, história.

8. Função de validação de instituições sociais e rituais religiosos. Função que se assemelha à de impor conformidade às normas sociais. Os rituais são validados pela música que exprime preceitos religiosos. Temos nessa área os coros sacros, que têm função litúrgica dentro dos cultos ou missas. O coro, por meio de repertório adequado, busca evangelizar e cumprir uma função, em cultos ou missas semanais. A

validação de instituições sociais ocorre por meio de músicas que enfatizem o que convém ou não dentro dos valores daquela instituição. São músicas que orientam como as pessoas devem proceder.

9. Função de contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura. Encerra em si as funções anteriores, pois permite expressão emocional, gera prazer estético, comunica, impõe conformidades às normas sociais, provoca reações físicas, enfim, colabora para a manutenção da cultura. Segundo Merriam, o som é resultado da cultura e está construído sobre valores, atitudes e crenças que a permeiam e a modelam. Em Encontros de Coros muitas vezes identificamos as características, até de convivência, de cada grupo através da música apresentada. Dois coros distintos não conseguem nunca apresentar a mesma peça de forma igual, ainda que se combine o andamento, o estilo, o fraseado. Cada grupo é único e apresenta um som original: a identidade daquele grupo.

10. Função de integração da sociedade, pois promove a reunião de um grupo a partir da música. Essa função abarca de maneira explícita o coro, pois ele existe a partir da convivência de pessoas unidas a partir de um objetivo comum, fazer música vocal em conjunto. Atualmente, há coros em empresas, hospitais, clubes, associações de classes, sociedades, ONGS etc. Estas sociedades, embora tenham objetivos distintos, têm, na música, uma fonte geradora de integração.

3.2 As Funções da Música e as Representações Sociais

Observa-se que nos coros há um entrelaçamento das funções da música, uma vez que eles refletem, em seus trabalhos, objetivos e funções não apenas de finalidade musical. Por exemplo, um coro de empresa, embora promova o desenvolvimento musical de seus

integrantes, também pode ter como objetivo melhorar o relacionamento entre seus membros no ambiente de trabalho, bem como consolidar e integrar a instituição a que os mesmos pertencem. Um coro de igreja também tem por função a validação do ritual religioso. Um coro de crianças carentes pode construir socialmente uma oportunidade de elevação da autoestima e de conhecimento, segundo Lima (2007) e assim criar um sentido simbólico não só musical.

Possivelmente, por tudo isso tantas pessoas têm buscado cantar e integrar coros. As necessidades delas ultrapassam o aprender música: não só necessitam conhecimento, mas também sentirem-se promotoras e envolvidas umas com as outras, vivenciando as funções da música.

“O estudo das representações sociais não deve, portanto, se restringir à sua visão como produto, devendo-se também analisar os processos que lhe deram origem” (Duarte, 1994, p. 13). Portanto as Funções da Música convergem e podem auxiliar o entendimento desta dinâmica do cantor e Coro, ou sujeito e representação social, não como produto, mas como processo. A análise desta pesquisa poderá, a partir deste ponto, ter uma visão antropológica sobre a importância do Coro para o seu integrante. Conforme Duarte (1994), produto e processo, conhecimento e suas funções sociais estão imbricados. Atitude, informação e imagem são dimensões da Representação Social. A atitude é ação e disposição favorável da pessoa em representar algo e isto orienta seu caminho; a informação é o que sujeito traz consigo a partir de sua vivência em diversos grupos, e molda e influencia o tipo de representação social que o mesmo constrói; a imagem é, concretamente, o objeto em si. As Funções da Música podem corroborar o entendimento da Representação Social Coro, se a mesma se confirmar, pois o Coro, como representação, pode trazer consigo as funções de estabilizar a cultura, de prazer estético, de entretenimento, de comunicação, do emocional, de representação simbólica e outras. Para que as Funções da Música ocorram, é necessária a

atitude, a informação e a imagem por parte dos cantores, na formação da representação social Coro. Observamos assim as relações entre as dimensões da Representação Social e as Funções da Música. Duarte (1994) afirma que as representações sociais são construções sobre o objeto e expressão do sujeito. É dessa interação que se constrói a representação.

4 METODOLOGIA E ANÁLISE

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa se basearam em entrevistas semiestruturadas realizadas com uma unidade análise. Serão melhores explicitados a seguir.

A Unidade de análise desta pesquisa é composta pelos cantores e ex-cantores, ex-regentes e regente atual do Coro da UEL. Foram entrevistados nove cantores e os sete regentes, que já estiveram frente ao grupo. Os cantores e os regentes participaram ou ainda participam do Coro. Optou-se por entrevistar cantores que estão no Coro há dois anos ou mais. Este grupo foi constituído de forma intencional.

Nosso acesso aos cantores e regentes foi consideravelmente facilitado pelo fato de fazermos parte do corpo de funcionários do Coro desde o ano de 1989. Assim pudemos, ao longo destes anos, conhecer e conviver com os mesmos no Coro.

A técnica de coleta de dados usada foi a entrevista semiestruturada. Durante os meses de julho, agosto e setembro de 2009, tentamos formar uma comunidade via Internet – Orkut para a pesquisa junto a cantores e ou ex-cantores sobre o que é ou foi o Coro da UEL para eles. Essa comunidade teria a função de servir como comparação às entrevistas empreendidas com a unidade de análise. No entanto, não houve uma adesão significativa dos mesmos e, assim, desistiu-se de tal procedimento.

Os horários de entrevistas foram marcados pelos informantes de acordo com sua disponibilidade; no caso de cantores, antes ou após os ensaios; ex-cantores, conforme combinado; ex-regentes, pessoalmente. No entanto, com os regentes, houve a necessidade de realizar uma pela Internet sendo complementada pelo telefone, uma vez que o regente mora em outra região do país e outra pelo telefone devido à preferência do entrevistado. A coleta

desses dados iniciou-se em agosto de 2009 e encerrou-se em março de 2010. A pesquisa utilizou a abordagem qualitativa.

Nas pesquisas sociais, uma das técnicas utilizadas é a entrevista e o questionário, devido à dificuldade em coletar dados sobre as pessoas apenas através da observação. “Na entrevista e no questionário dá-se um grande peso aos relatos verbais dos sujeitos para a obtenção de informações sobre os estímulos ou experiências a que estão expostos e para o conhecimento de seus comportamentos” (Selltviz, Wrigtman e Cook, 1987, p.19).

Os autores citados discorrem sobre vantagens da técnica de entrevistas que, uma vez feitas face a face, garantem o retorno. As pessoas, normalmente, gostam de falar com pessoas amigáveis e que se interessam pelo que pensam. Normalmente, numa entrevista, também há a oportunidade de corrigir o mau entendimento de alguma questão por parte do informante; o tempo da entrevista pode se estender mais e, com isto, é possível conseguir um maior aprofundamento sobre o assunto em estudo. Entendemos que tal justificativa encontra-se em consonância com os cantores e regentes participantes de tal pesquisa, e concordamos com ela. No caso do Coro da UEL, consideramos fundamental esta técnica, pois ali pudemos verificar o quanto o coro significa ou significou para cada integrante, e, inclusive, se realmente se sentem parte importante do Coro.

O conteúdo das entrevistas pode ser sobre o que as pessoas sabem, acreditam, esperam, sentem, desejam ou tem feito. Sellvitz, Wrigtman e Cook (1987) sugerem que se deve pensar em alguns pontos na formulação das questões que guiarão as entrevistas, dentre os quais estes: Esta questão é necessária? De que maneira será útil? São necessárias muitas questões para o tema? A questão cobre adequadamente a área? São necessárias mais questões para confirmar a convicção ou sentimento dos informantes? Os informantes possuem a informação necessária para responderem às questões? O conteúdo da questão contém um viés ou é tendencioso? Os informantes darão a informação pedida? A questão apresenta

influências emocionais e desejos que suscitarão a falsificação de respostas?

Para uma entrevista semiestruturada, estas questões na verdade funcionam como um guia para o entrevistador elaborar seus questionamentos, para colocar o assunto em pauta de forma que os entrevistados se sintam à vontade para contar e falar sobre fatos relativos ao tema, sem que sejam forçados a responderem a um questionário.

Neste estudo queríamos que relatassem suas impressões sobre como o Coro promoveu ou não motivação para que buscassem um relacionamento mais profundo com a música e entre o próprio grupo, além de exporem suas opiniões sobre a influência dele na vida musical da cidade.

“A flexibilidade da entrevista não estruturada, se apropriadamente empregada, ajuda a levantar os aspectos afetivos e valorativos das respostas dos entrevistados e a determinar o significado pessoal de suas atitudes” (Sellvitz, Wrigtman e Cook, p.40, 1987).

Lançamos algumas questões de estudo que se tornaram subitens deste capítulo e são as seguintes: Por que as pessoas em determinado momento procuram/procuraram o Coro da UEL para cantar? Como o mesmo criou sua identidade ao longo de suas fases históricas? Como essa identidade se estabeleceu e se estabelece perante os demais coros da cidade de Londrina? A prática no Coro ampliou e amplia o âmbito das práticas musicais de seus cantores e regentes em seu cotidiano, para além do próprio Coro?

As questões de estudo desdobraram-se em outras questões que guiaram a confecção das perguntas do roteiro da entrevista. O objetivo disso foi o de facilitar as análises das entrevistas empreendidas. Procurou-se também buscar um entendimento mais profundo do objetivo da pesquisa.

Eis então o que norteou as perguntas para o roteiro da entrevista:

1. Como se sentem no grupo, por que cantam no Coro da UEL;
2. Qual, na visão deles, sua participação no Coro;

3. Se o Coro os incentivou a ampliar suas perspectivas musicais e artísticas;
4. Se o Coro é visto como instrumento musicalizador pelos regentes e cantores;
5. Se o Coro é tido como elemento motivador para que se busque um aperfeiçoamento musical com maior profundidade para regentes e cantores;
6. Se estar no Coro insere uma perspectiva de pertencimento a um grupo social de destaque na cidade para regentes e cantores;
7. Se estar no Coro promove aumento nas relações sociais e por isto se procura o grupo, para regentes e cantores;
8. Se regente e cantores são fundamentais para a motivação musical uns dos outros para buscar uma aprendizagem musical formalizada em escolas ou aulas particulares;
9. Se o Coro é procurado pelos cantores, para educar a voz;
10. Se o Coro empreendeu mudanças na vida musical da cidade na opinião de regentes e cantores.

Baseados nos itens acima, formularam-se as seguintes perguntas para as entrevistas.

Para os cantores:

1. Há quanto tempo você canta em Coro?
2. E no Coro da UEL?
3. Por que você canta em Coro?
4. Como você se sente cantando no Coro da UEL? Conte-me um pouco.
5. Por que você escolheu o Coro da UEL para cantar?
6. O que significa o Coro da UEL para você?
7. Depois que você começou a cantar no Coro, conte-me como é isto para você?
8. Desde que você está no Coro da UEL, quantos maestros já passaram pelo grupo?
9. Você se lembra de como era o Coro à época de cada um?
10. O que cada maestro mais prezava, sob seu ponto de vista, à frente do Coro da UEL?

11. Você se recorda de qual apresentação ou quais apresentações mais o marcaram?
12. Como você e seus colegas se sentem ou sentiam em relação à cidade, em participar do Coro da UEL?
13. Complete a frase com três palavras “Cantar no Coro da UEL pra mim é...”

Para os regentes:

1. Em que período ou época você esteve junto ao Coro da UEL?
2. Você já havia regido outros Coros antes do Coro da UEL? Quais, se possível?
3. Por que você rege ou regia Coros?
4. Como era o Coro da UEL à sua época? Conte-me um pouco.
5. O que o Coro da UEL significou para a sua vida?
6. Você pode listar pontos positivos e negativos em reger ou ter regido o Coro da UEL?
7. Qual era o número aproximado de cantores que participavam do Coro da UEL à sua época?
8. Qual apresentação ou quais apresentações mais o marcaram e por quê?
9. Por que você acha que os cantores procuram ou procuravam o Coro da UEL para cantar?

Para as análises das entrevistas utilizou-se, como ferramenta, da Teoria das Representações Sociais e da retórica. A retórica é “a arte de persuadir pelo discurso” (Reboul, 2004, p. xiv), entendendo discurso persuasivo como sendo levar alguém a crer em algo. As entrevistas estiveram sob esse olhar de análise, ou seja, o que os entrevistados quiseram nos contar para convencermos ou para que compreendêssemos seus pensamentos a respeito do Coro da UEL.

A análise retórica observa o contexto no qual se produz o discurso. No caso da pesquisa, o discurso sobre o Coro da UEL na sua trajetória de trinta e oito anos de existência.

Também entendemos que há uma confluência entre a abordagem das Representações Sociais e da Análise Retórica, pois ambas reafirmam, de acordo com as crenças e valores construídos coletivamente, a identidade e coesão das pessoas que formam

um grupo. A Representação Social só ocorre havendo comunicação entre os membros do grupo, e a retórica busca, a partir da comunicação, a negociação entre indivíduos a respeito de uma questão (Meyer, 1986, citado por Reboul, 2004). Assim acreditamos que os valores e significados do Coro da UEL vão se reconstruindo por meio da interação entre seus membros.

A análise retórica investiga o que as pessoas de um grupo social consideram ser a verdade e o real. Portanto, estamos no campo da verossimilhança. O verossímil é “tudo aquilo em que a confiança é presumida”, segundo (Reboul, 2004, p.95). No caso desta pesquisa, se o Coro da UEL for uma Representação Social, por comparações e analogias, os entrevistados contam aquilo que consideram como a sua verdade sobre o Coro da UEL, pois “o que se considera correto e verdadeiro é o que se fala”, segundo (Alves-Mazzotti e Mazzotti, 2009). Analisaram-se as figuras de linguagem que ocorreram nas entrevistas. A figura é “recurso de estilo que permite expressar-se de modo simultaneamente livre e codificado” (Reboul, 2004, p.113). A figura de retórica tem papel persuasivo e tem função de facilitar a aceitação do argumento. Entre as figuras encontradas estão metáforas, metonímias, sinédoques e hipérboles e outras.

As respostas às perguntas da entrevista semiestruturada foram transcritas e, após análise das mesmas, escolheu-se o que abordava mais diretamente o assunto e as dispusemos em tabelas. Após isso, observamos se as respostas apresentavam características pertinentes às questões propostas no estudo e se os entrevistados se utilizavam de figuras de linguagem em seu discurso. “Os atores sociais produzem discursos a respeito do mundo, material ou social, por meio de comparações” (Mazzotti e Alves-Mazzotti, 2009, p.12). Organizamos então as análises para cada questão. Cada questão se tornou um item dentro do capítulo. Os cantores foram denominados de C seguido de um número de ordem, e os regentes, de R seguido de um número de ordem.

Foram feitas treze perguntas aos cantores e nove aos regentes. As duas perguntas iniciais aos cantores apresentam dados sobre seu tempo de canto em coro, e especificamente, no Coro da UEL. A primeira pergunta para os regentes refere-se também ao período ou época em que estiveram frente ao grupo.

As demais perguntas buscaram entender como ocorreu, no decorrer do trabalho empreendido por cantores e regentes, a construção do Coro da UEL.

Os cantores usaram, muitas vezes, figuras de retórica para explicar a sua trajetória no Coro da UEL. Os regentes apresentaram respostas com menor número de figuras. Classificamos as respostas dos entrevistados também a partir das funções da música apresentadas por Allan Merriam.

As figuras de retórica/linguagem que surgiram com destaque nas falas dos cantores foram as hipérboles e metáforas.

A metáfora é uma figura de retórica que condensa analogia. É uma figura de sentido que emprega um termo com sentido não habitual, e isso enriquece o sentido das palavras. Ela designa uma coisa pelo nome de outra e que tenha com ela semelhança. Ocorre como uma comparação abreviada que substitui “é como” por “é”. A importância da análise das metáforas justifica-se por ser uma figura que fundamenta estruturas do real. A hipérbole é uma figura de sentido que aumenta ou diminui, em exagero, o que se pretende explicar com o intuito de levar a própria verdade a se fixar. Às vezes pode designar aquilo que não conseguimos ou não se pode denominar (Reboul, 2004).

A seguir veremos como os nossos informantes responderam às perguntas da entrevista, e conseqüentemente, como foram analisadas para se chegar às respostas das questões de estudo, que se transformaram em subitens.

4.1 A motivação para o cantar

Por que as pessoas, em determinado momento, procuram ou procuraram o Coro da UEL para cantar?

Os cantores que foram entrevistados nos falaram do que os motivou a buscarem o Coro da UEL para cantar. Pela análise das falas, percebemos que as pessoas também querem participar do coro não só pela atividade musical vocal. Para elas, o Coro se apresenta como um meio para, também, atingir outros objetivos.

Para alguns, a meta inicial de participar no coro é fazer novos amigos e ter uma convivência social. C7 nos diz:

Eu li no jornal, eu li no jornal, eu estava aqui há pouco tempo e eu estava aqui perdida, de amizades, e daí um dia saiu um recorte com a foto do Benvenuto dizendo que queria um coral com cem vozes. É essa parte de fazer amizades, pois quem tá chegando numa cidade não tem... Tem que entrar em algum grupo. E este grupo tem que ser uma coisa que você goste. Então eu entrei no coral pra fazer parte e outra que o coral me satisfaz.

C5 nos conta que, quando viu, pela primeira vez, o Coro da UEL numa apresentação na Concha Acústica:

(...) e eu fiquei encantada, encantadíssima.

Para C5, cantar no Coro da UEL passou a ser seu objetivo e, assim que se desvencilhou de compromissos, procurou o grupo.

C8 conta que:

Olha como eu sou sozinha, eu e meu marido, então pra eu vir aqui, eu me sinto tão bem, que o coro eu acho, é uma integração, eu com o coro... Se um dia tiver que sair daqui, olha vai ser meio complicado.

É a função social da música, de contribuição para a integração da sociedade. Merriam nos diz que a música pode ser o elo entre pessoas de uma sociedade que se reúnem para se dedicar a essa atividade integrativa e cooperativa.

C6 corrobora C7 e C8, quando fala:

Eu gosto muito do contato com os colegas, de todas as áreas, de todas as profissões, de todas as idades e eu acho que é uma higiene mental, é uma pausa que nós fazemos, nós fazemos em meio aos nossos trabalhos, é... Nós combinamos a atividade racional do trabalho com esta

atividade assim de sensibilidade, que eu acho que é muito importante para o equilíbrio emocional da gente, isso motiva você a vir pro coro.

C6, além de dizer do contato amistoso que o Coro promove, ainda nos coloca a função social da música de expressão emocional quando diz: “é uma atividade de sensibilidade... para o equilíbrio emocional”. Com sua fala, percebemos que para ela o Coro promove a liberação de emoções e sentimentos levando-a a uma “higiene mental” e ao equilíbrio, pois dá vazão à sua sensibilidade. Com isso dosa-se a razão do trabalho e a emoção da prática musical. Também fala que o Coro da UEL significa:

Dar um tempo ao meu espírito de curtir a música, de ter esse relacionamento leve e sociável com as pessoas, e a possibilidade também de exercitar um pouquinho de línguas e de exercitar a minha memória, e poética, a poética das músicas que eu acho muito interessante, enfim um conhecimento das músicas de vários países, tudo isso influi na minha inspiração.

C1 também sente-se bem cantando no coro e diz:

Eu me sinto bem, eu me dou bem com todo mundo, pelo menos eu acho assim né, é, conhecendo pessoas de diferentes, como se diz, costumes diferentes, porque você sabe, eu fui criada numa igreja então é... Aqueles povos lá só... E lá não, eu convivo com todo tipo de religião... E tradições também, pessoas diferentes, com costumes, idéias, né e isso a gente cresce.

Para C1, a convivência coral permite-lhe, além da convivência social, uma troca cultural e com isso gera conhecimento quando diz “a gente cresce” e também conhece pessoas de outros credos. Isto amplia seus conhecimentos, pois amplia seu olhar e espaço comum, principalmente os amigos da igreja que, possivelmente, têm os mesmos valores seus.

A função de comunicação se faz presente quando C1 diz que quando canta sente que é:

Uma experiência gloriosa. Eu to dando alguma coisa, que não é a minha voz, mas é algo que eu tento mostrar para a pessoa que eu canto porque eu gosto, que eu amo cantar né, apesar de que não canto bem, mas canto, e pra mim é muito gratificante.

A função de comunicação refere-se ao fato de usar a música para expressar algo, ainda que não se saiba o que, como e para que.

Dentro deste sentido da função de comunicação, a fala de C2 afirma que sempre quis passar emoção pelo trabalho:

(...) eu sempre quis fazer que é cantar em grupo, cantar em coro. É cantar em coro, participar de apresentações que passam emoção para as pessoas através do nosso trabalho e isto que o coro representa pra mim. Eu recebo emoção e passo emoção através do canto, é isto que eu gosto. Eu trabalho a minha emoção, a emoção positiva e deixo lá as emoções negativas, porque enquanto estou cantando, esqueço de toda a minha vida, que é muito boa, a minha vida que é muito boa, mas eu deixo as minhas emoções particulares, um pouco triste um pouco negativa, problemas que todas as pessoas têm, perdas e tal, eu deixo em casa e vou pro coro e lá não existe nada disso, existe música e música é uma coisa muito boa, (grifo nosso).

O sentido de coro como trabalho chama nossa atenção, pois os cantores de forma geral não dão esse sentido de trabalho ao coro, diferentemente dos regentes.

O sentido de coletividade, de cantar em grupo também está contido na fala de C2, quando diz:

Mas gosto de cantar em coro porque com coro eu posso fazer com outras pessoas o que eu não teria coragem e capacidade para fazer sozinha .E no coro cada um tem a sua importância, o seu lugar e eu me completo em outros cantores e ajudo outros a se completarem também. E coro é uma coisa que é uma arte, eu gosto porque é arte, eu acho que todas as pessoas devem fazer uma atividade artística, é arte, é música.

C4 também diz:

Ir lá cantar você tá dando um pouco de si e cada um se dá um pouco pra formar aquele todo, né?

Observamos também que nas falas de C2 e C4 encontramos o sentido dinâmico de troca, de soma, de coletividade, pois C2 se “completa em outros e ajuda os outros a se completarem também”, e C4: “cada um se dá um pouco pra formar aquele todo”. Com isso o sentido de coro abarca o indivíduo em favor do coletivo.

O Coro da UEL foi assim constituindo sua identidade. As pessoas que ali chegaram e ficaram, foram se sentindo pertencentes a esse grupo, com os mesmos desejos e objetivos.

Outras respostas argumentam o porquê de permanecer no Coro da UEL. Para tanto se utilizam de algumas metáforas.

Segundo C2:

Agora pra mim o Coro da UEL significa o seguinte: aquele momento que eu deixo os meus afazeres diários e corro prá lá, procurando rever os amigos, abrindo a minha pasta, suando a minha camisa, conversando na hora que não é pra conversar, tomando os meus pitos, e ficando quietinha também absorvendo tudo que me passam, em termos de, porque eu não apenas canto no Coro da UEL, o coro me oferece subsídios, técnicas, é, relacionados com a música, que tudo o que sei de música, eu aprendi no Coro da UEL.

No caso do coro, o “suar a camisa” é conseguir montar uma peça ou preparar um concerto, onde todos os membros devem e têm que trabalhar arduamente para a conquista da meta, assim como um esportista de ponta, que vai para a olimpíada, que, dia a dia, treina, aprimora seus movimentos, tentando melhorar seu índice, para alcançar uma meta, ultrapassando, muitas vezes, seus limites. O “suar a camisa”, no Coro da UEL, é, dia a dia, treinar a voz, a percepção em favor de alcançar uma afinação mais precisa, uma interpretação que corresponda à meta proposta pelo regente; é a busca pelo seu melhor desempenho para somar à equipe ou, no caso, o Coro. Percebe-se também que esta expressão carrega um significado, ainda que não claramente, de grande prazer de meta alcançada, de concerto bem realizado, como quando se ganha um jogo ou quando se luta muito para buscar a vitória. Então “suar a camisa” vale à pena e, após a vitória no jogo, recomeça-se todo o treinamento e esforço para sempre se superar e continuar entre os vencedores. Assim é com o coro. Após um concerto, avalia-se como foi e recomeçam-se os exercícios, os ensaios, o buscar um fraseado musical melhor, o querer cantar melhor.

C2 relata que:

(...) às vezes você tem até que suar a camisa pra conseguir chegar no nível que se espera, e você sai de lá satisfeita mesma como seu suor, sofrimento, mas tentando atingir um nível que o maestro quer e nem sempre a gente consegue, a gente sofre, a gente pena, mas a gente sai de lá muito satisfeito, realizado, por isso estar fazendo uma atividade que exige, é desafiador e eu não gosto de fazer coisas simples que não me desafie e cantar para mim é uma coisa que me dá um grande prazer.

Este “suar a camisa” também nos revela possivelmente a função social da música chamada de prazer estético. O esporte é sempre ligado ao prazer. Prazer tanto para aquele que está no time como para aquele que é torcedor de um time ou equipe. Este prazer independe de o atleta buscar o ouro olímpico ou fazer gol no seu time de várzea onde joga somente nos finais de semana. Esta motivação está ligada ao seu fazer e refazer e ao buscar o seu melhor. No caso do coro “suar a camisa” nos remete àquele cantor que luta, busca alcançar o objetivo, mas com prazer. Um prazer na prática diária de elaborar e reelaborar uma música

coletivamente. A função social de prazer estético da música é tanto para quem a produz quanto para o contemplador. Os cantores vivenciam grande alegria na execução de uma obra, e, muitas vezes, após o concerto, no ensaio seguinte, retoma-se a mesma peça. Sempre por que há o que melhorar ou porque a música permanecerá no repertório do grupo. Há então um constante repetir, refazer, descobrir nuances e novos significados para a mesma música.

C4 nos diz que:

Ah o coro da UEL é tudo, é como se fosse uma segunda família, é muito gostoso você vir participar dos ensaios, ver outras pessoas né, ali, no meio de todo mundo, você vê assim desde que você entrou como você está, o quanto que você cresceu, que você amadureceu, aprendeu, aprendeu com momentos bons e com momentos ruins, que a gente sempre passa né, então eu acho muito legal, e o coro, eu não me vejo fora do coro, não hehehe. Até hoje não, é uma coisa que você sente falta.

C3 também utiliza a metáfora “família” e diz:

Adotei esta família e estou muito feliz... Bom eu me sinto muito bem assim, é uma família né, coral é uma família e eu me afastei por um ano, fui pra outro coral, mas não me adaptei, voltei e continuo aqui, né?

C5 inicia sua fala dizendo:

O coro hoje na minha vida é como se fosse um membro da minha família, não fico sem cantar, a cada ano que passa a gente tá cansada, até pelo excesso de atividades, porque a gente vai acumulando e falo acho que esse ano vou dar uma parada, até mesmo agora que estou aposentada, vou viajar, ah mas quando chega janeiro, fevereiro eu tô morrendo de saudade de cantar, então é como se fosse um membro da família, não consigo ficar sem não.

Quando dizem que o Coro da UEL é como se fosse uma “segunda família”, “família” e “membro da minha família” observamos que novamente o Coro aparece como meio, válvula de escape e não um fim em si. Talvez falem dessa forma por se sentirem seguras como numa família, que acolhe e cria laços afetivos entre seus membros. Assim negociam seus desejos, de acordo com os valores do grupo. O importante é que uma família participa unida de momentos de alegria e de dificuldade. Sobre isso, C5 diz:

Bom, no Coro da UEL, eu me sinto bem a vontade, gosto bastante, o Coro da UEL em quinze anos é, eu passei por vários momentos, momentos de extrema euforia, momentos de baixa, trocas de maestro então presenciei muito essas crises do coro, mas é com as crises que a gente cresce, né. Então eu me sinto bem a vontade pra falar do coro e assim até dizer que eu me sinto em casa né, depois de quinze anos conheço bastante a forma de trabalho dos ensaiadores, a cada maestro a gente se adapta ao jeito deles, e assim é a gente atinge o que é a proposta que é cantar, alguns momentos os ensaios são mais ou mais as apresentações, elas são mais intensas em outros momentos elas têm uma certa decaída em função de agendas, convites e até mesmo

política interna né da Casa de Cultura , então, mas o meu prazer é cantar e eu me sinto muito a vontade no Coro da UEL.

C5 afirma muito à vontade: “me sinto em casa”, reforçando mais uma vez o Coro da UEL como sendo “família” e “casa”.

C8 também fala que cantar colaborou muito no restabelecimento de seu equilíbrio e diz:

Então, às vezes eu saía do trabalho assim extenuada, com as minhas energias sabe no limite, e sabe eu pensava eu não tenho energia pra cantar hoje não tenho, aí eu ia cantar, vinha pro ensaio, nossa, saía outra pessoa né, pronta pro dia seguinte. Então esse renovar das energias, da bateria, contribui muito pra gente emocionalmente, pro equilíbrio, então isso eu tive muito ganho também, eu sempre falava no meu trabalho: nossa se eu não cantasse, eu estaria louca.

C4 nos fala que:

A música é uma coisa, como diz quem canta seus males espanta né, faz muito bem pra gente né cantar e, por exemplo, meu serviço é completamente fora da música né, então quando você participa do coro, aí eu venho aqui e canto, nossa aí... Você esquece-se de tudo, de todos os problemas, né, de todas as coisas, você fica noutra, noutro..., num... Parece num outro mundo, você tá no mundo da música ali, é bem gostoso, serve como uma terapia também.

C6 diz o que levou e leva do coro para sua vida:

Nossa, eu acho que enriqueceu muito, e uma certa visão assim mais...mais leve da vida, uma visão mais bonita, porque eu acho que a música ela envolve muito como a poesia, então uma visão mais leve, a gente aprende a ver melhor a beleza das coisas deixa de lado alguns probleminhas, enfrenta com mais facilidade o dia a dia eu acho que você acaba não tendo depressão.

C4 fala do “mundo da música” e ainda diz: “é bem gostoso” e serve como “terapia”.

Tanto C8 como C4 falam dos efeitos benéficos da atividade musical e utilizam a metáfora de “terapia”, como o Coro sendo promotor de saúde. Já C6 colabora com C8 e C4 e diz que, com a participação no Coro, não há “depressão”.

Com essas respostas dos cantores, observamos que as metáforas e as funções da música, de Allan Merriam, se complementam, pois o Coro aparece com ênfase nas falas dos cantores como um meio para outras coisas que não só a música.

Podemos dizer que se valem da função de representação simbólica que é a construção social de um significado musical, como símbolo que representa outras coisas. No caso, compara-se o Coro da UEL como uma família quando diz: “uma família que adotei”, e

como promotor de saúde quando diz: “terapia” ou a um esporte quando fala: “suar a camisa” relacionando a atividade coral como um esporte, onde a equipe ou time joga e luta por um objetivo comum que é ganhar o jogo ou se classificar para uma final. Podemos entender o Coro da UEL como promotor de saúde, pois ali os cantores podem extravasar suas emoções e sentimentos que muitas vezes os angustiam ou deprimem. A função social de expressão emocional da música, segundo Merriam, aponta para a expressão de idéias e emoções não reveláveis no discurso comum, mas que são extravasáveis através da música. Dessa forma, entendemos o Coro como veículo ou “terapia” que auxilia a expressão de sentimentos, angústias e alegrias, promovendo melhora no estado de saúde de seus participantes.

Estas respostas nos indicam que os cantores não apenas cantam porque buscam conhecimento ou desenvolvimento musical. Indicam-nos que o Coro da UEL está num patamar não só musical. Inferimos que o mesmo está se representando e se construindo simbolicamente, para e por seus participantes, como espaço de contemplação e fazer artístico, como estrutura que promove um convívio quase familiar, como sendo um lugar que dá segurança e que faz com que seus membros tenham uma identidade de valores e laços afetivos, quando os cantores se referem ao Coro da UEL como a “família que adotei”.

Com isso podemos dizer que as pessoas procuram ou procuraram o Coro da UEL não só para cantar, pois buscavam a segurança de um grupo para se relacionar, ter amigos e, dia a dia, construir essa amizade a partir do interesse comum, a música coral. Após terem criado um sentido de família, foram sendo desafiados a melhorar a qualidade e ali permaneceram “suando a camisa”. Com isso vivem diariamente o refazer numa rotina de trabalhos, mas sempre em busca de um bem maior. Também se sentem mais saudáveis, pois extravasam suas emoções e sentimentos como se estivessem em terapia.

4.2 A construção social da identidade do Coro da UEL

Como o Coro da UEL criou sua identidade ao longo das suas fases históricas?

Consideramos as fases históricas do Coro da UEL de acordo com a época em cada regente esteve à frente do coro. A Universidade Estadual de Londrina promove a cada quatro anos eleições para reitor. Com isso, inevitavelmente, ocorrem mudanças. Algumas gestões mais que outras valorizam as questões artísticas e culturais ou podem dar-lhes mais atenção.

As universidades públicas estaduais estão sob a responsabilidade fiscal do governo do Estado do Paraná. Isto implica dizer que as universidades paranaenses não têm ainda atualmente a autonomia para contratação por meio de concurso público. Essa decisão depende sempre do governo do estado do Paraná. Com isso, muitas crises ocorreram em várias instâncias das universidades, fato que se repete em outras universidades públicas brasileiras.

Além da questão da contratação de maestros e músicos, os cantores que integram os coros não são contratados. São todos amadores, pois não recebem nenhum tipo de auxílio financeiro para integrar os coros. No entanto, no Coro da UEL, assim como na OSUEL, há uma equipe de músicos, que são concursados, para realizarem atividades com os coros ou a orquestra. Atualmente, o Coro da UEL tem, em seu quadro de funcionários, um regente titular para o Coro da UEL, um regente titular para os Coros Infantil e Juvenil, cinco músicos que se revezam nas funções de ensaiadores, cantores, pianistas e regentes de outros coros da instituição, um arquivista e um copista, além de equipe administrativa e de apoio. Essa estrutura passou a funcionar a partir de 1979 e chegou a ser maior. Houve funcionários que saíram, mas suas vagas não foram preenchidas, por isso o quadro funcional reduziu-se.

Buscamos a dimensão histórica do coro, apresentada no capítulo 1, para que pudéssemos agregar dados históricos bem como descobrir como os integrantes e ex-integrantes vêm o Coro da UEL, sendo regentes ou cantores.

Nas entrevistas colhidas, pedimos para que os cantores e os regentes nos contassem como era o Coro à época de cada regente.

4.2.1 O Coro da UEL ao longo da história

Remeter-nos-emos, aqui, à questão histórica, mas, agora, a partir das falas dos regentes e cantores. Embora se repitam alguns dados, nós os mantivemos, pois achamos importante o ponto de vista dos entrevistados sob o nosso olhar de pesquisador que contou da história do Coro no panorama histórico, tecido anteriormente no capítulo 1, subitem 1.1.

O Coro da UEL instituiu-se em 1972. A comunidade acadêmica aceitou o convite feito, de sala em sala, pela regente D. Mimi Lück. Nesse convite D. Mimi explicou aos jovens acadêmicos como seria o coro, a importância do mesmo, e que não era necessário ter leitura musical e que os componentes receberiam aulas de técnica vocal. Conforme ela nos relata, em entrevista, os alunos:

Não tinham nenhuma vivência disso, mas se preocupavam se teriam uma base musical, um conhecimento de música, leitura musical e eu falei não, a gente vai procurar dar na medida do possível, vamos dar essa formação, e essa qualificação, sou professora de canto e vou dar aula de técnica vocal, vou preparar vocalmente e vocês também vão ter aula de leitura musical, vão aprender, vão ser alfabetizados musicalmente. Então ah... Foi assim que a gente deu início.

Este trabalho, que surgia na universidade, mudaria o cenário musical londrinense. Até o surgimento do Coro da UEL, os coros que existiam em Londrina eram ligados às igrejas católicas e evangélicas. Não havia coros em escolas ou outras instituições. Um dos cantores dessa época, C9, relata-nos que, embora não fosse aluno da universidade, procurou o coro, pois havia assistido a uma apresentação em que:

O coral apresentou um repertório com ênfase na música brasileira e no fundo ela ia projetando slides tinham que ser slides né, na época era isso, então eu achei bonito aquilo, eu tinha vontade de participar de um coral e não sabia como, desse contato foi que eu procurei a Casa de Cultura, fui informado dos detalhes, e comecei a cantar no coral.

O Coro da UEL teve, desde sua gênese, o papel de promover a educação musical pela voz, uma vez que a cidade não tinha nenhuma tradição coral. Londrina era, nessa época, musicalmente ativa, mas voltada mais para a área instrumental, pois havia um curso de

bacharelado em piano na Faculdade de Música Mãe de Deus, e, nos conservatórios da cidade, a ênfase era no ensino de piano e acordeão. Na cidade também havia as orquestras, conjuntos de bailes e bandas. Segundo C9:

Então o coral da universidade, ele foi a... Fonte onde eu visualizei as perspectivas de me profissionalizar na área, quando se tem um coral, se tem um pianista, um organista e tudo isso, pra quem não teve muitas oportunidades anteriormente sempre é uma coisa que fascina, fascina muito, e o fato também de se ter contato com a parte histórica, as músicas, os autores, começa a sentir como quem descobrindo um outro mundo, a área de conhecimento.

C9 conta-nos por que permaneceu no coro: “tinha 23, 24 anos, então eu vi que o coral é um ambiente muito agradável de convívio, conagração, oportunidades de você conhecer pessoas, enfim eu acho que esse foi o motivo principal, de você poder se expressar também.” C9 realizava um trabalho voluntário, secretariando o coro, auxiliando na montagem das pastas de repertório dos cantores. Ali permaneceu até que, em 1977, surgiu a oportunidade de prestar um concurso para técnico administrativo da universidade. Aprovado e admitido, foi efetivado como secretário do coro. Este cantor passou a ser músico da OSUEL, quando da criação da mesma, em 1984. Percebemos que o Coro da UEL teve um papel preponderante na vida profissional deste músico. Assim como este músico, outros integrantes e ex-integrantes da OSUEL também iniciaram seus estudos musicais no Coro da UEL, conforme C9 nos relatou na entrevista. O Coro da UEL motivou-os para que houvesse uma busca de profissionalismo na área musical.

Quando a maestrina Marília Brandão assumiu o Coro da UEL, houve interação entre os membros do Coro da UEL e da Igreja Presbiteriana, pois passaram a ensaiar conjuntamente e também a cantar em mais de um grupo. C9 nos explica como aconteceu:

Eu me lembro que o reitor da época precisava de um coral pra realizar a formatura, não sei se você tem esse dado, ele foi à procura de um coral expressivo da cidade, e aí ele procurou o coral da Igreja Presbiteriana, então ele chamou o coral da Igreja Presbiteriana e o coral foi ensaiar na Casa de Cultura. Esse é o elo com a Marília Brandão... E como eu estava lá, é a Casa de Cultura, eu fui convidado pra participar junto com o coral e eu acabei indo pro coral da igreja também... E aí a partir deste período eu participava de dois coros: o da UEL, e o coro da igreja, sob a regência da Marília Brandão, que fez um trabalho assim emergencial pro coral poder cantar na formatura, mas depois ela não continuou. Isso foi no tempo do diretor da Casa de Cultura Cleto de Assis, na verdade o nome real dele é Anacleto, mas era conhecido por Cleto de Assis, eu não me lembro quem era o reitor.

A partir de 1976, com o maestro Othonio Benvenuto, o Coro da UEL foi imprimindo uma marca de repertório diferenciado, um repertório que enfatizava a música brasileira e folclórica. O Coro também se tornou bastante conhecido após participar de muitos festivais. Por isso viajava muito.

Os cantores, quando perguntados de como era o coro na época de cada regente, relataram-nos com bastante entusiasmo este período, falando-nos do clima das viagens e do repertório. C6 nos fala dessa época:

Ele prezava muito as músicas brasileiras, acho que era uma característica dele, gostar de coro grande, gostar de coro grande e prezar muito as músicas brasileiras, e ele tinha um carisma muito grande. Então nós sentíamos assim uma segurança, um bem estar quando viajávamos porque ele se impunha, ele se impunha com outros coros e tal. Nós sentíamos assim respaldados na questão da segurança. O Repertório muito bom.

O repertório brasileiro era realmente a marca registrada do Coro da UEL neste período. C2 conta-nos:

Ficou gravado que ele deu uma ênfase muito grande pra música popular, brasileira, de raiz, principalmente a nordestina, tinha assim muito ritmo, pontos de candomblé e outras músicas relacionadas, ele também fez o erudito, ele também fez o sacro, mas em menor intensidade, na medida das necessidades dos eventos que requisitavam a presença do coral, mas a ênfase maior para os concertos era de música brasileira, especificamente a nordestina.

Outro diferencial desta época foi, conforme nos conta C9:

A característica maior que eu vejo foi o fato dele começar um movimento instrumental e o interesse dele também em ensinar música para as pessoas do coral interessadas, ele começou dando noções de percussão, depois ele começou a trabalhar flauta doce e criou o conjunto música. O conjunto música era formado por instrumentistas que tinham estudado flauta com ele, e alguns que tocavam violão, sabiam, tinham leitura musical, outros tocavam violino um pouquinho, então ele juntou esse grupo e já criou um pequeno conjuntinho, pequenininho.

Com a formação do núcleo instrumental “Conjunto Música”, o Coro passou também a se destacar por ter um grupo que sempre o acompanhava, e os cantores do Coro foram tendo a oportunidade de estudar música mais profundamente.

O maestro Benvenuto relata-nos que, embora fosse exigente, havia um clima muito amistoso entre os cantores e ele. Os cantores relataram, nas entrevistas efetuadas, essa austeridade, mas também o carinho, o respeito dele. Por isso os cantores não queriam

decepcioná-lo nunca. Disseram, também, que tiveram muitos momentos de boa convivência. Recordo-me de que os ensaios de sábado à tarde, embora cansativos, muitas vezes eram permeados de momentos de declamação de poesias, ou de apresentação de canções pelos cantores, como solistas. Enfim eram oportunidades de expressão e de convívio dos cantores do Coro. Era necessário apenas querer se apresentar nestes ensaios que tinham essa dinâmica. Bastava se inscrever; todos tinham oportunidade, incentivo e abertura para se apresentarem.

O segundo lugar nos dois Concursos do Jornal do Brasil, no Rio de Janeiro, trouxe grande fama e grande respeitabilidade ao Coro da UEL, na cidade e região. Surgiram muitos convites e viagens²⁸, inclusive uma internacional, para Argentina e Uruguai, na década de oitenta. Gravaram-se dois Lps, um em 1978 e outro em 1982.

As viagens, além do intercâmbio cultural, colaboraram muito para que os laços afetivos e de amizade se estabelecessem, conforme relato dos cantores. O Coro, com muitos integrantes, viajava com dois ou três ônibus. Quando chegava para se apresentar, o Coro era objeto de comentários, que se ouviam muitas vezes, devido ao tamanho incomum, quase cem vozes. No Concurso de Coros ocorrido no Rio de Janeiro, C9 nos conta que:

Os corais entravam em fila, direitinho no palco, na sala Cecília Meireles, RJ, e eu me lembro que quando nós estávamos entrando, não parava de entrar cantor hehehe e o nosso uniforme era uma toga verde com o emblema da UEL no lado esquerdo, aí alguém falou assim, esse aí é o exército de Londrina, hehehehehe... O exército de Londrina chegou.

Outra viagem que também marcou bastante o coro, segundo as falas dos cantores, foi a realizada para a Argentina e Uruguai. O repertório era bem extenso, com uma série de músicas brasileiras e também da América Latina. Consta que o coro esteve, ao vivo, apresentando-se num programa de auditório na Argentina²⁹ e foi muito bem recebido. A maestrina e arranjadora Liliana Cangiano, expressão do canto coral argentino, foi quem recebeu o Coro da UEL na Argentina. C9 nos relata que:

Quando o coral esteve na Argentina e viajou por várias cidades... Eu estava nesta excursão e uma experiência muito marcante foi a participação do coral num programa de televisão ao

²⁸ Ver foto do Coro em diversos festivais no DVD em anexo, faixas imagem 011 – 005; 011 – 009; 011 – 008.

²⁹ Ver fotos do Coro no DVD em anexo, faixas imagem 011 – 011; 011 – 013.

vivo, isso eu achei fantástico porque um grupo de brasileiros, chegar e ter esta distinção né. Nesta época a gente já estava usando um poncho branco. Isso já é década de oitenta. Então essa foi uma experiência muito bonita também, uma experiência fantástica, depois deu origem ao intercâmbio, pois a maestrina que nos convidou para ir lá, esse coral que ela dirigia era de uma organização bancária... A Liliana Cangiano exatamente ela, o coral deles esteve em Londrina, se apresentou em Londrina.

Os cantores também falam do prazer que sentiam nestas viagens. Para poder cantar bem precisavam de muitos ensaios e dedicação. C2 nos diz ainda em relação à viagem para a Argentina:

As apresentações que me marcaram mais foram aquelas que a gente ensaiou muito, para as viagens que fizemos pra Argentina, pro Rio Grande do Sul, mas especificamente pra Argentina que tivemos que ensaiar muito, que a gente cantou em várias cidades, inclusive na televisão.

O Coro da UEL gravou dois LPs antes da viagem para a Argentina, como já apresentamos no capítulo 1.

Essa fase para o coro foi de grande crescimento e desenvolvimento musical. A cidade de Londrina também ganhou bastante, pois houve uma grande ênfase na música instrumental e coral. Participar do Coro da UEL passou a ser uma atividade que muitas pessoas da comunidade externa à universidade desejavam. C2 nos diz que:

Com relação ao coro da UEL, faz vinte seis anos e oito meses, bem preciso, mais uns dias ainda que eu canto. Entrei para o coro na época do maestro Othonio Benvenuto, embora eu desejasse entrar um pouco antes, mas por causa das minhas atividades profissionais que eram em tempo integral e dedicação quase, mais que exclusiva, eu não podia dedicar algum tempo nos ensaios e nas apresentações e nas viagens. Acho que uns cinco anos eu fiquei namorando o coro e não podendo participar dele, mas quando eu de certa forma me afastei destas atividades que me absorviam mais, foi em fevereiro de 1983, o coro abriu vagas para a comunidade e eu vi através da televisão e do jornal que estavam aceitando novos coralistas, aí fui pro coro, encontrei o maestro Benvenuto saindo, ele voltou, fez o meu teste e eu ingressei no naipe de contralto. Então faz isso, vinte e seis anos e oito meses.

Outro cantor C5 nos diz que:

Bem, é... Quando eu vim prá Londrina, um dia eu passei na Concha Acústica e ainda era o maestro Benvenuto e ele que estava regendo uma apresentação ali na Concha Acústica... e falei comigo mesma: um dia vou cantar nesse coro, né. Só que nesse tempo eu trabalhava a noite, tinha os filhos pequenos, daí eu comecei a estudar fazer faculdade e tal, mas eu tinha essa proposta em mente, eu... Vir cantar no Coro da UEL, aí quando eu me desvencilhei desses compromissos, principalmente de estudar a noite, procurei, procurei né a Casa de Cultura, na época era ali na rua Sergipe com a... O que era ali, Minas Gerais, não? Duque de Caxias... Duque de Caxias, e ainda era a Lucy que regia o Coro, fiz o teste e ela pediu pra esperar, acho que tinha muito contralto na época, aí eu fiquei muito desesperançosa, aí eu falei quer saber isso não vai dar em nada, daí eu fiz o teste e ela falou, você vai ficar aguardando e assim que eu precisar, eu chamo. Porque devia ter muitos cantores na época. Eu achei até que não ia chamar não, aí um belo dia eu cheguei em casa e meu marido falou: olha ligaram de um negócio de tal, de coro, não sei o que... Aí eu liguei pra confirmar, fui ao ensaio e estou até hoje. Do primeiro ensaio e estou até hoje.

Percebemos, com estas falas, que o Coro da UEL tinha uma boa imagem perante a população, que, após assistir às apresentações do grupo, queriam participar dele. C2 e C5 narram que aguardaram anos para poder realizar o desejo de participar do Coro. C2 nos diz que “ficou namorando uns cinco anos” até poder entrar para o grupo. C5 assistiu ao coro sob a regência de um maestro que não estava mais na regência, quando pode procurar o coro. Mesmo assim não desistiu de entrar para o grupo. Com isso podemos dizer que o Coro da UEL instituiu-se realmente perante o imaginário da comunidade londrinense, com tantas ações realizadas e construindo-se no decorrer do tempo, de 1972 até os dias de hoje, independentemente de quem tenha ocupado ou ocupe, hoje, o cargo de maestro do grupo.

Em 1990, há uma nova proposta de repertório com a maestrina Lucy Maurício Schimiti. O repertório dessa época era bem diversificado, pois o coro cantou programas temáticos, como um só de negro spiritual³⁰, outro com músicas de Noel Rosa. As músicas, em sua maioria, eram composições eruditas brasileiras, normalmente desafiadoras para o grupo. A busca pela técnica e ideal sonoro foi uma marca da regência dessa época. Os cantores, em suas entrevistas, quando perguntados sobre como era o coro na época de cada regente, enfatizaram que a maestrina Lucy Schimiti buscava o aprimoramento técnico, a busca incondicional pela afinação. Seus ensaios primavam pela busca da precisão vocal. A própria maestrina nos diz que:

(...) é um grande desafio, a gente tentar burilar desde a parte de respiração, a emissão sonora e aí começar a construir um som a partir disso, um som que está idealizado, hoje com muito mais maturidade na minha cabeça né, mas que desde o começo eu sempre busquei uma sonoridade como resultado de um grupo vocal, que pra mim coro é som,... O aspecto sonoro, que marca pra mim do ponto de vista do aspecto vocal, então, pra fazer um trabalho de construção coletiva eu tenho que buscar uma sonoridade que é aquela idealizada, que é uma produção, que na minha concepção é que vai, é uma produção natural, não é forçada, não é artificial, mas ao mesmo tempo que desenvolve, aprimora o potencial natural que as pessoas tem, pra homogeneização do som, pra uma condução vocal assim mais com foco.

³⁰ “um dos mais amplos conjuntos de canções folclóricas norte-americanas que sobreviveram (...) estão ligadas em especial às igrejas afro-americanas do extremo sul dos EUA” segundo Dicionário Grove de Música, 1994, p. 893.

A partir de 1998, o Coro tem nova regência. O Coro da UEL neste período participou de dois festivais que marcaram bastante o grupo, o de Cabo Frio, RJ e o de São Lourenço, MG. O Festival de Cabo Frio, RJ, foi importante, pois para alguns cantores o mesmo possibilitou recuperar um pouco de sua autoestima conforme C3 nos relata:

O Festival Internacional de Música em Cabo Frio, foi uma das coisas que mais me deixou feliz, porque eu tinha ido a Cabo Frio, quando morava no Rio, tinha vinte e um anos, voltei trinta anos depois e naquele teatro muita gente junta, outros países então a gente se sente gente, feliz, cantando. No Festival de 2005, veio aquele japonês (Daisuke Soga –maestro japonês) e nós cantando Fiat Misericordiae – (cantando), nossa aquilo ali é lágrima que caía, no Festival aqui em Londrina, então aquele festival assim marcou muito, muito, muito, muito.

Na fala de C3 o que nos chama a atenção são as frases: “a gente se sente gente, feliz, cantando” e “nós cantando Fiat Misericordiae, nossa, aquilo ali é lágrima que caía”, pois nos expõe às funções de expressão emocional e reação física da música. Quando diz que se sente feliz, se sente gente cantando, conta-nos que a música lhe permitiu isso, lhe suscitou essa emoção. Outra função da música presente na fala de C3 é a de reação física, quando diz que, enquanto cantava, as lágrimas caíam. Termina sua frase utilizando também da figura de retórica de hipérbole repetindo a palavra “muito” por quatro vezes.

Os coros universitários e da comunidade de forma geral sofrem com a rotatividade de cantores. Isto é uma tônica em vários grupos. Com o Coro da UEL não é diferente. Às vezes tem-se um efetivo excelente quanto ao equilíbrio de número de vozes de cada naipe, com bons cantores, frequentes e, às vezes, de repente, estes cantores saem do grupo, por motivo de trabalho, por desmotivação, por causa de estudo ou outras questões. Com isso o grupo entra em crise, pois acabam se desestruturando os naves e desequilibrando a qualidade vocal do todo. A instituição não oferece ao cantor um suporte financeiro, como ajuda de custo para transporte ou uniforme. Esse fato também pesa para alguns participantes. No entanto, é importante ressaltar que, mesmo em momentos de crises, sempre há aqueles que ficam, que motivam e ajudam o grupo a passar pelas adversidades. Isto gera uma certa rotatividade, pois

há um grupo que se estabelece e outro mais flutuante. O regente Denis Camargo apresenta os seguintes pontos negativos:

A grande rotatividade que há no Coro da UEL, por não ser profissional, pela Universidade não oferecer nada assim, para os coralistas né, então só aqueles mais abnegados é que vão persistir, então há uma grande rotatividade como na maioria dos coros do Brasil. Os coros amadores tem essa rotatividade... Nós passamos aqui também na UEL uma dificuldade pela falta de espaço próprio, então foram quatro, cinco mudanças, isso desgasta muito. Perde cantores, então, e mesmo assim um espaço próprio pra coral infelizmente ainda não tem, nem uma acústica legal.

C4 corrobora o regente Denis Camargo em relação à rotatividade e diz que:

Eu acho que a maior dificuldade que eu vejo nos coros, é o entra e sai de pessoas, a rotatividade é muito grande, então é muito complicado pro maestro trabalhar, eu vejo que não é fácil, né?

Esta época foi de dificuldades, pois não se tinha a possibilidade de contratações de músicos, nem de viagens para o grupo. O que o coro fez, fez foi com muito trabalho e empenho de seus cantores. Houve momentos de crise mesmo. Sobre crise, C7 nos fala:

C5 olhava pra mim e dizia: C7 por que estamos aqui, o que nos motiva? Eu dizia assim eu acho que eu tenho amor por esse coral, só pode ser.

O Coro da UEL enfrentou sempre as crises e somente não parou as atividades porque houve o comprometimento da equipe técnica e, especialmente, do regente Denis Camargo em dar continuidade aos trabalhos até que um novo regente fosse contratado da mesma forma que um grupo do coro se manteve participante e freqüente aos ensaios e apresentações.

A fala de C7 conta-nos do “amor” pelo coro. Como se o mesmo fosse alguém especial.

A partir de 2003, o regente Vilson Gavaldão de Oliveira trouxe novos desafios ao coro tanto no repertório como na sua execução. Buscou muito o aprimoramento técnico do grupo e inovou, pensando em um espetáculo que congregasse música, cena, texto.

C2 nos diz que:

Do Vilson Gavaldão de Oliveira o coro retomou... Retomou aquele repertório mais elaborado, retomou? Retomou não, ele deu um repertório mais elaborado com ênfase, ele valorizava bastante o fraseado musical, era precioso na afinação e buscava sempre um nível de excelência, que é uma característica do trabalho do Vilson e também o repertório pra ele era bastante eclético, assim música brasileira, música latina, é sacro, erudito, e aí foi.

C4 ressalta que “sem dúvida nenhuma ele enfatizou muito a técnica, a técnica vocal, o grupo realmente se desenvolveu bastante vocalmente.”

C8 nos fala que:

Fez músicas que a gente né, nós tivemos que dar o sangue né...hehe, isso pra quem gosta mesmo, no coral que acho que ficou, mas como eu gosto, eu amei, na época você dava técnica também então era muito bom, bom mesmo.

C8 diz, com uma metáfora, que os cantores do Coro tiveram que “dar o sangue”.

Percebe-se, desta forma, o quanto os cantores se dedicavam ao grupo e o quanto precisavam estudar o repertório. Continua sua fala dizendo “eu amei” personificando o trabalho realizado.

C6 conta que:

Aí o Wilson veio com toda aquela informação de capacidade, talento, vivência com o canto coral. Eu acho que nós tivemos assim algum tempo muito positivo, porque ele era assim um regente diferente ou o repertório que ele trazia, a técnica que ele usava muito boa, ele jovem com muita, muita experiência, acho que tivemos assim fase interessante de mudanças, de coisas diferentes no coral.

O próprio regente nos diz, sobre esta época, que:

Colocando o foco na construção de um repertório específico pro coro e montar um programa fomos na realidade pensando, organizando o repertório, nem pensamos o tema do concerto, mas sim a partir do repertório que tínhamos demos um nome pra esse programa que foi o Amor: Idas & Vindas, que pra mim foi um dos grandes momentos vividos com o coro. Que era esse programa, Amor: Idas e Vindas, então músicas que falavam do homem, do ser humano, a sua relação com o amor, tanto a sua conquista como com a perda dele, por isso amor idas e vindas. Esse programa o coro comprou a proposta, trouxemos pessoas da área de teatro pra fazer um trabalho ah mais cênico, entre aspas, não de teatro, mas cênico sim que pudéssemos montar algum movimento no palco com esse grupo. Fui atrás saber que potenciais tínhamos no grupo, quem tocava instrumentos, quem cantava podia fazer solos podia fazer isso em grupos menores. Então foi um programa montado com isso. A partir daí com o potencial que o grupo tinha e desse potencial como montar esse o programa. Fizemos música brasileira basicamente, popular e erudita brasileira, mesclando isso, nesse programa tinha solos, tinha instrumentos junto, grupos pequenos, grupos maiores e tinha também uma poetisa também no coro e aproveitamos a poetisa para organizar textos que ligassem essas músicas todas e pra mim foi um dos grandes momentos do coro da UEL, talvez o mais bonito que tenha feito montar esse programa. E aí eu sentia o grupo cem por cento junto fazendo isso.

A proposta era audaciosa para aquela época, pois o Coro necessitava se desenvolver em vários aspectos para poder realizá-la bem. Deveria cantar todo o programa de memória, como também deveria ter mobilidade cênica, uma vez que o objetivo foi montar um espetáculo com as músicas sendo interligados por textos, com iluminação, movimentação cênica dos cantores, solos, duetos, grupos menores de cantores. O espetáculo durava cerca de 50 minutos e se chamou “Amor: Idas & Vindas”. Tinha músicas brasileiras e cantadas em

espanhol. O Coro ensaiou por meses, além do repertório, as entradas e saídas cênicas, a marcação de iluminação no palco. Foram momentos de construção coletiva com o grupo. O Coro buscou muito o aprimoramento técnico e também aceitou ser desafiado. No início de 2004, com apenas dez ensaios, as vozes femininas realizaram o Stabat Mater de Giovanni Pergolesi juntamente com a OSUEL. Para esse concerto as vozes femininas trabalharam muito, pois foram poucos ensaios.

Sobre esta apresentação C7 nos fala:

Quando ele... Pegou o disco do Stabat Mater, eu fiquei tão emocionada, eu dizia, não somos nós. Foi lindo! Foi uma das coisas belas que tenho o disco comigo e foi uma coisa muito bonita, isso e o idas e vindas, gostaria muito que ele voltasse.

Para essa peça, além do Coro e OSUEL, foram convidadas duas cantoras solistas de Porto Alegre, RS. Foi interessante porque, além de elas cantarem no concerto, orientaram cantores do próprio Coro em aulas individuais de canto. Novamente pudemos ver os cantores e equipe técnica mobilizando-se para se desenvolver mais tecnicamente. Alguns aceitaram a proposta e ensaiaram solos, árias antigas e canções brasileiras para poderem ser orientados pelas cantoras convidadas.

Os cantores relatam que a apresentação que mais marcou essa época foi o “Amor: Idas e Vindas”.

C8 diz que:

É uma (apresentação) que marcou muito que não era com orquestra, nem nada, que tenho muitas saudades, do Idas e Vindas, do Vilson. Eu achei o programa em si, amei a parte do Carlos com aquela viola, amei, eu acho que foi um concerto tão... O povo gostou, todo mundo... O programa muito bonito. Esta a que mais marcou neste tempo de coro.

C4 nos conta que:

Apresentação que acho que também marcou foi é aquela que nós cantamos com o Vilson, bem grande também, e o resultado foi muito bom, uma coisa diferente do que a gente estava acostumado a fazer, né que é uma coisa mais, antigamente era uma coisa muito estática, e aquilo a gente começou a fazer um trabalho de mais movimentação e de cena, este tipo de coisa.

Percebemos que C8 diz que o programa “Amor: Idas e Vindas” deixou “saudades” e “marcou muito”. O que foi vivido nessa montagem foi de grande intensidade, pois, mesmo

após mais de cinco anos, ainda se lembram e falam com grande sentimento deste espetáculo.

A “marca” parece realmente ter sido forjada e o tempo só deixou “saudades.”

C6 fala do espetáculo “Amor: Idas e Vindas”: “foi um desafio, todos ali, se locomover, cantar descalço, solos...”.

C6 conta-nos um pouco mais sobre isso:

Aquilo lá foi, nós apreendemos bem a técnica, o tempo que nós levávamos aqui, tudo, era, era muito diferente. Foi um marco muito grande com relação ao Vilson e com relação ao coral. Pessoas que assistiram, me lembro de amigos que assistiram no Ouro Verde, a apresentação e disseram que era coisa de ...uma coisa muito bonita, quem gosta de música exagera um pouquinho. Mas assim que era uma apresentação que você via as pessoas embevecidas porque ali, ali havia música havia texto, havia solos, instrumentos e havia todo aquele aparato, aquelas luzes, aquele som por detrás, nossa, tudo lindo. Eu acho que foi um espetáculo marcante do tempo do Vilson.

Nessa fala percebemos que C6 se lembra de pessoas “embevecidas”. Esta comparação do coro produzindo algo que saciasse o desejo das pessoas. Não um saciar de alimento para o corpo, mas para a emoção, o fruir artístico. A função de prazer estético da música encontra-se nesta fala, tanto na perspectiva do artista como na do espectador.

Sobre o “Amor: Idas e Vindas”, C6 ainda nos diz:

Eu acho que ele foi assim, um programa, um recital, acabado, perfeito, teu solo, as nossas músicas, a encenação e como, com luz e tal, tanto que em Minas todos adoraram, no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, eu acho que seria muito bom se o coral retornasse ou parte.

O espetáculo “Amor: Idas e Vindas” construiu-se e enraizou-se de uma forma que, quando cantávamos algumas das músicas, isoladamente, o grupo representava a emoção da época... Os olhares, a cumplicidade, as “deixas” entre uma música e outra. Quando acabávamos uma parte, o grupo todo começava ou queria começar a próxima da sequência. Era muito interessante ver como a emoção era resgatada, a mesma do espetáculo. Sobre isso

C6 nos diz:

“Idas e Vindas”, não tem como, se você cantar isoladamente e depois retornávamos isoladamente, qualquer música você está com o Idas e vindas, com aquelas imagens, com aquela emoção, com aquele som, e o coral estava envolvido. Então quando o repertório é bom, quando ela apreende, quando ela se identifica, ela canta melhor, e se for um repertório que não diz muito ele pode ser assim muito técnico, pra Festival, pra ambiente de universidade, pra algum concurso, mas às vezes ele, ele não traz alguma coisa assim que toca mais o coralista.

A realização deste espetáculo foi muito prazerosa, pois percebíamos as pessoas felizes, motivadas, participando, estudando, buscando superar-se, de ensaio a ensaio.

C6 nos confirma isso quando diz que assistindo a um vídeo da apresentação:

Dava pra ver como o coral estava bem, nós estávamos alegres, felizes, nós adorávamos aquela programação, todo mundo cantava com alegria e colhemos este sucesso.

Percebe-se nessa fala de C6 a função de expressão emocional quando diz do estado de espírito e de humor em que as pessoas se encontravam no momento em questão. Utiliza também o termo “colhemos” o sucesso, talvez comparando tal programa a um espécime de flor, evocando docilidade, beleza e singeleza.

Nas excursões maiores, lembro-me de que, durante as viagens, assistíamos, no ônibus, às gravações, em vídeo. Ali, muitas vezes avaliávamos o concerto e o que poderia melhorar. Com isso o Coro foi construindo e aprimorando o espetáculo. As pessoas também foram se aproximando mais, principalmente porque a situação de viagem permitia isso. Foram duas excursões, que restabeleceram o coro musical e humanamente, uma para os estados de São Paulo e Minas Gerais e outra para Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Sobre este estar mais perto em viagens, C4 conta-nos que:

Foi muito gostoso, ainda esses dias eu falei pro pessoal, há quanto tempo faz que a gente não faz uma viagem, e sente falta mesmo, que assim, que fosse uma viagem curta, que fosse dois ou três dias, mas que a gente passasse dois ou três dias com aquele mesmo número de pessoas, é muito importante.

E C4 argumenta que as viagens se refletem no resultado musical, pois:

Eu acho que o grupo trabalha muito mais empolgado. Porque eu vejo assim, quando você fala assim você tem uma meta e você quer alcançar esta meta, como foi o nosso caso do Idas e Vindas, então, por exemplo, era um trabalho todo voltado pra uma viagem que ia ter várias apresentações, então a gente tava ali em cima empolgado pra realizar aquilo ali né, e quando não tem assim essa meta, esse ponto assim, esse foco maior, acho que fica meio solto, eu acho até que é um dos motivos que as pessoas vão desistindo, vão saindo, porque fica sei lá, desmotivado, porque as vezes você estuda, estuda, estuda, ensaia, ensaia e ensaia, mas não tem um resultado, uma apresentação assim onde você vai lá e todo mundo vai ver o seu trabalho, então eu acho que isso ajuda bastante (grifo nosso).

Nesta fala percebemos que o espetáculo “Amor: Idas & Vindas” mostra-nos então um coro como trabalho e não mais como meio. O coro se sobrepõe aos interesses individuais, secundarizando a família, a amizade e assim se institui a música. Além de se trabalhar para

uma meta comum, as viagens também promovem uma aproximação maior entre as pessoas, pois passam a conviver e a ter mais tempo para se conhecerem e conversarem. C7 afirma que “a gente viajou bastante e isso criou uma aproximação entre a gente. Eu acho que foi uma das coisas mais bonitas que se fez, foi o Idas e Vindas”. Com as viagens o coro fica em primeiro plano e não é mais válvula de escape ou terapia. O coro assume o lugar de “trabalho”, sendo um fim, a atividade principal e não mais o meio para alcançar algo. Institui-se assim a música.

C2 fala que:

Que há uma oportunidade que nós temos através da convivência diária, ali nos intervalos e também nas nossas festinhas e confraternizações e nas viagens principalmente nessas viagens quando a gente tem um tempo maior disponível pra gente compartilhar todos os naipes porque geralmente a gente se restringe a ficar com o naipe da gente porque não pode ficar andando prá lá e prá cá, conversando, gostaríamos, mas não pode, então quando principalmente durante as viagens nós temos bastante tempo nos ônibus, nos carros e também antes das apresentações, depois nos almoços, nos jantares, nas nossas horas de lazer que sempre uma viagem proporciona, nós temos oportunidade de construirmos amizades sólidas e duradouras porque é a hora que você conhece melhor o outro coralista e a gente acaba descobrindo que o que eles estão buscando é a mesma coisa que nós e isso é uma coisa muito gratificante.

Destacamos dessa fala que nas viagens “nós temos oportunidade de construirmos amizades sólidas”. Dessa forma enfatiza a importância dessa convivência para a “construção” da amizade. Segue dizendo que “acaba descobrindo que o que eles estão buscando é a mesma coisa que nós e isso é uma coisa muito gratificante”. Com essa fala nos afirma que o cantor se reconhece no outro, a partir dessa convivência e dessa certeza que partilham; e buscam as mesmas coisas. Isto ainda lhes dá uma situação de conforto por se reconhecerem e serem entendidos quando expressa “é uma coisa muito gratificante”. Com isso o Coro é um meio comum de saberes partilhados, de objetivos, de valores, para todos. O Coro da UEL, no período de 2003 a 2007, teve muitos desafios, sucessos, experiências, e musicalmente foi muito ativo, pois realizou muitas apresentações.

Em fevereiro de 2008, o professor e regente Jailton de Jesus Santana passa reger o Coro da UEL. O Coro já o conhecia, pois em uma oportunidade, quando a maestrina Lucy Schimiti regia o grupo, ele viajou com o coro para uma apresentação em um Festival de Coros em Camboriú, SC. O Coro o recebeu com alegria, pois conforme C6 nos fala:

Nós sentimos que o coral poderia caminhar, porque ele era uma pessoa capaz e estava disposto, eu sentia e acredito que algumas pessoas, coralistas sentiam também, talvez seja uma impressão minha, ele já cuida de outros corais, mas me parecia, e parecia também a alguns amigos nossos que ele tinha muito prazer de cantar no coral e que ele tinha orgulho e que isto era gratificante pra ele e até porque eu acho que é no currículo ele se sente engrandecido porque o Coral da UEL é um coral que de qualquer forma tem o seu nome, a sua repercussão. Então eu acho que era importante pra ele, a gente sentia pela alegria que ele transmitia que era importante pra ele estar no coral.

Desde que assumiu a regência, tem desafiado constantemente o Coro; também preza muito pela técnica. Nesses dois anos, de 2008 a 2010, o Coro realizou grandes obras com orquestra, como Lobgesang de Mendelssohn, trechos do Messias de Haendel, Cantata 142 de Bach e outras. Este repertório acabou agregando outros coros convidados. C2 nos fala que:

Agora estamos com Jailton Santana que é outro maestro que busca sempre excelência no desempenho. Trabalha muito bem integrando o Coro da UEL com outros coros que ele convida, na medida em que ele chama pra cantar junto e pra fazer projetos de uma maior magnitude com orquestra e também faz pouco tempo que ele está lá, mas é um maestro assim bem humorado sabe escolher bem o repertório e estamos fazendo um repertório bastante eclético também.

Com a fala de C2 a função de integração da sociedade, da música, fica evidente. O Coro da UEL como agregador de outros coros e juntos por um objetivo único, a música coral e orquestral. O repertório proposto ao Coro tem sido desafiador. Para que os cantores possam realizá-lo, o regente tem gravado as vozes de cada naipe em separado e pedido que os cantores estudem.

C4 nos fala sobre o regente:

Acho que ele também ele, ele, enfatiza bastante técnica, tenta trabalhar bastante técnica, do grupo, essa coisa de se ouvir, de fazer uma coisa uniforme, de tornar um trabalho bem uniforme, né.

O Coro da UEL, nesses dois anos, ganhou bastante com o maestro Jailton Santana em questão de repertório coral sacro e música vocal/orquestral. Ganhou também na convivência, pois de forma séria, mas com tranquilidade, conduziu os trabalhos, conforme relato dos cantores. As dificuldades também não foram poucas, desde a rotatividade de cantores do Coro à questão de espaço físico, pois enfrentou uma mudança de espaço físico nesse período.

Segundo C8:

O Jailton é tudo, ele somou um pouquinho de cada um, o Jailton é... Técnica, amizade, compromisso, disciplina, quando ele fala todo mundo respeita.

Em julho de 2010, o regente deixará o Coro e retornará às aulas no departamento de música da UEL.

Conforme o próprio relato do maestro Jailton Santana:

Eu não posso me deixar levar pelo nível que está o grupo, vou ter sempre que pensar alto. Se eu quiser almejar algo grande pro grupo. Tudo que eu pego pra fazer, eu pego de coração, assim eu gasto tempo, eu durmo pensando, eu então assim, além de estar somando bagagem para o meu currículo, eu trabalhar com o coro certamente pra mim é bagagem, é pra minha vida em si como pessoa tem sido desafio, desafios a cada mês, a cada semestre, cada apresentação, a cada concerto, mas por outro lado tem sido ahhhh um aprender diário, crescimento, algumas frustrações também, não vou falar que tem sido as mil maravilhas, não. A gente vive pra sonho, sonhar pra perto, se a gente não sonha não vive. Pode morrer. Então eu sempre quero uma coisa a mais e eu quero sonhar sempre coisas a mais. Então assim é deixar registrado aqui que vai ser o ultimo semestre com o Coro UEL, mas não quero que seja um semestre negligente não, eu quero dar o meu melhor, quero que seja o melhor semestre.

Destaco o seguinte da fala do maestro Jailton Santana: “A gente vive pra sonho, sonhar pra perto, se a gente não sonha não vive. Pode morrer”. Este querer algo novo, bom, um sonho, faz com que o cantor sinta que está trilhando um caminho e que o seu cantar move outro a sonhar. Desta forma há uma sincronia entre cantor e regente. O regente ainda diz “pego de coração”, “durmo pensando” e “gasto tempo”. O coro é então vivido diariamente, mesmo quando não se está à frente ao mesmo para ensaio. Tem uma representação que extrapola o ambiente coral. Reger o coro e cantar tem um significado que é levado para o fazer diário de outras atividades. Não se esquece o Coro quando não se está lá ensaiando, ele faz parte do dia a dia e da vida dos que o compõem.

O Coro da UEL iniciou suas atividades timidamente. Os ensaios sendo realizados pela regente em sua própria casa. Com o passar do tempo foi se transformando em um grupo maior, passando a ensaiar em uma sala de professores de um teatro e com um piano usado, adquirido para os ensaios. Este foi o começo de toda a atividade musical da UEL, através do Coro da UEL. O grupo teve sempre à frente regentes dinâmicos que buscaram, cada qual, a seu modo, colaborar para o crescimento e desenvolvimento musical do Coro. Cada regente viveu um momento histórico dentro da instituição, e cada um soube como conduzir o Coro dentro de tal momento. O trabalho frutificou: de um coro criaram-se um coro infantil, uma orquestra, um coro juvenil, outro de terceira idade, coros no hospital e no campus da instituição, além das oficinas de educação musical. Instituiu-se a Seção de Música Vocal com

arquivista, copista, secretária, uma equipe de regentes e ensaiadores. Atualmente a Seção de Música Vocal atende aproximadamente a 250 cantores, pessoas da comunidade londrinense e região que integram os diversos grupos da instituição. Além da Seção de Música Vocal, há também a Seção de Música Orquestral. São quase trinta e oito anos completos de existência, de conquistas gloriosas.

O Coro conquistou um espaço institucional próprio, não uma sede física própria, mas um espaço cultural e artístico no imaginário da instituição. O Coro da UEL teve inicialmente um perfil mais universitário, mas que foi se transformando, com o decorrer dos anos, passando a atender muito à comunidade externa da UEL, talvez até por Londrina, partir de sua fundação até meados da década de oitenta, ter somente coros mais ligados a igrejas. É somente a partir dos anos 80 que surgem outros coros de comunidade, empresas e escolas.

Nesses anos todos, o Coro da UEL sempre se manteve com um efetivo nunca menor que 40 cantores. Houve épocas em que atingiu 100 vozes. Desde o fim da década de setenta possui uma equipe de ensaiadores. Esta equipe se mantém, mesmo quando há mudança de regente, pois é uma equipe concursada. Com isso os ensaios não param.

4.3 O Coro da UEL perante os outros coros da cidade

Como a identidade do Coro da UEL se estabeleceu e se estabelece perante os demais coros da cidade de Londrina a partir da fala de seus atuais e ex-integrantes?

Nas entrevistas realizadas perguntamos como eles se sentiam em relação às pessoas da cidade quando diziam que participavam do Coro da UEL. Perguntamos também como eles achavam que o Coro era visto na cidade e por que as pessoas ainda hoje procuram o Coro da UEL, para cantar.

Os cantores nos relataram que, quando dizem que participam do Coro da UEL a pessoas de fora do grupo, normalmente ouvem expressões como nos relata C2:

Falo canto no Coro da UEL, todo mundo: ôoooooooo... Canto no Coro da UEL: ôoooooooo! Então o Coro da UEL é uma coisa assim que tem a sua história e tem o seu presente também.

C4 conta-nos que quando diz que integra o Coro da UEL:

Ai eles ficam boca aberta: ah você participa do Coro da UEL? Como se fosse uma coisa do outro mundo, como eu também achava que era uma coisa, uma coisa legal. Eles ficam bem empolgados com você, como é o trabalho. Quando se fala em Coro da UEL, orquestra da UEL é um peso muito grande.

C6 nos diz que:

Eu acho que é, todos nós, nos sentimos muito gratificados, muito orgulhosos de pertencer ao coral e alguém diz ah você é do coral? Sou do coral da UEL. Então eu acho que para todos é um orgulho muito grande.

C8 expressa-nos que:

Eu sinto um orgulho danado, quem me ouve diz nosso o Coro da UEL tem um nome, e quando você entrou? E aí a gente vai contando, né. Mas todo mundo... A gente fala que canta no coro da UEL, fica impressionado.

C5 também nos diz que:

Tenho orgulho de falar que eu canto no coral da UEL e as pessoas, oh, você canta no coral da UEL e como é que faz pra entrar lá, olha que legal e como é que você dá conta... Digo tem os ensaios, tem os naipes.

Conforme as falas dos cantores, o Coro da UEL parece ser visto com simpatia pelas pessoas da cidade. Os cantores se expressam utilizando-se de expressões que denotam exagero, de hipérboles, como “é um peso muito grande” e “é um orgulho muito grande”. A hipérbole é uma figura que tem o intuito de fixar a própria verdade, segundo Reboul (2004).

A simpatia que a cidade parece ter pelo coro, segundo os entrevistados, também pode ser resultado do coro ter participado de muitas solenidades e festividades no município.

Dentre tantas apresentações, C2 lembra-nos de dois eventos de que o Coro participou:

Inauguração do terminal urbano rodoviário de Londrina foi uma coisa emocionante porque muita gente, isto foi na época da administração do Dr. Wilson Moreira por volta de, bem foi depois de 83 porque eu já estava no coro né e a gestão dele acho que foi de 83 até 86. Cantamos na inauguração ainda na época da administração do Dr. Wilson Moreira, como prefeito, na inauguração do teatro do Zerão que veio a orquestra de Ribeirão Preto.

Para os cantores, o Coro também se estabeleceu para a cidade. Segundo C2:

Pra cidade o Coro da UEL é um marco, é um monumento, vamos dizer, não posso dizer que é um monumento, mas é um... Uma entidade, um órgão que nunca vai poder deixar de existir, tem a sua história, ele marcou momentos muito importantes da vida de Londrina, nos atos oficiais, nas inaugurações, solenidades e o povo de Londrina aprendeu a amar o Coro da UEL como uma coisa assim, de uma forma que o povo até aprecia outros grupos... Quando o Coro

da UEL aparece, o público levanta e aplaude. Então pra cidade o Coro da UEL é um órgão, não sei como eu diria, é algo muito importante. O Coro da UEL tem o seu espaço dentro da cidade de Londrina, tem as suas dificuldades, tem momento que se destaca mais, tem momentos que se destaca menos, mas sempre vai ter o seu espaço.

C5 expressa-nos que:

Ah... Então eu sinto que a imagem do Coro na cidade é muito valorizada, super respeitada, é uma imagem assim bem tradicional como é a Concha Acústica, como é a feira nordestina, sabe faz parte da vida cultural da cidade né, o Coro UEL Então ele é assim, eu diria uma entidade, as pessoas gostam muito do Coro e tem um peso né, da Casa de Cultura, um peso da própria universidade. Não precisa nem ouvir já é bom, entendeu? As pessoas supervalorizam.

C6 nos diz que:

Eu acho que a cidade pensa que ele é o coro tradicional, que só está engrandecendo a própria cidade, Londrina, eu acho que as pessoas entendem que o Coral da UEL é um patrimônio da cidade. Eu acho que todo mundo pensa...

Segundo C4, o Coro tem o reconhecimento devido:

Porque é um trabalho que acontece há mais de trinta anos, não é um trabalho que começou ontem, não é um grupo que começou ontem, é um grupo antigo né, que tem muito tempo de trabalho, que já apresentou várias coisas, então tem o peso bem grande pra cidade, você percebe.

A partir dessas falas, percebemos que para os cantores do Coro da UEL, o Coro está instituído na cidade de Londrina como patrimônio, monumento, órgão. O Coro, nessas falas, não são apenas pessoas reunidas cantando, mas um organismo só, concreto. Um organismo que para que funcione bem depende das funções de cada membro e que haja um dinâmico sincronismo interno. Os membros são os cantores e regentes e o sincronismo interno são os valores e normas preestabelecidos para o grupo.

Segundo os regentes, as pessoas procuram o Coro da UEL para cantar, porque, segundo R3 diz: “creio que a procura de cantores pelo Coral da UEL, decorre do prestígio histórico que o mesmo possui”.

Segundo R6, as pessoas buscam o Coro porque:

É uma atividade social também, além da pessoa poder se realizar artisticamente... Mais fácil de você se expressar musicalmente é através do canto né... Porque cantar todo mundo canta, nem que seja uma musiquinha de carnaval todo mundo canta, não é? Então é a forma mais simples e acessível de expressão musical. Então eu acho que é por ali, ainda mais que sempre foi dito que não havia necessidade de uma preparação especial pra ingressar no coro, que essa formação eles iriam recebendo aos poucos né (grifo nosso).

R2 pensa que as pessoas procuram o Coro por:

Vários motivos. O primeiro existe aquele estigma Universidade Estadual de Londrina, é até engraçado, eu sou da UEL? Sou, vêm como semideus eles meio que idolatram um pouquinho, há uma coisa muito grande em relação à universidade na cidade, há uma valorização acho bom isso até... Então quando a gente fala assim Coral da Universidade Estadual de Londrina há no nome em si um grande peso, isso por si só já atrai as pessoas... Outro fator que pesa muito é o histórico do Coral em si. Este coral tem uma história de vitórias, de lutas, de crescimento, de projeção nacional. Então assim já se ouviu falar muito sobre Coro da UEL no passado, desde que o maestro Benvenuto trabalhava aqui no Coro da UEL e isso foi trazido pra sua história e passa de geração pra geração, ne? Queira ou não queira se comenta Coro da UEL ganhou concurso assim, foi bem colocado. Então isso favorece muito. O fato de termos uma equipe de pessoas concursadas, preparadas, formadas em música, trabalhando com grupo, então quantas universidades tem isto? Nenhuma (grifo nosso)

Nestas falas de R2 e R3 observamos que para o regente a procura pelo coro é ligada ao status, à competência ao stigma da Universidade. São bem distintas das falas dos cantores. O Coro se mantém ainda atrativo para os cantores pela sua história e tradição. Com a fala de R2 confirmamos também o reforço pela hipérbole, pois ele mesmo sente este exagero das pessoas em relação à universidade e ao Coro quando diz que “vêm como semideus e que idolatram.”

R2 ainda justifica dizendo que a história criou uma marca de vitória pelas “lutas, crescimento, projeção nacional” alcançados. Diz também que isso ficou na memória, pois foi sendo passado de geração a geração. R2 também diz do diferencial do grupo que é ter uma equipe preparada de ensaiadores trabalhando com eles. Encerra sua fala dizendo que é:

Pela somatória, do nome da universidade, a fama que tem, que deu esses anos de trabalho, e isso gera uma atração para as pessoas que querem cantar nesse grupo, e geralmente quem passa aqui, nunca vi ninguém falando mal, que foi ruim pra sua vida, como cantor, pelo contrário, as pessoas saem daqui, as que já saíram e vão até falar orgulhosamente oh eu cantei no Coro da UEL. Então isso passa de geração em geração, propaganda de boca a boca que funciona muito bem, então isso favorece querer cantar nesse grupo.

Notamos novamente um reforço da hipérbole, quando R2 diz “nunca vi ninguém falando mal”, “vão falar até orgulhosamente” e “isso passa de geração em geração”.

R4 nos diz que:

Bom, eu acho que tem gente que pensa no nome da instituição, isso pode ser um fator, a universidade está oferecendo uma oportunidade gratuita de eu fazer música, pensa na instituição na gratuidade com a possibilidade e acreditam na instituição. Outras pessoas querem ter experiência de canto coletivo e aí sabem da possibilidade aberta pela universidade, e ela procura.

Para R2 e R4, o Coro ser da UEL já justifica o porquê da preferência dos cantores, pois há um valor agregado ao trabalho. Um valor de excelência e confiança por ser um trabalho ofertado pela UEL. R4 ainda coloca que a possibilidade gratuita de aprender a cantar é atrativa, assim como o fazer música em grupo.

R1 colabora dizendo que:

Porque é referência, basicamente porque é referência. É um trabalho gratuito aberto a todas as faixas etárias, criança, e terceira idade podem cantar, porque tem várias opções de horário, porque ainda funciona perto do centro da cidade. Mas acima de tudo porque ainda é referência musical na cidade.

R1 concorda com R4 quando diz da gratuidade do serviço oferecido, cantar nos coros. R1 tem a mesma opinião que R2 e R3 quando fala do prestígio histórico, em ser referência. R1 acrescenta que os cantores também buscam o Coro porque há opção de horários e pela localização geográfica central.

Percebemos que as falas dos regentes são coincidentes entre eles. De forma geral, cantores e regentes, quando se referem ao Coro, usam a hipérbole sentindo-se engrandecidos por participarem desse verdadeiro “monumento” da cidade. O Coro, segundo os informantes, é um “monumento histórico da cidade”. É como se dissessem: eu sou o Coro, logo, eu sou grande e me orgulho disso... Os outros me “idolotram”, “exclamam oooohhhhhh, você faz parte do Coro da UEL?”

No quesito que R4 e R1 levantam sobre a gratuidade, C3 nos diz que fica no Coro porque “eu não tenho condição de pagar uma aula de música, né? e aqui ensina, né? ensina, né? vai ensinando a respirar e vai prestando atenção, e cada ano que passa você melhora mais”.

C2, assim como R2, também leva em conta o quesito equipe técnica como um diferencial do Coro e diz que:

Então eu gostaria de falar muito da equipe de ensaiadores, que nível de exce..., não vou falar isto, porque já falei muitas vezes isto, é, mas o coro foi o tempo todo alavancado por uma equipe de músicos profissionais muito qualificados, sem eles seria impossível conseguir o nível que o coro tem com coralistas amadores. Então acho que, não estou fazendo isto prá te agradar, to dizendo isto porque eu acredito no valor da equipe, a equipe esteve todos os momentos

fáceis, difíceis, momentos bons, ruins, até na hora de levar, quando o coro levou as suas, sei... Teve os seus revezes, a equipe esteve ali conosco, o coro não se dispersou, você ia pro coro não tinha mais regente, mas tinha ensaiadores lá esperando, então isto foi um fator de manutenção do coro durante esses 30 e poucos anos.

R2 nos fala que:

Eu nunca trabalhei com equipe tão boa assim, ensaiadores, de pessoas preparadas para me ajudar, é um grande diferencial isso, ainda temos então equipe muito boa de apoio a ensaios com pianistas bons, bons ensaiadores e bons cantores.

Percebemos também que C2 e R2 colocam a questão equipe técnica com ênfase. Realmente, em nível de Brasil, há poucos coros com estrutura similar à do Coro da UEL, com ensaiadores. Mas pode estar ocorrendo um tipo de viés na fala deles, uma vez que, além de pesquisadora, também sou membro da equipe técnica. Estou atenta a isso também.

O Coro da UEL, segundo alguns cantores, também foi motivador para a criação de outros grupos. Sobre isso C2 nos diz que:

Estamos dividindo agora o nosso espaço com vários outros coros, coros que por motivação do próprio Coro da UEL foram surgindo sob a regência de pessoas que havia passado pelo Coro da UEL e que passaram a ser regentes, isto é uma coisa muito boa, porque um dos objetivos do Coro da UEL é justamente formar um público crítico.

C6 também nos fala que:

Também eu acho que tem uma coisa muito importante, que ele despertou o interesse de surgir outros coros, as igrejas sempre prezam muito isso, né, mas nós temos corais, não só nas igrejas, correio, câmara, eu acho que foi uma mola propulsora, esse gosto pela música coral, esse incentivo, essa exposição diante do público, eu acho que isso com certeza fez com que surgissem outros coros e por isso que o movimento coral ficou bem grande na região.

O Coro da UEL, desde a sua fundação em 1972, sempre teve o objetivo de ampliar a capacidade artística e musical de seus cantores. Os regentes e equipe que por ali estão ou estiveram sempre primaram por ensinar. Os cantores sentem-se valorizados por isso também. C1 nos diz que “porque lá nós temos um monte de professores, você aprende, você não fica naquela mesmice, naquele bate, bate, você cada dia aprende alguma coisa.”

R4 corrobora isso e diz:

Nós fizemos concertos no Teatro Ouro Verde que chamávamos assim de concerto de temporada, ao menos um em cada semestre, nós preparávamos um repertório pra realizar no teatro, então eu acho que aqueles momentos foram marcantes como a culminância de um processo que a gente tava desenvolvendo, porque também o trabalho de coro, dentro da minha visão de professora, eu sempre enxerguei o coro como um processo de educação musical assim

de musicalização, a gente tinha essa preocupação, então a culminância era importante pra mostrar onde a gente tinha chegado dentro desse processo, porque eu me lembro que as pessoas não eram capazes de ler uma partitura no final de um tempo trabalho ou alguns anos de trabalho, mas elas eram tão ágeis do ponto de vista perspectivo e auditivo que elas quase que sublimavam esse ato de ler e solfejar e já partiam pra realizar, com uma agilidade, rapidez e é claro compreendendo, sentindo, um pouco mais o aspecto rítmico, tendo um grande desenvolvimento perceptivo melódico auditivo, então eles eram capazes de cantar qualquer coisa, qualquer obra, né.

R2 assim como R4 também nos diz que:

Saber que como professor, por exemplo, eu faço a ligação da parte de ensino com o que eu trabalho, então na verdade meus ensaios são aulas, aulas que eu tento passar, então de uma certa forma eu estou passando aquilo que aprendi, isso é positivo, dando o máximo de mim para que as pessoas ouçam, cresçam e aprendam mesmo, é uma escola, uma escola não só da parte artística, mas uma escola mesmo de ensinamentos de vida natural.

Analisando todas essas falas, percebemos que o Coro da UEL se instituiu na cidade como sendo um grupo onde se objetiva o crescimento e desenvolvimento técnico musical, sendo amparado e respaldado pela instituição a que está ligado. O Coro também esteve presente na vida da cidade, seja como provedor de conhecimento aos cidadãos, seja como participante do crescimento e desenvolvimento da cidade. Notamos também que o Coro da UEL, como bem lembraram alguns cantores, foi “mola propulsora” para que surgissem outros coros e para que houvesse um incentivo para o canto coral. A metáfora “mola propulsora” é interessante porque sugere um mecanismo que impulsiona, mas que também ganha força no ir e vir da mola. Esse “ganhar força” certamente fortaleceu e validou a instituição Coro em seus objetivos e propósitos.

C2 ainda nos fala do Coro:

Ele foi a célula geradora da fundação de outros coros, quer dizer então difundiu o canto coral como uma coisa que não era só de igreja, mas que podia ser com música popular muito bem feita e tal e também o povo gosta de ouvir música, a gente descobriu isso que o povo gosta de música coral, e que se não se canta pensa que não, mas se gosta muito, então a medida que houve uma aceitação foram surgindo, pipocando coros aqui e ali e lá e lá, isto foi muito bom para a cidade, formou um público crítico, estou sendo repetitiva é formou, muitos regentes foram formados por motivação de participarem do coro da UEL e a própria orquestra da UEL que nasceu lá como decorrência de uma necessidade de acompanhamento para peças mais elaboradas.

Foi a partir do Coro da UEL que muitos dos atuais regentes de coros e músicos da cidade se motivaram, ainda quando cantores e integrantes do Coro da UEL, para estudar

música e se profissionalizarem na área. Mais uma vez surgem metáforas nas falas de nossos informantes. Segundo eles, o Coro da UEL funcionou como “célula” geradora, como uma “mola propulsora” que fez com que coros fossem “pipocando aqui e ali”. E os coros se multiplicaram. Esse papel de promotor do canto coral também originou um organismo forte e saudável, arraigado em seu código de valores preestabelecidos e que, ao longo de seus trinta e oito anos de existência, foi se construindo.

4.4 As práticas musicais para além do Coro

A prática coral ampliou e amplia o âmbito das práticas musicais de seus atuais e ex-cantores e regentes em seu cotidiano, para além do próprio Coro?

Esta questão foi respondida pelos regentes e cantores no decorrer das entrevistas. Os regentes responderam com mais ênfase a isso, quando perguntados sobre o que o Coro da UEL havia significado para a vida deles. Os cantores, quando perguntados sobre o que tinha ocorrido com eles após começarem a cantar no Coro da UEL, responderam o que vem a seguir.

C1 nos diz que:

Eu nunca tive base de música, eu aprendi alguma coisa, né?, porque as bolinhas, eu sempre brinco, porque as bolinhas, as pausas, as coisas, então, entender a música mas na escrita, não o som, acho que é mais na escrita, isto pra mim foi uma coisa muito boa, né? Porque antes, como se diz, eu ouvi falar, agora eu to entendendo alguma coisa, sabendo, eu falo que eu não sou mais analfabeta, né, pelo menos eu tenho o a, e, i, o, u hehehe.

C1 ainda fala que os compositores eruditos e sua música foram desmistificados e que passou a ouvi-los. Diz que:

A música clássica, mais estas músicas de Bach, Beethoven que nós cantamos, eu via de uma maneira diferente, porque eu não conhecia, parecia que eu só conhecia aquelas músicas que eram fúnebres, hoje não a gente começa a, a ouvir mais e você vai vendo que aquilo lá é a vida, começa a viver aquilo, então você cresce.

C1 conclui sua fala dizendo-nos como o coro também ampliou a prática musical familiar:

É eu vejo na minha casa, meus filhos, né? Eu ensaio tanto a música, eu começo a ouvir tanto, que eles começam a cantar juntos, outras vezes, mãe, de novo essa música? Mas no fim eles começam a gostar junto comigo e vem cantar, solfejar, sei lá faz um, começa a participar.

C8 concorda com C1 sobre a ampliação da prática musical familiar quando diz que:

Inclusive coisas que a gente ensaiou aqui e eu cantando em casa, meus netos em casa, eles aprenderam também... Levei pra minha vida. Aquela música de natal que nós ensaiamos, meu neto canta até hoje, o Navidad... É eles amam aquela música e muitas outras que pra criança dá... A gente, então eu acho que a gente passa o que a gente aprende aqui...

Para C2, o coro ampliou o seu universo de repertório e conta-nos que:

Desde sempre eu apreciei a música erudita, a música sacra e o coro me ofereceu oportunidade de fazer peças, obras, além, do popular, também do erudito, também do sacro. O coro me oferece subsídios, técnicas, é..., relacionados com a música, que tudo o que sei de música, eu aprendi no Coro da UEL. Aprofundei conhecimentos. Então isso significa pra mim que o meu acervo relacionado com a música, eu aprendi no Coro da UEL.

C3 conta-nos que participou do Festival de Música em Londrina, na classe de coro cênico, e que foi convidada para fazer um solo dentro do espetáculo que esta oficina montou.

Aceitou o desafio e conta-nos que:

O festival de 2007 pra mim também foi bom porque eu nunca tinha feito coro cênico, daí fiz coro cênico e fiz o solo da Chiquinha Gonzaga, da Lua Branca. O ensaiador veio do Rio, né? E ele perguntou se eu conhecia Lua Branca, eu disse não, mas essa é a que você vai cantar, tem sete dias pra ensaiar, três dias antes eu fui ensaiar com o pianista e o violino, me deu um branco e eu não sabia, olhava o papel e via tudo em branco. Outro dia eu fui ensaiar, saiu às mil maravilhas e no dia da apresentação saiu muito bonito. Tive sete dias pra ensaiar, pra decorar, o nervoso porque eu nunca cantei sozinha, o Ouro Verde cheio, muita gente em pé, devia ter umas 2000 pessoas então aquilo tudo deixa você insegura, mas cantei.

C3 também conta que, quando sai à noite, sai para cantar e que:

Vai a karaokê. Nossa quando eu vou cantar em karaokê tem umas amigas, vamos cantar, vamos cantar, e eu vou porque elas gostam da minha voz. Inclusive eu fui num Karaokê aqui que chama Koala, só vai jovem. Daí disseram vai lá cantar Índia. Meu Deus essa molecada vai me vaiar, só tem garoto, vou cantar essa música antiga né?, sertaneja, vão me vaiar. Olha Regina eles podem não cantar, mas que eles gostam da música eles gostam viu? Quando eu vou no Koala parece até aquela galinha cheia de pintinho em volta, cheia de rapazinho em volta, tia sou seu fã, tia. Eu fui no Quebra Gelo tinha um conjunto de música gaúcha, daí eu já tinha visto eles tocarem e cantarem lá no CTG (Centro de Tradições Gauchas) uma vez que fui. Daí fiz amizade. Quando fui lá no Quebra Gelo eles estavam lá, hei vem cantar. Eles gostam que eu cante, toda vez que eles estão lá eu tenho que cantar O Tropeiro, você conhece? Aí eles adoram, meu Deus!, morro de vergonha, porque você não ensaia nem nada. Lá no Koala eles gostam muito que eu cante Índia, Fascinação, eles adoram. Eles não cantam, mas que eles gostam, eles gostam. Jovem não gosta de sertaneja não, mas eles gostam sim.

C3 conta que o Coro a transformou, pois:

Eu era assim uma pessoa muito angustiada, muito ranzinza, eu acho que pelo sofrimento que eu tive com o marido né? Então fui uma pessoa muito amarga. E no coro sou outra pessoa. Mudou muito. Eu choro, eu sou chorona, choro de alegria, mas chorar de tristeza que eu chorava antes, eu vinha pro coral, eu entrava no ônibus, eu morava na periferia, eu ia daqui até

a periferia chorando, eu tinha tristeza, não sabia por que, infeliz, eu tinha dores no meu corpo inteiro porque eu era infeliz.

C6 fala que o cantar no Coro também ampliou as possibilidades musicais e artísticas, pois é uma:

Possibilidade também de exercitar um pouquinho de línguas e de exercitar a minha memória, e poética, a poética das músicas que eu acho muito interessante, enfim um conhecimento das músicas de vários países, tudo isso influi na minha inspiração das poesias.

C9 diz que houve uma ampliação a ponto de:

Então o coral da universidade, ele foi a... Fonte onde eu visualizei as perspectivas de me profissionalizar na área... Apesar de que um pouco tardiamente, né? porque o ideal é começar estudar música mais cedo, hehe, mas Londrina ainda não tinha essa ebulição musical que a gente tem hoje. Hoje é bem diferente do que era naquela época.

Os cantores, em suas falas, deixam transparecer que o Coro auxiliou, ampliando a prática musical para além do coro, quando nos dizem que sua vida familiar também sofreu influência. Contam que passaram a cantar em Karaokês, quando descobriram e começaram a vivenciar outro tipo de repertório, quando buscaram a profissionalização na área musical.

Os regentes, com exceção de R5, que não respondeu a essa pergunta, contaram que, de forma geral, o Coro da UEL ampliou as suas possibilidades musicais profissionais.

Alguns eram iniciantes, quando regentes do Coro; outros, mais maduros musicalmente. Mesmo assim, o Coro representou um crescimento musical profissional e satisfação pessoal conforme as falas dos próprios.

R3 diz que:

O Coral da UEL foi a grande escola, através do qual cresci artisticamente e muito me orgulho por ter dirigido o mesmo.

R6 conta que a prática com o Coro exigia um aperfeiçoamento e a fazia:

Viajar quinzenalmente pra ter aulas. Eu fiz um bom relacionamento com eles né, eu podia assistir os ensaios dele lá e recebi muito material. Então foi um contato bastante proveitoso e que enriqueceu meu trabalho aqui, eu fiz de tudo pra crescer um pouco, pra dar o melhor de mim pro coral, hehe... Dentro das minhas limitações que eu sabia que não podia ir muito longe, mas eu fiquei muito feliz porque eu fui substituída por alguém Othonio Benvenuto, que criou a orquestra, fez aquilo frutificar, levou muito além e eu achei que a sementinha foi bem plantada porque produziu muitos frutos...

Para R4, sua vida profissional na área musical se ampliou, pois:

Foi o Coro da UEL que me despertou na verdade. Nunca tinha cantado em coro, e depois que comecei a despertar pra essa área de regência então fui fazer curso... Estar junto cantando ali no Coro da UEL, eu tive a experiência de pela primeira vez fazer uma harmonização sentindo o prazer de cantar em grupo, porque como eu era só instrumentista, eu não tinha tido ainda o prazer de cantar e construir a música, a harmonia, com as vozes, através das vozes, eu nunca mais me esqueci de que depois desta experiência, nos primeiros ensaios, eu falei: é com isso que eu quero trabalhar na minha vida em música, então foi a experiência de cantar em coro que me direcionou pra essa área, assim que me deu aquele insight mesmo, não, é com esta área que eu quero trabalhar minha vida na área musical.

Para R2, o Coro da UEL:

Além de estar somando bagagem para o meu currículo, eu trabalhar com o coro certamente pra mim é bagagem, é pra minha vida em si como pessoa tem sido desafio, desafios a cada mês, a cada semestre, cada apresentação, a cada concerto, mas por outro lado tem sido ahhh um aprender diário, crescimento, algumas frustrações também.

R7 conta que reger o Coro da UEL, para ele, foi:

Uma grande realização, eu entrei na universidade já há muito tempo, sempre regendo também, a regência parece que é os finalmente da nossa atividade artística, claro que tem outras atividades, mas foi uma parte muito importante, foi um trabalho de realização, apesar das dificuldades e lutas do nosso setor, o Brasil a cultura é muito negligenciada, teve altos e baixos, mas o coral sempre é... Sempre foi algo que eu gosto e foi importante e foi um passo muito importante na minha vida foi o Coro da UEL. Onde aprendi muito, tive muito contato com o maestro Benvenuto, outro maestro que me deu outro paradigma foi o maestro Wilson, então foi bom, nesses anos todos, várias pessoas foram formando uma linha que a gente pegou... Por isso foi importante.

Para R1, reger o Coro da UEL possibilitou-lhe:

Um momento de construção, eu já estava num momento de vida musicalmente mais maduro, já tinha passado por experiências em outras universidades... Marcou muito a minha satisfação pessoal de através do coro fazer música e fazer música bem feita.

Pelas falas apresentadas nessa questão de estudo, podemos concluir que, tanto para regentes como para os cantores, a participação no Coro da UEL ampliou e tem ampliado as práticas musicais de seus ex e atuais integrantes. Verificamos que para ambas as categorias, regentes e cantores, o Coro propicia que a prática musical extrapole o ambiente coral, pois levam, para sua vida particular, profissional e familiar, outras formas de se relacionarem com a música e consigo mesmos. Com isso observamos que o Coro se torna uma unidade, pois seus integrantes, cantores ou regentes, beneficiam-se das práticas do grupamento Coro. Observamos também que cantores e regentes sinalizam, em suas falas, que o Coro tem um significado especial, mais que apenas uma atividade musical. A cantora, que diz que, após o Coro, sua vida mudou, hoje é feliz, alegre, canta, sai para cantar, e acabaram dores no corpo.

O Coro propiciou-lhe uma mudança em seu viver diário. Nas falas dela, fica claro que, antes do Coro, chorava de tristeza. Hoje, após sua participação no Coro, chora de alegria. O Coro devolveu-lhe saúde, pois as dores e depressão desapareceram. Houve uma mudança significativa na qualidade de sua vida a partir do Coro e da música.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após vinte anos trabalhando junto ao Coro da UEL, isso me motivou a empreender esta pesquisa. Este Coro, embora de universidade, apresenta características de um coro de comunidade. Além de universitários, participam dele pessoas de várias faixas etárias. Há alta rotatividade de cantores e a maioria deles não lê música.

A pesquisa desenvolvida junto ao Coro da UEL possibilitou-nos compreender como ele se constituiu no decorrer de sua história. Nossa unidade de análise formou-se pelos depoimentos de ex-regentes e atual regente do Coro e nove cantores, que estiveram ou ainda estão no Coro. Foram aplicadas entrevistas semiestruturadas. Utilizamos como suporte teórico a Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici e das Funções Sociais da Música de Allan Merriam. Para a análise das entrevistas, utilizamos a retórica como ferramenta.

O Coro da UEL, nestes trinta e oito anos de existência, esteve sob a coordenação de sete regentes. Cada um deles apresentou dinâmicas e condução de ensaios desenvolvidos de forma diferente.

Os cantores, que, durante muitos anos, emprestaram sua voz ao Coro da UEL, estiveram ensaio a ensaio, a se aprimorar e buscar um melhor resultado musical, além de construir o organismo de pertença³¹ ou comunidade³² Coro.

Segundo Jovchelovitch (2008), a comunidade encerra em si, de forma compartilhada, o mundo da vida de diversas identidades sociais. Há um entrelaçamento de narrativas individuais e comunitárias. Então, quando se conta a história de vida de algum participante

³¹ Terminologia utilizada pela Teoria das Representações Sociais para indicar identidade junto a um grupo.

³² “A comunidade não é uma totalidade homogênea, nem um agregado de átomos individuais. Ela é um campo de tensões e inter-relações que permanece um todo inacabado, sempre aberto á mudança desde dentro ou desde fora”, (Jovchelovitch, 2008, p.132).

desta comunidade, de alguma forma se conta também a história de toda a comunidade, uma vez que esta contém saberes comuns que são referências e/ou parâmetros para que os indivíduos dêem sentido ao mundo.

O Coro da UEL é resultado de um entrelaçamento de objetivos comuns e criou regras ou normas implícitas compartilhadas por seus integrantes, mesmo que não aparentes ou formais, ao longo de seus mais de trinta anos de existência. Ainda, segundo Jovchelovitch, (2008), as relações comunicativas entre os membros de uma comunidade ou grupo criam a solidariedade e o sentimento de pertença e, assim, neste espaço privilegiado se constroem e reconstroem as pessoas, a sociedade e a cultura.

Após tanto tempo, desde a formação inicial do Coro da UEL até os dias de hoje, foi importante investigá-lo para entender como se constituíram os resultados até agora. Isso nos levou a realizar um levantamento do passado do grupo para conhecermos e estabelecermos pressupostos para os dias de hoje e para o futuro. “A experiência refletida e elaborada pode nos transformar e recuperar nossa substância histórica” (Jovchelovitch 2008, p. 145). Esta pesquisa pretendeu retirar o Coro da UEL da informalidade histórica em que se encontrava, pois isto dificultava o planejamento de novas conquistas e o crescimento musical de seus integrantes e, por conseqüência, o do próprio grupo. “O interesse no passado está em esclarecer o presente; o passado é atingido a partir do presente”. (Le Goff, 2003 p.13).

O Coro da UEL foi fundado há trinta e oito anos na cidade de Londrina, PR. Na época, em 1972, havia poucos coros e pouca tradição coral. Os coros existentes até então eram ligados a instituições eclesiais. Sete regentes estiveram à frente do Coro da UEL desde sua fundação até hoje. Cada qual colaborou para a formação da identidade do grupo juntamente com os cantores que o integram ou integraram.

O coro em questão teve uma fase de implantação, de 1972 a 1975. A partir de 1976, com a vinda de um maestro de outra cidade, o Coro se reestruturou. Essa reestruturação foi

implementada com a criação de uma equipe de ensaiadores auxiliares. O Coro cresceu também em número de integrantes. Destacou-se no cenário musical brasileiro, após ter sido, por duas vezes, vice-campeão, num concurso de coros, nacionalmente reconhecido. O Coro gravou dois LPs, um em 1978 e outro em 1980. Fez inúmeras viagens nacionais e internacionais, representando a UEL e a cidade de Londrina. Formou-se um grupo de instrumentistas que o acompanhava em algumas músicas, o “Conjunto Música” que foi o embrião da OSUEL, Orquestra Sinfônica da Universidade Estadual de Londrina, que estreou em 1984. Muitos músicos da orquestra e regentes, que formaram outros coros na cidade, foram, inicialmente, cantores do Coro da UEL.

A pesquisa lançou e respondeu às seguintes questões de estudo: como e por que as pessoas procuram ou procuraram o Coro da UEL; como o Coro da UEL criou sua identidade, ao longo dos anos; como essa identidade se estabeleceu e se estabelece perante os outros coros da cidade; como e se a prática coral ampliou e amplia o âmbito das práticas musicais de seus cantores e regentes em seu cotidiano para além do próprio coro. As respostas levaram-nos a observações, análises e conclusões que mostram que os integrantes e ex-integrantes partilham muitas vezes de ideias comuns. As respostas dos nossos informantes foram expressas, muitas vezes, utilizando figuras de linguagem, como metáforas e hipérboles.

Segundo relatos, ao longo desses anos todos, muitos descobriram um novo universo musical a partir de quando iniciaram a atividade coral. As afirmações sempre exemplificam uma ou mais funções da música citadas. A partir da participação no coro, cantores nos relataram que houve uma ampliação de conhecimento de repertório, e motivação para conhecer mais sobre música e arte de forma geral. Muitos dos integrantes do coro que se tornaram profissionais, por influência do grupo como colegas ou regentes, também interferiram e deixaram algo de si, naquele contexto, naquele tempo. Os regentes que, ao longo de quase quatro décadas, por ali passaram, contribuíram para formar e transformar o coro,

cada qual à sua maneira, aliados à contribuição daqueles cantores que ali viveram um dinâmico relacionamento musical e de amizade. O coro também promoveu novas relações de amizade congregando pessoas em torno de um elo comum: a música, e, especificamente, o repertório que realizam. Disseram que se sentiram capazes de aprender um novo instrumento e isto promoveu a elevação da autoestima. O “fazer música” em grupo também figurou como motivo de prazer, pois não são expostos individualmente, mas sentem-se promotores do prazer estético, além de possibilitar que um pensamento musical expressivo seja elaborado a partir do coletivo.

O canto coletivo também surgiu como promotor de qualidade de vida e saúde, pois o grupo supre muitas vezes a solidão em que vivem, alguns distantes dos familiares.

Concordamos e percebemos que o coro tem se mostrado mais que um espaço musical. Tem propiciado relações de amizade, de crescimento, de motivação e de concretude de metas e objetivos pessoais e grupais. Após um concerto que exige muito do coro em qualidade técnica, quando as pessoas envolvidas se satisfazem com o resultado, elas se sentem integradas e co-participantes do que não imaginavam serem capazes de produzir.

A satisfação do trabalho coletivo e ou das apresentações motivam cada vez mais ensaios, muitos destes desgastantes, em dias e horas não tão confortáveis, como em feriados ou em horários noturnos ou de almoço, pois os integrantes da maioria dos Coros do Brasil não são profissionais da música, ou seja, possuem emprego em outras áreas.

Outro fator relevante é que o resultado coral impressiona pelo volume sonoro atingido, mesmo quando há cantores iniciantes. Isso ocorre, muitas vezes, por estarem misturados a vozes mais experientes, que cantam em Coros há mais tempo ou que realizam estudo vocal formalizado e individual. Esta somatória pode apresentar num resultado satisfatório, se bem conduzida.

Os cantores sentem-se capazes, mesmo tendo pouca experiência. Quando juntos a outros, percebem que é possível “fazer música” e, com isso, permitir que todos possam fruir dessa arte. Assim, apresenta-se a função estética e de comunicação da música.

Talvez, estes resultados mostrem exatamente a necessidade de se promover mais pesquisas da psicologia com ênfase no social e não só no cognitivo e emocional.

Os cantores do Coro da UEL procuram ou procuraram o coro não só para cantar, mas também, muitas vezes, como um “espaço familiar”, uma oportunidade para “fazer e encontrar amigos”, um “momento de pausa no dia a dia de seus afazeres”, uma oportunidade de “aprendizagem”. O significado de Coro da UEL como “família” aparece com ênfase na fala dos cantores. Os cantores sentem-se acolhidos e seguros, no coro, identificam-se uns com os outros. Isto possivelmente ocorre porque percebem que há uma convergência de ideias e sentimentos a partir da música e da convivência. É nessa convivência, neste “entre” que ocorre a simbologia para e por seus integrantes. Quando convivemos com pessoas que comungam das mesmas ideias, valores e desejos, sentimos grande empatia e juntos vão-se construindo os ideais e a realidade. Em uma família, vivemos uns com os outros, compartilhando desejos, necessidades; juntos buscamos a realização de um bem comum. No Coro da UEL isto parece ocorrer também, juntos dividindo esforços, alegrias e desejos em favor de um bem maior, a música. Essa convivência se faz a partir do viver de cada um individualmente com e para o grupo. Assim reflete o viver do grupo. Para os regentes, o Coro da UEL foi de suma importância para sua realização profissional, pois foi uma oportunidade de “aprendizagem” e também um “momento de satisfação”. Descobriram, também, que queriam realmente seguir a carreira de regente, a partir da experiência com o Coro. Muitos disseram que o Coro foi “a grande escola” que foi uma oportunidade que somou muito à “vida” profissional e pessoal. Para os regentes o coro significa um fim em si. O eixo das falas dos regentes é o coro, enquanto que para os cantores o coro é visto como um meio para

alcançar algo. No decorrer da história do Coro da UEL, no entanto houve uma fase em que os cantores colocaram o coro como um fim em si, como trabalho, foi na montagem e viagem do espetáculo “Amor: Idas & Vindas”. Nesta época o coro é colocado em destaque, deixa de ser meio, para ser fim, o trabalho principal dos cantores, deixam a família, os afazeres profissionais para se dedicarem a ele, como atividade principal da vida deles, “dando o sangue”. Observa-se também que na construção do “Amor:Idas &Vindas” os cantores trazem muitas vezes suas experiências profissionais de fora do coro, como no caso de escritora, costureira, ator em favor da montagem do grupo, eis o sentido profissional. Muitos disseram em suas entrevistas que o Coro já estava incorporado à vida deles e que, se tivessem que parar ou mudar para outro grupo, “seria complicado”. Isso, inclusive, tem acontecido, nos trabalhos diários: cantores que estão há muito tempo no Coro da UEL e que resistem em mudar de grupo, mesmo estando numa faixa etária condizente com outro grupo da Seção Vocal. Dizem que não mudam, pois se identificam com o Coro da UEL, no qual começaram a cantar há quinze, vinte anos etc.

O Coro da UEL criou sua identidade ao longo dos anos, tendo características próprias, como sendo de comunidade, com número de vozes sempre acima de 40. É um grupo que realiza vários repertórios, do popular ao erudito, *a cappella*³³, com piano ou com orquestra. Esta possibilidade eclética de repertório deve-se principalmente aos seus regentes, que deram ao Coro oportunidades de experimentar trabalhos diversificados, bem como de atender convites para concertos de Coro e orquestra. Nestes anos todos há um corpo estável que mantém os ensaios, com ou sem regente oficial. Todos sabem que o Coro não pára as suas atividades, pode estar em crise, mas há sempre um grupo de cantores e ensaiadores. A cidade de Londrina conhece e admira o Coro, que esteve presente em muitas de suas inaugurações e solenidades.

³³ Música realizada sem acompanhamento instrumental, ou seja, apenas vocal.

Concluimos que o Coro da UEL se institui como Representação Social, pois cantores, ex- cantores, ex-regentes e regente atual vivem-no ou viveram-no como tal. O núcleo representativo deste organismo se traduz como vida. As falas, após análises, utilizando-se da ferramenta da retórica, apresentaram figuras de linguagem, principalmente metáforas e hipérboles. Elas sempre identificaram por meio de analogias ou exagero o Coro da UEL como vida, organismo vivo e dinâmico que participou e participa da vida de seus integrantes e da cidade, como se fosse “membro da família” ou uma “família que adotei”. Como em uma família, as decisões tomadas por qualquer membro da mesma influenciam o dia a dia daquele núcleo. Assim também é com o Coro da UEL: as decisões, os acertos, as tentativas, as mudanças, os novos cantores e regentes, cada qual influencia o grupo e também se molda e modifica conforme o grupo.

A Representação Social Vida para o Coro da UEL aplica-se tanto pelo significado que o mesmo tem para os seus integrantes como também pelo quanto o Coro se amplia e se modifica, a partir de seus membros e suas atitudes. É um grupo vivo, que responde e corresponde de acordo com as inter-relações empreendidas e vividas no “entre”, no espaço social entre seus participantes. O espaço de vida familiar é permeado por sentimentos, ações, laços afetivos que se aprofundam com a convivência. Aparece também vida como analogia “à terapia, ao recarregar das baterias” confirmando-se como busca de uma vida saudável e qualidade de vida.

Assim ocorre no Coro da UEL, onde os valores são compartilhados. Portanto, a comunidade Coro da UEL apresentou um mundo da vida compartilhado constituindo-se numa Representação Social ainda que para regentes se constitua como fim e para os cantores muitas vezes como meio.

Os resultados apontaram-nos também que é recomendável que se faça um aprofundamento da pesquisa sobre a equipe técnica, uma vez que ela exerceu papel

fundamental nas diversas fases do Coro. Nestes anos todos, estive junto ao grupo, formado por cantores e regentes, inclusive quando da falta de regentes. Que influências teve sobre o Coro? Como conduziu as propostas dos regentes em épocas distintas? Como, junto aos cantores e regentes, construiu a identidade do Coro? Como também é vista pelos integrantes do coro? Outro ponto importante a aprofundar é o período do Coro com o espetáculo “Amor: Idas e Vindas”, pois parece indicar um forte período representativo para o Coro. Todos os cantores participantes da pesquisa e que estavam na montagem de tal espetáculo falavam com muita propriedade e significativa lembrança dessa fase. Poderia se perguntar se, através do lançamento de uma proposta como o espetáculo “Amor: Idas e Vindas”, construído coletivamente, seria possível que um Coro se estabelecesse como uma Representação Social. Outra sugestão, para desenvolver uma pesquisa, seria por que os cantores não querem sair do Coro da UEL para outro grupo da própria instituição. Ou como deveria ocorrer a passagem dos cantores de um grupo a outro. São questões que esta pesquisa não pôde abarcar, mas que seriam recomendáveis para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Elisabeth Alves. *A avaliação de performance no canto lírico: uma análise de conteúdo*. 2006. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Instituto de Artes, Universidade de Brasília. Disponível em <[Http://hdl.handle.net/123456789/1406](http://hdl.handle.net/123456789/1406)>. Acesso em 03 abr. 2009.

ALVES-MAZZOTTI, Judith. Representações sociais: desenvolvimentos atuais e aplicações à educação. In: CANDAU, Vera Maria (org.). *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender. Encontro Nacional de Didática e prática de Ensino (ENDIPE)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 57-73.

_____ e GEWANDSZNAJDER, Fernando *Título Desconhecido* p.145 – 188.

AMATO, Rita Fucci. O Canto Coral Como Prática Sócio-Educativa e Educativo-Musical. *Opus - Revista da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música*, Rio de Janeiro, v.13, n. I jan. jun 2007.

ANDRADE, Margaret Amaral de. *Avaliação em Execução Musical: estudo sobre critérios utilizados por regentes de grupos corais escolares*. 2001. Dissertação (Mestrado), Curitiba.

ARROYO, Margarete. *Representações sociais sobre práticas de ensino e aprendizagem musical: um estudo etnográfico entre congadeiros, professores e estudantes de música*. 1999. Tese (Doutorado em Música) - Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/15025>> Acesso em 04 abr.09.

CORAL E CONJUNTO MÚSICA DA UEL. Londrina: UEL/CEL/DAC - Setor de Música. Colaboração: MEC/FUNARTE/INM, 1978. 1 Lp.

CORAL DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. Londrina: UEL/CASA DE CULTURA/SETOR DE MÚSICA, 1982. 1 Lp.

CORO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, Amor: Idas & Vindas. Londrina: TV TAROBÁ – Rede Bandeirantes, 24 de setembro de 2005. 1 DVD.

CURRICULUM DO CORAL DA UEL. Londrina, agosto de 1974.

DERUSHA, Stanley. *A arte da regência. ANAIS da Convenção Internacional de Regentes de Coros*, Brasília DF, 1999.

DUARTE, Mônica de Almeida. *A representação social dos “meninos de rua” pelas crianças e adolescentes de classe média*. 1994. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____. *Por uma análise retórica dos sentidos do ensino de música na escola regular*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____. *Objetos musicais como objetos de representação social: produtos e processos da construção do significado de música*. *Revista Em Pauta*, Porto Alegre, v. 13, n.20, p.123-141, 2008.

DUARTE, Monica de A.; MAZZOTTI, Tarso. Por uma análise retórica dos sentidos da música. *Logo, Revista de Retórica y Teoría de La Comunicación*, ano III, n. 5, p. 61-63, dezembro 2003. Disponível em www.revista-logo.org. Acesso em 29 abr. 2010.

_____. *Professores de música falando sobre... música: a análise retórica dos discursos*. *Revista da ABEM*, n. 15, pp. 59-66, setembro 2006. Disponível em <http://www.mazzotti.pro.br/tarso/Coautoria/Entradas/2006/9/23_Professores_de_musica_falando_sobre..._musica_a_analise_retorica_dos_discursos_files/DuarteMazzotti2006Abem15_Set.pdf> Acesso em 29 abr. 2010.

FERNANDES, Ângelo et al. O regente moderno e a construção da sonoridade coral: interpretação e técnica vocal. *Per Musi – Revista Acadêmica de Música*, Belo Horizonte, n 13 p. 33-51, jan.jun. 2006. Disponível em <http://www.musica.ufmg.br/permusi/port/numeros/13/num13_cap_03.pdf> Acesso em 06 jan. 2010.

FIGUEIREDO, Sérgio Luiz de. *O ensaio coral como momento de aprendizagem. A prática coral numa perspectiva de educação musical*. 1990. Dissertação (Mestrado em Música) - Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FREIRE, Vanda Lima Bellard. *Música e Sociedade: Uma perspectiva histórica e uma reflexão aplicada ao ensino superior de música*. *Série teses 1, ABEM*, 1992.

GOODE, William Josiah; HALT, Paul. *Métodos em pesquisa social*. São Paulo: Ed. Nacional, 1979, p. 236-268.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas, 1999, p.117-127.

HARGREAVES, David J.; NORTH, Adrian C. The functions of music en everyday life: redefining the social in music psychology in *Psychology of Music*. 1999, 27, p.71-83.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em <www.ibge.gov.br> Acesso em 17 de ago. 2010.

JODELET, Denise (org). *As representações sociais; um domínio em expansão*. Tradução de Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, p.17-44.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Psicologia Social, Saber, Comunidade e Cultura. *Psicologia & Sociedade*; 16(2): p. 20-31 maio/agosto 2004.

_____. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. p. 63-85.

_____. *Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura*. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

JUNIOR, Sylvio Lago. *A Arte da Regência*. Rio de Janeiro. Lacerda Editores, 2002, p. 289-305.

JUNKER, D. O movimento do canto coral no Brasil- Breve perspectiva administrativa e histórica. Disponível em <http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_1999/ANPPOM%2099/CONFERENCE/DJUNKER.PDF>. Acesso em 07 jan. 2010.

KEBACH, Patrícia Fernanda Carmem. *Musicalização Coletiva de Adultos: o processo de cooperação nas produções musicais em grupo*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/13272>> Acesso em 04 abr. 2009.

LAKSCHEVITZ, Eduardo (Org.). *Ensaio: olhares sobre a música coral brasileira*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Música Coral, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória Social*. Tradução de Bernardo Leitão et al. 5 Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, p. 7-16.

LIMA, Maria Jose Chevitarese de Souza. *O canto coral como agente de transformação sociocultural nas comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho. Educação para a liberdade e autonomia*. 2007. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) - Programa EICOS de Pós-Graduação, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LOSNAK, Marcos; IVANO, Rogério. *Lavrador de Imagens – uma biografia de Haruo Ohara*. Londrina: S. H. Ohara, 2003.

MACARINI, Walmor (Org.). *Londrina Paraná Brasil: raízes e dados históricos – 1930-2004*. Associação Pró-Memória de Londrina e Região. Edições Humanidades, 2004.

MADEIRA, Margot Campos. Representações Sociais e educação: importância teórico-metodológica de uma relação In MOREIRA, Antônia Silva Paredes (Org.). *Representações Sociais – Teoria e Prática*. João Pessoa: Ed. Universitária / UFPB, 2001, p. 123-144.

MALUF, Julio Cezar Giudice. *Afinando Diferenças: O processo de criação artística do coral cênico cidadãos cantantes -1996-2004*. 2005. Dissertação (Mestrado em Música) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. São Paulo.

MAZZOTTI, Tarso; ALVES-MAZZOTTI, A. J. *Análise Retórica na Pesquisa em Representação Social*, 2009, no prelo.

MAZZOTTI, Tarso; OLIVEIRA, Renato J. A retórica das teorias pedagógicas: uma introdução ao estudo da argumentação. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n3/a08v32n3.pdf>> Acesso em 7 abr. 2010.

MONTI, Ednardo M. G. Canto Orfeônico: Villa-Lobos e as representações sociais do trabalho na era Vargas. *Teias*, Rio de Janeiro, ano 9, n. 18, pp. 78-90, julho/dezembro 2008. Disponível em <<http://periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=266&path%5B%5D=288>>. Acesso em 7 jun. 2010.

MOORE, James A. Como organizar e realizar um ensaio coral eficiente. *ANAIS da Convenção Internacional de Regentes de Coros*, Brasília DF, 1999.

MOSCOVICI, Serge. A representação social da psicanálise. Tradução de Álvaro Cabral. Resenha. *Aberto*, Brasília, ano 14, n 61, jan. mar. 1994, p187-189. Disponível em <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/926/832> Acesso em 24 abr. 2009.

MUSILI, Célia; ABRAMO, Maria A. *Londrina puxa o fio da memória*. Joinville: Editora Letradágua, 2004.

ORDINE, Augusto. *O trabalho do professor de música na rede pública de Duque de Caxias (RJ) – prováveis representações*. 2009. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

OAKLEY, Paul. O ensaio coral: a performance do regente. *ANAIS da Convenção Internacional de Regentes de Coros*, Brasília DF, 1999.

PEREIRA, Éliton & VASCONCELOS, Miriã. O processo de socialização no canto coral: um estudo sobre as dimensões pessoal, interpessoal e comunitária. 2007. *Musica Hodie*. v. 7, n. 1, p. 99-120, 2007.

REBOUL, Oliver. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RENNER, Kátia Klar. *O tempo musical no tempo do sujeito: ouvindo os fazedores de música da idade madura*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Porto Alegre. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/10315>> Acesso em 04 abr.2009.

RODERJAN, Roselys Vellozo. A música em Curitiba, da instalação da província ao alvorecer do século XX. In: NETO, Manoel J. de Souza (Org.). *A (des)Construção da Música na Cultura Paranaense*. Curitiba: Ed. Aos Quatro Ventos, 2004, p. 38-54.

SÁ, Celso Pereira de. *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 1998, p.45-59.

SADIE, Stanley. *Dicionário Grove de Música*. Tradução de Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

SELLTVIZ, Wrightman e COOK. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo: EPU, 1987, p. 15-48.

SOBOLL, Renate Stephanes. *Arranjos de música regional do sertão caipira e sua inserção no repertório de coros amadores*. 2007. Produção Artística e Artigo (Mestrado em Música) - Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás.

<http://bdtd.ufg.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=67> Acesso em 04 abr. 2009.

SOUZA, Lia O. K. *Canto coral como ferramenta de socialização e integração social*. 2009. Monografia (Especialização em Música) - Coordenadoria de Pesquisa e Pós-Graduação da EMBAP, Escola de Música e Belas Artes do Paraná, Curitiba.

Disponível em < <http://tecnicasderegencia.blogspot.com/2009/09/canto-coral-como-ferramenta-de.html> > Acesso em 07 jan. 2010.

TEIXEIRA, Lucia Helena Pereira. *Coros de empresa como desafio para formação e atuação de regentes corais: dois estudos de caso*. 2005. Dissertação (Mestrado em Música) - Programa de Pós-Graduação em Música. Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Disponível em < <http://hdl.handle.net/10183/5439> > Acesso em 4 abr. 2009.

TEIXEIRA, Marcello. *A formação do percussionista no Rio de Janeiro: relações entre suas práticas, o ensino superior e o mundo do trabalho*. 2009. Dissertação (Mestrado em Música) - Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

QUESTÕES DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS DOS REGENTES

As entrevistas com os regentes tiveram um roteiro com perguntas pré-estabelecidas. No entanto com alguns o mesmo se ampliou e com outros houve uma diminuição, isto devido às circunstâncias. Com dois regentes (R3 e R5) a entrevista não ocorreu de forma presencial, mas via telefone e internet.

Roteiro da entrevista com os regentes (foram lidas as questões).

1. Em que período ou época você esteve frente ao Coro da UEL?
2. Você já havia regido outros coros antes do Coro da UEL? Quais, se possível?
3. Por que você rege ou regia coros?
4. Como era o Coro da UEL à sua época? Conte-me um pouco.
5. O que o Coro da UEL significou para a sua vida?
6. Você pode listar pontos positivos e negativos em ter regido o Coro da UEL?
7. Qual era o número aproximado de cantores que participavam do Coro da UEL à sua época?
8. Qual ou quais apresentações mais lhe marcaram e por que?
9. Por que você acha que os cantores procuravam ou procuram o Coro da UEL para cantar?

QUESTÕES DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS DOS CANTORES

As entrevistas com os cantores tiveram um roteiro com perguntas pré-estabelecidas. No entanto com alguns o mesmo se ampliou e com outros houve uma diminuição, isto devido às circunstâncias.

Roteiro da entrevista com os cantores (foram lidas as questões).

1. Há quanto tempo você canta em Coro?
2. E no Coro da UEL?
3. Por que você canta em Coro?
4. Como você se sente cantando no Coro da UEL? Conte-me um pouco.
5. Por que você escolheu o Coro da UEL para cantar?
6. O que significa o Coro da UEL para você?
7. Depois que você começou a cantar no Coro, conte-me como é isto para você?
8. Desde que você está no Coro da UEL, quantos maestros já passaram pelo grupo?
9. Você se lembra de como era o Coro à época de cada um?
10. O que cada maestro mais prezava, sob seu ponto de vista, à frente do Coro da UEL?
11. Você se recorda de qual apresentação ou quais apresentações mais o marcaram?
12. Como você e seus colegas se sentem ou sentiam em relação à cidade, em participar do Coro da UEL?
13. Complete a frase com três palavras “Cantar no Coro da UEL pra mim é...

Regente: R1

Data da entrevista: 28/12/2009

Regina: Em que período ou época você esteve frente ao Coro da UEL?

R1: de 2003 a 2007

Regina: Você já havia regido outros coros antes do Coro da UEL? Quais, se possível?

R1: Sim, sim, eu regi e comecei a trabalhar com regência desde 1971. Muito, trabalhando com coros de igreja, Igreja Metodista em Bauru, interior de São Paulo e a minha primeira regência fui pego de surpresa, que a regente grávida teve o filho antes da época e eu fui colocado a frente para reger. Depois eu fui pra São Paulo fazer minha faculdade, meu curso superior e neste período comecei a trabalhar com o maestro de São Paulo, com coro, e aí eu descobri que o que eu gostaria e queria fazer mesmo era regência e muita mais regência coral do que a orquestral. Trabalhei em São Paulo sempre em nenhum coro profissional sempre coro mais amador, embora com níveis dizendo nível profissional. Então eu tive dois regentes muito importantes em SP que me fizeram, que me faz o regente que sou hoje. Posso citar os nomes?

Regina: deve.

R1: Sem dúvida o meu grande mentor na área da regência Samuel Moraes Kerr, conhecido Samuel Kerr que foi quem me fez ter o gosto pela regência, trabalhava com ele com coro amador, Associação Coral Canto Nobili, que foi um grupo onde trabalhei onde eu comecei a trabalhar um pouco mais sistematicamente pensando na regência. Trabalhei como assistente dele. Outro grupo que foi simultâneo a este era o Clegium Musicum de São Paulo um grupo que existe até hoje, regido pelo maestro Roberto Schnorrenberg. O maestro... O que me fez entender quão importante era o estudo, a conhecer música, estudar musicologia, pra poder fazer o repertório, então foi, ele me me marcou por isso o Schnorrenberg. Esse grupo era um grupo com atitude profissional, a maioria eram músicos profissionais que se reuniam sob a

orientação dele, por ser um maestro de referência. Essas duas pessoas marcaram muito a minha carreira como regente, o regente que eu sou. Depois dessas duas pessoas, uma outra pessoa marcou muito, quando eu trabalhei na FUNARTE no Ministério da Cultura, que foi Valéria Ribeiro Peixoto que me fez entender que cada gesto que eu faço diante de um grupo é um gesto de educação musical. Então acho que hoje eu sou uma junção dessas três pessoas, três ações. Vou pensar o coro como uma atividade social de grupo e existe uma relação de várias pessoas e como conduzir isso e que eu preciso de conhecimento de um estudo musical pra que eu possa desenvolver melhor meu trabalho e que o coro é sempre um processo de educação musical. Essas três pessoas marcam a minha vida.

Regina: então em São Paulo você trabalhou especificamente com dois coros?

R1: Trabalhei como assistente de regência, com o Maestro Samuel Kerr, cantando no Collegium Musicum aonde Samuel Kerr cantava e onde outras pessoas do cenário nacional musical cantavam, por isso era um grupo mais profissional, e sim trabalhando bastante com o coro do centro acadêmico Osvaldo Cruz que era o Coro da Faculdade de Medicina da USP onde estudei, então nesse coro eu trabalhei preparei, ensaiava esse grupo, não era o regente, o regente era uma outra pessoa, que hoje não mora no Brasil mais, mas fazia os ensaios e a partir desse coro criamos ainda na faculdade de medicina um octeto vocal, que aí eu dirigia e um conjunto de música antiga que aí tinham várias pessoas que organizavam.

Regina: e paralelo a isso você ensaiava o Coro da Metodista?

R1: Em São Paulo não, tocava para o coro evangélico de SP, era pianista do coro.

Regina: isso em SP, e depois de SP você foi pra?

R1: Depois de SP capital eu fui para o Mato Grosso , acabei a faculdade de medicina, fiz um concurso, fui aprovado e mudei pra Cuiabá MT, tinha acabado a residência médica em 82, eu começo, me mudo pra Cuiabá, lá como professor do departamento de medicina chego e procuro uma atividade musical para fazer, o coro da universidade e a partir desse coro,

comecei a assumir a regência mais diretamente. Primeiro cantava no coro e um pessoal que era aluno da universidade, me pediu se eu poderia ensaiá-los num repertório de música popular pra cantar num evento da geologia e da enfermagem, os cantores eram estudantes de geologia, estudantes de enfermagem, alguns namorados, e aí preparei esse grupo. Daí esse grupo mudou de nome pra Candimba, candimba é uma lenda de Cuiabá, esse grupo aí eu regia, eu organizava, eu ensaiava, começou a ficar muito conhecido na cidade. Era chamado para cantar em eventos da cidade fazendo basicamente o repertório de MPB, Música popular brasileira e música mato-grossense que os coros não faziam esse grupo começou a ficar muito respeitado e em um momento houve problemas com o regente do coro da universidade federal de Mato Grosso, UFMT e daí a coordenação de cultura ao qual o coro era ligado me convidou para assumir a regência do coro da UFMT. Ah, eu cheguei a Cuiabá em 82, em 84 /85 eu tinha esse grupo Candimba e assumi então o coro da UFMT. Era professor do departamento de medicina, 40 horas, com dedicação exclusiva com isso eu passei pra 20 horas pra Coro universitário e 20 horas na medicina. Ah esse coro também começou a cantar, também ficou bastante conhecido no estado e fora do estado do MT ah e aí a universidade mostra interesse em criar um curso superior em música, de graduação em música e me convida pra elaborar o projeto do curso. Então nesse momento então que eu crio o projeto, o projeto é aprovado pelos conselhos da universidade, pelo ministério da educação MEC, ah aí então eu passo a ficar 40 horas no departamento de ARTES, que até hoje tem esse nome, então eu fui transferido mudando de área, embora eu mantivesse a medicina, mas aí então 40 horas na música. Esse coro da UFMT participei de muitos concertos fora do estado do MT e através dele a Funarte conheceu o meu trabalho e depois de 86, eu comecei a trabalhar, 86, 87 comecei a trabalhar também no Instituto Nacional de Música, INM da Funarte, aí dando cursos pelo país.

Regina: depois desse coro do MT você foi?

R1: É eu fiquei dez anos no MT, nesse período de dez anos eu fiquei um ano e meio cedido pela UFMT no Rio de Janeiro, trabalhando na FUNARTE como coordenador de educação musical da Funarte. Cedido. Quando voltei pro Mato Grosso eu tinha intenção de fazer pós-graduação em Cuiabá não tinha como fazer, nesse período a UFRGS, Federal do Rio Grande do Sul já havia me convidado para que eu fosse pra lá para coordenar e reativar o bacharelado de regência coral que a universidade tinha implantado e estava sem professor, o professor até então o Arlindo Teixeira havia aposentado e não tinha quem assumisse no que me convidaram para me transferir da UFMT para a UFRGS. Voltei pra Cuiabá em 91, depois desse período no Rio, após o Collor assumir e extinguir a FUNARTE e os cedidos voltavam aos seus órgãos de origem e aí em 92 por interesse meu e a convite da UFRGS eu fui transferido da UFMT para a UFRGS. Atuo hoje na UFRGS, sou professor assistente professor de regência coral do bacharelado de regência coral que a UFRGS tem. Ah, em Cuiabá além dos grupos do Candimba, e do coro da UFMT, trabalhei no coro da Igreja Metodista, sou metodista por nascimento, e depois por opção minha, ih sempre trabalhei ligado também à música dentro da igreja metodista. Mas uma função muito mais de atender às funções litúrgicas, ahhh, as celebrações da Igreja Metodista. Saí de Cuiabá então de fevereiro de 82, março assumo a UFRGS uma das propostas que o Instituto de Artes atualmente de Música me fizeram foi criar um grupo que representasse o departamento, então crio em 19 de maio de 82, ata que o colegiado de departamento aprova a criação do então Coro do Departamento da UFRGS, o nome do coro enorme pro coro que era tão pequeno, mas crio esse grupo, mantenho a minha atividade dentro da Igreja Metodista e esse projeto criado em 82 foi desenvolvendo e hoje em 2009 ah nós temos 9 grupos dentro de um projeto de extensão da universidade, o qual eu coordeno onde temos ah: o coro , deixa eu lembrar dois laboratórios de iniciação vocal para atender as pessoas que tem problema de afinação e querem trabalhar a voz cantada, então o perfil são adultos que não tem afinação e querem trabalhar, dois laboratórios níveis um com o

nível um pouco melhor que o outro, depois desses grupos quem já tem um pouco mais de afinação vai para a Oficina Coral que desenvolve repertório a duas vozes com acompanhamento para trabalhar mais afinação com ouvido harmônico saindo desse grupo vai para o Ludus Vocalis, grupo que já trabalha a quatro vozes, a cappella com mais autonomia ah saindo do Ludus Vocalis vai para o coro do departamento. O coro do Departamento já canta um repertório bastante variado ih esse pessoal que já desenvolve mais vai para o madrigal do departamento de música que aí é um pessoal que já tem leitura e já tem autonomia pra cantar esse repertório, repertório com orquestra e coisas desse tipo. Falei seis grupos até aí então. Criamos no ano passado o coro da terceira idade que tínhamos um pessoal que procurava um coro que fosse durante o dia, o pessoal da terceira idade não quer sair a noite de casa, criamos então o Coro Sênior, depois do Coro Sênior criamos um grupo de câmara que é formado pelos bolsistas desse projeto e criamos que se inicia neste ano então o infanto-juvenil, todos esses grupos nasceram da demanda da comunidade pedindo esses grupos. Coro infanto-juvenil várias pessoas vem ligando pro departamento e pedindo que crianças possam cantar. A UFRGS tinha um projeto, o projeto Prelúdio, mas que não abarcava muita gente porque não tinha quem trabalhasse com essas crianças. Então a gente cria, já está aprovado agora para 2010 o projeto o grupo vocal infanto-juvenil atingindo a faixa etária de 9 a 13 anos, a partir de 14 15 dependendo do desenvolvimento vocal da pessoa, do psico desse adolescente ele vai para o grupo de adultos ou fica no infanto-juvenil, então a faixa de 14, 15 a gente vai lidar com isso ainda, vamos ver pra onde vai, então hoje a minha atividade dentro do departamento é essa, além da docência em regência coral.

Então...

Regina: e nesse ínterim você veio para Londrina e trabalhou com o Coro da UEL?

R1: Isso em 2003 fui convidado pela UEL, divisão de cultura (sic) hehehe, divisão de música da UEL para vir fazer o trabalho com o pessoal da Casa de Cultura na área da música. Gostei

da idéia, Londrina já conhecia há muitos anos, por ter vindo através da FUNARTE dar vários cursos aqui laboratórios e cursos aqui, convidado pela UEL pela regente titular do Coro da UEL, Lucy Maurício Schimiti, naquela ocasião, por trabalhar também na equipe da FUNARTE. Vim várias vezes já conhecia e gostava da proposta que a UEL desenvolvia através da Casa de Cultura. Então houve um pedido de cedência da UEL para a reitoria da UFRGS, a UFRGS me liberou, fiquei a principio de por dois anos que depois prolongou-se por mais dois anos. Fiquei 4 anos trabalhando dentro da UEL.

Regina: Então você pode me contar por que você rege ou regia coros?

R1: Rejo porque comecei com a minha mãe, professora primária, morando em fazenda, tou muito sempre em casa se cantava muito, na igreja metodista, cantando com elminha mãe foi professora que cana na escola, eu era menor, tinha meus 4, 5 anos de idade eia com ela, e cantava com ela também. Sempre o canto fez parte da minha formação e gosto muito de canto, fui pianista muitos anos, pianista bem sucedido para o nível que estava naquela época, era convidado para tocar em vários lugares, mas nunca quis fazer uma atividade musical solista, nunca quis fazer a música eu e meu instrumento, gosto de trabalho de grupo, então eu rejo porque gosto da música em grupo e acredito também que a música coral pode mudar a sociedade. Então tem um projeto social meu mesmo, de melhorar as pessoas pelo canto coral. Por isso eu rejo e gosto mais do coro que da orquestra. Eu não gosto do ambiente de orquestra que a meu, na minha opinião é um ambiente competitivo, queeeee está sempre insatisfeito com o que se faz com a cobrança, pra mim não benéfica em relação ao regente, animosidades imensas e não gosto. Eu acho que o cantor de um coro, ele se entrega muito mais que um músico da orquestra, ele está sempre atrás da estante, sentado na cadeira, atrás da estante, atrás do seu instrumento articulando manobras de como manipular o regente. Esta relação de orquestra não me parece muito honesta, na minha forma de pensar, não muito ahhhhhh direcionada para o crescimento da orquestra, posso estar falando, um grande equívoco meu

porque tem orquestras muito boas, certamente no momento que esta dentro de uma orquestra acontece momentos de êxtase em música, mas acho que o coro a construção é mais coletiva e onde as pessoas trocam mais informações, fazem o trabalho, crescem junto com o coro. Por isso a minha paixão pelo coro.

Regina: Como era o Coro da UEL à sua época? Conte-me um pouco.

R1: Ta, quando eu cheguei a convite do setor de música vocal da UEL eu encontrei, aí eu vou falar de, de, três momentos, três grupos diferentes que eu encontrei. Uma direção da Casa de Cultura que tinha assumido há pouco, não sei quanto tempo, mas há pouco tempo, um grupo de funcionários que já eram da seção de musica vocal e um grupo de cantores. Encontrei uma direção da Casa de Cultura muito animada para fazer o trabalho coral e encontrei um grupo de funcionários totalmente desestimulados, totalmente perdidos, sem rumo, e em decorrência disso o trabalho com o coro mostrava isso. Me lembro bem das primeiras reuniões que tive com a equipe, aonde um dos funcionários, ahhhhhhhhhhh, da proposta de trabalho que faríamos, se propôs que pensássemos em alguma viagem, para cantarmos em algum encontro de coros e aí eu perguntei porque não viajar para concerto, fazer concertos com o coro não só encontro de coros, e a cara de surpresa do grupo, foi muito grande porque não se achavam competentes para fazer isso. Essa imagem ficou muito clara na minha cabeça. Aí eu desafiei o grupo aqui não, então vamos organizar e criar um grupo que possa sair e fazer concertos do Coro. Participar também de encontros, não só encontros pra cantar de três, quatro músicas do repertório sem pensar um idéia de programa, pensar um concerto só. Então eu encontrei essa equipe muito desmotivada, com muitos problemas internos por questões passadas ahhhhhh que não cabem aqui, pra mim dizer como foi, outras pessoas podem falar sobre isso mais do que eu, mas encontrei essa situação, esse ambiente, um grupo de funcionários muito desmotivado que existia, não sei se lembro os grupos que tinham, o coro infantil, um grupo juvenil, um grupo que trabalha com musicalização muito bem feito com crianças e o Coro

adulto da UEL, acho que eram esses grupos que tinham naquela ocasião. Infantil, juvenil, o grupo de musicalização, e o Coro da UEL.

Regina: Terceira Idade.

R1: Terceira idade já tinha também. Isto terceira idade também tinha.

Ahhhhhh esse foi o grupo que eu encontrei. Ahhhhhh propus então que nós divulgássemos na mídia ah um coro, um regente novo chegando, ihhhhh houve uma procura grande. Ah, mais uma coisa que acontecia também que era um trabalho fantástico, que eu considero muito importante, pra sociedade londrinense, que eram os concertos didáticos que essa equipe fazia, a orquestra fazia e o coro fazia, a seção de música instrumental vamos dizer faria, orquestral que chama, e a seção musica vocal fazia, nunca juntas, a orquestra num momento e o coro em outra. Mas era um trabalho que me fascinou muito, que atendia principalmente escolas da periferia, da periferia de Londrina, com a proposta de levar música pra essas escolas. E esse foi um trabalho que me deu muito prazer. Nós íamos duas vezes na semana. Bom voltando a falar do coro então. A proposta minha foi primeiro motivar os funcionários, para que eles pudessem acreditar neles e com isso acreditar no coro. Ahhhhhh não acho não eu tenho certeza que a gente conseguiu construir um outro tipo de coro, em decorrência disso, um outro tipo de som, outro tipo de relacionamento humano. Havia ainda muita intriga entre os funcionários por questões anteriores a mim, que eu não tinha como opinar muito, mas colocando o foco na construção de um repertório específico pro coro e montar um programa fomos na realidade pensando, organizando o repertório, nem pensamos o tema do concerto, mas sim a partir do repertório que tínhamos demos um nome pra esse programa que foi o Amor: Idas & Vindas, que pra mim foi um dos grandes momentos vividos com o coro. Que que era esse programa, Amor: Idas e Vindas então músicas que falavam do homem, do ser humano, a sua relação com o amor, tanto a sua conquista como com a perda dele, por isso amor idas e vindas. Esse programa o coro comprou a proposta, trouxemos pessoas da área de

teatro pra fazer um trabalho ah mais cênico, entre aspas, não de teatro, mas cênico sim que pudéssemos montar algum movimento no palco com esse grupo. Fui atrás saber que potenciais tínhamos no grupo, quem tocava instrumentos, quem cantava podia fazer solos, podia fazer isso em grupos menores. Então foi um programa montado com isso. A partir daí com o potencial que o grupo tinha e desse potencial como montar esse o programa. Fizemos música brasileira basicamente, popular e erudita brasileira, mesclando isso, nesse programa tinha solos , tinha instrumentos junto, grupos pequenos, grupos maiores e tinha também uma poetisa também no coro e aproveitamos a poetisa para organizar textos que ligassem essas músicas todas e pra mim foi um dos grandes momentos do Coro da UEL, talvez o mais bonito que tenha feito montar esse programa. E aí eu sentia o grupo cem por cento junto fazendo isso.

Regina: Você pode se lembrar de pontos positivos e negativos em ter regido o Coro da UEL?

R1: Ta ahhhhh pontos positivos o pessoal estar junto, eu desafiando a equipe, as pessoas assumindo esses desafios. Então nós criamos outro grupo, nós criamos vários grupos. Ahhh um dos funcionários da equipe assumiu um outro coro para atender pessoal que não tinha muita experiência coral. Fez um grupo que envolvia muita gente aquele grupo, era um coro imenso, nós continuamos o Coro de Terceira Idade, pontos positivos começamos a fazer um trabalho individualizado feito por Regina e por mim atuando com duas ou três pessoas, ou individualmente tentando desenvolver a voz solista. Eu acredito que se o coro desenvolve a voz solista ele vai ter um coro com som muito melhor. Alguns regentes falam que não podem ter solistas no coro, pra mim todos deveriam ser e cabe a gente como regente trabalhar a sonoridade do coro a partir da voz solista é muito mais rentável, produtivo e musicalmente muito melhor. Então esse momento, era um momento muito bonito, tínhamos uma escala toda de atender esse pessoal. Trouxemos, pontos muito positivos, e aí a direção da Casa de Cultura era coesa e apoiava sempre, profissionais de fora da cidade para fazer cursos de qualificação,

capacitação da área vocal com os funcionários e com os coros e com isso acho que o nível dos coros cresceu muito enquanto eu estava aqui. Pontos positivos foi isso. Pontos positivos uma direção da Casa de Cultura e da universidade que nunca negou a tudo que propus. Eu sentia que tinha um respaldo imenso. O mesmo eu tinha na UFMT em Cuiabá. Podia me arriscar e fazer que a universidade me liberava, aceitava. Então ponto muito positivo. Pessoas da equipe aceitando a proposta, fazendo, se queixando de algumas coisas, mas fazendo, a gente tinha se envolvia com 300 pessoas ou mais, que passavam pelos grupos vários, dias diferentes, horários diferentes, faziam a música coral, nos reuníamos, planejávamos, e fizemos viagens fora do estado fazendo o Amor Idas e Vindas e outras apresentações. Isto é muito positivo a meu ver, que mais positivo. O apoio da direção e da Casa de Cultura e da Universidade . Positivo, eu vou lembrar mais, os concertos didáticos muito positivos, pois nós íamos as escolas mostrando parâmetros do som basicamente com texturas diferentes, timbres diferentes, instrumentos diferentes com isso a gente tinha um retorno dessas crianças adolescentes que procuraram depois a Casa de Cultura para entrar nos grupos, isso foi muito positivo. Positivo também uma relação que fizemos, mas já no final do ano que estava aqui, com o Museu, que também é o Museu da universidade era Musica no Museu, o nome do projeto, fazíamos esses concertos levando grupos a princípio, mais da UEL para cantar numa sala linda que o Museu tem. Museu no centro da cidade tentando envolver o pessoal que no intervalo do expediente cantava. Pontos positivos que mais, as viagens que fizemos com Amor Idas e Vindas, uma delas pro sul do país, fomos ate Porto Alegre RS, passamos por Santa Catarina, RS e a outra que fomos ate Minas Gerais, até São João Del Rey fazendo o mesmo programa Idas e Vindas. Esse programa tinha um iluminador, um diretor cênico e tínhamos nós para cuidar do coro. Então esses foram os pontos positivos que eu me lembro. Ah pontos negativos: uma grande disputa dentro da equipe, interna na equipe que foi difícil lidar. Animosidades por histórias pré-egressas alguns começando a aparecer mais que

outros, uma inveja dentro do grupo, ahhhhh uma equipe, uma das regentes que pensava única e exclusivamente nela só e com isso desestabilizava muito toda a equipe. Ahhhh negativo, o espaço físico que não era o ideal pro trabalho, ah, espaço físico de sala de ensaio, ponto muito positivo, um banco de partituras muito bem organizado que eu tinha acesso a todo repertório, que eu podia, ponto positivo, tinha uma pessoa que chamava de cargo de copista que tudo que eu precisava as partituras estavam antigamente a mão, mas digitalizada pra que eu pudesse usar se fosse pro coro. Tínhamos isso em arquivo encore, que o cantor podia ter acesso, ensaiar com CDs, com seus naipes. Ponto positivo, banco de dados de partituras muito bom, da universidade. Pontos negativos, eu acho que era relações pessoais dentro da equipe. Ponto positivo que também eu lembro, criamos Encontro de Coros da UEL, que a idéia era eu, fizemos um encontro mais pra mostrar pra comunidade londrinense, da grande Londrina, o que a UEL fazia na área coral, então fizemos durante quatro anos esse encontro de coros, sempre, quase todas as vezes com uma música em conjunto no final, com a idéia que pudéssemos reunir todos os grupos, ahhhh tinha o Coro da HU, coros universitários, ah é, mais um outro grupo também outro ponto positivo, na minha vinda pra cá, eu perguntei por que que não havia um Coro no Campus. O campus fica mais retirado da cidade onde o núcleo, o grosso, o número maior de membros da UEL está lá no campus e não havia um grupo. Então propus que criássemos um Coro no Campus e teve esse nome, ensaiava na hora do almoço. Esse grupo também foi um ponto muito positivo porque esse grupo envolvia todos os segmentos da universidade, professores, alunos e servidores. Trabalhávamos 3 pessoas da equipe neste grupo. Regina, Denis e eu. Ahhhhh esse grupo também, o positivo é que ele mostrou a cara dentro do campus. A gente cantava em setores variados do campus, centros variados e diversos. Então a gente pode elevar o coro pra dentro do campus. Negativo que vejo mais era uma relação difícil da equipe, de pessoas da equipe, pessoas que atuavam mais diretamente. Não sentia isso dentro dos coros. A equipe que cantava nos coros era unida, o

que a gente propunha aceitavam, mesmo nos grupos todos, o coro do campus, o coro do HU, coro infantil, juvenil, a relação interna dos cantores era boa, negativo é esse, o espaço, que não tinha um espaço adequado, quando cheguei tinham acabado de mudar de espaço físico estava tudo meio desorganizado, não sabia onde estava, criamos a direção, no período que eu estive reformou um prédio, deu salas em condições melhores para ensaio, mas ainda não tinha espaço pro coro, assim como a orquestra também não tinha espaço para ensaio, ficava sempre à mercê de eventos que pudessem ocupar o espaço. Negativo é mais isso, negativo sim eu estar cedido da UFRGS pra UEL e que todo final de gestão era todo um momento tenso para ver se eu continuava ou não, e depois de 4 anos foi impossível minha continuidade na UEL, então eu saí daqui com vontade de não sair. O trabalho estava muito gostoso de ser feito, a gente cresceu musicalmente, mas eu tive que voltar ao meu órgão de origem. Negativo as relações da equipe, o espaço físico e a minha instabilidade por ser cedido de outra universidade. Acho que é isso.

Regina: Você se lembra mais ou menos de quantos cantores participavam do Coro da UEL?

R1: O Coro da UEL em torno de 40 pessoas, não sei o número exato, mas em torno disso nós tínhamos.

Regina: E você se lembra qual ou quais apresentação mais lhe marcaram?

R1: ah certamente o programa do Amor: Idas e Vindas foi que me marcou mais, dentro de todo o período. Idas e Vindas, concertos mais me marcaram certamente São João Del Rey pelo teatro muito bonito, de lá e estávamos bem, o programa estava mais maduro já naquela época, o concerto em Blumenau, embora o público não fosse grande o teatro ajudou muito, o espaço físico era lindo e fizemos bem ali, Porto Alegre porque eu voltei à minha cidade de origem, fizemos na igreja da Reconciliação, uma igreja Luterana de Porto Alegre, e houve uma troca muito grande, troca de emoções, sentimentos entre eu, coro e o público que assistia. Lembro bastante disso, lembro ainda de uma apresentação num dos Festivais de Música de

Londrina, lembro tanto, nós fizemos Fantasia de Beethoven, num momento que o coro estava muito unido, a fim de fazer bem feito, aquele momento foi muito bom. Acho que o que lembro agora é isso.

Regina: Por que você acha que as pessoas procuram o Coro da UEL ainda pra cantar?

R1: Porque é referência, basicamente porque é referência, é um trabalho gratuito aberto a todas as faixa etárias, criança, e terceira idade podem cantar, porque tem várias opções de horário, porque ainda funciona perto do centro da cidade. Mas acima de tudo porque ainda é referência musical na cidade.

Regina: E você pode me contar o que o Coro da UEL significou para a sua vida?

R1: na minha vida? Posso. Ahhh foi um momento de construção, eu já estava num momento de vida musicalmente mais maduro, já tinha passado por experiências em outras universidades, a história minha da UFMT, veio muito a tona quando eu vim pra cá, porque a proposta da UFMT e da UEL são muito parecidas, pelos dois regentes que criaram os coros, maestro Othonio Benvenuto aqui na UEL maestro Peter Ens do Coro da UFMT. Estrutura muito parecida com funcionários, trabalhando com o coro, então quando eu vim pra cá o trabalho da UFMT veio muito a minha cabeça, UFMT conseguiu um resultado muito bom, marcou a minha vida porque eu pude fazer um trabalho que envolvesse todo mundo e um trabalho de prazer de realização musical. Isso marcou muito a minha satisfação pessoal de através do coro fazer música e fazer música bem feito. Ahhhhh um prazer muito grande de ver as pessoas se desenvolvendo musicalmente, vocalmente, solos, instrumentos, fazendo todo mundo fazendo música bem feita, isso me deu um imenso prazer, isso me marcou muito. A troca que havia entre os cantores e comigo também era muito boa, esses momentos são os mais marcantes pra mim. O prazer que tive foi esse. De estar numa cidade que gosto, de médio porte, de me dar bem com as pessoas da equipe, mais particularmente, com algumas comunga mais que com outras, mas isso me deu muito prazer. Ter uma equipe que assumiu

comigo o trabalho que foi, e em alguns momentos as pessoas que nunca faziam elogios em reunião falavam que realmente foi um ponto alto ter feito o Amor: Idas & Vindas. Foi muito prazeroso, saí daqui muito triste. Pessoalmente muito triste por não poder continuar o trabalho.

Regina: Quer acrescentar algo?

R1: O que eu considero é que a UEL em Londrina, por ser uma cidade nova, está aberta pra fazer o que quiser na área da música, ainda pode crescer muito mais a nível da qualidade dos coros, se investir numa escola coral na cidade. Faz falta aqui uma escola de música, um curso superior de música, licenciatura que cumpre sua função. Falta ligação entre casa de cultura e curso de música e esse é ponto negativo do trabalho, que não existia relação, existia uma relação contrária, mais que favorável, do curso de música da graduação pra casa de cultura, o que é pessimamente comum acontecer. Falta uma política musical coral, para que a cidade cresça mais ainda. Tem um potencial imenso, tem espaço pra isso. Só falta isso e pra mim a UEL ainda é referência na cidade para se fazer música bem feita.

Regina: Obrigada!

Transcrição entrevista com regente R2

Data da entrevista: 17/02/2010

Foram lidas as questões do roteiro da entrevista.

R2: Eu comecei em 2009, ano passado. Não, foi? Foi em 2008. Foi em março de 2008. Como passou rápido.

O primeiro coro que regí na minha vida foi em Goiânia quando fazia o meu curso de bacharelado em piano. Comecei na Igreja Batista, isto foi em 93. Era um coro sacro. Era uma igreja pequena, mas como tinha muita musicalidade eu fui convidado pra trabalhar com música de modo geral, então eu montei um grupo de adultos, mas logo em seguida montei um coro juvenil, depois o coro infantil, tínhamos também o coro masculino e também o feminino, tudo isso na Igreja. Realmente fazíamos tudo, como eu era pianista, regente e ensaiador, eu fazia tudo, muito trabalho. Mas uma experiência boa, foi lá que cresci bastante, não tinha ninguém pra me orientar, fazia cursos aqui e ali, errei bastante, normalmente em situação de aprendizado, sempre erra, mas foi o pontapé inicial. Antes disso eu trabalhava como pianista de coral, desde pequeno, adolescente, desde 12, 13 anos de idade. Então eu cresci vendo como se ensaiava o coral. Como pianista acompanhador eu trabalhei com coro desde os 12 anos de idade. Agora como regente mesmo só a partir de 1993.

Regina: e aí foi só esse coro que você regeu antes do Coro da UEL?

R2: Não, não... Depois desses coros da igreja, nós mudamos para Londrina e aí eu assumi um coro da Igreja Presbiteriana de Maringá, a Central de lá, eu assumi um coro lá. Passamos um ano, foi em 97, morando em Londrina e indo a Maringá todo fim de semana reger esse coral lá. Lá tinha a chance de não só reger o coro da igreja, mas montar os musicais de páscoa, de natal com vários corais da cidade, e montávamos um grande coral com 100, 150 pessoas, e trabalhava assim só no natal e páscoa e durante o ano inteiro tinha o coral da igreja com umas 40 e poucas pessoas.

Aí sim depois mudei pra Londrina e assumi o Coro da Igreja Presbiteriana Central de Londrina, então basicamente são esses coros.

Regina: e o coro de alunos da UEL, do curso de música?

R2: ah sim e depois disso no ano passado assumi, substituindo a (...), que foi pro doutorado, o coro de alunos hã... E também teve uma época que estava auxiliando a (...) no Coro da Sercomtel... Ah sim teve coros de acampamentos, mas coros rápidos e não sistemáticos.

Regina: Ah... Música é minha paixão, duas coisas, aliás, três coisas que gosto muito, uma é tocar, outra é reger e outra é cantar. Três coisas ligadas à música que eu amo fazer. E sempre o coro esteve envolvido no meu crescer musical, então quando eu comecei a tocar na igreja, a igreja foi meu ponto de partida eu comecei acompanhando o coro e me lembro que na época não tinha muita bagagem musical, estava começando meus estudos de piano, mas como a regente não tinha ninguém pra tocar piano, ela me chamou, me dava uma assessoria, dava aula antes do ensaio do coral, antes de tocar, de acompanhar, então assim eu cresci vendo o ensaio do coral. Cresci acompanhando e aos 16 anos eu montei um quarteto masculino, de 16, 17, 18 anos, éramos 4 e eu que ensaiava eles, não foi um coro, mas um grupo vocal que eu ensaiava e aí sim, tava cantando, além de ensaiar eu estava cantando. Em 1987 em conheci um grupo de São Paulo chamado EMME, é uma sigla que significa Escola, Ministério de Música e Evangelismo. Esse grupo era formado por universitários ou pessoas que tinham terminado o segundo grau e que queria passar o ano cantando pelo Brasil afora, no coral com esse nome. E aí quando vi esse grupo pela primeira vez me apaixonei, vocalmente um grupo muito bom, e fiz o teste, passei no grupo. No ano seguinte eu fui cantar nesse grupo. Nesse grupo além de cantar eu ajudava nos ensaios, fazia ensaios de naipe, e assim que terminou o grupo, tinha convite já pra no ano seguinte trabalhar com eles como regente auxiliar deles, só que paralelamente a isso surgiu um convite pra eu trabalhar numa igreja nos Estados Unidos, e aí eu não aceitei, pois como fazer trabalhar com eles e ir pro Estados Unidos, lá nos Estados

Unidos eu fui com esse grupo também, fui fazer uma turnê com eles lá e lá eu fui convidado. Então assim realmente coral foi que abriu as portas, o coral tem sido o carro chefe em tudo que eu faço. Gosto demais de acompanhar também, curto muito, mas é gostoso pegar esse grupo do zero começar a plantar coisas com ele, ver o resultado que dá desse trabalho, ver o resultado sonoro, ver crescer o grupo, então é muito gostoso isso. Realmente eu amo esse trabalho, gosto muito disso que faço.

R2: Ah eu conheci o Coro da UEL quando entrei na UEL em 97 ou 98 quando a Lucy Schimiti regia o coro ia fazer uma excursão pra Blumenau, pra Camboriú, estávamos em março e ela me chamou para cantar, fiz os ensaios e viajei com o pessoal. Então assim me impressionou porque era o primeiro coro que não era sacro que estava participando. O repertório popular. Na Universidade cantei isso também, mas foram coisas acadêmicas. E aí aquele compromisso secular, e da igreja, e aí achei interessante. É porque acho que me chamou atenção, que muito por serem leigos, o som era interessante, muito bonito, som homogêneo, então isso chamou bastante atenção. Ahhhh quando chamaram pra assumir o Coro da UEL eu já tinha outra coisa em mente. Coro de Universidade tem que ter um trabalho diferenciado, coro com música popular, esse coro tem que ter um repertório mais elaborado, mais complicado mesmo, músicas não tão convencionais, só que pra minha surpresa o grupo, são poucos que lêem partitura, são poucos que já tiveram preparo vocal, então assim, é um grupo que eu vi com muitos sonhos, eu vi que estava longe da realidade do grupo, né. Então eu cheguei com uma expectativa e vi que não era bem o que eu esperava. Só que por outro lado também, eu não posso me deixar levar pelo nível que está o grupo, vou ter sempre que pensar alto. Se eu quiser almejar algo grande pro grupo. Então assim o maestro Emílio de César sempre fala que quanto mais a gente exige do grupo, mais a gente tem, quanto menos a gente exige, menos a gente tem. Então assim eu tenho que exigir o máximo mesmo que me retorne trinta por cento do que eu exijo, mas eu tenho que exigir cem por cento do grupo.

Então esse é o meu lema, sempre exigir mais. Exigir mais, propor coisas desafiadoras pro grupo e pra mim também. Ah então assim eu acho que faltou muito no trabalho de Coro UEL, mas me sinto satisfeito dentro do que o grupo pode fazer, tem satisfeito um pouco das minhas expectativas, um pouco não totalmente, mas um pouco satisfeito.

R2: Geralmente Regina, tudo que eu pego pra fazer, eu pego de coração, assim eu gasto tempo, eu durmo pensando, eu então assim, além de estar somando bagagem para o meu currículo, eu trabalhar com o coro certamente pra mim é bagagem, é pra minha vida em si como pessoa tem sido desafio, desafios a cada mês, a cada semestre, cada apresentação, a cada concerto, mas por outro lado tem sido ahhhh um aprender diário, crescimento, algumas frustrações também, não vou falar que tem sido as mil maravilhas, não, aliás, muitas frustrações, desde à falta de estrutura em si na Casa de Cultura, vejo um monte de coisas que a universidade deveria oferecer e não oferece, muita precariedade, desde uma estante que não fixa no lugar que quero fixar, a impossibilidade de comprar uma estante nova, coisas básicas que a gente acha que atrapalha o ensaio, às vezes, atrapalha a nossa motivação muitas vezes. Não é? Puxa vida, não tenho condições físicas de estar trabalhando, como é que vou fazer isso, então o ânimo da gente é que é quebrado. Talvez corriqueiras, mas faz parte né? Então é desabafo também, é bom constar no trabalho. Então a culpa não vem do grupo que está no setor, todo um sistema, é uma somatória de anos e anos e anos, coisas que nunca funcionaram e não vai funcionar tão cedo, então particularmente pra mim, às vezes é frustrante. Desanima e às vezes procuro não olhar as circunstâncias, paro e busco motivação de novo, para continuar o trabalho, tenho achado com colegas de trabalho muitas vezes palavras de ânimo, de consolo, inclusive você é uma das pessoas que tem me incentivado muitas vezes, colocado e me aberto os olhos de como era e de como tem acontecido, então assim são coisas que acontecem e que me ajudam a crescer como todo ser humano tem altos e baixos, as vezes desânimos, motivações e não motivações, mas acho que fazem parte da minha vida também

isso, eu tento lutar contra para não passar isso pro grupo, mesmo que esteja desanimado, tentar achar motivação para que o grupo se sinta motivado, eu tento, tenho tentado passar alegria prazer no que faço com o pessoal para que eles se sintam que mesmo que as coisas não acontecem como a gente sonha, mas pelo menos faça como a gente pode fazer, a gente consegue fazer. Buscar o sonho. A gente vive pra sonho, sonhar pra perto, se a gente não sonha não vive. Pode morrer. Então eu sempre uma coisa a mais e eu quero sonhar sempre coisas a mais. Então assim é deixar registrado aqui que vai ser o ultimo semestre com o Coro UEL, mas não quero que seja um semestre negligente não, eu quero dar o meu melhor, quero que seja o melhor semestre.

Regina: quem sabe isso não muda?

R2: quero dar o máximo e que seja um semestre muito bom.

Regina: você já esta falando um pouco disso, mas ainda pode buscar pontos positivos e negativos em ter regido o Coro da UEL, ou estar regendo.

R2: vamos começar pelos positivos primeiro: eu nunca trabalhei com equipe tão boa assim, ensaiadores, de pessoas preparadas para me ajudar, é um grande diferencial isso, ainda temos então equipe muito boa de apoio a ensaios com pianistas bons, bons ensaiadores e bons cantores, outra coisa boa é o repertório, o conhecimento de repertório que não conhecia, começar a trabalhar isso como regente, conhecia como ouvinte as vezes, ver os coralistas realizados, é tão gostoso ver isso, de saber que pra muitas pessoas o coral é a própria vida, não é só cantar bonito, não é só dar um show, mas é sair de casa triste chegar aqui triste e sair daqui animado, então isso é gratificante, saber que pessoas que às vezes estão sem nenhuma motivação de vida, viúvas, sem mais objetivos, mas que o coral tem sido um alvo de chegada, porque eles querem chegar, saber que essas pessoas vem pro coral e se tiver falta de alguém, vou aquecer, então isto é gratificante demais, mas outra coisa, gratificante é fazer arte né com essa qualidade, então chegar e se apresentar bem para o público, levar uma coisa de qualidade

que assim a gente tem ouvido tanta coisa ruim, tanto coral por aí, levar uma coisa de qualidade pro público é muito gostoso, é poder ser instrumento dessa arte de qualidade toda pras pessoas. Que mais positivo, tem muita coisa mais, saber que como professor, por exemplo, eu faço a ligação da parte de ensino com o que eu trabalho, então na verdade meus ensaios são aulas, aulas que eu tento passar, então de certa forma eu estou passando aquilo que aprendi e isso é positivo, dando o máximo de mim para que as pessoas ouçam, cresçam e aprendam mesmo, é uma escola, uma escola não só da parte artística, mas uma escola mesmo de ensinamentos de vida natural. Geralmente complicado falar das coisas positivas porque a gente sempre esquece e as negativas parecem mais fáceis, pode ser até que haja mais coisas positivas que eu não me lembro agora. Vamos pras negativas agora: vou lembrar o que é importante. Negativas. A falta de estrutura em si da Casa de Cultura pra nosso trabalho é uma coisa negativa, não temos bons instrumentos, não temos boas salas, não temos boa acústica, não temos ventilação, ar condicionado, se é frio, é frio, se é calor é muito calor, então fatores físicos na estrutura física não favorece nada. Então é muito ensaiar um naipe, ter que fechar as portas porque o vizinho está ensaiando outro naipe, e a gente morre de calor na sala, se não fechar é muito barulho, então são coisas que realmente atrapalham, ah... É ruim não ter verba para fazer coisas também, precisamos comprar partituras é complicado, precisamos viajar, não temos verbas para viajar, precisamos preparar uniforme, comprar uniforme novo pro coral, não temos verbas para isso, precisamos, precisamos de muita coisa e não temos dinheiro pra nada. Precisamos ter um lanchezinho durante o intervalo, não temos verba pra isso. São muitos pontos negativos. Têm algumas pessoas do grupo eu sinto talvez decepção com o trabalho, então assim eu senti em algumas, poucas pessoas, alguns até que fazem o trabalho por obrigação, sem prazer, pode ser até que não, mas passaram isso pra mim. Tinha que fazer mais por obrigação tinha que pedir, não tinha iniciativa, as pessoas não tem

iniciativa de fazer o que é obrigação delas, que é função da pessoa. Então assim isso acho que é fator negativo. Eu ter que assumir coisas...

Regina: isso em relação ao corpo técnico.

R2: sim em relação ao corpo técnico e não aos coralistas. Eu como regente tenho que fazer coisas que é função de um dos funcionários do corpo técnico fazer e ele não fazia, não assumia, ou então de estar cobrando coisas que não precisava ser cobrado porque era função dele, então isso pra mim é ponto negativo. Com relação ao coro em si ah... Não sei se é geral, se é aqui em Londrina, se é no nosso coro, mas há carência de cantores com preparo vocal maior, entram pessoas totalmente cruas, com experiência nenhuma, outras com pouca experiência, ou assim dizem ter experiência e não parecem ter é pessoas que demoram pra aprender, então já não lêem partitura em si, já não dominam o trabalho, mas as vezes as que são, não tem problema de afinação, mas demoram pra aprender, ahhhh outras com problemas de afinação, então assim de um modo geral pessoas mais preparadas para o canto coral, a gente sente falta em Londrina. Eu vim de Goiânia, cidade que tem talvez por ter bacharelado em canto tem muito mais professores de canto na cidade, então assim flui cantores, instrumentistas, em cada esquina parece que flui, então bastante gente boa, já meio que preparado, já com base já, aqui no nosso coral pega pessoas zeradas e se não são zeradas tem que suar muito a manga da nossa camisa pra fazer funcionar a coisa, pra cantar, vencer as dificuldades, o simples fato de não ler partitura assim, elas dizem que lêem, mas não lêem, de repente elas sabem nome denotas apenas, mas não conseguem ler, então é um trabalho muito lento com relação a isso, por causa disso. Ah .mais pontos negativos, um ponto negativo que acho no grupo é que foi proposto quando eu cheguei que houvesse divisão por faixa etária e isso complica, temos pessoas jovens ou de bastante idade no grupo bem pessoas que poderiam estar em outro grupo propício para a idade e não querem sair do grupo e não existe uma postura na Casa de Cultura em si ou na divisão de música em sim que possa normatizar isso,

então isso é um ponto negativo, se fosse normatizado fosse criado uma regra, uma norma, todos obedecessem, todos sairiam lucrando com isso. Deixa pensar em alguma coisa mais negativa. Hum, falei da falta de verba, às vezes a gente planeja viajar com o grupo, fazer uma atividade assim, participar de festival fora, ou até a gente regentes, ensaiadores pessoal quer fazer um curso, participar de alguma coisa, e é muito complicado sair, temos que arcar com o nosso próprio bolso, ou como ano passado pra sairmos pra Maringá, aqui do lado, não tivemos ônibus disponível e tivemos que usar o caixa do coral que eles pagam do bolso deles pra viajar, é o cúmulo, mas nós tivemos que fazer isso, então são coisas que são negativas e refletem de maneira negativa no nosso grupo. A mudança de sede, não temos sede fixa da Casa de Cultura, do coro, é ruim, cada vez que muda. A nossa mudança da rua Mato Grosso pra cá, muita gente saiu e atrapalha bastante a adaptação para o novo espaço. Então essas mudanças por não ter lugar fixo a Casa de Cultura, então isso é um ponto negativo. A mudança também atrapalha o nosso trabalho. A gente perde dois meses até engatar tudo de novo. Ano passado a gente teve uma coisa negativa, ruim, que foge ao nosso controle que foi também a gripe suína que atrapalhou o nosso semestre, né. Basicamente não fizemos quase nada, quando retornamos já era setembro e aí até o pessoal retornar e engatar a gente começou a trabalhar em outubro e terminou o ano o pessoal veio pro final do ano pro ensaio do concerto e aí fizemos basicamente nada, então assim circunstâncias que não podemos evitar que acontecem, acontecem.

Regina: Qual o número aproximado de cantores que participa com você no Coro da UEL?

R2: Acho que a média estar entre 40 e 46, por aí chegou até 52, e 60 com convidados, comigo. Tivemos concertos com 60 pessoas, mas com convidados. Efetivos, na nossa lista com os flutuantes dá uns 60, mas aparecem, desaparecem, se for contar realmente 46, 50 no máximo.

Regina: Qual ou quais apresentações mais lhe marcaram e por que?

R2: Ah... Eu gostei muito do Lobgesang, ano passado, por ser uma peça desafiadora. Por virmos de um momento pós gripe suína, ah... Trabalhar com a maestrina Elena Herrera, uma grande maestrina que nós perdemos então a somatória de tudo, no meu ponto de vista seria meu último concerto com o coro, então assim, eu encarei como um concerto, foi despedida, foi desafiador e achei que foi um grande concerto. Um grande não em termos de perfeição, um grande em termos de realização. Claro que tivemos bastantes falhas, com certeza. Cantores da comunidade que se juntou a nós. Foi um trabalho complicado e difícil, mas que foi um trabalho gratificante. O resultado final. Eu gosto de grandes concertos assim. Concerto que gostei muito foi do ano anterior Bach, que fizemos foi bem legal com solistas da cidade, isso tinha que ser feito mais vezes. Ah talvez tantas vozes que temos boas na cidade, não precisa trazer de fora e foi legal. Tivemos pequenas apresentações que eu não conto assim, porque não foram tão marcantes quanto às duas.

Regina: E por que você acha que os cantores procuram o Coro da UEL pra cantar?

R2: Acho que por vários motivos. O primeiro existe aquele estigma Universidade Estadual de Londrina, é até engraçado, eu sou da UEL? Sou, vêm como semideus eles meio que idolatram um pouquinho, há uma coisa muito grande em relação a universidade na cidade, há uma valorização acho bom isso até. Valorizar o trabalho de universidade trabalho de pesquisas, cultural da universidade então quando a gente fala assim Coral da Universidade Estadual de Londrina há no nome em si um grande peso, isso por si só já atrai as pessoas. Acho que o nome Coral da Universidade, eu trabalho com músicos na igreja e aí fulano de tal toca também na orquestra da universidade então assim o tocar, fazer parte da universidade já é realmente um peso muito grande, é... Outro fator que pesa muito é o histórico do Coral em si. Este coral tem uma história de vitórias, de lutas, de crescimento, de projeção nacional. Então assim já se ouviu falar muito sobre Coro da UEL no passado, desde que o maestro Benvenuto trabalhava aqui no Coro da UEL e isso foi trazido pra sua história e passa de geração pra

geração, ne? Queira ou não queira se comenta Coro da UEL ganhou concurso assim, foi bem colocado. Então isso favorece muito. O fato de termos uma equipe de pessoas concursadas, preparadas, formadas em música, trabalhando com grupo, então quantas universidades tem isto? Nenhuma. Então este somatório de nome da universidade, a fama que tem que deu esses anos de trabalho, e isso gera uma atração para as pessoas que querem cantar nesse grupo, e geralmente quem passa aqui, nunca vi ninguém falando mal, que foi ruim pra sua vida, como cantor, pelo contrário, as pessoas saem daqui, as que já saíram e vão até falar orgulhosamente oh eu cantei no coro da uel, então isso passa de geração em geração, propaganda de boca a boca que funciona muito bem, então isso favorece querer cantar nesse grupo.

Eu acho que falei tudo. Foi um prazer muito grande colaborar com a sua pesquisa.

Transcrição entrevista com regente R3 – realizada via telefone e e-mail.

Regina: Em que período ou época você esteve frente da UEL?

R3. Fevereiro de 1976 à agosto de 1990. Durante 14 anos

Regina: Você já havia regido outros coros antes do Coro da UEL? Quais, se possível?

R3. Sim. Regi o Coral do Diretório Acadêmico José Maurício, da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, à convite do Professor Ricardo Tacuchian, quando o mesmo era Presidente do referido diretório.

Regina: Por que você rege ou regia coros?

R3. Eu regi no exercício de minha profissão de músico, graduado em composição e regência.

Regina: Como era o Coro da UEL à sua época? Conte-me um pouco.

R3. Era um coro coeso e participativo, através do qual cresci artisticamente e muito me orgulho por ter dirigido o mesmo, durante um razoável período de tempo.

Regina: O que o Coro da UEL significou para a sua vida?

R3. Creio que a resposta a esta indagação, encontra-se exarada na pergunta anterior.

Regina: Você pode listar pontos positivos e negativos em ter regido o Coro da UEL?

R3. Em minha memória perpassam apenas pontos positivos e benfazejos.

Regina: Qual era o número aproximado de cantores que participavam do Coro da UEL à sua época?

R3. Em termo médio, 70 cantores.

Regina: Qual ou quais apresentações mais lhe marcaram e por que?

R3. As apresentações que mais marcaram foram concursos de corais realizados na Sala Cecília Meireles no Rio de Janeiro, em 1978 e 1980. Por se tratar de um concurso de corais de todo o Brasil, bem como o fato de ter ocorrido na importante Sala de Concertos Cecília Meireles.

Regina: Por que você acha que os cantores procuravam ou procuram o Coro da UEL para cantar?

R3: Creio que a procura de cantores pelo Coral da UEL, decorre do prestígio histórico que o mesmo possui.

Transcrição de conversa telefônica com o regente R3

R3: Tenho a acrescentar que antes de trabalhar com coro sempre trabalhei com grupo instrumental.

O Coral da UEL foi a grande escola.

Antes tocava trompa, oboé, sempre na área instrumental, na orquestra da Escola de Música, Orquestra Universitária.

Para coro estudei muito, parava para analisar a partitura coral, a 4 vozes. Diferente de uma grade de orquestra.

Coro e a vida – não entendo o regente distante, o regente de um lado e o cantor lá, do outro lado.

O Tacuchian foi o grande amigo, grande companheiro no Instituto de Educação da Tijuca e dizia: nunca junte profissionais com amadores. O relacionamento é muito difícil e diferente. A não ser que seja como professor que dirige o grupo, como era conosco, com a equipe que trabalhava. Este coro foi em fim da década de 50 com o Tacuchian.

A minha vida profissional nunca fui diferente, como militar ou como civil. Sempre fui muito amigo, tratava os músicos militares como músicos mesmo. Modéstia a parte eu gozava de certo prestígio com o comandante e então eu tinha livre arbítrio com a corporação, o que eu fizesse estava bom. Minha vida militar não mudou muito quanto a civil.

Antes de ser regente militar eu era executante de oboé. Minha vida era um triângulo, corpo de bombeiros. Teatro municipal, map, Escola de Música, isto no Rio de Janeiro. Estive durante

34 anos no Rio de Janeiro. Dirigiu a Orquestra Sinfônica Francisco Braga, foi regente assistente desta orquestra e do Rafael Batista.

Com universitário sempre foi amistoso. A gente tem que ser amigo, companheiro. Resolver os problemas com diálogo. A vida com o coralista sempre foi assim e também não foi diferente como professor de departamento. Abria as portas de casa e da chácara para o coral e para os alunos. A chácara foi comprada pensando nisso, nesse convívio.

Em Santa Maria chegou em agosto de 1973 e tinha 25 professores de música e 25 professores de outras áreas (plástica e teatro) e que coordenava mais os estudantes de música. A polivalência e os colegas do departamento quando teve que implantar a lei, difícil a aceitação dos colegas. No fim do ano de 1973 enviou os professores para cursos na Bahia, no Rio de Janeiro. Quando voltaram em março de 1974 foi chamado à sala da chefia de departamento e os colegas reunidos e pediram desculpas sobre a reação que haviam tido. Disseram que sabiam quem era ele, por onde passaram estavam informados de quem era ele.

Então sempre fui o mesmo, em todos os lugares, como militar, como profissional.

O chefe precisa dar exemplo. Eu era firme, exigente com horários, você sabe disso. Sempre precisa ser exemplo para defender.

A vida militar começou aos 17 anos, estudou 14 anos na Escola de Música.

Complementando: o entrevistado se lembrou de um evento quando inconformado pela reitoria não defender o coro e seu local de ensaio, espaço do Edifício Fuganti. Havia um laudo que não liberava o espaço para ensaio com crianças, pois as salas ficavam no 11 andar sem saída de emergência em caso de incêndio. Ele invadiu a reitoria, e o reitor teve eu ouvi-lo, foi sozinho e apenas a alguns minutos depois estavam vários músicos lá apoiando-o. O reitor teve que ouvi-lo, ele tomou providências, mas (...), mas fiquei com o coro e fomos pra um lugar seguro e melhor.

Encerra a entrevista via telefone dizendo:

Sempre fui o mesmo e você sabe que somos o que somos aos 4, 5 anos, quando somos formados.

Transcrição entrevista com regente R4

Realizada em 12/03/2010

Regina: Em que período ou época você esteve frente ao Coro da UEL?

R4: Olha, eu me lembro por volta de agosto de 1990 até oito anos, me parece que eu fiquei à frente.

Regina: até 98, mais ou menos né?

R4: acho que é não sei se é no meio do ano, mas é mais ou menos, se eu não me engano foram oito anos a frente do Coro da UEL.

Regina: então, eu estava resgatando uma série de coisas e vi que você também em uma outra época você também esteve junto ao Coro da UEL, não como a regente principal àquela época, mas..

R4: teve uma fase que o regente da época, o maestro Benvenuto, me chamou pra ser assistente dele, e era uma época que eles estavam, eu havia conhecido o Benvenuto num curso de regência em Curitiba e ele me chamou pra trabalhar com ele nesse curso, até ele ficou surpreso por eu ser de Londrina porque até então nós não nos conhecíamos pessoalmente e... Aí eu vim no Coro da UEL pra cantar e auxiliá-lo, mas muitas vezes ele deixava assim pra eu fazer os ensaios.

Regina: mas como assistente né, alguns cantores relatam isso na entrevista que nós fizemos, teve um momento que você era assistente do Benvenuto e depois que você passou a ser titular.

R4: é, isso depois eu fiquei um tempo afastada que eu fiquei só nos departamentos aqui e depois disso com a saída dele né,

Regina; abriu concurso...

R4: é e eu fui pra lá, mas antes disso eu me lembro que tem até registro no disco da UEL como assistente.

Regina: isto fui resgatar e vi lá.

Regina: Você já havia regido outros coros antes do Coro da UEL? Quais, se possível?

R4: Coro misto adulto nunca, a minha primeira experiência foi após esse convite como já regente auxiliar, embora eu não tivesse cantado, eu fazia o curso de bacharelado em música, e já tinha um direcionamento, nós tínhamos começado um curso de regência aqui em Londrina quando o Koellreutter começou a vir, então meu primeiro contato foi assim com esse grupo. E aí eu vi que eu gostaria de partir pra essa área de regência e como me despertou, como foi o Coro da UEL que me despertou na verdade, porque quando ele me chamou pra ser assistente dele eu nunca tinha tido a experiência de cantar em coro, e tava fazendo um curso de regência...

Regina: e você fazia o curso de bacharelado em piano... Naquela época você era instrumentista mesmo.

R4: É, nunca tinha cantado em coro, e depois que comecei a despertar pra essa área de regência então fui fazer curso e então depois que ele me convidou pra estar junto cantando ali no Coro da UEL, eu tive a experiência de pela primeira vez fazer uma harmonização sentindo o prazer de cantar em grupo, porque como eu era só instrumentista, eu não tinha tido ainda o prazer de cantar e construir a música, a harmonia, com as vozes, através das vozes, eu nunca mais me esqueci de que depois desta experiência, nos primeiros ensaios, eu falei é com isso que eu quero trabalhar na minha vida em música, então foi a experiência de cantar em coro que me direcionou pra essa área, assim que me deu aquele insight mesmo, não é com esta área que eu quero trabalhar minha vida na área musical.

Regina: e isso foi na primeira experiência depois quando você passou a ser regente titular do coro, aí você já tinha regido outros coros também?

R4: eu tinha regido aqui no CCH, aqui no próprio campus né,

Regina: então você aí tinha outra experiência, ela cresceu...

R4: isso, aí regi o coro aqui e tinha tido também uma experiência até anterior ao coro da UEL acompanhando uma pessoa que regia um coro de crianças na prefeitura, como pianista e ajudando nos ensaios com as crianças. É a minha única experiência em coro era essa.

Regina: Você já começou a contar por que você rege, hoje atua junto ao coro juvenil e infantil da UEL, regente titular, mas queria que você falasse um pouquinho mais por que rege coros?

R4: Depois que eu tive essa experiência então de cantar, que eu senti o prazer de fazer música em grupo, eu comecei a direcionar minha visão pra área de regência porque já era um campo que sempre admirava, sempre gostava e tinha vontade de trabalhar nessa área, eu sempre gostei de lidar com pessoas, eu sempre gostei de atividade dinâmica, eu acho que eu sempre gostei de sofrer também, haha.

Regina: o grupo pra você é forte né, porque você tem um curso de bacharelado em piano né, e acabou fazendo opção até pelo coro, pela questão do grupo, não se via isolada.

R4: não, nunca me atraiu partir pra fazer música sozinha...

Regina: solista né.

R4: nem ser solista, tocar, eu gostava de tocar, mas depois assim acho que foi incomparável assim o prazer de trabalhar com o grupo, em relação com a atividade individual musical.

Regina: e esse prazer traz certo sofrimento também, no dia a dia, he.

R4: eu brinco que eu gosto de sofrer porque eu gosto de dar aula e de reger, que são duas atividades assim desgastantes, e você tem que realmente fazer com prazer, você tem que gostar da atividade, em termos de remuneração nunca te dá um retorno grande, mas eu graças a Deus faço isso com prazer.

Regina: é até bacana se você puder contar pra gente desse sofrimento entre aspas, por que os nossos grupos são amadores, os da universidade são amadores e mesmo assim você persiste.

R4: é, eu acho que eu nunca tive, deixe-me ver, não me lembro de ter tido uma experiência mesmo que temporária profissional. Então a atividade foi sempre assim com pessoas leigas

musicalmente, completamente inexperientes, no máximo as pessoas tinham cantado em um ou outro grupo, né, a experiência musical e eu acho que essa atividade desafiadora de se propor a fazer música, de certa forma assim da melhor forma possível, mas com pessoas leigas...

Regina: isso te atrai.

R4: me atrai é um grande desafio, a gente tentar burilar desde a parte de respiração, a emissão sonora e aí começar a construir um som a partir disso, um som que está idealizado, hoje com muito mais maturidade na minha cabeça né, mas que desde o começo eu sempre busquei uma sonoridade pra com resultado de um grupo vocal, que pra mim coro é som,...

Regina: é, inclusive muitos cantores, porque a gente pergunta assim o que você se lembra cada regente, como era o coro... E isso tem sido uma tônica na fala deles em relação à sua época, a questão da técnica... Você sempre prezou muito por essa técnica de afinação, de cuidado mesmo na emissão, então isso realmente é uma constante na fala, pra dizer que o grupo normalmente é um grupo que chega realmente cru né? Não tem experiência de técnica vocal, mesmo nunca cantou em nenhum outro grupo, você persiste com esta busca, nessa técnica, você acha que é possível ter um grupo com qualidade, mesmo tendo um grupo que não é profissional, da música.

R4: é eu busco isso, tenho isso como meta assim, é, o aspecto sonoro, que marca pra mim do ponto de vista do aspecto vocal, então, pra fazer um trabalho de construção coletiva eu tenho que buscar uma sonoridade que é aquela idealizada, que é uma produção, que na minha concepção é que vai, é uma produção natural, não é forçada, não é artificial, mas ao mesmo tempo que desenvolve, aprimora o potencial natural que as pessoas tem, pra homogeneização do som , pra uma condução vocal assim mais com foco né, aproveitando mais esse tônus muscular que direciona mais a voz.

Regina: certo.

Regina: Como era o Coro da UEL à sua época? Conte-me um pouco.

R4: O Coro da UEL sempre teve uma característica primeiro, de ter muito mais pessoas da comunidade, da comunidade citadina do que da comunidade da universidade, mesmo, embora, a gente sempre tivesse alguns professores, alguns alunos, da universidade.

Regina: e você acha isso por que será? Será pelo espaço geográfico, dos coros funcionarem fora do campus...

R4: pode ser em parte porque a gente funciona fora do campus, por outro lado, o coro foi direcionado pra comunidade desde o início, né, por outro quando o coro começou era uma atividade da universidade porque os professores eram da universidade, mas ele era totalmente voltado pra comunidade, então se convidava pessoas pelo rádio, pelos jornais, hoje,...

Regina: já nasceu assim...

R4: é e eu acho que essa característica foi muito forte, a comunidade despertou pro coro, que era o primeiro da cidade assim, fora as instituições religiosas, porque as igrejas sempre tiveram seus grupos, mas o da UEL foi o primeiro coro dentro da cidade que surgiu para a comunidade aberta, então e na minha época não foi diferente, nós conseguimos até atrair vários estudantes na época, mas ele sempre se manteve com essa tradição assim, que alguns que já estavam na comunidade, eles quase que se mantêm até hoje no coro, alguns saíram por questões particulares, mas talvez se pudessem estariam até hoje, né. É então o coro tinha essa característica mais de comunitário, não tanto coro universitário, eu sempre senti isso no Coro da UEL. Agora pra mim foi uma experiência muito boa, porque foi a minha grande experiência com coro misto. É eu tinha tido a experiência com os estudantes aqui, no CCH, que foi uns cinco ou seis anos, acho que uns seis anos mais ou menos... e a experiência, por exemplo, quando eu comecei como assistente do Benvenuto ele me jogou numa fogueira, mas eu ainda estava muito crua, então eu me obrigava a estudar sozinha, pra reger, pra ensaiar, depois ...

R4: uma questão da percepção harmônica, pra quem nunca trabalhou com quatro vozes... Teve que trabalhar muito.

R4: eu me lembro que foi desafiador assim. E depois a possibilidade quando eu já estava regendo mesmo no lugar dele né, nestes oito anos a possibilidade de executar, buscar repertório, e executar o repertório que muitas vezes eu queria executar, mas nunca tinha tido essa experiência por exemplo muitas peças eu nunca tinha ouvido e eu queria me desafiar ao mesmo tempo com um repertório diferenciado. Isso sempre foi uma característica minha assim, de buscar um repertório que não fosse só aquele conhecido por todos.

Regina: você sempre prezou muito pelas composições mesmo, acho que isso tem grande diferencial na técnica, na realização de composições e não só arranjos.

R4: não só arranjos

Regina: com música brasileira, compositores do cenário nacional, eu acho que isso criou um diferencial no grupo também na sua época.

R4: e até hoje eu penso assim, buscar um repertório diferenciado, hoje no coro juvenil, também em função do tipo de vozes, porque não é tudo que é escrito pra coro adulto que dá pra realizar com coro juvenil, que não vai soar da mesma forma, né, então eu acho que o trabalho maior é essa busca de repertório, também eu tive essa preocupação, então o coro foi a grande experiência, a grande experiência pra mim, nessa área de coro misto, de buscar repertório, de me desafiar...

Regina: de desafiar o grupo também.

R4: nós conseguimos fazer bastante coisa né, de repertório.

Regina: e você já está dizendo o que o Coro da UEL significou para a sua vida

R4: É pra mim foi a grande experiência de trabalhar o coro misto, repertório de coro misto e desenvolver um trabalho assim com seriedade dentro das minhas possibilidades e das possibilidades do grupo claro, mas foi a grande experiência nessa área de coro misto.

Regina: e num primeiro momento foi a grande desafio do que você queria seguir na música né.

R4: foi.

Regina: você fechou o piano e falou vou ser regente.

R4: é. Me dediquei realmente pra essa área de regência coral. Grupo vocais

Regina: Você pode listar pontos positivos e negativos em ter regido o Coro da UEL?

R4: É eu me lembro de ter feito repertório, assim, por exemplo, nós fizemos alguns concertos que foram muito bonitos, temáticos, fizemos concerto homenageando Noel Rosa, fizemos concertos de Negro Spiritual, com solista, com cenário, né...é eu acho que foram grandes momentos, do ponto de vista musical, ponderando todas as coisas eu tive, só experiência positiva, coisas, detalhes, que a gente viveu lá, acho que do ponto de vista musical, eu tenho só boas recordações.

Regina: na questão de estrutura assim, por exemplo, isso te auxiliou te dificultou, por exemplo, quando a gente não tinha uma sede, de estar instalado num prédio, de repente não pode ficar...

R4: dentro da UEL isso pra nós foi sempre um problema

Regina: por que tudo ainda é muito novo também. Se a gente pensar é pouco tempo.

R4: nós nunca tivemos na verdade a nossa sede, nunca tivemos uma boa sala de ensaio...

Regina: uma acústica adequada.

R4: não, nunca tivemos.

Regina: do ponto de vista estrutural ter interferido.

R4: com certeza, em vários momentos a gente sentia que se tivesse um lugar melhor, pra fazer ensaio a gente talvez tivesse até um rendimento mais ágil, né. Agora outra coisa do ponto de vista de estrutura que na minha opinião era positiva, a gente tinha uma equipe pra fazer ensaios de naipe, como o coro sempre foi muito grande, tínhamos muitos ensaios, podíamos

propor ensaios porque tínhamos um grupo grande de ensaiadores, hoje eu tenho uma dinâmica um pouco diferente que eu acho que a metodologia eu mudei um pouco na hora de fazer ensaio, mas naquela época foi produtivo sim, é tinha pessoal pra fazer ensaios e tinha necessidade de fazer muitos ensaios, pra gente conseguir aquele resultado dentro daquele tempo que a gente dispunha.

Regina: Qual era o número aproximado de cantores que participavam do Coro da UEL à sua época?

R4: Naquela época era sempre um número grande, acho que a gente mantinha um grupo com 80, 60, em média.

Regina: teve época.

R4: teve época que a gente teve até quase 100 pessoas. Mas eu me lembro de mais ou menos de 60 ou 80 pessoas.

Regina: isso é uma característica do coro... Grande.

R4: é ele começou com umas cem vozes.

Regina: em 76 quando o Benvenuto veio, inclusive tem recorte de jornais, né, nós queremos formar um coro com cem vozes. Na viagem do Coro pro Concurso do Jornal do Brasil no Rio de Janeiro foram três ônibus, 96 cantores.

R4: eu me lembro que era uma característica do coro assim ser um grupo grande.

Regina: até porque tinham menos nos grupos na cidade, não tinha aquela efervescência que a gente tem hoje né, coro de empresa, coro em várias instituições, naquela época, ainda não tinha né.

R4: é.

Regina: Qual ou quais apresentações mais lhe marcaram e por que?

R4: Fora os concertos temáticos, nós fizemos concertos no Teatro Ouro Verde que chamávamos assim de concerto de temporada, ao menos um em cada semestre, nós

preparávamos um repertório pra realizar no teatro, então eu acho que aqueles momentos foram marcantes como a culminância de um processo que a gente tava desenvolvendo, porque também o trabalho de coro, dentro da minha visão de professora, eu sempre enxerguei o coro como um processo de educação musical assim de musicalização, a gente tinha essa preocupação, então a culminância era importante pra mostrar onde a gente tinha chegado dentro desse processo, porque eu me lembro que as pessoas não eram capazes de ler uma partitura no final de um tempo trabalho ou alguns anos de trabalho, mas elas eram tão ágeis do ponto de vista perspectivo e auditivo que elas quase que sublimavam esse ato de ler e solfejar e já partiam pra realizar, com uma agilidade, rapidez e é claro compreendendo, sentindo, um pouco mais o aspecto rítmico, tendo um grande desenvolvimento perceptivo melódico auditivo, então eles eram capazes de cantar qualquer coisa, qualquer obra, né. Tinham oportunidade de eventualmente cantar com orquestra, eu me lembro da gente ter feito algumas coisas, né.

Regina: dependendo também do direcionamento e programação artística da própria orquestra, né que a gente teve momentos que o maestro queria muito o coro junto né, e outros nem tanto, mais instrumental mesmo sem o vocal.

R4: então às vezes gente insistia pra fazer algumas coisas e houve concertos que nós convidamos alguns músicos da orquestra pra fazer algumas pontuações, pequeno grupo instrumental. Então são esses concertos de forma geral que marcaram algumas viagens que pro coros foram importantes.

Regina: lembro de um festival em Camboriú, interessante.

R4: teve outros também, no estado de São Paulo, numa cidade bem bonita, que era uma cidade de uma paisagem maravilhosa, me esqueci o nome agora, que o coro ficou numa satisfação... São Sebastião.

Regina: Ah são Sebastião, pertinho de Ubatuba, foi.

R4: uma viagem ótima tinha esses momentos muito bons de convívio.

Regina: ah e como você percebe, como você percebia, como o grupo ficava quando estava nessa questão de viagem, você percebia que havia um rendimento diferente dos cantores, como coro, nesse momento de estar nesse conagraçamento.

R4: olha, eu acho que existe isso em todos os coros, em todos os grupos, porque a viagem é sempre um incentivo, uma motivação pro cantor, porque tem muitos cantores que não tem essa possibilidade de realizar viagens, fazer contatos culturais, a não ser dentro da sua própria comunidade, dentro da sua própria cidade, e a o coro da universidade oferecia essa oportunidade, a universidade bancava as viagens, toda a alimentação, a hospedagem dessas pessoas e agora e nem sempre conseguíamos hospedá-los nas melhores condições, às vezes eram coisas coletivas...

Regina: as pessoas não reclamavam, eu acho que elas estavam sempre muito felizes...

R4: é, mas a experiência de fazer a viagem, de estarem juntos, então eles, eles, é mudavam de comportamento, porque tinha a perspectiva de uma coisa boa acontecer, inclusive enchia de gente pra entrar no coro, pois quando sabiam que tinha viagem eles queriam entrar pra participar da viagem, tinha gente que até quer se inscrever pra viajar e sair. Hehehe, mas tinha isso também.

Regina: na questão vocal, pensando na questão musical, você acha que isso influenciava no resultado, esses momentos que não só dos ensaios...

R4: eu acho que isso é o ideal, a gente propor sempre alguns momentos não só de viagens, mas de confraternização, agora a viagem com certeza é um dado que pesa muito, então isso estimula o convívio, a motivação pra atividade e com certeza depois o resultado musical é outro, porque uma coisa é a pessoa fazer um ensaio motivado, motivado com a perspectiva de coisa boa pra acontecer, pra eles viagem é culminância de tudo que é bom...

Regina: é uma meta, todo mundo quer dar o melhor de si.

R4: a gente conseguiu maior unidade do grupo, assiduidade aos ensaios, dedicação quem não conseguia fazer três ensaios na semana, é normalmente quando era véspera de viagem ele dava um jeito, o coro passava a ser prioridade e ia pros ensaios, aquela motivação, aquela meta que era a viagem.

Regina: Por que você acha que os cantores procuravam ou procuram o Coro da UEL para cantar?

R4: Bom, eu acho que tem gente que pensa no nome da instituição, isso pode ser um fator, a universidade está oferecendo uma oportunidade gratuita de eu fazer música, pensa na instituição na gratuidade com a possibilidade e acreditam na instituição. Outras pessoas querem ter experiência de canto coletivo e aí sabem da possibilidade aberta pela universidade, e ela procura.

É não sei se, agora algumas pessoas sabendo conhecendo os trabalhos da universidade se motivam a por as suas crianças no coro, seus jovens, acreditam no resultado. Eles vão aos concertos, gostam dos concertos e aí então sentem passam a acreditar no trabalho e a investir. Porque não são muitas as opções, por exemplo, a não ser nas comunidades eclesiais vamos pensar assim, né, não tem muitas opções.

Regina: opções de coros de comunidade...

R4: tem algumas cidades, estados que tem mais essa tradição, por exemplo, no Rio Grande do Sul.

Regina: as colônias...

R4: tem colônias de migrantes, tem muito mais empresas que investem, tem clubes que... Estimulam a criação. Tem muitas cidades que já tem isso com mais tradicionalmente então as pessoas tem mais oportunidades, então em Londrina, por exemplo, o coro da universidade passa a ser uma oferta para a comunidade, às vezes até por falta de opção. Mas não só por

isso. Eu acho que as pessoas têm vontade de fazer uma atividade, mas às vezes não acham essa oportunidade.

Regina: basicamente é isso, se quiser acrescentar algum dado...

R4: não, a única coisa é nesse sentido assim que a gente também sempre teve a preocupação de atender as diferentes faixas etárias, né, e de uns anos pra cá, a gente tem desde crianças de oito anos até....

Regina: isso é bem legal você dizer, R4, porque como você esteve num momento do coro lá...lá assistente que eu não sei se foi 76,77,78 foi no segundo disco? Então em 82 né, naquela época não havia uma estrutura assim com todas as faixas etárias né?

R4: não, só havia o Coro da UEL, que era esse coro que pegava desde pessoas mais jovens, às vezes ate menores de idade até senhores e senhoras com idade mais avançada, qualquer pessoa da comunidade, depois de um tempo começou-se um trabalho com crianças, depois teve um tempo de crianças ficou de certa forma desativado, aí nós retomamos, e aí começamos um movimento maior.

Regina: as crianças foram crescendo foram querendo continuar a cantar.

R4: daí surgiu o Coro Juvenil

Regina: dessa necessidade da comunidade, né.

R4: isso é. E depois mais frente você com a terceira idade.

Regina: é e aí espalhou pelo campus também. Os hospitais e tudo, mas então se a gente pensar o Coro da UEL foi o gerador dessa questão musical toda.

R4: gerador, inclusive é bom lembrar ele foi o gerador da orquestra.

Regina: inclusive porque tinha o conjunto música

R4: desse conjunto musica, a partir desse conjunto música se criou o embrião da orquestra.

Regina: então ele realmente foi o gerador de toda a questão musical. Certo muito obrigada.

Transcrição entrevista com regente R5

Data da entrevista: 18/03/2010

Esta entrevista foi feita via telefone. R5 preferiu dar algumas informações assim, pois diz não se lembrar de muitas coisas.

De forma geral relatou muitas coisas, mas não só do Coro da UEL e sim de sua vida, misturando um pouco os assuntos sobre Coro da UEL, Coro da Igreja Presbiteriana, vida familiar, juventude, histórias da mãe.

Disse que ficou por volta de 11 meses na regência. Foi procurada para que ensiasse o Coro da UEL para formatura daquele ano, 1975, pois a regente anterior havia se afastado do grupo.

Ela diz:

“recordo que os naipes masculinos do Coro da UEL necessitavam de ajuda e por isso perguntei ao reitor se poderia convidar cantores do coro que regia na Igreja Presbiteriana. Após a concordância passei a ensaiar o Coro da UEL e da Igreja para a formatura”.

“Mas, infelizmente não gostava porque o repertório era escolhido e eu tinha que acatar”.

“Acabei deixando os trabalhos, pois ensaiava muitas horas na semana e não agüentava ficar tanto tempo em pé”.

Sua passagem pelo coro foi rápida.

Histórico: sua vida foi bem musical por conta da historia familiar, a mãe era compositora e pianista. Compôs muitos hinos.

Transcrição entrevista com regente R6**Data da entrevista: 18/03/2010**

Esta entrevista ocorreu na casa de R6. Foi feita de forma bem a vontade num bate papo.

R6 inicia contando sobre suas idas para ter aula.

R6: Da USP (onde tinha aulas) vieram pra cá, estavam num sucesso tremendo, eu mantive contato com eles lá, eu estudava lá, eu falei que não me achava preparada pra reger um coral de uma universidade que eu precisava de uma formação melhor. Eu viajava a cada 15 dias pra ter aulas em São Paulo com Benito Juarez, com... E tinha outro que também era famoso que não me lembro o nome. Eu ia lá, tinha minhas aulas.

Regina: Como surgiu esse convite pra criar o coro?

R6: foi criada a coordenadoria de assuntos culturais, essa coordenadoria que iniciou né, o Vanholi era coordenador de assuntos culturais, e ele levou a Mirian Paglia Costa como secretária, lembra da Mírian?

Regina: que era da área de...

R6: ela é da música, advogada e também excelente pianista, meu contato com a Mirian é porque ela era minha pianista então a gente teve esse contato inicialmente, excelente advogada então ela era assessora do Vanholi, nessa secretaria de assuntos culturais e eles estavam procurando alguém pra iniciar o coral, mas sei lá não acharam outra pessoa.

Regina: e até então a universidade não tinha nada institucionalizado como coro né?

R6: não, nada. Nasceu ali na CAC que já tinha dado inicio as atividades artísticas com o teatro. O teatro foi quem primeiro começou na CAC. Aí houve essa solicitação do reitor em se criar esse coral. Aí eles começaram a pensar quem vai fazer quem vai começar quem vai ensaiar, quem é que vai dar inicio... Aí a Mirian que era minha pianista, que fazíamos música juntas...

Regina: R6 já cantava nessa época?

R6: sim, já cantava, então Mirian sempre me acompanhando e foi ela que sugeriu por causa da minha experiência com coral de igreja, de 18 anos.

Regina: Então a senhora já regia na igreja, em qual igreja?

R6: já regia o coral da Igreja Luterana.

Regina: então a senhora já tinha experiência na área?

R6: pois é, mas...

Regina: com música sacra e tudo...

R6: sim a experiência, o que eu conhecia de regência eram esses cursinhos que a gente fazia de vez em quando.

Regina: esporádicos.

R6: quando tinha oportunidade em festival, mas não tinha nenhuma formação especial, específica de regência, então por causa disso eu sempre deixei bem claro que eu estava ali pra iniciar, pra formar, pra fazer seleção de vozes... O que era da minha competência, fazer seleção de vozes, dar o início, já sabia que eu não ia ficar muito tempo pra já ir, ficou claro, desde o início.

Regina: e isso é por volta de 1972 né, R6.

R6: ta ligado o microfone?

Regina: ta, ta contando, imagina que depois a senhora vai saber repetir de novo hehe e eu vou esquecer o que a senhora disse... Então eu deixei ligado... hehe.

R6: hehe, ta bom.

Regina: isso por volta de 1972 é Londrina lá em 1972 que não é essa que a gente conhece hoje, os coros até então eram só ligados à igreja.

R6: então o que nós fizemos foi ir de sala em sala de classe em classe na universidade... Convidando...

Regina: ah é... Foi assim?

R6: pra convidar os cantores, os alunos, estamos iniciando e é desejo do reitor que nós tenhamos aqui na universidade um coral , então convidando....

Regina: e como foi a receptividade nesse período?

R6: pois é... Eles foram surgindo aos poucos...

Regina: mas acho que eles não conheciam muito o que era um coro, né?

R6: não, não tinha nenhuma vivência disso, mas se preocupavam se teriam uma base musical, um conhecimento de música, leitura musical e eu falei não, a gente vai procura dar na medida do possível, vamos dar essa formação, e essa qualificação, sou professora de canto e vou dar aula de técnica vocal, vou preparar vocalmente e vocês também vão ter aula de leitura musical, vão aprender, vão ser alfabetizados musicalmente. Então ah... Foi assim que a gente deu inicio. A primeira pessoa que apareceu foi o C9, aí da orquestra que todo mundo conhece né. Nunca me esqueço que ele tinha muita vontade...

Regina: sabe o que ele me contou que eu tive a oportunidade de entrevistá-lo, ele contou que ele sentia muito desejo em aprender música, mas que ele não tinha condições, não tinha oportunidade e que ele foi assistir uma apresentação acho que de um festival de teatro onde a senhora dirigia um grupo, que não sei se era o coro ou outro grupo, onde tinha um pouco de música e atrás era projetado slide e ele achou aquilo tão bonito e ele olha eu sei o que eu quero fazer e que a partir dali ele procurou a senhora pra cantar.

R6: aonde ele veio? Na minha casa, nós não tínhamos local pra ensaiar, não tínhamos piano pra ensaiar, onde é que começou o coral, era na minha casa.

Regina: era nessa casa aqui?

R6: aqui, nessa casa.

Regina: então as pessoas vinham até aqui, faziam os ensaios aqui.

R6: fazíamos os ensaios aqui, bem no comecinho né. Depois a universidade alugou aqui, no Filadélfia, colégio londrinense, aquele teatro, numa sala do teatro que era sala dos professores, e daí nós passamos a ensaiar lá.

Regina: eu cheguei a encontrar em algum registro que depois da casa da senhora vocês conseguiram uma sala de professores e eu fiquei pensando na universidade onde que era essa sala de professores... Então era uma sala do teatro londrinense, já era Colégio Londrinense, ou era Filadélfia que chamava?

Regina: é porque uma instituição só da igreja né.

R6: então era uma sala de professores dali que ensaiávamos o coral.

Regina: e o piano?

R6: o piano o (...) escolheu o piano, que pediram pra ele escolher, a universidade pediu pra ele e ele recomendou um piano (...) e depois trocaram esse piano né. Mas inicialmente era esse piano que (...) recomendou a eles. Sei que a universidade comprou, então nós tínhamos um piano lá na sala dos professores e começamos ali. Eu cumpria o expediente, eu dava aula de técnica vocal individualmente pra eles marcavam hora, não só pra eles, eu dava pro pessoal do Teatro, eu dava aulas de técnica vocal pro pessoal de teatro.

Regina: então num dos registros diziam que a senhora inclusive preparava quem ia fazer o discurso na formatura, eu achei isso tão interessante, essa preocupação, por prezar por essa colocação de voz, de técnica, isso foi de uma riqueza muito grande pra comunidade universitária.

R6: agora eu estou me lembrando que eu não fui contratada inicialmente pra ensaiar coral, pra formar coral, eu fui contratada como professora de voz pra dar aula pro pessoal do teatro. Foi assim que eu entrei na coordenadoria de assuntos culturais...

Regina: e dali e depois disso surgiu o convite pra senhora reger o coro.

R6: exatamente, eu acho até que ia me assustar se eu recebesse o convite assim... Vai

reger o coro? Heehehe.

Regina: ia dizer, não não sou capaz heehehehe.

R6: era o que eu ia dizer, não, não, mas eu estava lá dentro da coordenadoria ministrando essas aulas...

Regina: de técnica vocal.

R6: você lembrou bem para esses oradores de turma, pro pessoal que ia precisar, tinha um ou outro advogado que tinha problema de voz, precisava de aula e então freqüentava as aulas de técnica vocal, essa é que era minha função ali dentro da coordenadoria. Pra isso que eu fui contratada e a peça inicial foi a Mandrágora, que eles estavam ensaiando, e acho que foi a primeira peça de teatro da UEL a Mandrágora, pois o próprio Vanholi tinha um papel...

Regina: e a senhora fazia a preparação vocal desses atores.

R6: fiz a preparação vocal, inclusive compondo música, eles cantavam música que compus, precisava porque tinha alguns textos que eram musicados e so tinham os textos ali falados, e nós precisamos de uma melodiazinha...ah então vou botar uma melodiazinha nisso aí e eles cantavam uma linha melódica...

Regina: era uma preparação, uma composição uma direção tudo junto musical ali, né...

R6: então fizemos, foi assim que iniciou...

Regina: e R6 sempre desde o inicio estava sozinha ou tinha alguém que a auxiliava no sentido de tocar, ou eram peças feitas a cappella...

R6: era só a cappella... só a cappella o coral não tinha nem pianista nem nada, o coral você sabe a estrutura que tem o coral hoje né, não tinha ninguém ...de repente se não me engano mais tarde o C9 assumiu a função de cuidar das pastas...

Regina: pastas, arquivo...

R6: mas não era função renumerada, nem contratado, era voluntário.

Regina: inclusive ele me disse que sabe que R6 me recompensava pessoalmente, porque eu não tinha nada formalmente, legalmente pela universidade... Mas ela reconhecia meu trabalho!

R6: ele era meu funcionário, eu o pagava, hehe, porque a universidade não tinha essa estrutura né, então, é..

Regina: depois em 77 foi quando ele fez o concurso e ficou como secretário do Coro, mas isso foi lá pra frente já.

R6: foi o C9.

Regina: eu também encontrei algo assim que a Thais Nunes também a acompanhava ao piano... Numa oportunidade que parece que a senhora fez uma viagem ao exterior e ela fez ensaios pra senhora.

R6: foi a Thais ou a mãe delas, acho que a Nancy...

Regina: não sei se não foi a Thais, foi a Nancy Nunes...

R6: é... Não vou dizer que estava sozinha não, tinha gente que me ajudava, mas que...

Regina: mas que não tinha função formalmente, né... Era voluntária, doação.

R6: era voluntário, pois viam que a gente estava necessitando né, porque tinha , nós chegamos a ter 36 cantores. Então é... Fizemos algumas coisas boas, se você vir aqui no currículo, agente teve bastante oportunidade.

Regina: eu vi que a primeira apresentação do coro foi numa missa de do cadáver... Que foi em outubro...

R6: exatamente, mas você não tem lá esse currículo...

Regina: pois é eu li isso, eu não sei se foi nesse currículo ou pelas suas cartas também.

R6: tem meu currículo também?

Regina: não sei ao certo, mas sei que tem lá que a senhora esteve em Curitiba e recebeu o seu grau como professora de canto. Encontro também lá aquela parceira que a senhora pode proporcionar no sentido de trazer um coro da cidade de Santos, até Londrina...

R6: que o maestro... Dirigia, mas antes disso veio o Benito Juarez com o Coral da USP que tava fazendo um sucesso...

Regina: isso serviu de motivação para quem estava iniciando, né'?

R6: exatamente e era pra isso que a gente queria mesmo...

Regina: intercâmbio né.

R6: com esse meu contato lá de eu viajar quinzenalmente pra ter aulas eu fiz um bom relacionamento com eles né, eu podia assistir os ensaios dele lá e recebi muito material. Então foi um contato bastante proveitoso e que enriqueceu meu trabalho aqui, eu fiz de tudo pra crescer um pouco, pra dar o melhor de mim pro coral, hehe.

Regina: com certeza conseguiu né, porque o coro tem aí 37 anos hoje e foi graças à doação inicial de muita gente.

R6: é...

Regina; de enfrentar desafios, de querer o melhor, de trabalhar com uma comunidade que não tinha experiência, vivência musical coral...

R6: não tinha, é...

Regina: na questão de percepção harmônica é diferente você cantar sozinha e cantar dividindo vozes, então eu imagino que tudo isso deva ter sido uma descoberta muito grande pros integrantes.

R6: conseguimos algumas coisas boas...faço votos que você encontre fitas gravadas.

Regina: com certeza vou buscar isso.

R6: encontrar.

Regina: porque inclusive eu quero ilustrar no dia da defesa foi até sugestão de um dos membros da banca que colocasse trechos do coro de épocas , como isso foi sendo construído, pra ver, esse coro de hoje é de todo um processo de uma construção, né. R6 apode me contar assim, ainda rege coro na igreja luterana ainda hoje?

R6: não, hoje não mais.

Regina: mas por que a senhora regia assim o coro? Além de ter sido pega meio de surpresa, pois já estava fazendo um trabalho...

R6: é, porque eu sempre gostei de cantar em conjunto.

Regina: música em grupo.

R6: música em grupo eu sempre gostei muito... Nós tínhamos o hábito na minha família sempre de cantar a duas três vozes, sempre cada um... Acho que era um dom que a gente tinha em família, nós começávamos e já pegávamos outra voz, a gente já tinha esse hábito...

Regina: desde menina, tradição familiar.

R6: isso eu gosto desta harmonia, gosto de cantar em conjunto, então foi isso que motivou também iniciar o coral na igreja e lá fiquei dezoito anos a frente do coral...mas as coisas mudaram, de repente o pessoal mais jovem começou a quere fazer esses grupinhos....

Regina: houve uma inversão parece né? R6, o C9 fala que ele lembra que de Londrina que antes os coros eram tradicionais na igreja e de repente hoje é grupo de louvor, e os coros estão fora das igrejas,

R6: e os jovens com os grupos com instrumentos e a musica coral ficou com o espaço bem reduzido,...

R6: é bem reduzido.

Regina: não precisava ter reduzido, podia ter dividido...

R6: eu vi que realmente era importante que os jovens tivessem o espaço deles e daí eu me retirei deixei o espaço deles. Como é hoje, mas...

Regina: pode assim me contar um pouquinho do que significou o Coro da UEL na sua vida...
Como a senhora se vê naquela época e o que transformou.

R6: eu acho que teve uma transformação importante sim, eu me lembro com saudade, com alegria de ter realizado aquele trabalho, dentro das minhas limitações que eu sabia que não podia ir muito longe, mas eu fiquei muito feliz porque eu fui substituída por alguém R3, que criou a orquestra, fez aquilo frutificar, levou muito além e eu achei que a sementinha foi bem plantada porque produziu muitos frutos... né

Regina: e isso é motivo de satisfação...

R6 o que eu tenho, eu me lembro assim com alegria de ter feito esse trabalho, porque ele frutificou, a coisa está indo muito além é uma potência, a orquestra hoje está enfrentando esses problemas hoje que a gente sabe, mas é uma potência...

Regina: tudo nasceu do coro.

R6: nasceu ali ...o C9 que entrou como coralista agora é instrumentista, ele toca viola na orquestra né

Regina: e tanto outros depois que passaram a integrar o coro e que se profissionalizaram na música.

R6: o (...), e C9 começaram comigo.

Regina: e são profissionais da área hoje. E tem algum ponto negativo assim se recorda, uma falta até de estrutura inicial talvez... Coisas que acha que tenham atrapalhado.

R6 eu fui muito bem assistida pelo Dr. Ascêncio, tudo que necessitava, ele forneceu, pelo Vanholi também que era o coordenador ele me deu todo apoio, toda assistência, numa ocasião havia uma verba que o Vanholi ofereceu olha tem essa verba aqui que a gente pode usar para os dois departamentos, o de teatro e o de música e ainda ele falou assim heehe se não usar o de teatro vai usar tudo...não espera aí vamos usar sim, não pode perder, pedi pra ele que adquirisse a enciclopédia Groves, e quero saber onde está essa enciclopédia que foi

adquirida para o departamento de música ali né, a enciclopédia Groves, é porque você sabe que tem um dicionário bem...

Regina: conciso...

R6: conciso, resumido, deficitário, mas na enciclopédia de música você encontra de tudo...

Regina: eu perguntei a diretora da Casa de Cultura e ela me disse que na biblioteca central tem uma, mas não sabe se é a que foi comprada na sua época ou se está no Centro de Documentação e até me pediu pra verificar isso...

R6: é isso é importante porque ...

Regina: então teve o apoio pra ajudar nessa infra-estrutura assim

R6: sim, eu obtive todo o auxílio necessário, inclusive o apoio pra eu me preparar melhor pra aquela função eles me pagavam passagem de ida e volta pra São Paulo, é eu falei que eu queria me qualificar...

Regina; aceitar o desafio, mas querendo se qualificar...

R6: sim porque senão tem outra pessoa aí, porque com certeza antes de me convidar devem ter procurado outra pessoa, sondando aí, parece que ninguém...

Regina: porque Londrina nessa época era uma cidade de pianistas, acordeonistas, né.

R6: é...

Regina: era mais instrumental, não tinha essa opção de regente...

R6: não tinha... E como eu fui recomendada pela Mirian Paglia Costa ela sempre foi muito respeitável tanto como pianista, como advogada e ali na assessoria do Vanholi foi ela que me recomendou... Conversei bastante com a Mirian ah será que vai dar, ou não... Ah isso que está propondo fazer, um trabalho de início, seleção de vozes, incentivar o pessoal a participar, eu acho que a senhora pode bem fazer..fui assim..

Regina: e dali vieram as formaturas o coro começou a participar...

R6: formaturas... O coro participou... Muitas apresentações, fomos a Apucarana também, na inauguração da Usina de Itaipu. Nós fomos lá é na usina de Itaipu.

Regina: então me fale dessas apresentações que mais lhe marcaram, Apucarana, Itaipu alguma outra... vi que o coro também no primeiro ano cantou ali na praça, na apresentação de natal, dentro da programação de natal do município

R6: sim, também cantou...inúmeras apresentações.

Regina: a que horas vocês ensaiavam, pois a maioria era estudante.

R6: quando eles saíam das aulas...íamos ensaiar depois das onze da noite.

Regina: meu Deus...

R6: nós ensaiávamos até tarde... É eu até dava uma cochilada aqui antes, antes de ir pra não ter sono mais tarde. Minha filha ia comigo, ela também cantava no coral, eu e ela ensaiar depois das onze da noite e sábado a tarde também.

Regina: a tarde toda.

R6: é duas vezes na semana e mais o sábado.

Regina: três vezes.

R6: não normalmente, normalmente eram dois, mas quando tínhamos apresentação e nós precisávamos nos preparar melhor então a gente intensificava os ensaios e daí eram duas vezes na semana e mais o sábado.

Regina: e após as onze da noite, e até que horas ia esse ensaio?

R6: ah, uma hora, uma e meia. A gente chegava em casa as duas horas da madrugada.

Regina: e no outro dia bem cedinho todo mundo pra suas coisas.

R6: é, é.

Regina: abnegação dessas pessoas né...

R6: as pessoas se admiravam muito da gente poder manter esse ritmo porque não era fácil, não era fácil, a dedicação, mas nós não teríamos opção... E todos eram muito entusiasmados,

eram muito entusiasmados, faziam aquilo com tanta paixão, tanto amor...e isso alimentava nos dava um ânimo muito grande.

Regina: às vezes a gente chega pra trabalhar com um grupo e ta tão cansado e ali daí a pouco ta todo mundo num astral, numa energia tão boa.

R6: é a música alimenta, eleva o seu espírito, você se enche de ânimo, que não sabe de onde veio essa força, essa energia, mas é muito motivadora, uma força assim...

Regina: isso entusiasmo bastante...

R6: entusiasmo, eu contei com grupo assim muito bom...

Regina: em sua opinião por que os cantores procuravam o coro naquela época cantar...e por que até hoje ainda procuram o coro da universidade...

R6: eu acho que é o coral é uma atividade social também, além da pessoa poder se realizar artisticamente...

Regina: se expressar...

R6: mais fácil de você se expressar musicalmente é através do canto né...

Regina: um instrumento acessível a todos.

R6: porque cantar todo mundo canta, nem que seja uma musiquinha de carnaval todo mundo canta, não é? Então é a forma mais simples e acessível de expressão musical, então eu acho que é por ali ainda mais que sempre foi dito que não havia necessidade de uma preparação especial pra ingressar no coro, que essa formação eles iriam recebendo aos poucos né.

Regina: isso também foi um chamariz poder entrar...

R6: é, é poder ingressar praticamente sendo analfabeto, sem ter leitura musical nem nada...

Regina: e essa questão social.

R6: e essa questão social é isso que a gente precisa ter em mente, né, une muito e uma coisa que a gente observa a medida que eles vão e aproximando pessoalmente, vão simpatizando uns com os outros a harmonia musical ganha muito, cresce muito, porque as pessoas...é eu

observei isso eles vão se querendo bem sempre juntos ali, com frequência, se unindo, cantando juntos aumenta, vai se entrosando eles vão e entrosando pessoalmente, vão se gostando, uns dos outros e a música ganha muito com isso hehehe...

Regina: percebia isso bastante...

R6: eu percebia isso, eu percebia isso e dizia pra eles também.

R6: chegou a viajar com esse grupo, R6, disse que foi a Itaipu, a Apucarana, tinha transporte da universidade, e nos levou também pro festival de música de Curitiba né, eu levei o coro, quando o Karabichevski estava regendo, levei...

Regina: ah que legal, nos festivais de janeiro?

R6: é festival de música, levei a dois festivais.

Regina: ficou em 74, não em 72, 73 e 74, três anos, então foi possivelmente a dois festivais.

R6: dois festivais...

Regina: isso deve ter sido de uma oportunidade imensa pros cantores...

R6: foi muito bom pra eles, foi providenciado tudo pra eles bem acomodados lá, fomos pra hotel, bem acomodados...

Regina: e isso a universidade que supria essa...

R6: a universidade supriu essa participação dos coralistas...

Regina: que legal, hoje em dia nós não temos mais isto... As pessoas têm que vender pizza, fazer promoção se quiser viajar.

R6: ahhh, pois é e foi...

Regina: e essas viagens, acha que também colaboraram, além de ser por um questão cultural, mas por causa desse convívio, percebia que isso também promovia um melhor convívio entre as pessoas assim ...

R6: ah não tenha dúvida...

Regina: dava um salto musical após...

R6: sim, sempre havia esse crescimento musical, porque muitos coralistas não tinham grande vivência de teatro, assistir recitais, de também participar de concertos e lá era um mês inteiro que eles participavam, tudo, todo movimento cultural ali, assistindo concertos nas igrejas , nos teatros, isso claro que promove o crescimento deles né, foi muito bom e eu na ocasião, no primeiro festival que a gente foi eu entrei em contato com o Roberto de Regina e ele me escolheu como solista lá e cantei na igreja lá, cantei, cantei na igreja no recital dele, cantei três peças de Haendel...

Regina: do Messias, não...

R6: não três árias espirituais fazem parte de um álbum de espirituais de Haendel, então e cravo, cello e violino...

Regina: grupo de câmara

R6: é pra fazer esses solos...

Regina: olha, o que tenho de guia de entrevista é isso, agora se quiser acrescentar algo que se recorde... Repertório que desenvolviam, sobre a receptividade da comunidade londrinense em relação ao coro, que acho que também era um acontecimento quando ia se apresentar...

R6: É, naquela época era só o coro, não tinha orquestra, não tinha nada, mas havia uma receptividade muito grande... As apresentações que nós fazíamos tanto aqui no teatro Filadélfia, embaixo, no Ouro Verde.

Regina: acho que naquela época o Ouro Verde ainda era cinema...

R6: Não, não me lembro do Coro no Ouro Verde...

Regina: e quando o coro foi pro Julio Fuganti, ainda estava com o coro nessa época...

R6: claro... O coro se apresentou algumas vezes lá no salão mesmo, na época que o maestro veio, foi lá... As apresentações foram lá...

Regina: quero agradecer primeiro pelo bonito trabalho que fez e segundo por me receber aqui.

R6: imagina... Pelo menos um cafezinho vou fazer pra você...

Transcrição entrevista com regente R7**Data de Entrevista: 10/03/2010**

Regina: Em que período ou época você esteve frente ao Coro da UEL como regente titular?

R7: Olha, eu regi o coro em três ocasiões, mas acho que a mais marcante foi de 90 a 98. Foram ocasiões em que eu substitui o maestro R3 e depois quando substitui o maestro R1, mas foram pequenos períodos, o que mais marcou foi de 98 a 2003.

Regina: Você já havia regido outros coros antes do Coro da UEL? Quais, se possível?

R7: A já, eu sempre estive ligado às igrejas, então eu sempre regi. Desde a minha infância, juventude eu regi coros da igreja lá em São Paulo, aqui eu regi coro da Presbiteriana, regi coros do IAPAR, outros coros da UEL, Coro do Campus, Coro do HU, sempre estive envolvido com coral...

Regina: a sua experiência veio exatamente da igreja?

R7: Veio da igreja, da necessidade né, minha formação foi mais de órgão, organista, né, mas diante da necessidade de ter pouca gente na época em que a gente estava estudando então me dediquei também à regência coral.

Regina: Por que você rege ou regia coros, você até já está falando um pouco?

R7: Ah primeiramente porque eu gosto da música, eu gosto do trabalho coral, e outra foi...

Regina: mais que a instrumental, pois se a sua formação foi de organista...

R7: não eu gosto muito do organista, só que quando eu mudei há 25 anos para Londrina, perdi contato com o órgão, em São Paulo era muito ativo na parte de órgão, né. E aqui em Londrina não tem órgão, fui deixando e deixando e daí deixei e fui me dedicando mais a parte de regência, mas foi assim, gosto e foi também uma necessidade primeiro uma necessidade artística, pois tinha poucos regentes há 40, 50 anos atrás e também uma projeção de ganhos profissionais, foi na regência que vi que tinha muitas oportunidades de trabalho, né. E gostando mesmo do ambiente coral.

Regina: é a gente percebe que você tem assim um relacionamento com o grupo, bom com as pessoas.

R7: é justamente, essa convivência, a parte musical vai uma realização da gente né.

Regina: Como era o Coro da UEL à sua época? Conte-me um pouco, embora você continue na equipe, mas conte o que você se lembra.

R7: Sei, ó o coro da UEL tem uma vestimenta que ninguém consegue tirar muito, né. É um trabalho que é feito com a comunidade, um pouco de funcionários da universidade, mas geralmente é só o pessoal da comunidade. É, é trabalho que a gente vai um pouco da música popular, um pouco da música folclórica, a música latina americana né, os grandes clássicos e também como muitas vezes aqui na UEL, na necessidade de formaturas, de festivais, a gente também faz programação com a orquestra. Sempre foi mais ou menos esse perfil, nós não conseguimos, não mudou muito nesses anos...

Regina: é também pela comunidade externa.

R7: é, é grande, acho que o desenvolvimento coral é o trabalho com a comunidade.

Regina: talvez, até por ele ter sido um dos primeiros coros institucional, que não o da igreja, pois Londrina tinha essa tradição de coros na igreja, mas não na comunidade.

R7: acho que uma grande responsabilidade que o Coro da UEL traz, essa formação, né, muita gente musicista, que estudou na UEL, passou pelo Coro da UEL, isso de certa forma é nos traz uma certa realização de ver nosso trabalho também produzir muitos frutos...é servindo de utilidade pra outras pessoas.

Regina: é porque a gente vê que muita gente se profissionalizou na música...

R7: exatamente e veio passando aqui pelo coro da UEL.

Regina: O que o Coro da UEL significou para a sua vida?

R7: Ah pra mim foi uma grande realização, eu entrei na universidade já há muito tempo, sempre regendo também, a regência parece que é o finalmente da nossa atividade artística,

claro que tem outras atividades, mas foi uma parte muito importante, foi um trabalho de realização, apesar das dificuldades e lutas do nosso setor, o Brasil a cultura é muito negligenciada, teve altos e baixos, mas o coral sempre é... Sempre foi algo que eu gosto e foi importante e foi um passo muito importante na minha vida foi o Coro da UEL. Onde aprendi muito, tive muito contato com o maestro R3 outro maestro que me deu um outro paradigma foi o maestro R1 então foi bom, nesses anos todos, várias pessoas foram formando uma linha que a gente pegou...por isso foi importante né.

Regina: Você pode listar pontos positivos e negativos em ter regido o Coro da UEL?

R7: Olha, tivemos os pontos positivos foram algumas apresentações, teve uma viagem marcante que foi pra Cabo Frio, num Festival internacional, pela localização, pelas atividades pelo...

Regina: o nível dos coros...

R7: o nível do festival, a nossa participação então foi algo que nos marcou. Uma outra que foi logo que entrei na UEL foi pra Argentina e Uruguai, foi uma viagem muito marcante com a regência do R3, mas já entramos como auxiliar dele, e tal, então foi uma viagem que muito marcou...

Aí tem as participações nos Festivais de Música...

Regina: São Lourenço.

R7: São Lourenço, isso teve um também em Porto Alegre,...

Regina: em Novo Hamburgo.

R7: em Novo Hamburgo também... Foram... Coisas que marcam a gente né e há também há sempre as participações no Festival de Música, que já é algo maior, as nossas participações no final de ano quando fazemos o encerramento junto com a orquestra, então experiências marcantes e positivas.

As negativas, a grande rotatividade que há no Coro da UEL, por não ser profissional, pela Universidade não oferecer nada assim, para os coralistas né, então só aqueles mais abnegados é que vão persistir, então há uma grande rotatividade como na maioria dos coros do Brasil.

Regina: e isso interfere bastante né...

R7: ah sim, porque sempre trabalha a cada ano, tem que ser feito nova chamada, novo repertório né...

Regina: é ponto negativo...

R7: os coros amadores essa rotatividade... Nós passamos aqui também na UEL uma dificuldade pela falta de espaço próprio, então foram quatro, cinco mudanças, isso desgasta muito.

Regina: a gente perde cantores...

R7: perde cantores, então e mesmo assim um espaço próprio pra coral infelizmente ainda não temos, uma acústica legal. Com adequações pro trabalho coral, infelizmente ainda não temos. É um ponto negativo. E a outra, acredito um pouco que o funcionário público com o tempo ele se desgata um pouco com a instituição, a gente não vê tantas mudanças, a cada ano que tem mudanças na reitoria, sempre mudança, agente perde um bom tempo também reiniciando novas... Então acho que isso também pra nós aqui também, como Coro da UEL é um momento que interfere na comunidade. Sim e mais é isso, mas no geral são muito mais prós que os contras.

Regina: Qual era o número aproximado de cantores que participavam do Coro da UEL à sua época?

R7: Quando está bom são sempre umas 50, 55 pessoas. Quando tem viagem não tenha dúvida, os coros enchem, mas no dia a dia mesmo é uma fase de 45, se fizermos a média do ano, acho que ficam mais ou menos umas 45 pessoas.

Regina: Qual ou quais apresentações mais lhe marcaram e por quê?

R7: Já falei anteriormente. Dentro das nossas atividades com a Orquestra, já tivemos Mozart, Haydn. Gosto bastante de oratórios sou apaixonado para cantar Haydn, A Criação, cantamos o Messias de Haendel, os oratórios de Bach, repertório difícil né, brasileiro não tem essa cultura, mas é algo que me cativa, motiva a gente né. Também algumas, repertório natalino, coros e orquestra, então davam aquele ambiente natalino, ficava muito gostoso, a gente cantava em várias igrejas, até pra outras cidades da região. Foram coisas assim que me marcaram nessa passagem pela UEL.

Regina: Por que você acha que os cantores procuravam ou procuram o Coro da UEL para cantar?

R7: Ah eu creio que a UEL é um ponto de referência aqui em Londrina. Foi da onde praticamente surgiu o movimento coral, né. Sempre ficou aquele marco coral que é feito em Londrina. Boa qualidade, a gente sabe das dificuldades. É por ser a universidade, a universidade tem esse nome. Ela é muito respeitada, especialmente na nossa região é um marco aqui, né. Então eu acho que esse coral sempre atrai. Sempre atrai cantores, pessoas interessadas no canto coral, desde crianças eu acho que é uma referência que a instituição criou ao longo desses anos todos, desses longos anos. As pessoas procuram mesmo. Então é só fazer uma divulgaçãozinha e temos cantores novamente aí. Nunca, não deixamos de ter cantores aqui. Então acho que é uma referência que a UEL, a Universidade de Londrina tem na região aqui.

Regina: ta certo se quiser acrescentar alguma coisa mais. Sei de sua formação em São Paulo.

R7: Então eu sempre estive ligado à igreja evangélica. E um dos pontos fortes da igreja evangélica sempre foi a música né. Então eu tive comigo que cantar em grupo coral, em grupo jovem, desde minha juventude sempre tive envolvido e diante dessa necessidade de se aperfeiçoar mais um pouco eu fui fazer faculdade de música, fui fazer Santa Marcelina em São Paulo, fiz um seminário teológico também para ligar a parte musical com a parte

teológica, então tanto é que a minha formação hoje é musical e teológica. Mas é gostoso porque uma caminha junto com a outra a música na igreja e a teologia... Sempre caminharam juntas desde a história antiga né. Da reforma lá, e é o que me atrai mesmo, apesar de gostar muito de música popular, ah a minha vinda pra música mesmo foi, porque eu fazia engenharia e larguei tudo, mas foi por essa música sacra, a música erudita nas igrejas, aqueles coros com orquestra sempre foi minha paixão, né. Então o gostoso aqui na UEL é que sempre trabalhamos em grupo, né. Claro que sempre com várias pessoas sempre têm as divergências, mas se somarmos o tempo todo nas viagens, as caminhadas juntos, então formamos um grupo gostoso e isto tem sido... Tem sempre um grupinho firme, vamos em frente, que vai puxando, tem aqueles funcionários, mas uma turminha que sempre fica com vários anos. É a célula mestra que vai levando esse coral. Eu já estou aqui há vinte e quatro anos. Entrei em 86, então estamos numa boa caminhada, né, com altos e baixos, mas estamos caminhando e fazendo música ainda. Se formos analisarmos as brigas e as alegrias sempre o resultado final depois que se apresenta, se esquece um pouco das lutas e o trabalho fica realizado né, isto tem sido bom.

Regina: Certo, obrigada!

Entrevista com C1**Data da entrevista: 15/10/2009**

Regina: C1 conte para mim sobre você e o Coro da UEL, desde quando você entrou, há quanto tempo está.

C1: Entrei há mais ou menos 4 anos. Eu sempre gostei de cantar e quando eu tive a oportunidade, o R1 me convidou, aceitei na hora e pra mim eu estou aprendendo cada vez mais, cada dia a gente aprende uma coisa diferente né, como pessoas, música que a gente nunca cantou e nós estamos cantando ali, como se diz, também, outros tipos de música... Então é de outros países. A gente vai aprendendo coisas que é o valor da música, história da música a gente também aprende né, para que as músicas, para que tudo isso. Para mim isso é vitoriosa, é uma coisa gostosa de saber, né.

Regina: Me conte assim: como é o coro para você, como é você estar lá no coro... Me conta assim, um pouco de como é essa relação com o coro.

C1: Eu me sinto bem, eu me dou bem com todo mundo, pelo menos eu acho assim né, é, conhecendo pessoas de diferentes, como se diz, costumes diferentes, porque você sabe, eu fui criada numa igreja então é aqueles povos lá só... E lá não, eu convivo com todo tipo de religião, não é verdade?

Regina: É verdade.

C1: E tradições também, pessoas diferentes, com costumes, idéias, né e isso a gente cresce.

Regina: Por que você escolheu dentre tantos coros na cidade, o Coro da UEL para cantar?

C1: Porque lá nós temos um monte de professores, você aprende, você não fica naquela mesmice, naquele bate, bate, você cada dia aprende alguma coisa.

Regina: Isto é um diferencial para você?

C1: Prá mim é.

Regina: E desde que você está no coro, você se lembra, se recorda, quantos maestros já estiveram a frente do grupo?

C1: Oh, o primeiro que eu tive foi o R1, né... Depois foi o R7, né... Você ajuda sempre, né...e agora o R2 né. Três né?

Regina: Então, você falou que faz mais ou menos uns quatro anos que você está no coro, entrou em 2009 e isto foi... 2009, 2008, 2005 né.

Regina: 6,7,8 e 9. Foi 2006 né?

C1: É ta certo.

Regina: Desde que você entrou no coro, desta época, você se lembra assim de apresentações que você participou, como são essas apresentações... Como é isto prá você.

C1: A gente participou de várias, assim, o nome específico eu não sei se eu lembro, mas todas elas marcam num ponto, ou foi maestros convidados, que a gente vê que é totalmente diferente do que a gente acostuma, porque a gente acostuma com o professor, com o maestro, os sinais dele parece que a gente já sabe o que vai fazer com os sinais, é como se fossem libras, aqueles sinais de mãos, a gente vai acostumando com o estilo, né e vê um maestro totalmente diferente, parece que é... Não ta falando com a gente, então a gente acostuma com ele também, né. Todo o tempo a gente acostuma e é isso? Já perdi o...

Regina: É assim como foram as apresentações e você está contando que às vezes a gente recebe maestros convidados, né.

C1: E. Ah! Lugares diferentes com percussões, né? É o som é diferente. Então a gente tem que acostumar com tudo, locais, onde você fica, com colegas diferentes do seu lado, você tem que pegar o som dele, que não está acostumado, então eu gosto disto, porque a gente vai aprendendo, vai cada vez adquirindo mais experiências...nós cantamos em praças já, igrejas, fora, igrejas mesmo é.... Teatros, né e cada um é uma experiência diferente.

Regina: Tem algum assim que te marcou mais? Alguma apresentação específica... Algum repertório ou alguma música específica ou alguma coisa que te marcou muito?

C1: Eu me lembro aquela uma, é... Num festival que nós participamos... Ih... A segunda vez que nós cantamos foi uma coisa tão bonita! Tão... Encaixada os... Aquele japonês, eu não me lembro o nome dele, aquele maestro, pra mim foi uma experiência que parece que eu ficava arrepiada de cantar.

Regina: Foi coro e orquestra.

C1: Coro e orquestra.

Regina: Ele era o maestro da orquestra.

C1: É, foi muito bonito, aquilo me marcou.

Regina: Foi no Festival de Música.

C1: É... Que outras. Também teve umas vezes que nós cantamos na UEL e ninguém prestou atenção. Eu achei que ninguém, mas no fim, nós cantamos músicas de natal, uma mulher chorando lá e falou assim que fazia muito tempo que uma música não tocava ela. Nós ficamos aqui é... Cantando pra pessoas que nem estavam dando bola pra gente, andando, conversando e comendo, mas teve uma! Que foi homenageada, pra mim é uma homenagem que a gente fez pra pessoa, que ela sentiu bem, poxa isto pra mim foi muito bom e pra mim já é o suficiente.

Regina: Então, como você se sente cantando?

C1: Ah, isso pra mim é glorioso! Uma experiência gloriosa, uma pessoa, uma experiência... Eu to dando alguma coisa, que não é a minha voz, mas é algo que eu tento mostrar para a pessoa que eu canto porque eu gosto, que eu amo cantar né, apesar que não canto bem, mas canto, e pra mim é muito gratificante,

Regina: E assim, você se lembra dos maestros, você entrou na época do R1, depois veio R7, hoje é o R2 que ta assim, se você pensar um pouquinho em cada um, você pode me dizer na

tua, sua opinião o que cada um, o que você acha que cada um mais prezava no coro ou o que cada um propiciava também pro coro, o que você pode me dizer disso, dessa...

C1: Por exemplo, o R1, ele fazia a gente entender a música, por que da música, o estilo, por que era triste, por que era alegre qual a época que foi feita a música, então é uma história, ele ensinava a história da música pra gente, então você cantava entendendo o que tava cantando, né... E isso é muito bom.

Regina: Então você acha que isto era o diferencial dele.

Uma das coisas que ele...

Que ele prezava bastante...

C1: É então e ele transmitia também, o vendo reger, você via que ele regia..., mas transmitindo a música pra gente, não só a gente apresentava, ele apresentava pra gente também, né... Era uma troca, né. Isso é muito bom, o R2 também tem isso. Não tanto com explicar, mas ele mostra, mostra e agente sabe como agir na música pela feição dele, né.

Regina: Se você tivesse que dizer assim alguma coisa em relação ao R2, o que você acha que ele mais preza num ensaio do coro ou numa apresentação do coro...

C1: É... Preza o melhor, pra você dar o que você, o seu potencial todo, pra ser o melhor né, sair o melhor, não só pra você, mas pra apresentação. A pessoa ver que você está dando o mais que você pode né. Então é uma responsabilidade, ele faz a gente ter responsabilidade por aquilo que, não é só uma brincadeira... ele, a gente leva assim como se fosse um profissional, sabe, você não ganha, mas você está fazendo uma coisa profissional, você não é qualquer um, você foi escolhido pra aquele lugar e você tem que dar o melhor seu.

Regina: Você acha que isso é importante pra ele.

C1: É importante.

Regina: E R7 o que você acha? O que mais ele prezava nos ensaios dele, nas apresentações...

C1: O R7 ele é... (...).

Regina: Alguma música que ele regia... Na época dele que te marcou também.

C1: Porque o R7 foi uma parte assim, que saiu de um e não tinha outro (...)

Regina: Ele precisou fazer uma transição.

C1: É. Né? Então, ficou uma coisa insegura, pra ele e pra gente. Então, foi uma fase difícil pro coro. Eu creio.

Regina: Foi pouco tempo.

C1: Pouco tempo, então é difícil falar, né, a gente não conviveu como, ele tava ali e poderia a qualquer hora sair, então não deu tempo da gente pegar aquele jeito do maestro, né... Ele exigia da gente, ele era o responsável, ele procurava fazer o melhor dele, né.

Regina: E me fala assim, o que você acha que mudou na sua vida, você C1 depois que começou a cantar no coro.

C1: Ah, pra começar, aprender um pouquinho, eu nunca tive base de música, eu aprendi alguma coisa, né, porque as bolinhas, eu sempre brinco, porque as bolinhas, as pausas, as coisas, então, entender a música, mas na escrita, não o som, acho que é mais na escrita, isto pra mim foi uma coisa muito boa, né. Porque antes, como se diz, eu ouvi falar, agora eu to entendendo alguma coisa, sabendo, eu falo que eu não sou mais analfabeta, né, pelo menos eu tenho o a,e,i,o,u hehehe.

Regina: E assim, você pode dizer pra mim, é como você e como seus colegas, inclusive porque isso é uma coisa que a gente sempre conversa, como você se sente, como você acha que seus colegas se sentem cantando no Coro da UEL em relação à cidade? Quando vai se apresentar e diz que é do Coro da UEL, como é isto? O que você imagina disto?

C1: Ah... Tem lugares que valorizam isto, têm outros que não dá nem bola.

Regina: E como é isto pra você?

C1: Olha o que importa é o que eu sinto e não o que os outros pensam, eu me sinto valorizada, né... Me sinto valorizada, e o que os outros pensam não importa. Eu me sinto assim.

Regina: E como é assim a sua relação com os seus colegas do coro? Como é o coro pra você?

C1: Sempre tem alguém que reclama, mas maneira de reclamar, eles têm o direito como eu também tenho. E se é uma coisa que cresce eu tento, se for comigo, eu tento consertar, se não for, eu jogo fora e continuo tentando melhorar. Não ligo pra muita coisa assim não, porque senão a gente só vai... Eu procuro melhorar e não abaixar pra comentários ou coisa assim, entendeu?

Regina: E me conta assim, você acha que isto acrescenta a sua vida, não só musical?

C1: Com certeza. Não só questão musical cria mais segurança, disciplina, né, é valores.

Regina: Então, me conta isto, o que, depois que você entrou no coro como você acha que esse estar no coro influenciou a sua vida assim. Não só a musical, você acha que influenciou você acha que não influenciou... Você já pensou nisso?

C1: Já, por exemplo, a música clássica, mais estas música de Bach, Beethoven que nós cantamos, eu via de uma maneira diferente, porque eu não conhecia, parecia que eu só conhecia aquelas música que eram fúnebres, hoje não a gente começa a, a... Ouvir mais e você vai vendo que aquilo lá é a vida, começa a viver aquilo, então você cresce, né e que mais também... Repete a pergunta.

Regina: O que você traz para a sua vida...

C1: É, eu vejo na minha casa, meus filhos, né, eu ensaio tanto a música, eu começo a ouvir tanto, que eles começam a cantar juntos, outras vezes, mãe, de novo essa música? Mas no fim eles começam a gostar junto comigo e vem cantar, solfejar, sei lá faz um, começa a participar.

Regina: Então você acha que isso também influenciou na sua vida familiar?

C1: Com certeza. É saúde, tem muitas coisas, por exemplo, uma água super gelada, eu acho que não devo mais tomar, tenho que guardar um pouco de voz que eu tenho, e isto estraga né, pelo menos, a gente... A alimentação, né, é... Atenção, responsabilidade. Tudo isto vai

acrescentando porque você tem outras coisas e também a mente. É uma coisa totalmente é o que eu faço é totalmente diferente, então isso é uma higiene mental, é...

Regina: Cantar no coro é uma higiene mental, pra você.

C1: Mental, higiene mental, falo assim usar o lado direito do cérebro. Pra mim, é isso também. Eu tenho muita dificuldade de dicção, e com isso a gente tem que forçar a dicção. Então ajuda também.

Regina: Se você pudesse falar três frases pra mim: cantar no coro é....

C1: É vida.

Regina: Frase dois: cantar no coro é...

C1: É alegria, aprendizado.

Regina: Cantar no coro é...

C1: Pra mim não é tudo, mas faz parte desse tudo.

Regina: Você quer falar mais alguma coisa, sobre os trabalhos que você teve oportunidade de cantar junto aos maestros todos, colegas ou não. O que você poderia contar e acrescentar, tenta pensar numa apresentação ou talvez assim, R1, uma apresentação que marcou R7, uma apresentação que marcou e R2.

C1: Agora não me lembro.

Regina: Nem a do R2 que é mais recente?

C1: Eu lembro, mas coisas assim jogadas, todas elas teve alguma coisa que marca, mas específica, me deixa ver, do R2, hum... Bloqueou aqui.

Regina: Alguma viagem que o coro fez... Você teve oportunidade de viajar com o coro?

C1: Só para Maringá, né.

Regina: Você não fez as viagens longas?

C1: Longas, não cheguei a fazer. Só aqui em volta. Arapongas, Rolândia, é não me lembro, e Maringá. Músicas marcam né.

Regina: Qual música mais te marcou destes últimos anos do coro?

C1: Todas são bonitas, cada uma tem o seu estilo... É...

Regina: Mas o que marca pra C1? Se você pudesse cantar em todas as apresentações, qual a que você gostaria de cantar...

C1: Não me lembro.

Regina: Não tem nenhuma específica?

C1: Eu gosto de todas e não vem nenhuma na minha mente agora. Cada uma tem o seu jeitinho de ser.

Transcrição entrevista com cantor C2**Data da entrevista: 16/10/2009**

Regina: C2, eu gostaria então que você me contasse um pouquinho da sua vida no Coro da UEL e pra isso a gente vai bater um papo. Gostaria que você me dissesse há quanto tempo está no coro, como é o coro pra você, como você se sente em relação ao coro.

C2: É em relação a cantar em coro, eu não sei precisar pra você, eu sei que tive algumas experiências anteriores ao Coro da UEL. Experiências assim muito superficiais de cantar em coro de igreja, ora, aqui, ora ali, pouco e cantar no coro, quando fiz escola normal, a gente tinha um coro, no curso normal, a gente cantava durante os três anos, mas era um coro assim mais... Menos preocupado com muita técnica. Um coro de escola, mas preocupado em dar uma educação musical assim com os hinos pátrios, e outras músicas do repertório brasileiro, mas diria assim, de forma, bem, com bem diletantismo, sem preocupação de apresentações, fazendo mais como uma aula de música. No coro de igreja mais preocupado com a entrega de uma mensagem do que com o caráter artístico que um coro pode e deve desenvolver. Bom, com relação ao coro da UEL, faz vinte seis anos e oito meses, bem preciso, mais uns dias ainda que eu canto. Entrei para o coro na época do maestro R3, embora eu desejasse entrar um pouco antes, mas por causa das minhas atividades profissionais que eram em tempo integral e dedicação quase, mais que exclusiva, eu não podia dedicar algum tempo nos ensaios e nas apresentações e nas viagens. Acho que uns cinco anos eu fiquei namorando o coro e não podendo participar dele, mas quando eu de certa forma me afastei destas atividades que me absorviam mais, foi em fevereiro de 1983, o coro abriu vagas para a comunidade e eu vi através da televisão e do jornal que estavam aceitando novos coralistas, aí fui pro coro, encontrei o maestro R3 saindo, ele voltou, fez o meu teste e eu ingressei no naipe de contralto. Então faz isso, vinte e seis anos e oito meses.

Regina: Por que você canta em coro?

C2: Eu canto em coro, primeiro, porque desde criança eu gosto de cantar, não sou uma cantora profissional, não sou uma cantora solista, nem tenho potencial pra isto. Eu sei das minhas limitações, mas gosto de cantar em coro porque com coro eu posso fazer com outras pessoas o que eu não teria coragem e capacidade para fazer sozinha. E no coro cada um tem a sua importância, o seu lugar e eu me completo em outros cantores e ajudo outros a se completarem também. E coro é uma coisa que é uma arte, eu gosto porque é arte, eu acho que todas as pessoas devem fazer uma atividade artística, é arte, é música, eu, pra mim música é uma coisa que está muito relacionada comigo desde criança, desde sempre eu apreciei a música erudita, a música sacra e o coro me ofereceu oportunidade de fazer peças, obras, além, do popular, também do erudito, também do sacro.

Regina: E por que você canta no Coro da UEL?

C2: Eu canto no Coro da UEL hoje, porque desde quando eu entrei, eu gostava, gosto e continuo gostando. Pelo mesmo motivo que eu entrei a cada ano eu volto em fevereiro, março, pra fazer o que eu sempre quis fazer, e cantar é uma atividade pra mim que às vezes você tem até que suar a camisa pra conseguir chegar no nível que se espera, e você sai de lá satisfeita mesma como seu suor, sofrimento, mas tentando atingir um nível que o maestro quer e nem sempre a gente consegue, a gente sofre, a gente pena, mas a gente sai de lá muito satisfeito, realizado, por isso estar fazendo uma atividade que exige, é desafiador e eu não gosto de fazer coisas simples que não me desafie e cantar para mim é uma coisa que me dá um grande prazer. Eu não costumo cantar muito em casa, nem no banheiro, mas eu gosto de cantar no coro.

Regina: O que significa mais especificamente, assim, pra C2, o Coro da UEL?

C2: O Coro da UEL pra mim, eu vou falar em dois sentidos. Pra mim... Vou falar primeiro pra cidade. Pra cidade o Coro da UEL é um marco, é um monumento, vamos dizer, não posso dizer que é um monumento, mas é um... Uma entidade, um órgão que nunca vai poder deixar

de existir, tem a sua história, ele marcou momentos muito importantes da vida de Londrina, nos atos oficiais, nas inaugurações, solenidades e o povo de Londrina aprendeu a amar o Coro da UEL como uma coisa assim, de uma forma que o povo até aprecia outros grupos. Outros segmentos, o povo aprecia música instrumental, mas quando o Coro da UEL aparece, o público levanta e aplaude. Então pra cidade o Coro da UEL é um órgão, não sei como eu diria, é algo muito importante. O Coro da UEL tem o seu espaço dentro da cidade de Londrina, tem as suas dificuldades, tem momento que se destaca mais, tem momentos que se destaca menos, mas sempre vai ter o seu espaço, fala canto no Coro da UEL, todo mundo: ôoooooooo... Canto no Coro da UEL: ôoooooooo!Então o Coro da UEL é uma coisa assim que tem a sua história e tem o seu presente também. Agora pra mim o Coro da UEL significa o seguinte: aquele momento que eu deixo os meus afazeres diários e corro prá lá, procurando rever os amigos, abrindo a minha pasta, suando a minha camisa, conversando na hora que não é pra conversar, tomando os meus pitos, e ficando quietinha também absorvendo tudo que me passam, em termos de, porque eu não apenas canto no Coro da UEL, o coro me oferece subsídios, técnicas, é, relacionados com a música, que tudo o que sei de música, eu aprendi no Coro da UEL. Talvez um pouco de leitura musical eu já soubesse por que eu estudei um pouco de piano há muitos anos. Então ali a leitura da partitura da linha de contraltos eu nem teria tanto a dizer que aprendi lá, mas aprofundei conhecimentos, recebi todas as informações das peças que executamos, da intenção do compositor, é, a gente não se limita a cantar, muitas informações culturais que nos vêm através da música e tudo o que sei de música, eu aprendi no Coro da UEL, então isso significa pra mim que o meu acervo relacionado com a música, eu aprendi no Coro da UEL.

Regina: Depois que você ingressou no Coro da UEL o que aconteceu com a sua vida, o que você leva disso para a sua vida, me conte como foi isso. Antes do Coro da UEL e C2 depois do Coro da UEL.

C2: Eu sempre quis cantar, então trago para a minha vida que eu realizei um sonho antigo de uma coisa que eu queria fazer. Eu sempre quis cantar, via as apresentações, ficava tristonha sentada lá e gostaria de estar lá no palco, então o que eu trago pra minha vida é que eu estou realizando uma coisa que eu sempre quis fazer que é cantar em grupo, cantar em coro. É cantar em coro, participar de apresentações que passam emoção para as pessoas através do nosso trabalho e isto que o coro representa pra mim, eu acho até que podíamos fazer mais em termos de cantarmos em hospitais, em outros lugares, de pessoas que estão muito carentes e precisando receber assim um pouco da alegria do pessoal do coro, que é um pessoal muito alegre, aonde chega é muito bem recebido e deixa a sua contribuição cantando, passando peças muito alegre, muito divertidas e muito de profundidade também quando se trata do erudito e do popular e da música latina. Então eu acho assim é... Eu recebo emoção e passo emoção através do canto, é isto que eu gosto. Eu trabalho a minha emoção, a emoção positiva e deixo lá as emoções negativas, porque enquanto estou cantando, esqueço de toda a minha vida, que é muito boa, a minha vida que é muito boa, mas eu deixo as minhas emoções particulares, um pouco triste um pouco negativa, problemas que todas as pessoas têm perdas e tal, eu deixo em casa e vou pro coro e lá não existe nada disso, existe música e música é uma coisa muito boa.

Regina: Desde que você está no Coro da UEL quantos maestros já passaram pelo grupo? Pode se recordar?

C2: Posso me recordar, você quer os nomes também ou só o número?

Regina: Você quem sabe.

C2: Bom, eu comecei com o R3, eu sei que antes já existia R5 e R6, mas não foram do meu tempo. Depois eu entrei na época do R3, depois R4, R7, R1 e R2, além de outros maestros que nós cantamos quando convidados vieram reger uma peça ou outra nos festivais, ou o coro também foi levado a participar e fomos regidos por Aylton Escobar e diversos inclusive ah...

Claudio Santoro e outras coisas, mas isto aí já é por conta do Festival de Música de Londrina em que o coro participava como coro base e eles eram apenas convidados, agora esse cinco primeiros foram os que foram mesmo nossos regentes permanentes.

Regina: C2 você pode me dizer assim o que cada maestro, sob o seu ponto de vista, mais prezava? Nos ensaios, a frente do coro?

Eu vou tentar dizer alguma coisa bem no plano apreciativo o que eu entendi que eles queriam, eu não sei se era o queriam, mas eu entendi que seria assim. Do R3 ficou gravado que ele deu uma ênfase muito grande pra música popular, brasileira, de raiz, principalmente a nordestina, tinha assim muito ritmo, pontos de candomblé e outras músicas relacionadas, ele também fez o erudito, ele também fez o sacro, mas em menor intensidade, na medida das necessidades dos eventos que requisitavam a presença do coral, mas a ênfase maior para os concertos era de música brasileira, especificamente a nordestina.

De R4 a ênfase foi para música brasileira com arranjos dos compositores, Ernesto Nazareth, música brasileira assim mais contemporânea, e depois de MPB, bossa nova e arranjos que trazia de festivais internacionais que ia trazia, às vezes, alguma música africana, música indígena nós fizemos algumas vezes, mas a ênfase era mais... (...)

Agora do R7 ele tinha um caráter de transitoriedade, que ele assumiu só para substituir e acabou ficando cinco anos, então ele aproveitou tudo que já existia do repertório dos ensaiadores anteriores, acrescentou alguma coisa, música mais leve, sem muito compromisso porque ele estava fazendo um trabalho provisório e não ia se aventurar em peças de grande profundidade, porque ele nem poderia saber mesmo por quanto tempo, se ia levar até o fim esta empreitada, esse projeto.

Do R1 o coro retomou... Retomou aquele repertório mais elaborado, retomou? Retomou não ele deu um repertório mais elaborado com ênfase, ele valorizava bastante o fraseado musical, era precioso na afinação e buscava sempre um nível de excelência, que é uma característica

do trabalho de R1 e também o repertório pra ele era bastante eclético, assim música brasileira, música latina, é sacro, erudito, e aí foi.

Agora estamos R2 que busca sempre excelência no desempenho. Trabalha muito bem integrando o Coro da UEL com outros coros que ele convida, na medida em que ele chama pra cantar junto e pra fazer projetos de uma maior magnitude com orquestra e também faz pouco tempo que ele está lá, mas é um maestro assim bem humorado sabe escolher bem o repertório e estamos fazendo um repertório bastante eclético também.

Regina: Você se recorda de qual ou quais apresentações mais lhe marcaram?

C2: Ai, é difícil porque o coro sempre me marca, sempre me marca. Ah quando fazemos peças mais difíceis, eu sempre gosto do desafio, eu sempre, eu não gosto muito de cantar músicas muito simples, não é que eu não goste, eu prefiro cantar músicas que deram muito trabalho, que a gente lutou muito, ensaiou muito, ficou muitas horas em pé, cantar com orquestra eu gosto muito. Então as apresentações que me marcaram mais foram aquelas que a gente ensaiou muito para as viagens que fizemos pra Argentina, pro Rio Grande do Sul, mas especificamente pra Argentina que tivemos que ensaiar muito, que a gente cantou em várias cidades inclusive na televisão, então estas apresentações, a inauguração do terminal urbano, rodoviário de Londrina foi uma coisa emocionante porque muita gente, isto foi na época da administração do Dr. Wilson Moreira por volta de, bem foi depois de 83 porque eu já estava no coro né e a gestão dele acho que foi 83 até 86. Cantamos na inauguração ainda na época da administração do Dr. Wilson Moreira como prefeito na inauguração do teatro do Zerão que veio a orquestra de Ribeirão Preto e nós cantamos. Foi muito bonita. Aquela marcou muito pelo repertório e também pelo momento já introduzimos músicas de natal, com a lua cheia e o povo ao ar livre já cantando praticamente iniciando as comemorações de natal e foi muito bonito, o esquema de fogos e aquele repertório maravilhoso e a gente cantando música de natal, isto foi muito bonito. Várias apresentações, eu não saberia dizer pra você agora porque

todas são 26 anos muita coisa né... Me emocionou, não houve uma assim que me marcasse mais! Várias.

Regina: E como você e seus colegas se sentem ou sentiam, você já falou um pouquinho disso né, em relação à cidade em participar do Coro da UEL.

C2: Ah!... Eu acho assim que nós tivemos momentos em que a gente teve uma interação maior com a comunidade e momentos em que tivemos um ligeiro afastamento da comunidade pela falta, ausência de apresentações. Muitos coros foram surgindo na cidade e esses coros foram ocupando espaços, então o caso do Coro da Sercomtel, Coro da Câmara, Coro da Santa Casa, então o que era só o espaço do Coro da UEL foi sendo ocupado por outros coros, o que é uma coisa muito boa, não é uma coisa negativa nem nada disso, bem nem há espírito de concorrência ou ciúmes nada, só que com a ocupação dos espaços públicos e das oportunidades, as oportunidades foram divididas com outros coros, então há momentos assim em que nós nos interagimos mais e momentos que nós não nos interagimos mesmo. O nosso espaço cativo que são as formaturas e as posses de reitor e vice-reitor que são solenidades muitíssimo importantes, principalmente as formaturas que trazem é o povo do Brasil inteiro para a formatura dos seus filhos, dos seus sobrinhos então é a hora que eles vêem o trabalho do coro. Não é uma apresentação em nível de excelência porque o local não oferece condições. O Moringão há muita reverberação, os meninos estão muito eufóricos, mas pra gente cantar nesta oportunidade é um ato exclusivo do Coro da UEL, nunca ninguém entrou lá e é só o coro que canta, o público gosta, aplaude, se ouve bem, eles aplaudem, se não ouvem eles aplaudem, mas é o público do coro e da orquestra da UEL. Então eu acho assim, nós temos o nosso espaço, quando solicitados comparecemos, nos apresentamos muito bem, somos muito elogiados e aceitos e estamos dividindo agora o nosso espaço com vários outros coros, coros que por motivação do próprio Coro da UEL foram surgindo sob a regência de pessoas que havia passado pelo Coro da UEL e que passaram a ser regentes, isto é uma coisa

muito boa, porque um dos objetivos do coro da UEL é justamente formar um público crítico, então pessoas que entram cantam um ano e saem, com certeza não saem do mesmo jeito que entraram. Se forem assistir um concerto vão saber apreciar música, vão saber aplaudir, vão saber se é a obra, a o que se propunha afazer foi bem feito ou mau feito, se o regente se comportou bem ou mau, se nós nos cantamos bem ou mal, então o público crítico e também foi uma escola de formação de várias regentes que estão atuando na cidade e também desenvolveu o canto coral que desenvolveu com a criação de inúmeros coros motivados pelo coro da UEL. Eu acho isso.

Regina: Você acha que ele tem uma fundamental importância na vida da cidade, na vida cultural da cidade.

C2: Importância, tudo, ele foi a célula geradora da fundação de outros coros, quer dizer então difundiu o canto coral como uma coisa que não era só de igreja, mas que podia ser com música popular muito bem feita e tal e também o povo gosta de ouvir música, a gente descobriu isso que o povo gosta de música coral, e que se não se canta pensa que não, mas se gosta muito, então a medida que houve uma aceitação foram surgindo, pipocando coros aqui e ali e lá e lá, isto foi muito bom para a cidade, formou um público crítico, estou sendo repetitiva é formou, muitos regentes foram formados por motivação de participarem do coro da UEL e a própria orquestra ad UEL que nasceu lá como decorrência de uma necessidade de acompanhamento para peças mais elaboradas. Quando eu falei o que o coro representa pra mim eu não destaquei, mas gostaria de destacar agora, além do conhecimento técnico do que nos é passado das obras que executamos da satisfação do canto coral nos dá desenvolvendo emoções positivas e também dos desafios eu gostaria de dizer... Que há uma oportunidade que nós temos através da convivência diária, ali nos intervalos e também nas nossas festinhas e confraternizações e nas viagens principalmente nessas viagens quando a gente tem um tempo maior disponível pra gente compartilhar todos os naipes porque geralmente a gente se

restringe a ficar com o naipe da gente porque não pode ficar andando prá lá e prá cá, conversando, gostaríamos, mas não pode, então quando principalmente durante as viagens nós temos bastante tempo nos ônibus, nos carros e também antes das apresentações, depois nos almoços, nos jantares, nas nossas horas de lazer que sempre uma viagem proporciona, nós temos oportunidade de construirmos amizades sólidas e duradouras porque é a hora que você conhece melhor o outro coralista e a gente acaba descobrindo que o que eles estão buscando é a mesma coisa que nós e isso é uma coisa muito gratificante. Agora eu quero destacar que o que mantém vivo o coro com toda certeza, foi que ao reestruturar o coro, o R3 teve a sabedoria de constituir uma equipe, não ficou ele sozinho sendo o grande maestro, sem assessores concursados, músicos profissionais muito competentes, então ele criou uma equipe, então nas horas de dificuldades o coro não morreu porque existia uma equipe, porque sai o regente, mas fica a equipe se você tem um regente em nível de excelência, mas não tem uma equipe fica assim um vazio, que não tem nem ninguém pra brigar pela continuidade do trabalho, mas como foi dentro da universidade foram concursadas as pessoas, a equipe de ensaiadores, dos assessores do maestro, dos pianistas, das pessoas que realmente carregam o coro, porque o regente tem a sua o seu papel muito importante, mas a equipe tem o seu papel tão importante quanto ou em alguns momentos o papel foi até mais importante porque a equipe fica quando há uma troca de regentes essa equipe continua levando essa bandeira, esses objetivos à frente, tanto que às vezes, o caso do R7 que foi chamado da equipe para substituir e acabou substituindo por cinco anos, se não existisse essa equipe eu não sei como esse processo teria transcorrido ou acontecido. Então eu gostaria de falar muito da equipe de ensaiadores, que nível de exce..., não vou falar isto, porque já falei muitas vezes isto, é, mas o coro foi o tempo todo alavancado por uma equipe de músicos profissionais muito qualificados, sem eles seria impossível conseguir o nível que o coro tem com coralistas amadores. Então acho que, não estou fazendo isto prá te agradar, to dizendo isto porque eu

acredito no valor da equipe, a equipe esteve todos os momentos fáceis, difíceis, momentos bons, ruins, até na hora de levar, quando o coro levou as suas, sei,... Teve os seus revezes, a equipe esteve ali conosco, o coro não se dispersou, você ia pro coro não tinha mais regente, mas tinha ensaiadores lá esperando, então isto foi um fator de manutenção do coro durante esses 30 e poucos anos.

Regina: Então C2 se você quiser colocar mais alguma coisa pode ficar a vontade.

C2: Deixe ver, eu quero só dizer o seguinte, que eu desejo que o Coro da UEL, eu não possa desejar que o Coro da UEL tenha hoje as condições financeiras que ofereceram aos coralistas, ao maestro, à equipe de trabalho, as mesmas condições que o R3 teve, foram excepcionais, porque ele veio a convite da reitoria e o vice-reitor era uma amante do canto coral e da música então escancarava as portas da reitoria para o R3 e dava todas as condições pras viagens e seguros e alojamento e era outra época financeira do país também, depois as crises, depois os governos foram mudando, cortando verbas e tal, hoje eu sei que o coro luta com muitas dificuldades pra desenvolver um programa de viagens, de intercâmbio com outros coros, não pode convidar outros coros pra vir aqui porque não existe recurso pra isso e não seria certo colocar também os coralistas fazendo campanhas os tempo todo, porque o coralista ta ali mais pra receber, cantar, e tal, pode até colaborar , mas antigamente a própria universidade fornecia uniforme, fornecia muitas coisas que hoje a situação financeira do país não permite, então eu acho o seguinte que eu não posso esperar que o coro hoje tenha aquelas condições, gostaria muito de continuar contando com o apoio total da vice reitoria que é onde o coro tem um, uma ligação maior, embora exista também ainda uma discussão se o coro pertence, se é um órgão de extensão à comunidade, se o coro é um órgão vinculado à escola de música, ao acho que o CECA né

Regina: As duas coisas

C2: Então na verdade eu não sei, pra nós coralistas, é

Regina: Administrativamente é de uma forma...

C2: Prá nós, coralistas, a gente não chega a sentir bem essa, onde que tá o coro, onde não está o coro, importa é que a gente quer ter o apoio desses órgãos a que ele pertencer no sentido de facilitar um pouco que o coralista não fique só ensaiando, ensaiando, ensaiando, ensaiando, ensaiando, mas que ele ensaie, ensaie, ensaie, mas que ele possa fazer algumas viagens, que ele possa participar de alguns festivais fora de Londrina, que ele possa levar essa música em outros lugares, na própria, nos distritos de Londrina, que ele possa saber programas aqui na cidade, mas sem ficar onerando o coralista e fazer campanha pra que isso possa ser possível. Existem algumas coisas simples que a universidade poderá fazer, as difíceis nós sabemos que não pode mais. Mas a gente quer sempre contar com o apoio deles, que eles continuem gostando do coro e querendo o coro. Isto é muito importante. Os nossos superiores, o reitor e o vice-reitor precisam querer muito este coro, porque a cidade quer.

Regina: Tá certo C2 quero te agradecer, são 10h40. Super entrevista. Muitos dados.

C2: Imagino, eu estou as ordens, eu sou muito falante e dessas coisas eu gosto de falar bastante e cantar no coro pá mim é dez.

Regina: Ah, então faz assim. Você pode definir o coro em três frases assim. Cantar no coro é, você falou é dez, pode ser uma frase.

C2: Cantar no coro é desafio. Cantar no coro é oportunidade de intercâmbio humano e cantar no coro é desenvolvimento das nossas emoções mais positivas.

Regina: obrigada!

Transcrição entrevista com cantor C3**Data da entrevista: 21/10/2009**

Regina: C3 há quanto tempo você canta em coro?

C3: Eu canto há dezesseis anos... Precisamente Coro da UEL onde comecei e estou até hoje né.

Regina: Então no Coro da UEL já faz dezesseis anos que você está aqui conosco. Por que você canta em coro?

C3: Bom, primeiro eu vi uma notinha no jornal, precisa de coralista, não precisa saber nota musical, é só gostar de cantar, eu vim fiz o teste, uma semana já estava no Mato Grosso com o coral e aí to aí né, adotei esta família e estou muito feliz.

Regina: E como você se sente cantando no coro da UEL? Me conta isto um pouquinho.

C3: Bom eu me sinto muito bem assim, é uma família né, coral é uma família e eu me afastei por um ano, fui pra outro coral, mas não me adaptei, voltei e continuo aqui né. Agora estou cantando no coral da Presbiteriana que é a minha igreja, mas continuo no coral da UEL que é aqui que comecei, foi aqui que eu aprendi porque quando a gente entra no coral, entra crua né não sabe nota musical, não sabe nada, não sabe respiração e aqui eu aprendi tudo isso.

Regina: E por isso você continua?

C3: Continuo porque a cada ano que passa eu me sinto melhor, eu sinto que eu estou melhor inclusive a Gisa quando veio no festival de um ano para o outro você melhorou muito, então isso é motivo de satisfação, mais um motivo pra continuar no coral. Eu não tenho condição de pagar uma aula de música, né e aqui ensina né, ensina né, vai ensinando a respirar e vai prestando atenção, e cada ano que passa você melhora mais. Eu gosto de cantar né, uma das coisas que mais gosto é cantar, é fazer massagem, cantar e fazer crochê, são três coisas, coisa assim primordial na minha vida.

Regina: Por que você escolheu o coro da UEL pra cantar?

C3: Olha foi por que foi o primeiro que vi no jornal e não conhecia outro coral né, eu...

6. Você já tinha ouvido coros assim?

C3: Não

Regina: Ou você veio pro coro sem saber como era?

C3: Não, eu vim pro coro sem saber, cantava na igreja né, no grupo de oração e todo mundo falava ah você tem uma voz bonita e quando eu vi um trechinho no jornalzinho da Folha de Londrina é precisa-se de coralista, não precisa saber nota musical, venha cantar conosco. Daí eu vim fazer o teste com R4 e no mesmo dia eu já desci pro Coral. Então isso foi assim uma coisa nova na minha vida que eu não conhecia coral, nunca tinha entrado no coral, nunca tinha escutado assim... Sabia que existia, mas nunca preocupei porque era casada, tinha filhos, trabalhava muito e depois separei e agente sempre fica com mais tempo porque daí você não tem marido, os filhos criados, filha com treze, filho com quinze e daí vim pro coral e aqui eu fiz a minha morada.

Regina: Certo, depois que você começou a cantar no coro o que aconteceu assim com a sua vida, me conta sobre isso, mudança...

C3: Olha eu fiquei mais feliz, era uma pessoa muito fechada, eu era uma pessoa amarga e o coral me deixou assim assanhada (risos) que às vezes é tanto que meu filho um dia quando R4 falou assim vamos fazer um teste, que você já vai cantar, e a (...) falou assim: aí você é novata e vai cantar uma música, fiquei quieta e meu filho falou: mãe você ta tímida? Eu fiquei muito tímida e pediu pra eu cantar logo na frente do povo né, aí você sabe alguma música que você goste assim. Ah sei, mas sem noção, aí cantei e todo mundo gostou e a primeira música que cantei no coral foi aquela assim (va pensiero... cantando) menina, eu achei aquela música tão linda que eu, minha lágrima caiu e eu aprendi assim rápido.

Regina: Coro dos Escravos Hebreus, do Nabuco.

C3: Isso Nabuco, é uma música que canto até hoje, acho tão lindo que as lágrimas escorrem que eu acho muito bonito né. Aquele trecho (cantando). Nossa esse pedaço assim, alegre meu coração, uma coisa gostosa, né... E agente aprende muito né, tem um aconchego com os ensaiadores, cada maestro que entra pega amor, amigas que entram umas você gosta mais, outras você gosta menos, né, é as ensaiadores, (...) é praticamente uma filha porque convivi muito com a mãe, com o pai, com o avô fazendo massagem, com ela mesmo ia na minha casa fazer massagem é você (...) o (...) é uma pessoa que eu amo muito, brinca e tal ele é meio fechadão às vezes, mas é uma pessoa que eu amo muito. O R1 que veio reger o coral é uma pessoa assim que teve uma proximidade muito grande, um carinho muito especial, o R7 mesmo, e agora o R2, uma pessoa assim que a gente aprende com ele, porque ele não gosta de brincadeira é assim e assim sabe, e isso é muito bom pra gente, eu digo por mim, a mim se ficar com muita gracinha eu não levo a sério, mas se tiver punho forte pra mim é melhor.

Regina: Então assim, desde que você está no coro quantos maestros já passaram por aqui, você falou que entrou com R4...

C3: Entrei com R4, depois o R7, o R1, e R2.

Regina: Quatro maestros.

C3: Quatro maestros.

Regina: E assim na sua opinião, sob seu ponto de vista, o que cada maestro mais prezava no coro.

C3: Pontualidade e a presença.

Regina: O que cada um, por exemplo, se você pensar na época de R4, o que mais prezava no coro, na época do R1...

C3: Olha R4 tinha que ter presença, se você fosse cantar no domingo, se no sábado você não viesse ao ensaio, ela não deixava você cantar. Às vezes ficavam com raiva, eu não porque gosto de ter disciplina né.

Regina: Pontualidade né.

C3: Pontualidade, então se viesse um dia antes não cantava e você pode ver que o coral que R4 ensaia, impecável. Você aprende. R4 nunca chegou pra mim e disse: você está cantando errado, mas chegava perto e começava a cantar certo. Assim que fui aprendendo. É R7, ele é meio quietão, mas tinha hora que ele brincava e as pessoas levavam para o outro lado, então faltava muito, as pessoas faltavam muito, mas ele é muito amigo, aí R1, o R1 tinha que ser pontual tudo, sabe e uma das coisas assim que eu me apaixonei muito pelo R1, foi a primeira pessoa que me deu uma chance de fazer solo e eu não fiz infelizmente porque nasceu o meu neto e abandonei o coral correndo pra cuidar do neto, foi a primeira pessoa que prestou bem atenção na minha voz e me deu um solo pra fazer e eu fiquei assim lisonjeada porque eu não sei nota musical, mas eu sei cantar né, eu tenho muita facilidade de decorar as músicas né, não muito inglês não é tanto, mas o alemão pra mim já é mais fácil, o italiano, então eu fiquei muito feliz com isso, a chance que ele me deu e escutar minha voz e ver que eu tinha chance de fazer um solo, né e ele também rígido também, bem rígido, não gostava de brincadeira, não gostava de conversa, podia ter a amizade que fosse, mas na hora do ensaio acabou. Ele era muito rígido nesse ponto e é muito bom isso e ta sendo assim também com R2, ele brinca, ele é amigo, mas na hora do ensaio, é hora de ensaio, pode ter a amizade do jeito que for, mas ele não quer saber de conversinha e tetetetete na hora do ensaio, ele dá bronca e se não parar ele para o ensaio e todo mundo vai embora. E isso é muito bom, pra quem gosta de disciplina, pra quem quer crescer no coro, assim como eu, eu não tenho condição de fazer uma aula de música e instrumento e pagar, pra mim é primordial.

Regina: Certo e você assim se recorda de qual ou quais apresentações mais te marcaram?

C3: Nossa. A que marcou, olha tem muita apresentação Maringá no Festival, o Festival Internacional de Música em Cabo Frio, foi uma das coisas que mais me deixou feliz, porque eu tinha ido a Cabo Frio, quando morava no Rio, tinha vinte e um anos, voltei trinta anos

depois e naquele teatro muita gente junta, outros países então a gente se sente gente, feliz, cantando, no Festival de 2005, veio aquele japonês (Daisuke Soga – maestro japonês) e nós cantando Fiat Misericordiae – (cantando), nossa aquilo ali é lágrima que caía, no Festival aqui em Londrina, então aquele festival assim marcou muito, muito, muito, muito.

Regina: Pra você foi Cabo Frio e o festival 2005.

C3: Isto e o festival de 2007 pra mim também foi bom porque eu nunca tinha feito coro cênico, daí fiz coro cênico e fiz o solo da Chiquinha Gonzaga, da Lua Branca. O ensaiador veio do Rio né e ele perguntou se eu conhecia Lua Branca, eu disse não, mas essa é a que você vai cantar, tem sete dias pra ensaiar, eu disse eu não sei, eu não tenho computador e ele disse: se vira. Aí eu sei que fiquei até as 4 da manhã na casa da vizinha e gravou o cdzinho e eu cantei no dia, graças a Deus, são três dias antes eu fui ensaiar com o pianista e o violino, me deu um branco e eu não sabia, olhava o papel e via tudo em branco. Outro dia eu fui ensaiar, saiu às mil maravilhas e no dia da apresentação saiu muito bonito, quem foi assistir... É assim o próprio (...), diretor do Festival foi lá e me deu parabéns, muita gente subiu no palco e me deu parabéns assim, outros, assim superou a minha expectativa, porque eu não achei que você cantasse tantoeu particularmente, eu vi a fita depois, eu achei que eu poderia ter feito melhor, né, mas todo mundo achou muito lindo, ficou bom, mas eu particularmente vendo a fita achei que poderia ter feito melhor, pelo tanto de anos que eu estou no coral, nas apresentações que eu já fiz né, eu achei que poderia ter feito melhor, mas foi uma música que eu não conhecia, tive sete dias pra ensaiar, pra decorar, o nervoso porque eu nunca cantei sozinha o Ouro Verde cheio, muita gente em pé, devia ter umas 2000 pessoas então aquilo tudo deixa você insegura, mas cantei.

Regina: E como você e seus colegas ou sentiam em relação à cidade em participar do Coro da UEL, você pode me dizer alguma coisa disso.

C3: Olha eu particularmente com algumas que eu converso falam que é bom porque Londrina precisa muito de cultura e não deixa de ser uma benção pra cidade o Coral da UEL que é conhecido no Brasil, eu particularmente tenho a satisfação de cantar nesse coro, a felicidade de conhecer muitas cidades brasileiras através do coral, do Coro da UEL porque pelas minhas condições eu não teria jamais condições de conhecer lugares que eu já conheci pelo Coral. É Porto Alegre, Gramado, São Lourenço, Poços de Caldas, é Santa Catarina, lá fomos tão bem recebidos, São João Del Rey, são cidades lindas que eu conheci através do coral, isso eu devo ao coral, feliz, devo ao coral por isso, nunca paguei um tostão por nada disso e é só felicidade, né.e as pessoas que participam do coral com quem eu tenho o prazer de conversar sempre também acham a mesma coisa né, pessoas que tem condições de fazer esses passeios faz pelo coral, ele vai pra cantar, mas sempre que dá uma chanczinha a gente passeia na cidade, conhecemos artistas da Globo como Seu Peru, Baby Brasil é um monte de gente que a gente conhece nessas cidades onde a gente vai, os hotéis que a gente fica, ao acampamentos que a gente fica são muitos bons, em Maringá mesmo ficamos num colégio de freiras, foi muito gostoso, em poços de Caldas ficamos num hotel muito bom, jantares que oferecem muito bons e somos aplaudidos em pé, então tudo isso é importante, é alegria e faz a gente querer ficar no coral. Não só pelos passeios, a gente ensaia duas vezes na semana, aí tem gente que fala nossa vocês ensaiam duas vezes na semana, três horas praticamente das 18h30 às 21h, mas você vê a diferença do coral que tem ensaio de naipe, que agora eu to cantando na minha igreja e não ensaio de naipe, a dificuldade das pessoas aprenderem e o ensaio de naipe é importante e aqui nós temos ensaio de naipe, ensaio geral, cada um na sua voz separado e faz uma diferença muito grande. O Festival de Música também faz uma diferença muito grande porque nós não pagamos o festival, nós que somos do coral. Acho isso muito importante porque se eu tivesse que pagar o festival eu não poderia fazer então já faço festival de Música há 10 anos, que participo então a gente não paga porque participa do Coral da UEL. O

coralista da UEL não paga Festival de música, dois cursos né. Então pra mim é muito importante. Porque você aprende. No Festival de Música de 2007 eu ficava das 9h da manhã às 6 da tarde. Então você aprende. Vêm professores de fora, olha é muito bom.

Regina: C3 se você pudesse definir pra mim o que é o Coro da UEL em três frases o que você diria: cantar no coro pra você...

C3: Coro da UEL pra mim é alegria, é família e é aprendizado.

Regina: Essas três frases: família, alegria e aprendizagem.

C3: Aprendizado, no dia a dia você está aprendendo.

Regina: E você quer acrescentar mais alguma coisa nisso que você ta falando, colocando, você se lembra de mais alguma coisa que você queira sobre o coro, sobre você e o coro.

C3: Olha eu e o coro, a gente sempre faz um jantar no final do ano, todas as pessoas que fazem aniversário junta os coralistas e fazem uma festinha então não passa em branco, né. O meu ainda passa em meio em branco porque eu faço em 28 de julho. É férias, mas vai juntando mês de julho, agosto, setembro, aí faz um bolinho então o pessoal aqui é muito amigo, as pessoas se unem, inclusive amanhã vão a um chá de uma amiga que saiu que estava no coral há 35 anos, ela saiu agora por motivo de família mesmo ela saiu do coral e amanhã o pessoal vai fazer, vão passar uma tarde festiva, eu infelizmente não vou poder porque trabalho o dia inteiro, mas sempre que a gente pode a gente faz um jantar, todo mundo junto coralistas, professores, ensaiadores, são alegrias que a gente tem que acho que nunca vai esquecer. São alegrias assim que marcam a vida da gente. Eu pelo menos sou outra pessoa. Fui uma antes do Coro e sou outra depois do coro. Porque eu era assim uma pessoa muito angustiada, muito ranzinza, eu acho que pelo sofrimento que eu tive com o marido né, então fui uma pessoa muito amarga.

Regina: Inacreditável você me contar isso.

C3: Muito amarga...

Regina: Porque você é uma pessoa tão feliz no coro.

C3: E no coro sou outra pessoa.

Regina: E você acha que isso mudou a sua vida.

C3: Mudou muito.

Regina: Você acha que o coro conseguiu transformar isso.

C3: Muito. Eu não tenho assim... Eu choro, eu sou chorona, choro de alegria, mas chorar de tristeza que eu chorava antes, eu vinha pro coral, eu entrava no ônibus, eu morava na periferia, eu daqui até a periferia chorando, eu tinha tristeza, não sabia por que, infeliz, eu tinha dores no meu corpo inteiro porque eu era infeliz aí Graças a Deus eu tive coragem de mandar meu marido embora de casa depois de 19 anos de casada, porque ele bebia, me traía muito, ele me deu um sofrimento muito grande. Eu não tava acostumada, eu estava acostumada com carinho, eu fui uma pessoa pobre, mas minha mãe me deu muito carinho, no Rio eu tinha meus irmãos, a gente era muito unido, então eu casei no Rio com um rapaz daqui de Londrina, vim embora, moro aqui há 31 anos, mas só foi sofrimento porque lá ele era uma coisa, mas aqui era outra. Lá no Rio eu tinha outra vida completamente diferente, eu ia a teatro, ia à praia, aqui não, fui morar em periferia, sair de Copacabana e vim pra Londrina morar em periferia foi uma mudança muito grande e isto me chocou muito, mas como a mãe ensinou você tem que casar, viver com seu marido, criar seus filhos, ser honesta, ser decente e você vai deixando de fazer muita coisa que você gostaria, você vai deixando muita coisa pra trás, marido faz coisa errada prá não brigar você vai deixando de lado e aquilo te faz muito mal. Aí depois que eu aprendi a chutar o pau da barraca como falam os jovens, acabou. E o coral foi uma das coisas que me ajudou muito. Hoje eu só brinco e vou a forró, danço, (...). Eu digo: To viva. Namoro, danço, gosto de pintar, de me arrumar bem, gosto de fazer unha, de trocar cor de cabelo, então eu mudei assim, eu sou uma outra pessoa. Gosto de usar sapatão alto, roupa decotada, brincões grandões, roupas coloridas, e antes eu vestia umas roupas tudo

larga, umas roupas bem de senhora, se escondendo. Aí meu marido dizia que eu tava feia, que eu era gorda, isso e aquilo me machucou muito. Aí quando eu comecei participar de um grupo de oração na igreja presbiteriana, diziam como você é bonita, se olhe no espelho. Eu comecei me olhar no espelho e me acho muito bonita. Me acho muito bonita. Tô gordinha, tô com 80 quilos, (...) Sabe e ponho roupinha apertada, eu nunca tinha andado de avião, minha filha pagou passagem de avião pra ir na formatura dela no Rio e conheci Dercy Gonçalves no aeroporto, olha conheci um monte de artistas no aeroporto tirei foto com todo mundo, então olha coisa assim ...em dezembro fui a Natal na casa de uma prima minha, não conhecia natal...nossa vim de avião. Eu fui e voltei feliz da vida, uma cliente minha pagou uma passagem pra mim. E tô aqui, tô livre, caminhando, tenho um pouquinho de artrose no joelho, mas isto não me impede de fazer nada, trabalho muito, limpo casa, faço crochê, faço massagem, eu faço depilação, eu canto no Coro da UEL, canto no Coro da Presbiteriana e tô assim e arranjo tempo e agora com 61 anos estou fazendo computação. Então tô feliz. Tô com dinheiro quero sair num barzinho, vou, não tenho carro, vou de moto taxi, tem dia que chego em casa às 6 da manhã. Hehe. Tenho uma amiga que tem carro, a gente vai em barzinho, vai em karaokê. Ah quero ver você cantar, cantar Índia.

Regina: Quando você canta nesses karaokês você lembra do coro? Da técnica ou não? Como é?

C3: Lembro.

Regina: Você acha que essa técnica do coro te ajuda lá também?

C3: Ajuda, ajuda. Muito. Eu às vezes, o R7 fala assim ah (glissando), às vezes eu tô cantando e quando aquelas músicas meio balançadas (ah esganiçada), é eu nossa, eu já me corrijo. Tem vamos dizer muita música mais antiga (cantarolando um pouco), o R7 sempre tinha muito cuidado de não deixar fazer esses ah (glissando) tipo música sertaneja, em casa quando eu tô cantando que eu me pego fazendo isso, eu já lembro. Da técnica. É muito importante.

Regina: Então você vê que as coisas daqui acabam influenciando sua vida lá fora. Legal.

C3: Lá fora, legal. Nossa quando eu vou cantar em karaokê tem umas amigas, vamos cantar, vamos cantar, e eu vou porque elas gostam da minha voz. Inclusive eu fui num Karaokê aqui que chama Koala, só vai jovem. Daí disseram vai lá cantar índia. Meu Deus essa molecada vai me vaiar, só tem garoto, vou cantar essa música antiga né, sertaneja, vão me vaiar. Olha Regina eles podem não cantar, mas que eles gostam da música eles gostam viu? Quando eu vou no Koala parece até aquela galinha cheia de pintinho em volta, cheia de rapazinho em volta, tia sou seu fã, tia. Eu fui no Quebra Gelo tinha um conjunto de música gaúcha, daí eu já tinha visto eles tocarem e cantarem lá no CTG (Centro de Tradições Gauchas) uma vez que fui. Daí fiz amizade. Quando fui lá no Quebra Gelo eles estavam lá, ei... Vem cantar. Eles gostam que eu cante, toda vez que eles estão lá eu tenho que cantar O Tropeiro, você conhece? Aí eles adoram, meu Deus morro de vergonha, porque você não ensaia nem nada. Lá no Koala eles gostam muito que eu cante Índia, fascinação, eles adoram. Eles não cantam, mas que eles gostam, eles gostam. Jovem não gosta de sertaneja não, mas eles gostam sim.

Regina: Ta certo então C3, quero te agradecer, muito obrigada.

Transcrição entrevista com cantor C4**Data da entrevista: 28/10/2009**

Regina: Há quanto tempo você canta em coro?

C4: em coro faz 7 anos e meio.

Regina: E no coro da UEL?

C4: há 7 anos e meio. O coro da UEL foi meu primeiro grupo.

Regina: você canta em outros coros hoje?

C4: não, é meu primeiro e único.

Regina: Por que você canta em coro?

C4: Primeiro o motivo que me levou a cantar no coro, eu gosto muito de música, sempre gostei, cantava e acho assim o coro muito bonito, são várias vozes, aquele número de pessoas cantando junto, né então dá outra vida pra música, a música em coro. Foi isso que me levou a cantar em coro.

Regina: Como você se sente cantando no Coro da UEL? Conte-me um pouco.

C4: há eu me sinto muito bem, até realizada né, porque sempre foi um sonho assim ver um coro, cantar no coro, como na minha cidade nem tinha coral essas coisas, então é uma coisa muito gostosa, muito legal, você participar de um grupo que o coro você tem que participar esse negócio de grupo, equipe, porque você sempre tem que estar ouvindo os outros, e estar se integrando naquele grupo, tanto musicalmente quanto como pessoa né. Então é muito gostoso, muito prazeroso, é muito bom, bem agradável de fazer.

Regina: Por que você escolheu o coro da UEL para cantar?

C4: foi um convite que eu tive no festival de música que eu participei e lá tinha alguns integrantes do Coro da UEL que me chamaram e eu aceitei, nem demorei muito, nem pensei.

Regina: não foi você que escolheu, você foi escolhida.

C4: é eu fui convidada. Hehehe é eu não escolhi assim, né, então assim pra mim, quando eu participei desse primeiro festival, pra mim, festival era só pra quem fosse músico, pessoas formadas, não, até que uma amiga minha que fazia música disse, não vamos você vai gostar, participa pelo menos da prática de coro que vai ser tranquilo pra você, pra mim, eu nem imaginava cantar num coro, eu achava ainda que eu não era capaz, que ia ter que estudar muito, e realmente no começo é difícil, é uma coisa totalmente diferente de que cantar sozinha, partitura, esse tipo de coisa, que nunca tinha visto, mas depois foi bem tranquilo.

Regina: O que significa o Coro da UEL para você?

C4: ah o Coro da UEL é tudo, é como se fosse uma segunda família, é muito gostoso você vir participar dos ensaios, ver outras pessoas né, ali, no meio de todo mundo, você vê assim desde que você entrou como você está, o quanto que você cresceu, que amadureceu, aprendeu, aprendeu com momentos bons e com momentos ruins, que a gente sempre passa né, então eu acho muito legal, e o coro, eu não me vejo fora do coro, não hehehe. Até hoje não, é uma coisa que você sente falta, ir lá cantar, você tá dando um pouco de si e cada um se dá um pouco pra formar aquele todo né.

Regina: tua família é daqui C4?

C4: não, não é de fora tanto é que eu até tento preencher todos os meus horários com alguma coisa, como é de fora só vejo em final de semana, só vou em final de semana, pra mim chegar em casa, eu moro em república, então pra mim chegar em casa ah não é aquela coisa de eu tenho uma família, eu tento procurar outras coisas que me distraiam e a música é uma coisa, como diz, quem canta seus males espanta né, faz muito bem pra gente né cantar e por exemplo meu serviço é completamente fora da música né, então quando você participa do coro, aí eu venho aqui e canto, nossa aí.... Você esquece de tudo, de todos os problemas, né, de todas as coisas, vc fica noutra, noutro..., num... Parece num outro mundo, você tá no mundo da música ali, é bem gostoso, serve como uma terapia também.

Regina: Depois que você começou a cantar no coro, me conte como é isto para você?

C4: ah percebi bastante diferença, é assim eu consigo pegar as coisas bem mais rápido, essa coisa das vozes, você ouve, você consegue identificar, e sei lá é um crescimento que você vai tendo e vai... Vai aprendendo, e das duas formas, tanto musicalmente quanto como pessoa também, você vai é prestando mais atenção, parando pra ouvir as pessoas, pra prestar atenção, muitas vezes, a gente nem se importa muito com os outros, é bem interessante.

Regina: Desde que você está no Coro da UEL quantos maestros já passaram pelo grupo?

C4: hum, deixa eu contar, (...) Ah, só quatro? Até que não foi muito.

Regina: na verdade, três com a repetição de um.

Regina: Você se lembra como era o coro à época de cada um? O que cada maestro mais prezava, sob seu ponto de vista, à frente do Coro da UEL?

C4: É deixa eu ver, o R7 mais enfatizava o grupo em si, sabe, a convivência, não que os outros não enfatizassem, mas acho que ele né tentava focar mais nisso. O R1 ele enfatizou também muito esse negócio do grupo a convivência, aqueles passa-dias que a gente teve, muito gostoso, e até muito importante pro grupo, pra criar um vínculo maior né, e eu acho que a maior dificuldade que eu vejo nos coros, é o entra e sai de pessoas, a rotatividade é muito grande, então é muito complicado pro maestro trabalhar, eu vejo que não é fácil né, e o R1 sem dúvida nenhuma ele enfatizou muito a técnica, a técnica vocal, o grupo realmente se desenvolveu bastante vocalmente, isso e o R2 acho que ele também ele, ele, enfatiza bastante técnica, tenta trabalhar bastante técnica, do grupo, essa coisa de se ouvir, de fazer uma coisa uniforme, de tornar um trabalho bem uniforme, né.

Regina: Você se recorda de qual ou quais apresentações mais lhe marcaram?

C4: é... Deixa ver, são tantas as apresentações, uma apresentação que eu acho que marcou bastante foi acho que até aqui mesmo, com orquestra, quando a gente fez aquelas peças com temas de filme com o Wagner (maestro da orquestra), é eu acho que foi muito bonito, eu

gostei bastante, né é... Apresentação que acho que também marcou foi é aquela que nós cantamos com o R1 bem grande também, e o resultado foi muito bom, uma coisa diferente do que a gente estava acostumado a fazer, né que é uma coisa mais, antigamente era uma coisa muito estática, e aquilo a gente começou a fazer um trabalho de mais movimentação e de cena, este tipo de coisa.

Regina: e a gente viajou com o espetáculo né?

C4: exatamente que foi muito gostoso, ainda esses dias eu falei pro pessoal, há quanto tempo faz que a gente não faz uma viagem, e sente falta mesmo que assim, que fosse uma viagem curta, que fosse dois ou três dias, mas que a gente passasse dois ou três dias com aquele mesmo número de pessoas, é muito importante.

Regina: a convivência.

C4: a convivência, porque é assim, você chega no ensaio, pelo menos é o que eu vejo, né, você chega no ensaio sempre em cima da hora, então é só oi, tudo bem e tal, então vamos cantar, porque já está na hora, tem que ensaiar, sai do ensaio todo mundo não vê a hora de ir pra casa descansar, então você acaba não criando uma amizade muito grande com as pessoas, você acaba fazendo amizade com aquela pessoa que está ali do seu lado, que está todo dia ta ali junto com você, mas as outras, eu mesmo não lembro o nome de todo mundo, o pessoal, não pode, não tem como guardar, porque eu não converso com todo mundo, não dá tempo. E essa viagem, não só pra gente sair e se apresentar, mas também serve muito de integração com o próprio grupo, porque é lá onde você tem mais tempo pra conversar com todo mundo, pra brincar.

Regina: e você acha que isso reflete assim no resultado?

C4: ah eu acho que reflete, eu acho que o grupo trabalha muito mais empolgado. Porque eu vejo assim, quando se fala assim que você tem uma meta e você quer alcançar esta meta, como foi o nosso caso do Idas e Vindas, então, por exemplo, era um trabalho todo voltado pra

uma viagem que ia ter varias apresentações, então a gente tava ali em cima empolgado pra realizar aquilo ali né, e quando não tem assim essa meta,esse ponto assim, esse foco maior, acho que fica meio solto, eu acho até que é um dos motivos que as pessoas vão desistindo, vão saindo, porque fica sei lá, desmotivado, porque as vezes você estuda, estuda, estuda, ensaia, ensaia e ensaia, mas não tem um resultado, uma apresentação assim onde você vai lá e todo mundo vai ver o seu trabalho, então eu acho que isso ajuda bastante.

Como você e seus colegas se sentem ou sentiam em relação à cidade, em participar do Coro da UEL? Fale-me sobre isto.

C4: ai eles ficam boca aberta, ah você participa do Coro da UEL, como se fosse uma coisa do outro mundo, como eu também achava, que era uma coisa, uma coisa legal, eles ficam bem empolgados com você, como é o trabalho, quando se fala em Coro da UEL, orquestra da UEL é um peso muito grande.

Regina: você acha que a cidade dá esse peso?

C4: eu acho que sim, porque é um trabalho que acontece há mais de trinta anos, não é um trabalho que começou ontem, não é um grupo que começou ontem, é um grupo antigo né, que tem, muito tempo de trabalho, que já apresentou várias coisas, então tem o peso bem grande pra cidade, você percebe, apesar das pessoas as vezes, ter o peso, mas não ir tanto prestigiar...deveria acontecer mais de ir prestigiar o trabalho.

Regina: quer acrescentar alguma coisa.

C4: não sei, às vezes as pessoas não vão tanto prestigiar, as vezes porque não são tão divulgados os eventos, ou se a gente se apresenta em lugares que eles não tem acesso né, então as vezes seria interessante fazer um trabalho maior de divulgação de trabalho.

Regina: você acha que isso é uma coisa que incomoda os cantores, de chegar e não ter aquele público?

C4: ah incomoda é aquela coisa você faz um trabalho e você chegar e ter aquele pouco de gente, e a gente sabe assim que quem vai assistir são coros ouvindo coros, mas a gente não tem público mesmo que fala eu gosto de coro, eu vou assistir, como tem orquestra. Tem uma apresentação da orquestra lota qualquer lugar. Acho que falta isso realmente, pois da uma desmotivada no grupo.

Regina: e se você fosse definir pra mim em três frases o Coro da UEL pra mim é...?

C4: cantar no coro é a minha vida,... É minha paixão,... É minha alegria.

Obrigada!

Transcrição entrevista com cantor C5**Data da entrevista: 26/10/2009**

Regina: Então C5 queria que você contasse pra mim um pouquinho há quanto tempo você canta em coro?

C5: Bem eu canto em coro desde 94. É tem quinze anos, eu entrei no Coro da UEL.

Regina: O primeiro coro foi o Coro da UEL?

C5: Foi o primeiro coro e até hoje não me licenciei, não me desliguei nenhum momento.

Regina: Eu queria que você falasse pra mim, por que você canta em coro? Você canta em outros coros também?

C5: Bem, canto em outros coros. Bem, inicialmente lá em 94 quando eu comecei a cantar, por que eu procurei um coro? Eu procurei porque eu gostava de cantar, mas hoje a minha resposta é outra, hoje eu canto em coro porque é muito bom cantar, lógico continua sendo a essência, mas cantar com disciplina, cantar com técnica, cantar com orientação, isso é muito importante, eu acredito que eu evolui muito porque as práticas de técnica vocal que a gente desempenha em cada ensaio é muito importante pro crescimento da voz, não só cantada como falada, a gente só tem ganho, e aí, coroando tudo isso vem o prazer de cantar que é a premissa básica.

Regina: Certo. E aí fala pra mim como você se sente cantando no Coro da UEL? Por que você canta em outros coros, mas eu queria saber agora especificamente como você se sente no Coro da UEL.

C5: Bom no Coro da UEL, eu me sinto bem a vontade, gosto bastante, o coro da UEL em quinze anos é eu passei por vários momentos, momentos de extrema euforia, momentos de baixa, trocas de maestro então presenciei muito essas crises do coro, mas é com as crises que a gente cresce, né. Então eu me sinto bem a vontade pras falar do coro e assim até dizer que eu me sinto em casa, depois de quinze anos conheço bastante a forma de trabalho dos

ensaiadores, a cada maestro a gente se adapta ao jeito deles, e assim é a gente atinge o que é a proposta que é cantar, alguns momentos os ensaios são mais ou mais as apresentações, elas são mais intensas em outros momentos elas têm uma certa decaída em função de agendas, convites e até mesmo política interna né da Casa de Cultura , então, mas o meu prazer é cantar e eu me sinto muito a vontade no Coro da UEL.

Regina: Eu queria que você me falasse assim por que você escolheu o Coro da UEL pra cantar e o que significa o Coro da UEL pra você?

C5: Bem, é... Quando eu vim prá Londrina, um dia eu passei na Concha Acústica e ainda era o R3 e ele que estava regendo uma apresentação ali na Concha Acústica e eu fiquei encantada, encantadíssima e falei comigo mesma: um dia vou cantar nesse coro, né. Só que nesse tempo eu trabalhava a noite, tinha os filhos pequenos, daí eu comecei a estudar fazer faculdade e tal, mas eu tinha essa proposta em mente, eu... Vir cantar no Coro da UEL, aí quando eu me desvencilhei desses compromissos, principalmente de estudar a noite, procurei, procurei né a Casa de Cultura, na época era ali na rua Sergipe com a.....o que era ali, Minas Gerais, não?

Regina: Duque de Caxias.

C5: Duque de Caxias, e ainda era R4 que regia o Coro, fiz o teste e me pediu pra esperar, acho que tinha muito contralto na época, aí eu fiquei muito desesperançosa, aí eu falei quer saber isso não vai dar em nada, daí eu fiz o teste e me falou, você vai ficar aguardando e assim que eu precisar, eu chamo. Porque devia ter muitos cantores na época. Eu achei até que não ia chamar não, aí um belo dia eu cheguei em casa e meu marido falou: olha ligaram de um negócio de tal de coro, não sei o queaí eu liguei pra confirmar, fui ao ensaio e estou até hoje. Do primeiro ensaio e estou até hoje.

Regina: E o que significa o Coro da UEL pra você?

C5: Olha, o coro hoje na minha vida é como se fosse um membro da minha família, não fico sem cantar, a cada ano que passa a gente ta cansada, até pelo excesso de atividades, porque a

gente vai acumulando e falo acho que esse ano vou dar uma parada, até mesmo agora que estou aposentada, vou viajar, ah mas quando chega janeiro, fevereiro eu to morrendo de saudade de cantar, então é como se fosse um membro da família, não consigo ficar sem não.

Regina: Não consegue ficar longe.

C5: Não consigo ficar longe não. Vamos ver até quando, né, esta história de amor vai perdurar.

Regina: Você pode me contar assim, depois que você começou a cantar no Coro, o que aconteceu com você? Como é isso na sua vida, tem importância?

C5: Olha eu acredito que sim, porque tudo que a gente faz nas nossas vidas, até a exemplo da natureza tem reflexos, né. E. Eu acredito que eu fiquei mais desinibida, é a parte vocal, essa parte da educação vocal, melhorou bastante, tinha uma como diz, tinha uma potência de voz muito pequena e eu sinto que ela aumentou e assim eu fiquei mais refinada, é lógico quando você canta em casa sem nenhuma orientação, a não ser que você seja um talento, você aprende sozinha, mas do contrário não, é com muito estudo disciplina e assim eu sempre muito pelos, antes, dos ensaios, antes de começar a ensaiar as músicas, eu sempre prezei muito pela técnica vocal, pelo aquecimento, então, acho muito importante pro crescimento, então tudo isso trouxe para mim disciplina, trouxe é aquela coisa de você fazer uma atividade por voluntarismo, coisa que eu não tinha tido experiência, em levar isso seriamente, porque antes, começava, tem compromisso, larga, não tinha continuidade, então me trouxe disciplina porque cantar no coro é um ato de voluntarismo, você canta porque gosta e isto faz bem, é doação e com isso eu aprendi a ter disciplina não só aqui, mas em outras atividades que porventura eu assuma e tenha que ter horário, tenha que ter dia pra você estar, cumprir os horários certinhos, então isso ajudou muito e ajudou também é na parte emocional, porque cantar é muito bom, eu trabalhei todos esses anos até março, sempre numa atividade muito estressante, loucamente estressante de muita pressão. Então, às vezes eu saía do trabalho

assim extenuada, com as minhas energias sabe no limite, e sabe eu não tenho energia pra cantar hoje não tenho, aí eu ia cantar, vinha pro ensaio, nossa, saía outra pessoa né, pronta pro dia seguinte. Então esse renovar das energias, da bateria, contribui muito pra gente emocionalmente, pro equilíbrio, então isso eu tive muito ganho também, eu sempre falava no meu trabalho nossa se eu não cantasse eu estaria louca. Hehehe.

Regina: Desde que você está no Coro, quantos maestros já passaram pelo grupo?

C5: R4, (5 anos com ela), depois 5 anos com R7, depois R1 que ficou uns quatro anos e dois anos com R2. Cinco maestros.

Regina: Você se lembra como que era o coro na época de cada um?

C5: Olha cada um tem um estilo próprio de reger, isto tem que ser respeitado, cada maestro tem a sua técnica, tem o seu jeito, os seus gostos, então eu me lembro na época da Lucy, tudo era muito novo pra mim, então era um aprendizado né, porque hoje eu vejo a técnica pra mim como uma atividade física, assim tudo, não vou dizer que tudo a gente sabe, mas eu tive o privilégio de passar por inúmeras técnicas e agora é fazer a manutenção disso. É igual atividade física que você tem que fazer sempre, né. É se parar todo esse trabalho cai. E assim são os maestros, cada um tem seu estilo. Uns dão mais ênfase pra técnica, outros não. Com R4, tudo era muito novo.

Regina: então fala pra mim, sob seu ponto de vista o que cada um prezava mais, cada um prezava alguma coisa, então na época de R4 o que mais prezava?

C5: Na época de R4 prezava-se muito a qualidade vocal, isso era assim, premissa básica, chegava a ser até doentio, o coro tinha uma qualidade vocal muito boa, trabalhava muito essas nuances sabe, e o piano, a gente conseguia fazer, não sei era muito, muito legal. Com R7 foi um outro momento. Gosto muito do R7, mas assim ele tem outra forma, ele prezava outras coisas. A questão do repertório era diferente, né, outro repertório, a gente não tinha tantos desafios, era um repertório mais simples e daí eu já tinha cinco, seis anos de coro então a

gente já tem mais uma postura um pouco mais exigente, diferente de R4 que era tudo novo, então tudo que vinha era desafiador. Então daí a gente ficava comparando um com o outro, mas ao mesmo tempo R7, ele teve uma postura muito firme no sentido do coro não se dissolver naquele momento né, quando se passou por uma crise de substituição de regente, e toda substituição é problemática, né, até que todo mundo se adapte à forma de trabalho e aí ele manteve a união, isso foi muito importante, a manutenção do coro, né. E aí com o R1 veio uma nova era, né. O R1 já era mais arrojado, era mais impetuoso, ele tinha mais, eu diria que ele era mais louco, né, ele fazia assim umas coisas duas, três coisas ao mesmo tempo, e no fim tudo saía, né, e às vezes a gente estava com uma peça muito difícil, complicada e trabalhando com o repertório do nosso coral mesmo, apresentações. Nós fizemos um trabalho legal, uma turnê, coisa que o coro não tinha vivenciado isto antes dele, né...

Regina: você acha que foi assim arrojado?

C5: foi arrojado, o R1 ele era bem impetuoso, até eu comentava assim com (...), acho que foi da loucura que foi fazer o Stabat Mater, mais o nosso trabalho, e tinha que sair e os encontros com coros, então ele tinha essa coisa mais arrojada. E com R2 eu diria que nós estamos numa fase mais light, o R2 ele tem um estilo bem próprio, bem característico dele, ele é bastante exigente também, bastante exigente, é outro repertório, bem diferenciado, muito voltado assim pro sacro e ou senão é sacro, tem uma reminiscência do sacro.

Regina: é desafiador também.

C5: é desafiador também. Mas é o estilo próprio. Ele é bastante exigente. Sinto que neste momento que o coral está meio carente de apresentações. Este ano foi um ano bem problemático (2009), e a gente não teve quase nenhum, em termos de apresentação estou dizendo. Internamente a gente trabalhou bastante. E veio a gripe suína que cortou bastante também, atividades. E agora agente está com a peça Lobgesang, que é grande desafio pro coro, e a gente vai dar conta com certeza. Estamos trabalhando pra isso.

Regina: Você se recorda de qual ou quais apresentações mais te marcaram?

C5: Que marcaram, olha eu sou uma pessoa e se me disserem é a primeira vez que estou contando essa coralista é louca. Todas as apresentações de formatura me marcaram. Todas. Eu adoro fazer formaturas. Adoro. E teve uma apresentação muito legal que me marcou bastante, uma vez que a gente fez uma homenagem ao Ney Braga, você se lembra? Lá naquela casa... Lá de leilões, no Parque de exposições. A do Mãe de Deus, cantata. O Stabat Mater foi assim uma peça que marcou inesquecível. Os trabalhos com orquestra, todos eles foram muito importantes, trabalhos onde a gente cresceu muito. Festivais, inesquecíveis, né, a gente foi muito, a gente fez muito festival e os encontros que a gente viajou.

Regina: de viagem o que te marcou muito?

C5: Cabo Frio RJ, marcou muito sabe foi muito bom, é aquela viagem nossa pra São Lourenço, foi muito marcante porque foi uma época que o coral estava assim meio cabisbaixo, não é? E aquela viagem fez um bem tão grande, a gente foi pra lá e fez um sucesso enorme, foi muito bom, é também Idas e Vindas, marcou muito que a gente fez com o R1.

Regina: pro sul ou pro norte?

C5: as duas né. Tanto pra Minas como pro Rio Grande do Sul.

Regina: Como você e seus colegas se sentem em relação á cidade? É uma coisa que às vezes a gente conversa com os amigos do coro, em participar do Coro da UEL? Se sente?

C5: ah sim... Me sinto bastante privilegiada tenho orgulho de falar que eu canto no coral da universidade, UEL e as pessoas, oh, você canta no coral da UEL e como é que faz pra entrar lá, olha que legal e como é que você dá conta... Digo tem os ensaios, tem os naipes, ah... Então eu sinto que a imagem do Coro na cidade é muito valorizada, super respeitada , é uma imagem assim bem tradicional como é a Concha acústica, como é a feira nordestina, sabe faz parte da vida cultural da cidade né, o Coro UEL Então ele é assim, eu diria uma entidade, as

peessoas gostam muito do Coro e tem um peso né, da Casa de Cultura, um peso da própria universidade. Não precisa nem ouvir já é bom, entendeu? As pessoas supervalorizam.

Regina: Então C5 se tivesse que definir o Coro da UEL pra você em três frases O Coro da UEL é...

C5: Bom coro da UEL é desafio.

C5: Bom Coro da UEL pra mim é felicidade.

C5: Cantar no Coro da UEL pra mim é crescimento, aprendizagem.

Regina: Você quer acrescentar alguma coisa...

C5: Não só assim dizer da satisfação que eu tenho em pertencer a esse grupo, que é um privilégio, nós mortais poder cantar em coro bom, coro organizado, tem lá seus altos e baixos, tem, tem suas crises, e qual instituição, qual organização que não tem seus momentos de crise? E são nelas que a gente cresce. E até quando a gente passou por uma crise grande na saída de R4 e para o R7 e foi um momento de baixo astral, porque era um novo momento e era uma nova adaptação com a realidade e aí eu me fiz essa pergunta né, o que nos move? O que nos move aí eu até perguntei pra (...), o que nos mantém aqui, porque tanta gente saiu naquele momento aí, bom é o prazer de cantar, é o que nos move porque eu não quero ser mercenária, não quero estar no coral só nos momento bons, eu vou ficar também nos momentos difíceis porque para superar essa crise. O Coro vai caminhar, vai melhorar, não vai desestruturar. A gente sabia até que não iria desestruturar porque tinha o lastro da universidade, mas as pessoas estavam saindo, indo embora, e outros que chegavam ficavam só um pouco. Mas não vou ser mercenária, eu quero continuar... Eu vou sair do coro um dia porque ninguém é eterno, mas vou sair por uma causa nobre, uma causa justa, uma necessidade que seja justificável, mas não porque está em crise. Então é, eu me sinto privilegiada em fazer parte desse grupo e às vezes eu comento com as pessoas que reclamam, vai cantar é tão bom... Nossa faz tão bem. Hehehe. Eu me sinto privilegiada porque o que a

gente tem de acesso aqui, se eu fosse fazer particularmente o que temos aqui, eu não teria dinheiro, não tem dinheiro que pague. Um curso de técnica vocal, você participar de um evento, nossa o coro abre portas, eu já fui a lugares antes inimagináveis, o coro abre portas, a gente canta em catedral, igrejas, teatros, praças públicas, festivais, conhece tanta gente e isso é uma oportunidade única e eu prezo e valorizo bastante.

Regina: é isso, quero te agradecer.

Transcrição entrevista com cantor C6**Data da entrevista: 18/02/2010**

Regina: Há quanto tempo você canta em coro?

C6: 23 anos

Regina: E no coro da UEL?

C6: 23 anos.

Regina: então o Coro da UEL foi seu primeiro grupo?

C6: sim

Regina: Por que você canta em coro?

C6: Porque eu gosto de música, a minha família é muito musical e eu acho que ela faz muito bem à alma, ao espírito e também você enriquece intelectualmente pelo contato com as músicas, com os autores, com os ritmos, acho isso muito interessante.

Regina: Como você se sente cantando no Coro da UEL? Conte-me um pouco.

C6: eu me sinto muito bem, muito feliz, porque ele já está incorporado na minha rotina, na minha vida. Eu gosto muito do contato com os colegas, de todas as áreas, de todas as profissões, de todas as idades e eu acho que é uma higiene mental, é uma pausa que nós fazemos nós fazemos em meio aos nossos trabalhos, é nós combinamos a atividade racional do trabalho com esta atividade assim de sensibilidade, que eu acho que é muito importante para o equilíbrio emocional da gente, isso motiva você a vir pro coro.

Regina: Por que você escolheu o coro da UEL para cantar?

C6: Na ocasião não sei se havia outros coros de expressão, mas o da UEL era o mais famoso, e eu conhecia o (...) e a (...), algumas pessoas que já cantavam no coro e eu achava tudo muito bonito, eu me preocupava com problema de horário, viagem, tinha crianças pequenas, e tal, mas logo que foi possível eu entrei e fui contornando as coisas e estou até hoje.

Regina: e você se lembra em que época foi isso?

C6: eu entrei em 87, eu fiz o teste em dezembro de 1986, e em fevereiro de 87 comecei, 23 anos.

Regina: O que significa o Coro da UEL para você?

C6: Mais ou menos eu já falei, ele significa dar um tempo ao meu espírito de curtir a música, de estresse relacionamento leve e sociável com as pessoas, e

Regina: você é poetisa.

C6: eu sou. Escritora, declamadora.

Regina: em vários momentos do coro você já declamou.

C6: sim tem muito a ver com a música. Com a sua vida, é uma coisa que se entrelaça... É e eu realmente, eu comecei a aprender o canto no tempo do colégio que naquela época era oficial o canto orfeônico e eu adorava. Então as 4, de primeira a quarta série eu estudei canto orfeônico, solfejo e tal então tudo isso na mesma época que eu comecei a escrever poesia, então isso veio a ser muito bom, esse gosto, essa convivência, esse amor ao coro, eu achava assim nós cantávamos na entrada, todo dia lá, na entrada das aulas, nós tínhamos além das aulas de canto orfeônico nós tínhamos uma vez por semana uma reunião com todas as classes pra cantar e eu gostava demais.

Regina: Depois que você começou a cantar no coro, me conte como é isto para você?

C6: eu percebi ah, a mudança nesse sentido de poder estar fazendo viagens sem ser com a família, conhecer outros lugares, estar fazendo essas viagens, conseguir um equilíbrio entre as atividades, eu me lembro que quando eu entrei, era como hoje, das seis e meia as oito (nove), mas era um horário assim em que, ainda não era hora de jantar, era um fim de tarde, assim bem família, mas sem tanto conteúdo, e aí eu percebi, eu nunca pensei que fosse preencher esse espaço, ou a gente tinha o espaço da tarde ou da noite e então eu percebi que foi interessante preencher esse espaço, final de tarde e começo da noite acho que foi muito interessante e... Os horários, o aprendizado das músicas, enriquece bastante. Nossa, eu acho

que enriqueceu muito, e uma certa visão assim mais...mais leve da vida, uma visão mais bonita, porque eu acho que a música ela envolve muito como a poesia, então uma visão mais leve, a gente aprende a ver melhor a beleza das coisas deixa de lado alguns probleminhas, enfrenta com mais facilidade o dia a dia eu acho que você acaba não tendo depressão. Os problemas então... Criou mais leveza, eu acho e o belo, o belo faz muito bem à alma, né.

Regina: Desde que você está no Coro da UEL quantos maestros já passaram pelo grupo?

C6: Eu comecei com o R3, aí tivemos uma fase com R4, depois eu acho que já foi R7, depois o R1 e o R2, 5 maestros.

Regina: Você se lembra como era o coro à época de cada um?

C6: No tempo do R3 foi um tempo em que eu comecei, ele era uma pessoa muito capaz, era muito dinâmico na época e muito rígido também, então eu sentia um medo enorme de não cantar bem, de não cantar de decepcioná-lo, porque ele se impunha frente ao coro, e ele tinha aquele hábito às vezes de chegar perto da pessoa e ouvir, se a pessoa estava afinada ou não, eu sentia muito medo daquilo e eu levava muito a sério na época, eu gostava muito e era uma coisa nova e um fato que não vai interessar aqui ele é atípico, nós tínhamos uma apresentação em Assis e o ônibus saía aqui da catedral, e eu atrasei três minutos, aí eu fiquei tão desesperada e eu olhava a catedral e o ônibus já tinha saído, e eu levava tão a sério e eu estava tão feliz com a viagem que também eu tinha um sobrinho que morava lá em Assis e ele sabia que eu iria cantar, e também não sei por que eu achei que se eu não fosse e ele comentando com a minha família, e quem sabe por que ela não foi e etc. e tal. Bom, resultado eu tomei um táxi ale em frente às Casas Pernambucanas e fui achando que conseguiria encontrar o ônibus, aí nós fomos por um caminho, não sei se por Sertanópolis, desencontramos...

Regina: na estrada mesmo...

C6: na estrada, aí perguntamos um ônibus passou ou não passou e resultado eu cheguei em Assis de táxi, aí as pessoas que chique! E eu pensei que chique, eu havia recebido uns

honorários e eles foram no táxi, quer dizer hoje eu não faria, é mas assim porque eu levava a sério e porque eu queria cantar e também por parecer que eu estava sendo assim...relapsa, negligente, não participando. Então é uma coisa que hoje, assim com calma, simplesmente o que eu iria fazer, mas naquela época me pareceu naquele momento que era certo, só que eu não achei que fosse chegar até lá né, mas... Foi indo e daí não tinha mais jeito né. Outra coisa ele prezava muito as músicas brasileiras, acho que era uma característica dele, gostar de coro grande, gostar de coro grande e prezar muito as músicas brasileiras, e ele tinha um carisma muito grande. Então nós sentíamos assim uma segurança, um bem estar quando viajávamos porque ele se impunha, ele se impunha com outros coros e tal nós sentíamos assim respaldados na questão da segurança. O Repertório muito bom e de vez em quando ele incluía instrumentos de percussão. Então eu acho que o coro teve fases muito boas com o R3, apesar do medo que todo mundo tinha e da rigidez dele, inclusive naquela época nós tínhamos a técnica vocal, a técnica vocal ela perdurou por um tempo, apesar de alguns alunos não gostarem, parece que naquela época tinha até obrigatório se não me engano. E nós tínhamos e então vezes muita gente não gostava, não teve uma iniciação e não se sente bem e tal, não deixa de ser, era interessante, muita gente que não conhecia nada acabou tendo facilidade, (...), por exemplo, que não tinham esse contato, elas tinham assim um feeling, uma capacidade de assimilar né, já outras pessoas não gostavam porque tinham certa dificuldade, mas eu acho que o R3 numa fase boa dele nós tivemos muitas apresentações, interessantes, inclusive a ida à Argentina, foi marcante, essa viagem foi marcante porque ele também, ele era muito conhecido na época, que hoje, hoje a música coral está muito mais difundida e muito mais grupos em Londrina e na região, e naquela época era o coro dele que marcava bem a região né.

Depois com R4 eu acho que a R4 é uma pessoa ótima, ela foi, ela foi uma época assistente e já cantava conosco e eu acho que ela tinha além do conhecimento, da bagagem toda que ela

tinha, se impunha muito diante dos coralistas, com todo aquele tipo dela tão frágil, aquele jeitinho tão delicado, mas eu acho que ela conseguia se impor. Então tivemos uma fase boa, não longa, mas muito boa.

Regina: foram oito anos.

C6: mas acho que R4...

Regina: ela entrou em 90, com a saída compulsória dele da universidade né, marcou muito porque eu estava entrando, entrei em dezembro de 89, e aí ela ficou até 98.

C6: nossa que interessante, dá a impressão que foi tão curto, é, mas foi muito bom com ela. Ela tinha uma liderança suave não estou dizendo que seja defeito...

Regina: não, não é como cada um foi.

C6: uma liderança suave, fora da regência ela era uma pessoa amiga de igual pra igual, mas na regência ela se impunha muito, acho isso importante, só com o olhar ela já se impunha.

Regina: exatamente.

C6: depois foi o R7, me parece, não sei se a memória está fugindo, que o R7 estaria preenchendo um lugar provisoriamente porque não era cargo oficial da parte dele, e eu acho que ele fez aquilo que ele podia dentro do seu limite, dele, como ele foi sempre nosso colega, e ele foi sempre muito afável ele não tinha essa ascendência grande com o coro, ele era mais amigo que regente essa é uma qualidade dele, mas eu acho que ele cumpriu o papel enquanto provisoriamente, mas nós não tivemos muitas novidades até porque não era possível naquela época né, acabamos revisando algumas coisas, ou então tivemos um repertório mais simples, um pouco repetitivo, acho que ele fez aquilo que ele podia, que era possível na época, né.

Regina: depois dele chegou o R1.

C6: aí R1 veio com toda aquela informação de capacidade, talento, vivência com o canto coral. Eu acho que nós tivemos assim algum tempo muito positivo, porque ele era assim um regente diferente ou o repertório que ele trazia, a técnica que ele usava muito boa, ele jovem

com muita muita experiência, acho que tivemos assim fase interessante de mudanças, de coisas diferentes no coral. O que eu acho que não foi positivo foi o fato dele assumir muitos grupos e com isso o nosso coral se sentiu assim meio que deixado de lado e aí nós fomos lembrados de todo esforço que a gente fez algumas pessoas enfim, ensaiadores enfim, haviam feito para que ele viesse e ele viria pra nós como aquela pessoa que salvaria o coral, que viria com todo aquele aparato pra fazer do coral, o coral de Londrina etc. e tal. Então nós tivemos assim momentos muito bons com ele, viagens, mas só que depois pelo fato dele assumir esses coros, nós nos sentimos meio de lado, ensaiamos muitas músicas que nunca foram apresentadas e isso nos incomodava, porque nós tínhamos muitas músicas apenas começadas, e às vezes acontecia da gente acabar não fazendo a música e tal. O que eu acho que foi assim muito positivo foi ele ter acatado o talento que o (...), ele ter acatado esse talento do (...) e permitir que nós fizéssemos o Idas e Vindas que eu acho que foi um marco muito grande no coral. Há pouco tempo estivemos na casa da (...) e ela colocou o vídeo do Idas e Vindas, mas nós ficamos assim muito emocionadas. A sonoridade estava muito bonita, as músicas...

Regina: o vídeo que foi pra televisão, que a TV filmou?

C6: acho que é...

Regina: Da TV Tarobá, da Rede Bandeirantes.

C6: diz ela que não sei se tinha havido algum problema com o vídeo foi assim contornável, mas dava pra ver como o coral estava bem, nós estávamos alegres, felizes, nós adorávamos aquela programação, todo mundo cantava com alegria e colhemos este sucesso.

Regina: foi um grande desafio pro coro.

C6: foi um desafio, todos ali, se locomover, cantar descalço, solos...

Regina: inclusive texto seu.

C6: isso foi muito bonito e eu acho que o público gosta disso, então ele reuniu tudo isso, inclusive com textos precedendo as músicas...

Regina: foi seu...

C6: eu acho que ele foi assim, um programa, um recital, acabado, perfeito, teu solo, as nossas músicas, a encenação e como, com luz e tal, tanto que em Minas todos adoraram, no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, eu acho que seria muito bom se o coral retornasse ou parte.

Regina: se você pensar no R1, então é Idas e Vindas.

C6: Idas e Vindas, não tem como, se você cantar isoladamente e depois retornávamos isoladamente, qualquer música você está com o Idas e Vindas, com aquelas imagens, com aquela emoção, com aquele som, e o coral estava envolvido. Então quando o repertório é bom, quando ela apreende, quando ela se identifica, ela canta melhor, e se for um repertório que não diz muito ele pode ser assim muito técnico, pra Festival, pra ambiente de universidade, pra algum concurso, mas às vezes ele, ele não traz alguma coisa assim que toca mais o coralista.

Regina: acho que nós vencemos muitos desafios internos, cada um, cada cantor, teve que vencer e com isso apreendeu muito tudo aquilo que se apresentava.

C6: aquilo lá foi, nós apreendemos bem a técnica, o tempo que nós levávamos aqui, tudo, era, era muito diferente. Foi um marco muito grande com relação ao R1 e com relação ao coral. Pessoas que assistiram, me lembro de amigos que assistiram no Ouro Verde a apresentação e disseram que era coisa de... Uma coisa muito bonita, quem gosta de música exagera um pouquinho. Mas assim que era uma apresentação que você via as pessoas embevecidas porque ali, ali havia música havia texto, havia solos, instrumentos e havia todo aquele aparato, aquelas luzes, aquele som por detrás, nossa tudo lindo. Eu acho que foi um espetáculo marcante do tempo do R1. Depois o R2, já ele tem assim uma personalidade assim diferente, eu acho que ele também se impõe, ele esteve conosco em alguma época, num tempo muito curto como coralista, naquela fase. Então eu acho que ele se aprimorou e tem uma bagagem muito grande e ele tem assim, ele é afável, ele é muito afável, e impõe também sem assim

incutir um certo medo, um certo temor, mas assim de uma forma que não nos constrange, pelo menos no início era assim, a gente sentia a liderança dele, mas também sentia assim uma certa tranquilidade, porque infelizmente nos últimos tempos do R1, nós tínhamos assim aquela insegurança em relação à presença dele, se ele ficaria, se ele não ficaria, em relação ao repertório, em relação à situação do coro, então foi meio assim, foi uma época meio dolorida pras pessoas que gostavam do coral, aí a iminência do coral ser dissolvido, enfim uma série de coisas, e aí quando o R2 veio, nós sentimos que o coral poderia caminhar, porque ele era uma pessoa capaz e estava disposto, eu sentia e acredito que algumas pessoas, coralistas sentiam também, talvez seja uma impressão minha, ele já cuida de outros corais, mas me parecia, e parecia também a alguns amigos nossos que ele tinha muito prazer de cantar no coral e que ele tinha orgulho e que isto era gratificante pra ele e até porque eu acho que é no currículo ele se sente engrandecido porque o Coral da UEL, é um coral que de qualquer forma tem o seu nome, a sua repercussão. Então eu acho que era importante pra ele, a gente sentia pela alegria que ele transmitia que era importante pra ele estar no coral. O repertório dele é tem muita coisa que nós gostamos e outras nem tanto e ele dá muito valor á música sacra, então eu acho que a música sacra é muito importante e nós devemos ter no repertório, mas não assim em com ênfase demais, porque a gente canta pra vários públicos né, então eu acho que a música popular, erudita devem caminhar juntas, e eu acho que uma grande parte das nossas músicas eram sacras ou ligadas de alguma forma, então eu acho que, por exemplo, eu me lembro de uma apresentação, que nós fizemos no Catuaí, num evento, você estava, em que me pareceu cansativa, o nosso repertório

Regina: era um semana de economia ou de administração.

C6: alguma coisa assim, (...) Eu acho que se fossem músicas mais populares, as pessoas teriam gostado mais, então eu acho que tem que ter as músicas populares há assim arranjos tão bonitos, eu acho que, temos que ter sempre uma média, né, temos que ter esse tipo de

público e quando o coral conhece ele canta bem, nós temos observados nos festivais de música que há alguns arranjos muito bons de músicas populares, as apresentações são muito aplaudidas, não é porque é popular, são arranjos bonitos e a encenação sabe, então eu acho que nós temos que ter tudo isso, não adianta aparecermos lá, com uma coisa assim muito, muito, muito técnica, muito certinha, muito erudito, muito erudita que não permite até uma certa movimentação e que nós não conseguimos passar pras pessoas, quem está nesses festivais, está pra se sentir bem, pra ver coisas diferentes, e não assim uma técnica muito aprimorada, é claro que a gente observa, é claro que a gente observa tudo isso, mas assim, não ter a técnica assim muito acima da, da apresentação sabe. Eu acho, unir as coisas, por isso, a música que permite isso né, às vezes estuda, estuda, ensaia, ensaia, ensaia e não tem aquele efeito que deveria ter, aquele impacto que deveria ter. Eu penso assim.

Regina: Eu acho que você já falou assim de forma geral o que cada maestro mais prezava, sob seu ponto de vista, à frente do Coro da UEL, tem alguma coisa pra complementar...

C6: Eu acho que falei sim... O R2 preza técnica, preza tanto que nosso tempo de técnica vocal é um tempo longo e eu acho que ele preza, eu tem conduzido bem, este último ano acho que não foi muito positivo pro coral porque nós tivemos essas apresentações juntas com outros corais e junto com a orquestra, que eu acho que apresentação é positivo, só que eu acho que nós ficamos muito tempo, preocupando com essas apresentações e o coral ficou assim aquém, do que ele deveria, poucas apresentações que fizemos, com músicas já batidas, eu todos conheciam então o coral não cantou...

Regina: é ensaio do Mendelssohn, gripe suína, quando voltou...

C6: sim, é descaracterizou, o nosso coral ficou descaracterizado né. Bom eu acho que seria interessante que o coral tivesse, colocasse qual objetivo maior, se o objetivo é fazer apresentação com orquestra, colocar o coral num nível assim muito bom, que ele seja caracterizado como um coral que tem condição de cantar com orquestra ou se é coral para

apresentações e tal, colocar quais seriam mais ou menos os objetivos. Talvez uma apresentação anual e não tomasse uma peça bem escolhida, que não tomasse tempo demais, ou que ele pudesse ao mesmo tempo ensaiar essas músicas da orquestra e não deixar de lado o nosso repertório, nós nos sentimos assim, sentimos que o coral ficou assim meio descaracterizado com essa falta é de tudo que cantamos no final do ano retrasado e do ano passado, foi o mesmo repertório. Então eu acho que não é tão legal para o coral, e nós estamos caminhando graças a Deus, para que o coral seja sempre aquele grupo que Londrina conheceu que é um grupo muito bom, que é a primeira referência na cidade, eu acho que nós perdemos um pouco, depois retornamos, e vamos estar sempre assim. A história do coral merece.

Regina: Você se recorda de qual ou quais apresentações mais lhe marcaram?

C6: O Idas e Vindas, que nós cantamos tanto no Sul, em Minas, aqui em Londrina, a apresentação que nós fizemos na Argentina né, com o R3 né, todas as apresentações na Argentina, elas foram muito boas, e outras, nós tivemos algumas apresentações assim gratificantes, fizemos uma apresentação em Maringá, não me lembro a ocasião que achei gratificante. As melhores: Idas e Vindas e Argentina.

Regina: Como você e seus colegas se sentem ou sentiam em relação à cidade, em participar do Coro da UEL? Fale-me sobre isto.

C6: Eu acho que é todos nós, nos sentimos muito gratificados, muito orgulhosos de pertencer ao coral e alguém diz ah você é do coral? Sou do Coral da UEL. Então eu acho que para todos é um orgulho muito grande, o coral sempre foi muito expressivo e tem um nome assim muito grande e porque o fato de estarmos participando do coral, ele nos engrandece pela respeitabilidade, no sentido de então nós estamos bem, nós estamos bem o Coral da UEL é sinal de capacidade, que nós temos uma voz razoável, uma técnica razoável.

Regina: e o que você acha que a cidade pensa sobre?

C6: eu acho que a cidade pensa que ele é o coro tradicional, que só está engrandecendo a própria cidade, Londrina, eu acho que as pessoas entendem que o Coral da UEL é um patrimônio da cidade. Eu acho que todo mundo pensa...

Regina: às vezes a gente conversa com as pessoas, e elas nem sabem quem está regendo, mas quando falamos no coro, já sabem...

C6: já sabem, porque antigamente não havia esses movimentos todos. Os festivais, o Unicanto,... Quando o coral da UEL se apresentava nas formaturas ou no Ouro Verde, em qualquer lugar era uma... Um espetáculo, uma coisa assim que todo mundo gostava achava interessante, era uma coisa grandiosa, uma coisa grandiosa. Então ele veio com essa tradição, aquele número enorme de pessoas, então eu acho que todo mundo sente que é. E também eu acho que tem uma coisa muito importante, que ele despertou o interesse de surgir outros coros, as igrejas sempre prezam muito isso, né, mas nós temos corais, não só nas igrejas, correio, câmara, eu acho que foi uma mola propulsora, esse gosto pela música coral, esse incentivo, essa exposição diante do público, eu acho que isso com certeza fez com que surgissem outros coros e por isso que o movimento coral ficou bem grande na região.

Regina: você poderia encerrar esse nosso bate-papo dizendo assim: Coro da UEL pra mim é...

C6: o coral é alegria, prazer estímulo.

C6: Eu me sinto muito bem, estava me lembrando antes de vir aqui, porque eu entrei no Coral, na Academia de Letras e no Elos Clube, mais ou menos na mesma época. Foi uma mudança tão grande na minha vida e eu continuo, e aí eu me sinto muito feliz por esta persistência, sempre insistente com o que eu gosto. Então eu me sinto imensamente feliz por saber que na maturidade eu continuo prezando por estas coisas. Eu acho que tudo isso é ótimo.

Agradeço e fico feliz em participar do seu trabalho e falar sobre o Coro que eu gosto muito.

Regina: muito obrigada.

Transcrição entrevista com cantor C7**Data da entrevista: 04/03/2010**

Regina: Há quanto tempo você canta em coro? E no coro da UEL?

C7: No coro da UEL foi do ano desde 1976 a 2009. Eu não to com essa conta na minha cabeça, mas foi de 76 a 2009.

Regina: e antes de cantar no coro da UEL você já havia cantado em outros coros?

C7: sim, eu sou de Porto Alegre eu participei, não chegou a se formar, nós estávamos começando a ensaiar coma Esther Scliar.

Regina: que oportunidade!

C7: O R1 quando soube se ajoelhou ao meu lado e me conta como é que ela era. Então a Esther, no coral em Porto Alegre, e quando eu era mocinha, no interior de Porto Alegre eu nasci num lugar chamado Butiá, eu era do coro da igreja, eu fazia solo com uma soprano que era uma moça já, eu era adolescente, menina, mas eu tinha voz de soprano, então eu fazia solo com ela. Então isso vem desde pequena.

Regina: Ta então antes do Coro da UEL você teve essas experiências.

E você pode me contar assim por que você canta em coro?

C7: dá uma satisfação muito grande pra alma. Você se sente assim leve, depois que você sai de lá, parece que você ta com a alma lavada, e, além disso, quando você gosta da música o prazer redobra, agora quando não gosta fica com raiva. hehehee.

Regina: então é pelo prazer mesmo.

C7: pelo prazer, pelo prazer.

Regina: E como você se sentia assim cantando no Coro da UEL, pode me contar um pouco.

C7: ahhhh no início assim sentia muito importante.Nossa quando o R3 nos convidou para ir ao Rio de Janeiro que nós íamos participar de um concurso de corais, que era na sala Cecília Meireles que a gente tinha uma imagem que só quem ia lá é que eram os bons, não é, então eu

fui muito orgulhosa. Entrei no coral, eu tinha muito orgulho de representar Londrina, apesar de não ser daqui, mas foi uma coisa muito bonita, muito gratificante, nós fomos por duas vezes, nós fomos no ano 78, senão me falha a memória e no ano 80. E as duas vezes nós fomos vice-campeões, e era um coral com quase cem vozes, foram três ônibus e o coral que ganhou que eu me sentia campeã e vice-campeã que era lá do Rio Grande do Sul, tinha 26 vozes. Então eu pensava assim, R3 regeu quase cem vozes e esse coral ganhou com vinte e seis, nós estamos na frente deles. Realmente nós cantamos muito bem.

Regina: um equilíbrio muito maior que você precisa ter com tantos cantores.

C7: nem fale, nem fale. A ordem, ele era um enérgico, mas ele era assim muito carismático, ele tinha seus rompantes, mas a gente já conhecia como ele era.

Regina: isso você me fala um pouquinho da época do r3, e depois assim... Como você continuou se sentindo enquanto você cantava no Coro.

C7: bom aí, com R4, a R4 era ajudante do R3, aí vamos dizer houve uma fofoca (...) Essas coisas são da administração e a gente não fica sabendo.

Regina: ela fez um concurso.

C7: ahhh sim.

Regina: depois desse concurso concorrendo com outras pessoas, com o R7na época, isso foi em 1990 e aí R4 retornou. E como era cantar nesse período com R4?

C7: Eu gosto muito de R4, principalmente por ela ser uma pessoa educada, nunca jamais ela gritou com alguém, jamais ela demonstrou que estava irritada sempre por favor cante de novo. Agora eu só não gosto muito de música americana e R4, e tem certos MPB que eu também não gosto muito, ah quanto a regência e pessoa eu sou fã incondicional de R4, agora usa muito música americana.

Regina: o repertório né.

C7: é e essa parte assim de música MPB, eu também não gosto, mas como pessoa é maravilhosa, eu adoro R4.

Regina: e aí depois dela veio R7.

C7: foi aquela fofoca toda (...)

C7: sim, continuei cantando.

Regina: assim os regentes entraram e saíram e você continuou.

C7: continuamos, até C5 olhava pra mim e dizia: C7 por que estamos aqui, o que nos motiva?

Eu dizia assim eu acho que eu tenho amor por esse coral, só pode ser.

Regina: pelo amor.

C7: é, você viu nascer, eu só não participei da primeira quando o R3 veio que foram pra Jacarezinho, porque no dia que eu fui fazer a minha inscrição ali em cima no Julio Fuganti, O C9 estava ali, ele disse assim: se você já tivesse ensaiado você iria pra Jacarezinho, mas não tem problema, aí ia ter um não sei o que até eu tenho essa fotografia e no álbum, naquela pasta famosa que sumiu, tem uma fotografia onde está escrito ali: calça preta e blusa cacharrel, uma de cada cor.

Regina: uniforme na época.

C7: isso foi com R3.

Regina: depois entrou o R7 e R4.

C7: depois veio o R7 não é? Ah e teve um concurso também até que a (...) participou e nós éramos os instrumentos de voz, ela regeu, gostei muito da regência dela, mas depois não deu certo. E até hoje estamos esperando o regente de fama internacional, que pra mim seria o R1, mas não chegamos lá ainda.

Regina: Certo, bom e você pode me dizer por que você escolheu o Coro da UEL pra cantar, quando você chegou aqui em Londrina...

C7: Eu li no jornal, eu li no jornal, eu estava aqui há pouco tempo e eu estava aqui perdida, de amizades, e daí um dia saiu um recorte com a foto do R3 dizendo que queria um coral com cem vozes, está nesta pasta verde, e ele botou esse anuncio no jornal dizendo que queria e que ele estava vindo do rio Grande do Sul também. Eu fui lá no Julio Fuganti me inscrever.

Regina: então você nem conhecia o Coro mesmo, você estava há pouco tempo na cidade

C7: nem sabia que tinha coro na catedral.

Regina: foi sua primeira referência.

C7: tinha quase nada. Eu sempre disse se alguém me perguntar como é a cultura em londrina vou dizer que tem um divisor de águas, que se chama R3, antes do R3 você ia aos concertos oi, boa noite (...) boa noite (...) e eram três quatro pessoas pra assistir uma audição. Quando o R3 chegou começou a arrebanhar pessoas de todas as classes que mexiam com música, professoras, então eu realmente eu entrei porque eu estava precisando de me entrosar na cidade e como eu já tinha cantado, foi uma coisa muito boa.

Regina: E você pode dizer assim pra mim o que significou o coro da UEL na sua vida, sei até que tem a ver com o que estamos conversando...

C7: É essa parte de fazer amizades, pois quem ta chegando numa cidade não tem... Tem que entrar em algum grupo, e este grupo tem que ser uma coisa que você goste. Então eu entrei no coral pra fazer parte e outra que o coral me satisfaz. Eu gosto, acho uma beleza é aquilo que falei, quando gosta, He!

Regina: Você pode me contar assim, pode ser até antes do Coro da UEL, como foi isso pra sua vida, o que mudou... Você... Que isso trouxe pra você, uma pessoa de um jeito...

C7: Acho que não essa parte, desde sempre fez parte da vida, começou muito menina também. Uma coisa sucessiva né, comecei quando era menina, depois em Porto Alegre com a Esther.

Regina: sempre fez parte da sua vida, né? Esse coro da Esther era ligado a que?

C7: eu não lembro direito. Eu sei que nós íamos cantar na Rússia, porque ela era comunista e aí chegou um tittititi, que se nós fôssemos lá nós não voltaríamos hehehe.

Regina: imagina, deve ser década de?

C7: nada, anos 55 por aí.

Regina: imagina que por essa época comunista era muito mal visto no nosso país, né.

C7: o, e pouco ensaiamos, me lembro das músicas, nós ensaiamos bastante, mas não chegamos a apresentar. O próprio chefe que eu trabalhava no escritório me disse olha isso aí, ela é comunista fichada.

Regina: e pela questão de grupo, a repressão. Todo mundo em cima de olho.

Regina: E enquanto você esteve no coro da UEL, quantos maestros passaram por ali? Foi R3, foi R4, R7 o R1 e você cantou com R2 também.

C7: sim, isso, foram 5 maestros.

Regina: E você pode me dizer como era o coro à época de cada um?

C7: Olha isso é uma coisa que falta não sei porque nesse coral de agora, mas nós éramos muito mais amigos. A gente conhecia as pessoas pelo nome, meu nome é difícil de guardar, (...) ninguém acerta, eu encontro ainda pessoas e oi C7, ta cantando, não ta cantando? Gente assim de 30 anos atrás, então eu não sei se era o local, nem a gente fazia tanta festinha assim, tinha um vínculo maior de amizade (...)

Regina: e você acha que isso era bem constante na época de quem? De qual maestro?

C7: do R3. Acho que talvez as viagens né...

Regina: tinha muitas viagens com o grupo né.

C7: ah sim, muitas, e convivência.

Regina: não fazia só ensaios.

C7: nós quando fomos pro Rio de Janeiro a primeira vez, nós ficamos num alojamento, não sei nem como que era o nome daquilo, tinha um sargento que cuidava né, e eram 6 beliches,

então imagina a intimidade que você adquire com essas pessoas, mas era horrível, horrível, sujo, nós pra tomar banho (...)

Regina: devia ser um quartel, uma coisa assim.

C7: é imagine. (...)

Regina: mas todo mundo feliz da vida.

C7: imagina, todo mundo feliz da vida, tínhamos muito orgulho, era muita amizade.

Eu acho que são as viagens que faziam, promoviam isso.

Regina: isso na época do R3, na época R4 como que era o coro pra você?

Cada um prezava alguma coisa, né, era a sonoridade do coro, era essa amizade, era a questão técnica, o que caracterizava a época de R4?

C7: ah era, técnica, pois é eu acho que quando C7 entrou nós tivemos mais técnica, mais afinação, muito embora tínhamos feito tudo com R3(...).

Mas a gente tinha muita amizade e isso que prendeu a gente. (...)

C7: elas tem me procurado tivemos uma reunião gostosa com todas, um chá, depois aqui em casa e ainda passei o Idas e Vindas pra elas, que tenho gravado e passamos uma tarde gostosa e todo dia elas me perguntam, quando é que você vai voltar?

Digo não sei se vão me aceitar, pois já tenho idade parece que as coisas agora são diferentes.

(...) eu acho que são as viagens que fazem falta.

Regina: e com o Idas e Vindas também, a gente viajou bastante.

C7: a gente viajou bastante e isso criou uma aproximação entre a gente. Eu acho que foi uma das coisas mais bonitas que se fez, foi o Idas e Vindas. Tinha tanta vontade que R1 voltasse.

Regina: mas acho que você pode contar pra gente de como foi o Idas e Vindas, você falou um pouquinho do R3 que você viveu bastante, falou R4 da questão da técnica.

C7(...) em época de crise então a gente se perguntava, por que estamos aqui ainda? Por amor ao coral e esperando o regente de fama internacional, (...).

Regina: certo.

Regina: E você se recorda de qual ou quais apresentações mais lhe marcaram?

C7: ahhhhh quando fizemos a nona sinfonia de Beethoven, há muitos e muitos anos, que era só o pessoal do coral, não me lembro quem era a mulher que solava, mas me lembro que tinha o (...), baixo e pra mim isso foi muito importante porque eram pessoas do coral, foi com o R3. Sala Cecília Meireles, a música de confronto nós não ganhamos não sei porque, mas nós estávamos assim afinadíssimos, tinha uma Aleluia de um compositor contemporâneo, era bem dissonante. Era um nome bem português. Eu sei até cantar esse Aleluia.

Regina: quer cantar, pode cantar.

C7: Aleluia, aleluia (cantando) e outra vez também que marcou bastante, era uma coisa bem louca que o R3 inventou fazer uma peça assim, como é o nome desse compositor contemporâneo, que inventou coisas...ah sou muito esquecida. Eu sei que tinha radinho de pilha, as vozes e todo mundo falava umas coisas assim, contemporânea, bem dissonantes e fomos com esse repertório pra Porto Alegre. Eu tenho um cunhado meu que mora lá em Porto Alegre que ele é engenheiro de vôo da Varig, um homem que já morou em n lugares do mundo e ele dizia assim vocês tem que ir pro Carnegie Hall e essas coisas a gente grava.

Regina: e isso foi mais ou menos em 1982, foi um festival internacional de coros de Porto Alegre que vocês participaram, que até o coro gravou uma faixa do disco.

C7: como disse tinha esses dados numa pasta que eu dei que sumiu. E o amor Idas e Vindas, esse realmente marcou muito.

Regina: e de tudo que o Idas e Vindas fez, você se lembra o lugar que mais lhe marcou?

C7: Porto Alegre. O R1 ainda me convida pra entrar na frente, eu e a C5 entramos assim louca de medo, sabia que os parentes estavam lá, (...), os parentes, é que nem criança que vai fazer e você sabe que os parentes estão ali, mas saiu bonito, saiu bonito. Estas que marcaram. No tempo de R4 e R7 não consigo me lembrar de nada que ficou na memória.

(...)

Regina: E como você e seus colegas, que a gente sempre conversa com o colega do coro, se sentiam em relação à cidade por participar do Coro da UEL

C7: ai eu acho que quando a gente fala ou falava para as pessoas que éramos do Coro da UEL as pessoas achavam uma coisa muito importante. O Coro da UEL tem nome. É inclusive porque já tenho idade as pessoas perguntam ah você cantava, no Santa Cecília? Pois lá já tem muitos idosos, não eu sou do Coral da UEL, ah porque tem um... Não eu sou do Coral fundador, que se chama Coral Adulto. Muito embora eu tenha idade pra ir pro de terceira idade, eu não me considero no terceira. Eu acho que o fato de ser do Coral da UEL, acrescenta né na vida da gente.

Regina: se você fosse definir em três palavras, cantar no Coro, ou quando eu cantava no Coro da UEL pra mim era?

C7: o melhor coral de Londrina,

...um encontro com os amigos

... Uma satisfação pessoal.

Regina: olha de entrevista é isto, mas pode ficar livre para acrescentar algo se quiser.

C7: olha que eu tinha que falar já falei, mas claro aconteceram coisas engraçadíssimas que não vem ao caso.

Regina: Você se lembra assim quantos cantores eram? Na época do R3 sei que era um coro grandão, em viagens eram dois ônibus...

C7: três...

Regina: Lembra que tinha um coro de efetivos e um de suplentes?

C7: hehehe é. É e quando fomos ao Rio, foram três ônibus.

Regina: mas depois não mais né?

C7: não mais.

Regina: porque quando entrei, em 90 já fomos com um ônibus só a Novo Hamburgo RS.

C7: é aquela coisa, tinham muitos estudantes.

Regina: ah, então a comunidade universitária participava bastante.

C7: sim, bastante.

Regina: mas isso meio que se perdeu né?

C7: pois é foi mudando, a universidade que tem um coral ela tem olha, porque onde vai é Coro da UEL né. Inclusive tinha uma mocinha que veio fazer piano aqui, nos ficamos amigas por causa daquela ópera famosa que fui fazer com (...) lembra? Ela participou, ela era contralto e a gente conversava muito e ela dizia veio estudar piano aqui, ela não era daqui era do interior de São Paulo, porque o coral ficou conhecido. Ai se informou e já tinha faculdade de musica, teve referências... Daqui, de outros lugares.

Regina: Muito obrigada.

Transcrição entrevista com cantor C8**Data da entrevista: 08/03/2010**

Regina: Há quanto tempo você canta em coro?

C8: Há 24 anos

Regina: E no coro da UEL?

C8: 20 anos.

Regina: ah você teve uma experienciuzinha antes de entrar no da UEL.

C8: é eu cantava no Coro Unicanto, a gente fundou o coro Unicanto só sai porque ficou longe de mim.

Regina: Por que você canta em coro?

C8: uma que eu gosto de cantar e outra pra mim é uma terapia, aqui eu converso com pessoas que não são da minha família, outras pessoas, outras culturas tudo né?

Regina: Como você se sente cantando no Coro da UEL? Conte-me um pouco.

C8: eu me sinto muito bem, eu acho que a gente tá dependendo da música a gente põe o coração, então eu me sinto muito bem, gosto demais.

Regina: Por que você escolheu o coro da UEL para cantar?

C8: como eu cantava no outro, ele ficou meio distante pra mim, os ensaios, e uma amiga me convidou. A localização geográfica ficou distante, ficou longe da minha casa. Daí eu fiz o teste com o R3 inclusive ele estava ensaiando uma peça em alemão...

Regina: você se lembra do dia em que foi fazer o teste?

C8: Lembro, foi com ele mesmo o teste e ele inclusive falei pra ele que não iria cantar, pois o dia que ele fez o teste teria dez ou quinze dias só pra apresentar e o pessoal já estava ensaiando, e ele não você vai levar a partitura, vai decorar e vai cantar, e nós cantamos. Pra mim foi assim foi a glória, o Coro da UEL já tinha uma fama maravilhosa, pessoas.....

Regina: de repente, você estava lá junto né...

C8: você é de que ano? Eu entrei em 90.

Regina: entrei em 89.

C8: você já tinha um ano lá.

Regina: O que significa o coro da UEL para você?

C8: Olha como eu sou sozinha, eu e meu marido, então pra eu vir aqui, eu me sinto tão bem, que o coro eu acho, é uma integração, eu como coro... Se um dia tiver que sair daqui, olha vai ser meio complicado.

Regina: Depois que você começou a cantar no coro, me conte como é isto para você?

C8: Ah trouxe mudança pra minha vida, como você ficar em casa a noite, só ficar vendo televisão, não ter nada pra, que acrescente.

Regina: então em nível de cultura...

C8: de cultura mesmo, porque aqui mesmo não entendendo a gente aprende em outras línguas, inglês, francês, até em russo né.

Regina: um repertório diferente.

C8: diferente né.

Regina: então você acha que acrescentou assim a nível cultural...

C8: nossa muita coisa, inclusive coisas que a gente ensaiou aqui e eu cantando em casa, meus netos em casa, eles aprenderam também.

Regina: então você levou coisas daqui pra sua vida...

C8: levei, levei pra minha vida. Aquela música de natal que nós ensaiamos, meu neto canta até hoje, o Navidad.

Regina: ah, Navidad 2000

C8: é, eles amam aquela música e muitas outras que pra criança dá, a gente, então eu acho que a gente passa o que a gente aprende aqui...

Regina: pra sua vida pessoal.

C8: É.

Desde que você está no Coro da UEL quantos maestros já passaram pelo grupo?

R3, R4, R7, R1 e R2.

Você se lembra como era o coro à época de cada um?

C8: Do R3 eu não fiquei muito tempo, né, porque ele saiu logo...

Regina: é ele saiu em julho de 90;

C8: então eu entrei em março, fiquei pouco tempo né? Era bem, era sempre bem firme. De R4 acho que eu nem tenho o que falar, porque eu aprendi tanto na época de R4.

Regina: o que você acha que o coro ganhou, na questão de técnica....

C8: de técnica, acho que até o comportamento...

Regina: o comportamento.

C8: a disciplina, o jeitinho dela assim delicado ela conseguiu muito união do coro.

Depois o R7, né. Ele é o paizão, agora não sei se como (...) eu acho que ele amizade do coro era ótima, nossa como amizade até hoje, né, mas isso eu acho, mas caiu um pouco né, na questão de técnica...

Regina, de técnica, perdeu, mas ganhou outras...

C8: é.

Regina: depois R1.

C8: O R1 foi maravilhoso, também no começo, porque eu acho que depois ele deixou a desejar (...)

Regina: mas como era o coro na época dele? Como funcionava...

C8: funcionava bem, tinha uma técnica fabulosa né...

Regina: me lembro que naquela época ele propôs alguns desafios né...

C8: isso ele fez... Fez músicas que a gente, nós tivemos que dar o sangue né...hehe, isso pra quem gosta mesmo, no coral que acho que ficou, mas como eu gosto, eu amei, na época você dava técnica também então era muito bom, bom mesmo.

Regina: depois veio R2.

Iolanda: R2 eu acho ele muito bom, eu acho ele muito... Ele também põe disciplina, né? Impôs... Ele impõe sem ofender, né, isso que eu gosto.

Regina: o Coro tem um ambiente leve.

C8: leve, ele é muito amigo, muito amigo da gente, muito também, tem músicas que são desafios pra nós.

Regina: O que cada maestro mais prezava, sob seu ponto de vista, à frente do Coro da UEL?

C8: O R3 pelo pouco tempo que tive lá ainda era como a gente chegava no coro, assim disciplina, horário, isso horário...eu lembro que ele falava cinco minutos atrasado é meia falta.

Regina: então ele prezava muito pela questão disciplinar.

C8: disciplinar.

C8: R4 prezava mais a técnica, a afinação, a R4 nesse ponto ela preza, portanto a gente vê os coros que ela têm né, o infantil e o juvenil, são maravilhosos.

Regina: então você acha que a questão da técnica.

C8: da técnica.

Regina: R7?

C8: R7 era mais amizade, uma ambiente bem tranquilo.

Regina: depois o R1.

C8: O R1 é técnica, exigia presença, exigia muito né.

Regina: o R2?

C8: o R2 é tudo, ele somou um pouquinho de cada um, o R2 é... Técnica, amizade, compromisso, disciplina, quando ele fala todo mundo respeita.

Regina: Você se recorda de qual ou quais apresentações mais lhe marcaram?

C8: A primeira que foi assim... Uma música em alemão.

Regina: a nona sinfonia?

C8: uma música assim... (cantarola uma melodia).

Regina: ah a Fantasia Coral de Beethoven.

C8: então marcou muito, essa foi maravilhosa e essas que a gente faz no Ouro Verde, essa última eu amei...

Regina: essa última qual que foi?

C8: aquela alemã.

Regina: ah o do natal, Lobgesang com orquestra.

C8: isso e uma que marcou muito que não era com orquestra, nem nada, que tenho muitas saudades, do Idas e Vindas, do R1. Eu achei o programa em si, amei a parte do Carlos com aquela viola, amei, eu acho que foi um concerto tão... O povo gostou, todo mundo... O programa muito bonito. Esta a que mais marcou neste tempo de coro.

Regina: Como você e seus colegas se sentem ou sentiam em relação à cidade, em participar do Coro da UEL? Fale-me sobre isto.

C8: eu sinto um orgulho danado, quem me ouve diz nosso o Coro da UEL tem um nome, e quando você entrou? E aí a gente vai contando né. Mas todo mundo a gente fala que canta no coro da UEL fica impressionado.

Regina: Então é isso e se você quiser falar algo mais. São 20 anos de coro né...

C8: é uma caminhada.

Obrigada então!

Transcrição entrevista com cantor C9**Data da entrevista: 09/03/2010**

Regina: C9 há quanto tempo você canta em coro?

C9: Regina eu iniciei essa atividade de cantar em coral de maneira voluntária na época de R6. Eu tive o prazer de participar do Coro da UEL nesta época e depois eu continuei cantando quando veio R3.

Regina: E ali você ficou até que época, você se recorda mais ou menos?

C9: eu participei do coral até o momento em que foi criada a orquestra sinfônica da UEL, permaneci no coral até 1983, por aí.

Regina: Eu sei que você meio que auxiliava fazia toda uma parte administrativa, como era esse trabalho, era um trabalho voluntário, você recebia por ele ou não?

C9: Interessante essa pergunta que você fez. No tempo de R6 como eu sempre tinha muita vontade de estudar música, mas nunca tive uma orientação adequada, no tempo de R6 eu comecei a me colocar a disposição para ajudá-la nas partituras, na parte do arquivo, porque ele era, ela trabalhava sozinha.

Regina: não tinha nenhuma equipe que a auxiliasse.

C9: não, não tinha que a auxiliasse, tinha a parte administrativa da Casa de Cultura que na época era bem mais simples. Então eu comecei a ajudar R6 e é interessante que ela me dava uma recompensa do bolso dela, hehe.

Regina: era voluntário de ambas as partes, hehe.

C9: é curioso isso né, ela me recompensava por eu ajudá-la.

Regina: era um reconhecimento.

C9: salvo engano, a R6 foi regente do coral de 75 a 77.

Regina: de 72 a 24, você entrou em 72?

C9: ah, ta, não, eu entrei em 72, acho que estou fazendo uma confusão.

Regina: pelo que tenho de dados, que não são assim tão organizados, eu encontro que R6 permaneceu até final de 74, depois veio R5 em 75 (...)

C9: Você está bem informada, porque eu ia me referir só a R6, porque a passagem da R5 foi muito rápida.

Regina: você estava lá?

C9: eu estava lá também, a R6 fez as atividades dela por um período e eu não sei porque ela não continuou, mas eu me lembro que o reitor da época precisava de um coral pra realizar a formatura, não sei se você tem esse dado, ele foi a procura de um coral expressivo da cidade, e aí ele procurou o Coral da Igreja Presbiteriana, então ele chamou o Coral da Igreja Presbiteriana e o coral foi ensaiar na Casa de Cultura.

Regina: então essa é a ligação de R5, pois eu não achava o elo.

C9: exatamente o elo é esse, e como eu estava lá, é a Casa de Cultura, eu fui convidado pra participar junto com o coral e eu acabei indo pro coral da igreja também.

Regina: legal

C9: e aí a partir deste período eu participava de dois coros: o da UEL, e o coro da igreja, sob a regência R5, que fez um trabalho assim emergencial pra o coral poder cantar na formatura, mas depois ela não continuou. Isso foi no tempo do diretor da Casa de Cultura Cleto de Assis, na verdade o nome real dele é Anacleto, mas era conhecido por Cleto de Assis, eu não me lembro quem era o reitor.

Regina: isso foi em 75 então. C9 assim: por que você canta em coro, ou porque você começou a cantar em coro, hoje ainda você canta em coro?

C9: eu comecei a cantar em coral por causa de um trabalho que a R6 fez no Teatro Universitário de Londrina, ela fez uma apresentação no Teatro Universitário, o Teatro Universitário é onde hoje é o teatro Filadélfia, lá era o Teatro Universitário no Colégio Londrinense, eu fui assistir essa apresentação e achei tão interessante, eu gostei muito. Ela fez

uma apresentação o Coral apresentou um repertório com ênfase na música brasileira e no fundo ela ia projetando slides tinha que ser slides né, na época era isso, então eu achei bonito aquilo, eu tinha vontade de participar de um coral e não sabia como desse contato foi que eu procurei a Casa de Cultura, fui informado dos detalhes, e comecei a cantar no coral.

Regina: e por que você ficou?

C9: eu fiquei porque retrocedendo pra essa época de 73, eu tinha 23, 24 anos, então eu vi que o coral é um ambiente muito agradável de convívio, conagraçamento, oportunidades de você conhecer pessoas, enfim eu acho que esse foi o motivo principal, de você poder se expressar também.

Regina: Por que você escolheu o Coro da UEL, você já disse e assim o que significou o Coro da UEL na sua vida, pessoal, profissional, eu sei que hoje você é músico profissional da OSUEL.

C9: Então o coral da universidade, ele foi a... Fonte onde eu visualizei as perspectivas de me profissionalizar na área, quando se tem um coral, se tem um pianista, um organista e tudo isso, pra quem não teve muitas oportunidade anteriormente sempre é uma coisa que fascina, fascina muito, e o fato também de se ter contato com a parte histórica, as músicas, os autores, começa a sentir como quem descobrindo um outro mundo, a área de conhecimento porque ...

Regina: pra você significou isso essa entrada nessa área de conhecimento, esse buscar.

C9: exato, a pergunta qual foi mesma.

Regina: o que significou o coro da UEL pra sua vida.

C9: isso mesmo.

Regina: a partir dele você foi galgando sempre caminho na música.

C9: exatamente, apesar de que um pouco tardiamente né, porque o ideal é começar estudar música mais cedo, hehe, mas Londrina é ainda não tinha essa ebulição musical que a gente tem hoje. Hoje é bem diferente do que era naquela época.

Regina: coros mesmo naquele período eram mais os sacros, né?

C9: eram os sacros das igrejas, das igrejas católicas.

Regina: coros estudantis a gente teve até na década de 60, algumas tentativas de coros estudantis, mas que depois também terminaram.

C9: exatamente, eu acho que o Coro da UEL era o diferente, que não o da igreja. Neste ponto é interessante porque as igrejas tinham mais coros que hoje, hoje a tendência grande das igrejas é os coros serem substituídos por bandas, infelizmente. Então hoje coros nas igrejas posso citar o Coral da Catedral- Santa Cecília, né, o Coral Unicanto, o Coral da Igreja Presbiteriana Central, o Coral da Presbiteriana da Mato Grosso. Alguns coros e naquela época era o contrário, existiam muito mais coros na igreja, agora coros institucionalizados então felizmente a universidade iniciou esse trabalho e até então não tinha um coro com toda a estrutura que tem hoje, né, a UEL concretizou esse trabalho.

Regina: C9, eu estava revendo alguns arquivos na Casa de Cultura e eu encontrei livros de chamadas com sua assinatura, você era o responsável você fazia esse controle, como que era esse auxílio aos maestros...

C9: então eu me lembro que o Coral da Universidade tinha ensaios salvo engano, segundas, quartas e sextas, salvo engano, e eram ensaios que começavam das quatro às cinco e meia, das cinco e meia as sete, das sete às oito e meia e das oito e meia as dez, os naipes, o R3 contava com um grupo de meninas que estudantes de piano, que ajudavam ele né.

Regina: então nessa época do R3 é que foi instituída a equipe? Informalmente ou já era formalmente?

C9: foi sim, nessa época, informalmente, eram pessoas que contribuía com o maestro e ele fazia um trabalho de passar a experiência dele como regente aos sábados de manhã, isso eu me lembro.

Regina: era um grupo de estudos que ele tinha com as meninas.

C9: isso.

Regina: e durante a semana meio que trocavam isso e elas tinham a oportunidade de experienciar.

C9: isso, de praticar na, as ensaiadoras, elas faziam esses ensaios de naípe e depois com o tempo ele foi insistindo, reivindicando, mostrando pra universidade a necessidade de se ter esse grupo ser contratado e depois teve concurso.

Regina: mas isso aí já é na época que é institucionalizada a orquestra?

C9: não a orquestra não, quando veio... Esses contratos foram antes.

Regina: e nesse período você ainda fazia esse trabalho voluntário?

C9: não, não, em 1977 eu fiz concurso pra entrar na universidade.

Regina: ah, então você fez um concurso em 77 exatamente pra Casa de Cultura.

C9: Pra Casa de Cultura, pra ser o ajudante de R3, já que eu tinha uma experiência.

Quando R3 chegou, no início foi ainda um trabalho voluntário, também, eu estava no coral a R6 me apresentou a ele e falou que eu ajudava e eu continuei ajudando, por um período, depois eu fiz concurso e fui trabalhar.

Regina: então você foi o primeiro secretário do coro?

C9: sim, o secretário contratado certinho. Então nós tínhamos um controle de frequência, se chegasse atrasado tinha meia falta...

Regina: tinha também coisas de repertório em seus livros também, ou assim eu me lembro de ter visto também apresentação emergencial tal dia, vamos fazer um ensaio extra tal dia.

C9: isso.

10. Regina: então você pode me contar assim como era o coro na à época de cada maestro, que cada um mais prezava ou que dava mais ênfase...

C9: Olha, eu tive experiência no Coral da universidade com R6 e depois com o R3 né, então com o R3 a característica maior que eu vejo foi ele o fato dele começar um movimento

instrumental e que foi e o interesse dele também em ensinar música para as pessoas do coral interessadas, ele começou dando noções de percussão, depois ele começou a trabalhar flauta doce e criou o conjunto música. O conjunto música era formado por instrumentistas que tinham estudado flauta com ele, e alguns que tocavam violão, sabiam, tinham leitura musical, outros tocavam violino um pouquinho, então ele juntou esse grupo e já criou um pequeno conjuntinho, pequenininho.

Regina; qualquer tipo de instrumento...

C9: é podia participar, pra poder dar oportunidade das pessoas se desenvolverem em música instrumental, pra ter experiência em música em conjunto.

Regina: e você acha que isso foi o diferencial dele.

C9: foi o grande diferencial dele. E o fato também ter dado muito mais desenvolvimento, ênfase né, ter se preocupado em explorar mais o repertório brasileiro. Repertório, os compositores brasileiros, ele gostava muito de usar o repertório do Osvaldo Lacerda, principalmente, né.

Regina: E nessa época o coro cresceu bastante também no número de integrantes né, C9.

C9: é na nossa participação no, isso também foi uma coisa que deixou todo mundo assim muito entusiasmado a participação do coral no Festival Nacional de Coros do Jornal do Brasil, no Rio de Janeiro, isso foi em 1978 a primeira participação do coral e salvo engano nós fomos pra lá com 96 músicos...

Regina: três ônibus.

C9: três ônibus, exatamente, então foi uma coisa muito bacana.

Regina: imagino a surpresa das pessoas na sala Cecília Meireles quando viram um coro daquele tamanho entrar.

C9: exatamente, o coral, os corais entravam em fila, direitinho no palco, na sala Cecília Meireles, e eu me lembro que quando nós estávamos entrando, não parava de entrar cantor

hehehe e o nosso uniforme era uma toga verde com o emblema da UEL no lado esquerdo, aí alguém falou assim, esse aí é o exército de Londrina, hehehehe

Regina: que horror

C9: o o exército de Londrina chegou.

Regina: e aí a hora que o coro abriu a boca pra cantar...

C9: foi muito bonito, foi muito bacana, a gente tinha que apresentar a peça de confronto e mais duas peças, uma de compositor brasileiro e outra de compositor de determinado período, né, não to bem lembrado, mas o coral sempre foi muito aplaudido. Nós nunca conseguimos primeiro lugar, as duas vezes foram em segundo.

Regina: e você acha que isso assim colaborou pra uma imagem da cidade em relação ao coro?

C9: demais, foi muito importante, imagina um coral sair de Londrina e ir pro Rio de Janeiro, e fazer uma apresentação e essa apresentação repercutir na imprensa né, foi muito importante, no meio musical.

Regina, no meio musical, um concurso de expressão né.

C9: exatamente. Eu posso dizer pra você com toda segurança Londrina tem uma história musical é que se pode dizer com um verdadeiro divisor de águas, né, do R3 pra cá e antes né. Claro que não podemos esquecer com os músicos que colaboraram muito né, o Conservatório Musical de Londrina né,

Regina: é que era mais talvez uma visão de pianistas.

C9: é de pianistas, acordeonistas.

Regina: então nesse ponto o interesse da universidade em ter um coral e dar todo apoio, o apoio era muito maior naquela época, muito maior, tanto que quando o coral se deslocava pra viagens, que, aliás, era um fator que atraía muito, o coral viajava bastantes, quando viajávamos pra mais distante, pro Rio de Janeiro, Porto alegre, pra Argentina, o coral se

deslocava com ônibus confortável, adequado, o maestro ia de avião, quer dizer havia uma atenção muito maior né. As coisas mudaram né.

Regina: Então assim de apresentação que mais te marcou você falou do concurso, alguma outra?

C9: quando o coral esteve na Argentina e viajou por várias cidades,

Regina: você estava nesta excursão.

C9: eu estava nesta excursão e uma experiência muito marcante foi a participação do coral num programa de televisão ao vivo, isso eu achei fantástico porque um grupo de brasileiros, chegar e ter esta distinção né. Nesta época a gente já estava usando um poncho branco. Isso já é década de oitenta. Então essa foi uma experiência muito bonita também, uma experiência fantástica, depois deu origem ao intercâmbio, pois a maestrina que nos convidou para ir lá, esse coral que ela dirigia era de uma organização bancária...

Regina: era a Liliana Cangiano?

C9: a Liliana Cangiano exatamente ela o coral deles esteve em Londrina, se apresentou em Londrina.

Regina: então essas viagens também tinham essa função de intercâmbio cultural né.

C9: acabava fomentando isso, porque as pessoas, o meio coralístico é muito vibrante, é uma pena que as igrejas estejam perdendo com esta atividade, porque é uma interação muito grande, seria assim meio que sem graça dizer isso, quem canta se sente bem, aquele ditado surrado, mas é verdade quem canta seus males espanta, não tenho nem dúvida. Porque é cantando que você consegue absorver pra dentro de si é uma alegria, um bem estar.

Regina: várias pessoas partindo do Coro da UEL se profissionalizaram na música né? Você pode me dizer alguma coisa sobre isso, quem são seus colegas, que dali do coro fizeram concurso e foram pra Osuel, se profissionalizaram.

C9: então Regina na época do reitor Marco Antonio Fiori, ele inclusive ta na imprensa, ele disse né, era fazer com que a orquestra se concretizasse fundar a orquestra né, e como já existia um movimento musical a partir do conjunto música, esse movimento foi crescendo na verdade ne, e coralistas que demonstraram interesse em participar do conjunto música foram recebendo aulas de flauta e a Universidade na época foi adquirindo instrumentos musicais, de cordas e sopros.

Regina: já pensando na orquestra.

C9: aquilo é como que era uma vitrine, o coralista que estava estudando flauta ele ia tendo oportunidade de ver instrumentos, o R3 ia mostrando, e com isso eu percebi que ele ia sondando as pessoas e o interesse delas por determinado instrumento, meio que ele ia encaminhando, mas daquela época sendo objetivo, eu me incluo nele, eu já estava estudando violino e daí ele me mostrou tem a viola e não sei o que, e aí meu professor também achou, professor Walter Horner, que era professor no Colégio Mãe de Deus, eu estudava violino lá, e ele disse a viola é um instrumento interessante e normalmente todo violinista frustrado faz viola, hehe, mas foi uma brincadeira na verdade, porque tanto um quanto outro são instrumentos que demandam muito estudo, com técnica muito parecida na verdade, então é eu passei pra viola, tinha estudado flauta antes no grupo, fui pra viola, instrumento até hoje, do coral tem o(...) que foi estudar contrabaixo, o(...) na flauta, (...) e a (...) na viola também, no violoncelo a (...) também, a (...) embora não seja funcionária da universidade hoje, mas foi estudar violoncelo influenciada pelo trabalho feito na Casa de Cultura, você tem...tem mais gente..nos metais, (...), se bem que o (...) não cantava no coral, mas o pai talvez, então, mas muitas pessoas começaram a ter interesse pelo instrumento de orquestra a partir do coral, e se profissionalizaram na área. Nesta época, por exemplo, tem a (...), ela tocava contrabaixo, mas não optou pela orquestra, preferiu ficar no coral e deve ter outras pessoas que estou esquecendo.

Regina: mesmo assim já é bastante gente.

C9: olha do coral infantil que na época que a (...) era responsável, a gente pode lembrar (...), contrabaixista famoso que trabalha nos Estados Unidos, ele começou por causa deste trabalho da universidade. Inclusive recentemente saiu um artigo dele citando várias pessoas que foram anjos na vida dele e uma das pessoas que ele cita é o R3. Ajudou ele a descobrir essa presença ajudando, as pessoas a descobrir o verdadeiro interesse na área musical foi muito importante.

Regina: Então é isso C9 se você quiser acrescentar alguma coisa...

C9: Queria dizer que o trabalho que você está realizando porque a gente passa e as instituições ficam e isso é muito importante pra que as pessoas no futuro venham tomar conhecimento.

Regina: muito obrigada, C9.